

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE – ICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

ROSANE MARTINS DE JESUS

**JORNALISMO, LITERATURA E ENGAJAMENTO**  
DIRECIONANDO O OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS PRATICADAS  
PELO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, DURANTE A COBERTURA DA CAMPANHA  
DIRETAS JÁ

FORTALEZA – CE  
2011

ROSANE MARTINS DE JESUS

**JORNALISMO, LITERATURA E ENGAJAMENTO**  
DIRECIONANDO O OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS PRATICADAS  
PELO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, DURANTE A COBERTURA DA CAMPANHA  
DIRETAS JÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área: Comunicação e Linguagem

Linha de Pesquisa: Mídia e práticas sócio-culturais

Orientadora: Dra. Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho

*“Lecturis salutem”*

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-  
3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

J56j      Jesus, Rosane Martins de.  
Jornalismo, literatura e engajamento [manuscrito] : direcionando o olhar para as estratégias discursivas praticadas pelo jornal Folha de S. Paulo, durante a cobertura da campanha Diretas já / por Rosane Martins de Jesus. – 2011.  
183f. : il. ; 31 cm.  
Cópia de computador (printout(s)).  
Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza(CE), 15/03/2011.  
Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho.  
Inclui bibliografia.

1-REPORTAGENS E REPÓRTERES – SÃO PAULO. 2-ANÁLISE DO DISCURSO. 3-JORNALISMO – ASPECTOS POLÍTICOS – SÃO PAULO. 4-FOLHA DE S. PAULO(JORNAL). 5-BRASIL – POLÍTICA E GOVERNO – 1979-1985.  
I-Carvalho, Rejane Vasconcelos Accioly de, orientador. II-Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III-Título.

CDD(22ª ed.)    070.43014

ROSANE MARTINS DE JESUS

**JORNALISMO, LITERATURA E ENGAJAMENTO**  
DIRECIONANDO O OLHAR PARA AS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS PRATICADAS  
PELO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, DURANTE A COBERTURA DA CAMPANHA  
DIRETAS JÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Área: Comunicação e Linguagem

Linha de Pesquisa: Mídia e práticas sócio-culturais

Orientadora: Dra. Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho

Aprovada em 15/03/2011.

Banca Examinadora

---

Dra. Rejane Vasconcelos Accioly de Carvalho (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Dra. Maria Aparecida de Sousa

Universidade Federal do Ceará - UFC

---

Dra. Roberta Manuela Barros de Andrade

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Aos meus pais, aos meus irmãos e ao Juscelino, amores da minha vida e companheiros em todos os momentos.

## AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas a quem quero e devo agradecer. No entanto, seria impossível citar todas elas. Por isso, agradeço aqui apenas aos mais importantes e aproveito para pedir desculpas caso tenha esquecido alguém.

Inicialmente, quero agradecer aos meus pais (Pedro e Hermínia) que mesmo longe, nunca me deixaram sozinha; aos meus irmãos (Ronilson e Relson) que sempre estiveram ao meu lado e ao Juscelino que apostou tudo nesse sonho e veio construir uma nova vida ao meu lado, numa espécie de “ano novo, vida nova” (Obrigada, meu amor. Sem você, dificilmente teria suportado todos os obstáculos desses últimos dois anos. Você presenciou todas as minhas lágrimas, sorrisos e percalços, estando sempre ao meu lado com muito carinho, amor, atenção, paciência e compreensão). Outro agradecimento especial é para Samantha Castelo Branco, a quem respeito e admiro muito.

Há outras quatro pessoas a quem não posso deixar de agradecer, pois sem elas esse sonho provavelmente teria sido adiado. Quero dizer obrigada a Regina (secretária do Mestrado) por ter sido tão atenciosa e carinhosa comigo, durante esses dois anos e pelas inúmeras ligações telefônicas que recebi durante o processo de seleção – período em que ainda morava no Piauí; a Márcia Vidal (professora do Mestrado) por ter confiado e apostado em mim, mesmo antes de me conhecer pessoalmente; a Catarina Farias e Wellington de Oliveira Jr. (professores do Mestrado) que compunham ao lado da professora Márcia Vidal, a Banca que me entrevistou durante o processo de seleção.

Agradeço também a minha orientadora, Rejane Vasconcelos, que sempre disse que tudo daria certo; a Funcap, que através de uma bolsa de estudo ajudou a custear esta pesquisa; as professoras Cida de Sousa e Inês Vitorino pelas dicas preciosas dadas durante o Exame de Qualificação; a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará e a todos os colegas do Mestrado.

Os agradecimentos se estendem também a todos da minha família: avós, avôs, madrinhas, tias, tios, primas, primos, afilhadas, agregados e a todos os outros que torceram e comemoraram a cada etapa vencida durante o Mestrado.

A todos vocês, meu sincero muito obrigada.

“Palavra puxa palavra, uma idéia traz outra e assim se faz um livro, um governo ou uma revolução” Machado de Assis

“Mude o olhar, desloque a perspectiva e surgirão novas interpretações” Keith Jenkins

## RESUMO

Considerando Kovach e Rosenstiel (2004) para quem os jornalistas devem fornecer informações por meio de uma escrita atraente e envolvente, esta pesquisa reflete sobre as estratégias discursivas aproximativas, usadas pelo jornal Folha de S. Paulo, durante a cobertura da Campanha pelas Diretas Já. Tendo como referência metodológica a análise do discurso, da tradição francesa, foram analisadas 88 reportagens da editoria de política da Folha de S. Paulo, publicadas entre 13/01/1984 e 26/04/1984. Com esta pesquisa, objetivou-se, especificamente: identificar as estratégias discursivas aproximativas utilizadas durante a cobertura; ver como essas estratégias ajudaram a despertar o interesse pela temática, popularizando a Campanha e por fim, verificar como a escolha por essas estratégias ajudaram a estabelecer laços de cumplicidade entre o jornal e o seu leitor, durante as Diretas Já. Ao final da análise, inferiu-se, dentre outros resultados, que: a Folha de S. Paulo priorizou as reportagens escritas sob uma perspectiva literária; a sentimentalidade foi enfatizada em praticamente todas as reportagens analisadas; a presença explícita do repórter nos textos ajudou a construir um laço de cumplicidade entre os leitores e a Folha; e o destaque dado às histórias de vida de pessoas comuns, na grande maioria moradores das periferias das grandes cidades, contribuiu para que o cidadão-comum se reconhecesse como participante-ativo da Campanha. Concluiu-se, também, que as estratégias discursivas utilizadas contribuíram para estimular a participação da sociedade brasileira contribuindo para que a mobilização fosse adotada como uma manifestação popular e não puramente política.

**Palavras-chave:** Jornalismo e Política; Estratégias discursivas; Jornalismo literário; Folha de S. Paulo; Campanha Diretas Já;



## ABSTRACT

Considering Kovach and Rosenstiel (2004) for whom the journalists must supply information by an attractive and involving writing, this research reflects on the aproximant discursive strategies used for the periodical Folha de S. Paulo, during the covering of the Campaign for the Diretas Já. Having as metodological reference the analysis of the speech, of French tradition, 88 news articles of the editorial of politics of the Folha de S. Paulo, published between 13/01/1984 and 26/04/1984, was analized. With this research, it was objectified, specifically: to identify the use of the aproximant discursive strategies during the covering; to know how these strategies helped to arouse the interest for the thematic, popularizing the Campaign and finally, to verify as the choice for these strategies had helped to establish complicity ties between the periodical and its reader, during the Diretas Já. At the end of the analysis, it was inferred, amongst other results, that: Folha de S.Paulo prioritized the new articles written under a literary perpective; the sentimentality was emphasized in practically all the new articles analyzed; the explicit presence of the reporter in the texts helped to construct to a complicity ties between the readers and the Folha; and the prominence given to histories of life of common people, most of them living of the peripheries of the big cities, contributed so that the citizen-common recognized himself as an active participant in the Campaign. It was also concluded, also, that the use of the discursive strategies had contributed to stimulate the participation of the Brazilian society contributing to the mobilization was adopted as a popular manifestation and not politics only.

**Key-words:** Journalism and Politics; Discursive strategies; Literary journalism; Folha de S. Paulo; Campaign Diretas Já;

## LISTA DE SIGLAS

Abdid - Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base  
ABI - Associação brasileira de Imprensa  
AL - Alagoas  
CBP - Companhia Brasileira de Publicidade  
CJP - Comissão de Justiça e Paz  
CNBB - Confederação Nacional dos Bispos do Brasil  
Conclat - Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora  
Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas  
CUT - Central Única dos Trabalhadores  
Dentel - Departamento Nacional de Telecomunicação  
DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda  
Fenaj - Federação Nacional dos Jornalistas  
Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo  
FMI - Fundo Monetário Internacional  
FSP - Folha de S. Paulo  
GO - Goiás  
INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor  
MT - Mato Grosso  
NTC - Associação Nacional das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga  
OAB - Ordem dos Advogados do Brasil  
PDS - Partido Democrático Social  
PDT - Partido democrático Trabalhista  
PE - Pernambuco  
PEC - Proposta de Emenda Constitucional  
PI - Piauí  
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira  
PT - Partido dos Trabalhadores

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1 UM POUCO DE HISTÓRIA: A CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ.....</b>	<b>17</b>
1.1 Antes de a multidão ir às ruas.....	17
1.2 Emenda Dante de Oliveira e mobilizações no âmbito da política.....	20
1.3 Integração da mídia à Campanha.....	27
1.4 Comícios passam a ser pensados como espetáculos.....	31
1.5 Câmara dos Deputados diz “não” .....	37
<b>2 UM JORNAL EM DEFESA DAS DIRETAS.....</b>	<b>41</b>
2.1 Apresentando o jornal Folha de S. Paulo.....	42
2.2 Apoiando e construindo a Campanha.....	47
2.3 Construindo uma imagem para si.....	57
2.4 Testemunhas e narradores.....	63
<b>3 ESCOLHAS PARA REPORTAR A CAMPANHA.....</b>	<b>68</b>
3.1 Reportagens envolventes.....	72
3.2 Emoção, memória e sentimento nacional.....	77
3.3 Personagens da multidão.....	83
3.4 O repórter como personagem.....	91
<b>4 OS ÚLTIMOS DIAS DA COBERTURA.....</b>	<b>97</b>
4.1 “Horas decisivas”.....	100
4.2 Dia da esperança.....	110
4.3 “Marcha da decepção”.....	119
<b>5 POR TRÁS DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS.....</b>	<b>129</b>
5.1 Jornalismo político: história e linguagem .....	129
5.2 Algumas consequências das “formas de contar”.....	135
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>146</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>149</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>163</b>
<b>ANEXO I Páginas de capas da Folha de S. Paulo que abordaram as Diretas Já ...</b>	<b>164</b>
<b>ANEXO II Páginas da Folha de S. Paulo contendo os editoriais analisados.....</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO III Páginas da Folha de S. Paulo contendo as reportagens analisadas.....</b>	<b>169</b>

## INTRODUÇÃO

Na manhã do dia 26 de abril de 1984, o jornal Folha de S. Paulo chegou às bancas trazendo como manchete principal a frase: A NAÇÃO FRUSTRADA!. Escrita em letras garrafais, essa manchete – relacionada à reprovação na Câmara dos Deputados da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, que restituiria as eleições diretas para presidente do Brasil – soava como uma espécie de grito, pois como assinala Nilton Hernandes (2006, p.210), “uma das funções das letras nos jornais é construir um simulacro visual de um tom de voz”. Além dessa manchete, a edição que chegou às bancas, naquela quinta-feira, trouxe a editoria de política ocupando 17 páginas do caderno principal e todas as matérias publicadas nessa editoria estavam relacionadas à Campanha pelas Diretas Já<sup>1</sup> que desde dezembro de 1983, vinha recebendo o apoio da Folha de S. Paulo. Acrescenta-se que durante os quatro primeiros meses de 1984, além de acompanhar e reportar todos os comícios da Campanha, a Folha publicou diariamente reportagens sobre a temática de modo a manter vivo o debate na sociedade.

Assim, considerando Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p.226), para quem “parte da responsabilidade de um jornalista não é só fornecer informação, mas fornecê-la de uma maneira que as pessoas se sentirão inclinadas a ouvi-la”, buscou-se neste trabalho, refletir sobre as estratégias discursivas aproximativas usadas pelo jornal Folha de S. Paulo, durante a cobertura da Campanha pelas Diretas Já.

Acrescenta-se que no decorrer dessa cobertura, a Folha aliou criatividade, leveza e informação transformando suas reportagens em histórias capazes de atrair a atenção do público. Neste ponto, Kovach e Rosenstiel (idem) destacam que para despertar a atenção do leitor é necessário que os jornalistas realizem algumas tarefas, dentre elas a de escrever de forma atraente. Dessa forma, “a tarefa do jornalista é encontrar formas de transformar o significativo em interessante” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.226). Mas, para que a Folha pudesse tornar o “significativo em interessante”, durante as Diretas Já, foi necessário se

---

<sup>1</sup> Realizada no Brasil, nos anos de 1983 e 1984, a Campanha que ficou conhecida como Diretas Já foi um movimento sócio-político em defesa da realização de eleições diretas para presidente do Brasil. Inicialmente de âmbito parlamentar, a Campanha que ganhou às ruas, transformando-se num dos mais expressivos movimentos populares da história política do Brasil, teve como bandeira a aprovação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira, em tramitação no Congresso Nacional, desde março de 1983, cuja votação ocorreu em 25 de abril de 1984. Sobre a Campanha pelas Diretas Já, recomenda-se a leitura dos seguintes livros: **Explode um novo Brasil: diário da campanha das Diretas** (KOTSCHO, 1984); **Diretas Já: O grito preso na garganta** (RODRIGUES, 2003); **Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura** (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004).

utilizar de algumas estratégias discursivas para se aproximar do leitor. É sobre este assunto que se falará nesta pesquisa.

Desse modo, tendo como objeto de estudo, as reportagens publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo, entre 13/01/1984 e 26/04/1984, na editoria de política, acerca da Campanha pelas Diretas, objetivou-se, especificamente: identificar as estratégias discursivas aproximativas utilizadas durante a cobertura; ver como essas estratégias ajudaram a despertar o interesse pela temática, popularizando a Campanha e por fim, verificar como a escolha por essas estratégias ajudaram a estabelecer laços de cumplicidade entre o jornal e o seu leitor, durante as Diretas Já.

Considera-se importante explicar que a leitura das reportagens publicadas na editoria de política, acerca da Campanha pelas Diretas, permitiu identificar características comuns entre algumas delas. A partir desta constatação, definiu-se dois tipos de reportagem<sup>2</sup>, que se nomeou respectivamente, “reportagem de apresentação” e “reportagem de desdobramento”. Acrescenta-se que nesta pesquisa, define-se como “reportagem de apresentação” àquela que oferece uma visão geral acerca dos comícios e como “reportagem de desdobramento” àquela que destaca pontos específicos, abordando as particularidades dos comícios e da Campanha.

Assim, em busca de atender aos objetivos deste trabalho, utilizou-se como *corpus* principal de análise, o conjunto das reportagens classificadas como “reportagem de desdobramento”. Fazem parte deste grupo, reportagens relacionadas aos sete principais comícios da Campanha<sup>3</sup> – publicadas entre 13/01/1984 e 17/04/1984 –, e reportagens referentes às Diretas e à votação da Emenda Constitucional Dante de Oliveira – publicadas entre os dias 24 e 26 de abril de 1984 – ambas na editoria de política, do jornal Folha de S. Paulo.

Observa-se que o jornalismo enquanto atividade comunicativa tem no discurso sua mais importante ferramenta. “O discurso não é uma das funções entre outras da instituição midiática; é o seu principal produto e o resultado final do seu funcionamento. A mídia produz discursos como os pintores pintam telas, os músicos compõem músicas” (RODRIGUES, 2002, p.217). No entanto, esta produção não é totalmente livre, pois “todo discurso depende,

---

<sup>2</sup> Acrescenta-se que a quantidade de matérias relacionadas à temática foi o quê motivou a definição desses conceitos. De fato, o estabelecimento dos grupos de análise – “reportagem de apresentação” e “reportagem de desdobramento” – tornou a pesquisa viável ao passo que se definiu um princípio classificatório de análise, tendo em vista à grande quantidade de reportagens publicadas acerca das Diretas, durante os meses em estudo.

<sup>3</sup> As reportagens analisadas referem-se aos comícios pró-diretas, realizados em: Curitiba - PR (12/01/1984); São Paulo - SP (26/01/1984); Belo Horizonte - MG (24/02/1984); Recife - PE (05/04/1984); Rio de Janeiro - RJ (10/04/1984); Goiânia - GO (12/04/1984) e São Paulo - SP (16/04/1984).

para a construção de seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge” (CHARAUDEAU, 2006a, p.67).

Desse modo, a intenção desta pesquisa foi refletir sobre as estratégias discursivas aproximativas, usadas pelo jornal Folha de S. Paulo, durante a cobertura da Campanha pelas Diretas Já, considerando tanto o contexto sócio-histórico, quanto o contexto interno do jornal, tendo em vista que conhecer tais contextos é indispensável à compreensão da escolha por determinadas estratégias discursivas, em momentos específicos. Cabe ressaltar que por constituir discursos permeados por interesses e apresentar traços subjetivos, os relatos jornalísticos devem sempre ser trabalhados relacionando-os à época em que foram construídos. Ainda sob a perspectiva de contextualização, fez-se necessário entender, também, como se desenvolveu a campanha pelas Diretas Já e qual a participação da mídia nesse processo de construção.

No que diz respeito ao referencial metodológico, utilizou-se nesta pesquisa a análise do discurso, da tradição francesa, pois essa permite ver os discursos como construções inseparáveis das suas condições de produção; relacionando-os tanto ao âmbito externo, quanto a dimensão interna (MAINGUENEAU, 1998). Destaca-se que os fundamentos da análise do discurso proporcionaram compreender as marcas textuais, bem como a construção de imagens e significados expostos na enunciação, o que ajudou a identificar as estratégias discursivas aproximativas.

Nota-se que é através do discurso que a mídia se mostra; toma forma e adquire credibilidade. No âmbito jornalístico, a reportagem é o espaço onde o jornalismo é colocado em prática de maneira mais elaborada. Neste ponto, considera-se importante destacar que a escolha pela reportagem foi fundamentada em suas características textuais e por seu lugar de importância na instância midiática. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) definem a reportagem como um gênero jornalístico privilegiado que se afirma como o lugar por excelência da narrativa jornalística. Segundo Patrick Charaudeau (2006a), a reportagem recorre a diversos tipos de roteirização, utilizando os recursos designativos, figurativos e visualizantes da imagem tanto para satisfazer às condições de credibilidade – as quais estão sujeita a instância midiática – quanto para satisfazer às condições de sedução – necessárias para atrair o leitor e conquistá-lo.

Ressalta-se que para Carlos Rabaça e Gustavo Barbosa (2001), a reportagem é o conjunto das providências necessárias à confecção de uma notícia jornalística. Deste modo, para os autores, “considera-se incorreto designar reportagem como um tipo de notícia descritiva, mais apurada e ampla, acompanhada com documentação e testemunhos. Na

verdade, esse tipo de notícia é resultado de uma reportagem, e não a reportagem em si” (RABAÇA; BARBOSA, op. cit, p.638). Faz-se necessário esclarecer que, nesta pesquisa, não se adota a definição apresentada por Rabaça e Barbosa (2001). Decidiu-se por fazer referência a esta definição apenas para mostrar que existem diversos conceitos acerca do gênero reportagem. Desse modo, é notório reforçar que aqui se adota as definições de Sodré e Ferrari (1986), bem como a definição dada por Charaudeau (2006a).

Considera-se importante destacar ainda que as estratégias discursivas são colocadas em prática em diversos lugares: elas estão nas manchetes, nas chamadas, nas fotografias, na diagramação e principalmente no corpo dos textos, constituam eles notícias, reportagens, crônicas, artigos, editoriais, dentre outros. Nesta dissertação, utilizam-se as reportagens como *corpus* principal de análise. No entanto, é bom esclarecer que não se menospreza a presença das estratégias discursivas acionadas nesses outros lugares, tanto que em alguns momentos, foram analisados editoriais e algumas manchetes.

Destaca-se também que analisar qualquer fato apresentado pelo jornalismo exige um cuidado especial no que diz respeito à análise dos discursos, pois como alerta Cristiane Carvalho (2002, p. 237) esta “exige uma contextualização do texto para que possamos observar as relações que existem entre o próprio texto e a situação em que ele foi produzido”. Desse modo, para analisar a cobertura das Diretas foi preciso ter em mente que no processo de redigir uma reportagem estão intrínsecas relações e conceitos internos imanentes dos repórteres que a produz, pois ao compor um texto, o jornalista acaba por transferir aos seus relatos uma visão pessoal, presente desde a seleção dos dados. Ressalta-se que esta visão pessoal é recorrente nas reportagens publicadas pela Folha, durante a Campanha. Algumas delas, inclusive, foram escritas com verbos conjugados na primeira pessoa do singular.

Pondera-se destacar que este trabalho se justifica pela possibilidade de verificar como a escolha por certas estratégias discursivas podem contribuir para se aproximar do leitor ao passo que populariza uma temática, promovendo uma adesão e um sentimento de cumplicidade entre jornal e leitor. Nesse sentido, a realização deste estudo contribui para ampliar as pesquisas em torno das estratégias praticadas pelo jornalismo para despertar e manter a atenção do público, em torno de certas temáticas e do próprio jornal. Além disso, a realização deste trabalho, também, constitui uma forma de revisitar um episódio da história política brasileira, olhando-o sob outra perspectiva, que não somente a histórica ou a política. Acrescenta-se, ainda, que o quê motivou a realização desta pesquisa foi o interesse pela prática de uma escrita apaixonante no jornalismo – cuja cobertura da campanha pelas Diretas

Já, no jornal Folha de S. Paulo, constitui um ótimo exemplo – e a relação estabelecida com a escrita da “Nova História<sup>4</sup>”, que procura rever os fatos históricos com novos olhares.

A pesquisa está estruturada em cinco capítulos. Os dois primeiros trazem informações sobre a Campanha pelas Diretas Já e sobre o contexto sócio-histórico, no qual a Folha de S. Paulo decidiu apoiar a mobilização. Nos três últimos, apresenta-se o estudo acerca das estratégias discursivas aproximativas adotadas durante a cobertura. Recomenda-se a leitura dos capítulos na ordem em que seguem, por entender que conhecer a Campanha e o contexto, no qual a Folha decidiu apoiar as Diretas, é importante para a compreensão das escolhas das estratégias discursivas, adotadas durante a cobertura.

Por entender que uma pesquisa que se propõe a realizar um estudo de uma cobertura sobre um fato que se tornou parte da história de um País, não pode se eximir de apresentá-lo, antes de começar a análise de sua cobertura por um jornal, optou-se por dedicar um capítulo a apresentação da Campanha pelas Diretas Já. Utilizando-se, em alguns momentos, de conhecimentos teóricos sobre a política, a mídia e as relações dessas duas áreas, fala-se da Campanha, ao passo que se promove uma análise acerca de alguns aspectos do movimento, sejam os ligados à participação da mídia, sejam os ligados à postura adotada pelos políticos, diante da visibilidade proporcionada pela entrada da imprensa na divulgação das Diretas.

Deste modo, o primeiro capítulo traz informações que ajudam a entender a Campanha e o contexto socioeconômico dos anos de 1983 e 1984, que colaboraram para a organização de uma mobilização a favor da realização de eleições diretas para presidente do Brasil. Intitulado ‘Um pouco de história: a Campanha pelas Diretas Já’, o primeiro capítulo apresenta o movimento, destacando as articulações políticas; a participação da mídia; os principais eventos e a entrada de publicitários na produção dos comícios e no planejamento das Diretas como um todo.

---

<sup>4</sup> “Nova História” é como ficou conhecida a 3ª geração da Escola dos *Annales*. A Escola dos *Annales* foi fundada na França, em 1929, pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, responsáveis pela revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Bloch e Febvre formaram a 1ª geração dos *Annales*. Em 1944, Marc Bloch, que era judeu, foi morto por alemães. Após a morte de Bloch, Lucien Febvre uniu-se a Fernand Braudel, constituindo a 2ª geração. Braudel dirigiu os *Annales* de 1956 (ano da morte de Febvre) até 1968. Em 1969, assumiram André Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff e Emanuel Le Roy Ladurie, constituindo a 3ª geração, que ficou conhecida como “Nova História”. A obra *Faire de l'histoire* (1974), de Pierre Nora e Jacques Le Goff, apresenta os fundamentos da 3ª geração da Escola dos *Annales*. Entre os principais membros, destacam-se os historiadores George Duby, Jacques Le Goff, Michèle Perrot e Pierre Nora. Incentivando a interdisciplinaridade, a Nova História propõe novos objetos, novos problemas e novas abordagens. Para seus adeptos, novas abordagens enriquecem e modificam os setores tradicionais da História. Dentro da perspectiva da “Nova História”, desenvolveu-se a micro-história ou história social das singularidades, a história social, a história cultural, a história da sexualidade, dentre outras, constituindo todas elas, novos olhares para novos objetos. Para ter mais informações sobre a Escola dos *Annales* e a Nova História recomenda-se a leitura de: **A escola dos Annales (1929-1989)** (BURKE, 1991); **A História em migalhas: dos Annales à Nova História** (DOSSE, 1992). Indica-se ainda a leitura do capítulo “História contemporânea: o tempo das crises”, presente em: **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa** (CADIOU, 2007).



O segundo capítulo, intitulado ‘Um jornal em defesa das Diretas’, aborda momentos da história do jornal Folha de S. Paulo, destacando o seu engajamento em defesa da realização de eleições diretas para Presidente do Brasil. Nesse capítulo, fala-se também sobre a construção simbólica de uma imagem para Campanha e para o próprio jornal e se começa a discorrer sobre o envolvimento dos seus repórteres com a temática abordada. Considera-se importante ressaltar que para falar sobre a construção de uma imagem para a Campanha, por parte da Folha, utilizou-se como objeto de estudo o conjunto das “reportagens de apresentação” e para ponderar sobre a construção de imagem do próprio jornal, utilizou-se como objeto de análise, editoriais publicados entre 26/01/1984 e 26/04/1984. Ressalta-se que a escolha dos editoriais para analisar a construção discursiva da Folha, durante as Diretas, deu-se pelo fato de que é nos editoriais que as empresas jornalísticas apresentam seu posicionamento de modo mais explícito.

Ao passo que a análise do conjunto das “reportagens de desdobramento” foi sendo realizada, sentiu-se a necessidade de apresentar o estudo acerca dessas reportagens em três capítulos. Assim, no terceiro capítulo, intitulado ‘Escolhas para reportar a Campanha’, aborda-se as estratégias discursivas aproximativas identificadas no decorrer da análise. Destaca-se que o *corpus* de análise do terceiro capítulo, constitui as “reportagens de desdobramento”, publicadas entre 13/01/1984 e 17/04/1984.

O quarto capítulo, intitulado ‘Os últimos dias da cobertura’, analisa as “reportagens de desdobramentos” publicadas nos dias 24, 25 e 26 de abril de 1984. Acrescenta-se que nesses três dias<sup>5</sup>, a cobertura foi intensa: a editoria de política ocupou 47 páginas e foram publicadas 51 reportagens sobre a temática. Por sua vez, o quinto capítulo, intitulado ‘Por trás das estratégias discursivas’, destaca que por trás de cada escolha há intenções veladas ou desveladas. Assim, no último capítulo, abordam-se como as estratégias identificadas ajudaram a despertar o interesse na população, popularizando a Campanha e contribuindo para estabelecer laços de cumplicidade entre jornal e leitor, durante as Diretas. Mas, antes dessa abordagem, faz-se um pequeno panorama sobre o jornalismo político brasileiro.

---

<sup>5</sup> Ressalta-se que para a definição dos últimos dias da cobertura levou-se em consideração a data da votação da Emenda Dante de Oliveira – 25 de abril de 1984 – sendo assim compreendem os últimos dias da cobertura, as edições de 24, 25 e 26 de abril de 1984.

## 1 UM POUCO DE HISTÓRIA: A CAMPANHA PELAS DIRETAS JÁ

### 1.1 Antes de a multidão ir às ruas

A história que viríamos a conhecer como Campanha pelas Diretas Já teve seu início em março de 1983, mas foi somente nos primeiros meses de 1984 que esta ganhou às ruas. Reunindo milhões de pessoas em praças públicas a reivindicarem o direito de escolherem o presidente do Brasil, por meio de eleições diretas, a Campanha gestada no Congresso Nacional teve inúmeros capítulos antes mesmo que a população transformasse o movimento em uma das maiores manifestações populares da história do País.

A idéia de organizar uma campanha em defesa da realização de eleições diretas para o sucessor do então presidente da República, general João Batista Figueiredo (1979-1985), não surgiu com um “estalar de dedos”. Inúmeros foram os fatores que contribuíram para que a realização de um movimento como esse pudesse acontecer em 1984. Destaca-se que a “possibilidade de escolher o presidente da República como exercício da cidadania deixou de existir a partir do AI-2, decretado em 27/10/1965, que mudou as regras das votações presidenciais” (KUSHINIR, 2004, p.73). Segundo o Ato Institucional nº 2, o presidente da República passaria a ser escolhido por um Colégio Eleitoral, através de uma eleição indireta.

As condições sócio-históricas, que possibilitaram a mobilização de políticos e o engajamento da população na Campanha pelas Diretas (1983-1984), foram sendo construídas a partir da década de 1960, quando da instauração do Regime Militar, em 1964. Os vinte anos que separam os anos de 1964 e 1984 fizeram com que os brasileiros amadurecessem o desejo de mudança que atrelado às condições socioeconômicas pelas quais o País passava no início da década de 1980, contribuíram para que esses acreditassem e pudessem exigir transformações das normas políticas. Como pontua Beatriz Kushinir (2004, p.70), 1984 “foi o clímax de um momento em que muitos brasileiros apostaram nas mudanças políticas para reverter o quadro autoritário, imposto havia duas décadas”.

Dessa forma, o fim da censura prévia à imprensa – com a revogação do AI-5<sup>6</sup>, em 31/12/1978 – e o retorno ao Brasil dos exilados políticos – com a assinatura da lei de Anistia

---

<sup>6</sup> O Ato Institucional nº5 entrou em vigor em 13/12/1968. Dentre outras sanções, estabeleceu o recesso do Congresso Nacional, a suspensão dos direitos políticos, a proibição das manifestações públicas, a suspensão dos *habeas corpus* e a censura prévia a imprensa. Oficialmente, o AI-5 foi revogado em 31/12/1978 mas seus efeitos continuaram por muito mais tempo, até porque no caso da censura à imprensa, alguns jornais já haviam “aprendido” a se autocensurarem.

Política<sup>7</sup>, assinada em 28/08/1979 – contribuíram para fortalecer a esfera pública<sup>8</sup> brasileira, que já vinha passando por transformações em sua estrutura, desde a expansão dos meios de comunicação na sociedade, seja por meio dos jornais opositores, na sua grande maioria jornais alternativos, seja pelo fim da censura que permitiu aos jornais da grande imprensa adotarem diferentes posicionamentos ideológicos.

No que diz respeito às mudanças na esfera pública, de modo geral, Jürgen Habermas (1984) diz que com a ascensão da burguesia e do capitalismo, a esfera pública foi perdendo espaço diante da esfera privada. Mas, ainda segundo Habermas (op. cit.), a partir do momento em que os meios de comunicação foram expandindo suas atuações e conquistando um lugar privilegiado na sociedade, essa esfera pública foi sofrendo mudanças, ao passo que se tornava midiaticizada. Com isso, as imagens midiaticizadas passaram a representar a realidade e as ações dos atores sociais – mostradas por meio da mídia – começaram a ser direcionadas para uma esfera pública, cada vez mais midiaticizada.

Quanto às mudanças que aconteciam no Brasil, desde o final da década de 1970, Beatriz Kushinir (2004, p.70-71) acrescenta que:

Muitas mudanças, certamente, estavam em curso. Mas, “velhos políticos” – como se pôde perceber nas articulações para a sucessão do general Figueiredo, que ocorreria em maio de 1985 – novamente estariam no centro do palco. Assim, uma tradição política, que teve seu auge em 1964, soube se reformular e contou com um golpe do destino para estar outra vez no “olho do furacão”. Por outro lado, resquícios de gerações que estavam na “boca de cena” dos anos de 1960 e 1970 também retornaram, beneficiados pela Anistia, assinada em agosto de 1979. Novamente se encontrariam esses revolucionários, auto-exilados, banidos ou não, com seus algozes, juntando-se a eles uma geração que nascera nesse hiato de tempo.

As marcas deixadas, de ambos os lados, por esses anos de autoritarismo, somadas às novas posturas que cada grupo e cada indivíduo construiu para si, sentenciariam que 1984 não seria 1964. [...]. Eleger o presidente da República, naquele momento, representava uma forma de estabelecer estruturas políticas mais democráticas, rompendo com a autoritária representação das indicações indiretas do pós-1964.

Perceba-se que os fatos de âmbito sócio-político ocorridos no Brasil, nas décadas de 1960 e 1970, atrelados às mudanças na esfera pública, em parte devido à expansão dos meios

<sup>7</sup> A lei de Anistia Política Brasileira foi promulgada pelo então presidente da República, general João Batista Figueiredo, em 28/08/1979. Segundo o art. 1 da lei nº 6.683 foi concedida anistia política a todos quantos, no período entre 2 de setembro de 1961 e 15 de agosto de 1979, cometeram crimes políticos ou conexos com estes. Com a promulgação da Lei de Anistia, brasileiros exilados do País puderam retornar ao Brasil.

<sup>8</sup> No verbete *esfera pública* citado no Dicionário de Comunicação, organizado por Ciro Marcondes Filho (2009), Josimey Costa pontua que a expressão esfera pública está associada principalmente a Jürgen Habermas. Mas, ainda segundo Costa, a noção esfera pública tem antecedentes em Kant e tratamento distinto em Hannah Arendt. No entanto, a abordagem de Habermas trouxe a discussão mais fortemente para o campo da comunicação, com foco no papel dos meios de comunicação de massa na política contemporânea. Referências em MARCONDES FILHO (2009, p. 125-126).

de comunicação na sociedade e a volta gradual da liberdade de expressão e manifestação, colaboraram para que as condições sócio-históricas fossem favoráveis a realização da Campanha pelas Diretas Já. Ressalta-se que todos os acontecimentos vivenciados no Brasil, nesse período, contribuíram para que a Campanha pudesse ser realizada em 1984.

Enquanto os acontecimentos internos ajudavam a incentivar o desejo por mudanças, os fatos ocorridos em outros países, como a Revolução dos Cravos<sup>9</sup> – ocorrida em Portugal, em 25/04/1974, que acabou com a ditadura salazarista – e a redemocratização da Argentina – ocorrida em 1983, após a derrota do regime militar, com a eleição de Raúl Ricardo Alfonsín para a Presidência do País – serviam como exemplos de que a mudança era possível.

As Diretas Já teve como bandeira a aprovação de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) em tramitação no Congresso Nacional, proposta pelo então deputado federal pelo estado de Mato Grosso e representante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB<sup>10</sup>) Dante de Oliveira<sup>11</sup>. Ressalta-se que ao ter sua Proposta de Emenda adotada como bandeira da Campanha, Oliveira (PMDB-MT) tornou-se um ator importante, embora não o principal, no processo das Diretas, tendo em vista que o movimento constituiu um ato coletivo, que dependeu principalmente das condições sócio-históricas, para que pudesse acontecer em 1984.

Desse modo, enfatiza-se que a Campanha não foi resultado de uma ação individual, mas coletiva. No entanto, a tramitação de uma Emenda no Congresso Nacional, em defesa da realização de eleições diretas dava materialidade ao movimento. Nesse sentido, a Emenda Dante de Oliveira, como ficou conhecida a PEC 05/1983, passou a ser encarada como um respaldo oficial para a Campanha. Assim, não se tratava apenas de uma mobilização com desejos de mudanças, mas da possibilidade real de poder escolher o presidente da República, por meio de uma eleição direta, como acontecia, desde 1982, nas eleições para os Governos municipais e estaduais. Do mesmo modo, com a aprovação da Emenda pelo Congresso Nacional, em abril de 1984, os brasileiros poderiam escolher o sucessor do então presidente da República, general João Figueiredo, cuja eleição sucessória estava prevista para ocorrer em novembro de 1984.

---

<sup>9</sup> Movimento que derrubou o Regime salazarista em Portugal restabelecendo a liberdade democrática e promovendo transformações sociais no País. Acrescenta-se que o movimento ficou conhecido como Revolução dos Cravos porque após a derrubada do Regime, com a posse do general Antônio Spindola, na Presidência de Portugal, a população saiu às ruas para comemorar e distribuiu cravos vermelhos aos soldados como forma de agradecimento.

<sup>10</sup> A partir desse trecho, utilizar-se-á somente a sigla PMDB ao fazer referência ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro.

<sup>11</sup> Dante de Oliveira era filho de Sebastião de Oliveira, advogado e político influente no Mato Grosso, conhecido popularmente como doutor Paraná.

Diante do lugar ocupado pela Emenda Dante de Oliveira no contexto da Campanha pelas Diretas, decidiu-se por abordá-la de forma mais abrangente. Entretanto, ressalta-se que não constitui intenção, desta pesquisa, explorar ou analisar a PEC 05/1983 – pois fazer isso fugiria aos objetivos deste capítulo. Assim, apresentar-se-ão prioritariamente aspectos dos bastidores das articulações políticas, acerca da referida PEC.

## **1.2 Emenda Dante de Oliveira e mobilizações no âmbito da política**

Em janeiro de 1983, a poucas semanas de assumir seu primeiro mandato como deputado federal, Dante de Oliveira (PMDB-MT) redigiu – com o auxílio de seu pai, o advogado Sebastião de Oliveira – uma emenda a Constituição que propunha o restabelecimento de eleições diretas para Presidente da República. É provável que os dois nem pudessem imaginar o tamanho da repercussão que a referida Emenda alcançaria<sup>12</sup>, no decorrer dos meses seguintes.

Para que pudesse apresentá-la ao Congresso Nacional eram necessárias as assinaturas de um terço dos representantes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal. Na busca por assinaturas, o jovem deputado percorreu os gabinetes, os corredores do Congresso, os restaurantes, o aeroporto e até os apartamentos funcionais dos políticos. Nesse percurso, a influência de seu pai abriu alguns caminhos. A última assinatura da proposta, por exemplo, foi do então senador Saldanha Derzi, do Estado de Mato Grosso do Sul, representante do Partido Democrático Social (PDS<sup>13</sup>), que só assinou depois que soube que Dante era filho de Sebastião de Oliveira<sup>14</sup>: “Você é filho do dr. Paraná? Seu pai é um velho amigo e correligionário da UDN. Um homem de bem. Gosto muito dele... [...]. Assino o encaminhamento, mas fique sabendo que se chegar ao Senado votarei contra” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.37).

Um mês depois do início das atividades do Poder Legislativo Federal, iniciadas em 02/02/1983, a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) foi apresentada ao Congresso. Começava, oficialmente, a ser traçado o caminho que levaria a Emenda e posteriormente a Campanha pelas Diretas Já, a ocupar um lugar na história do Brasil. A Emenda propunha “a ruptura com um dos principais mecanismos da estratégia de liberalização adotada pelo regime

---

<sup>12</sup> No início de 1983, existiam outras Propostas de Emenda tratando do mesmo assunto na Câmara dos Deputados. No entanto, não havia nenhuma em tramitação.

<sup>13</sup> A partir desse trecho, utilizar-se-á somente a sigla PDS ao fazer referência ao Partido Democrático Social.

<sup>14</sup> A descrição do percurso de Dante de Oliveira em busca de assinaturas para a Proposta de Emenda pode ser encontrada em: LEONELLI; OLIVEIRA (2004, p. 34-37).

militar, isto é, a eleição indireta do presidente da República, por meio de um Colégio Eleitoral” (RODRIGUES, 2003, p.12). A realização de eleições presidenciais diretas, em 1984, ainda segundo Alberto Tosi Rodrigues (idem, p. 18), “tinha para o regime militar o significado de tornar inviável sua autoperpetuação no poder, cuidadosamente reformulada ao longo de todo o período de ditadura militar”.

Na primeira reunião da bancada do PMDB, na nova legislatura, ocorrida em 04/03/1983, os então deputados federais Domingos Leonelli e Freitas Nobre sugeriram a organização de uma mobilização em torno da Emenda apresentada por Dante de Oliveira. Ao final da reunião, formou-se uma comissão para articular parlamentares em torno da temática das eleições diretas, mas a comissão era composta apenas por políticos “novatos”, o que não dava força ao movimento. Era necessário convencer primeiro as “estrelas” do partido, dentre elas o então deputado federal e presidente do PMDB, Ulisses Guimarães<sup>15</sup>.

Ressalta-se que a mobilização em torno da aprovação da Emenda Constitucional dependeu majoritariamente das articulações na bancada do PMDB e da busca de apoio nos partidos oposicionistas. Mas, a conscientização da importância do tema foi um processo demorado, pois em 1983, os políticos, na sua grande maioria, debatiam principalmente a questão econômica, tendo em vista que nos três primeiros anos da década de 1980, o Brasil passou por uma profunda recessão: a inflação subia diariamente, a cotação do dólar aumentava, a renda *per capita* diminuía e as taxas de desemprego eram cada vez maiores. Segundo Brasílio Sallum Júnior (2003, p.37), nesse período:

A política governamental foi considerada recessiva, inflacionária e “injusta”, pois transferia todos os custos do “ajuste” para os agentes econômicos domésticos, principalmente para os assalariados e para as empresas estatais, evitando onerar os credores externos. Assim, as políticas de governo não só se dissociaram dos interesses imediatos da base de sustentação do Estado como passaram a ser consideradas ilegítimas, contrárias aos valores básicos da aliança desenvolvimentista.

Diante desse cenário, entende-se porque era importante apontar saídas para a crise econômica do País, tendo em vista que empresários e trabalhadores estavam insatisfeitos com os rumos econômicos que o Governo Militar insistia em percorrer. Contudo, enquanto os líderes políticos mais influentes no cenário político brasileiro se preocupavam com uma saída para a crise econômica, os políticos mais jovens da bancada do PMDB iniciaram uma

---

<sup>15</sup> A descrição de acontecimentos e articulações dos bastidores políticos, ocorridos entre janeiro de 1983 e abril de 1984, acerca da campanha pelas Diretas Já pode ser encontrada em: LEONELLI; OLIVEIRA (2004). Destaca-se que alguns trechos desse livro têm como referências atas das reuniões do PMDB.

articulação no sentido de organizarem uma mobilização a favor de eleições diretas para o sucessor do general João Figueiredo, então presidente do Brasil. Nesta fase, buscou-se apoio no Partido dos Trabalhadores (PT<sup>16</sup>) e no Partido Democrático Trabalhista (PDT<sup>17</sup>). Mas, inicialmente, as articulações foram apenas internas e as atividades se resumiram a elaboração de planos de atuações.

Em abril de 1983, a Igreja Católica se manifestou a favor da realização de eleições diretas. As primeiras manifestações de apoio vieram de dom Paulo Evaristo Arns, à época bispo de São Paulo e dom Ivo Lorscheider, então presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em 14/04/1983, a comissão interna do PMDB, criada para articular uma mobilização a favor das eleições diretas, levou ao presidente do partido, Ulisses Guimarães, uma proposta para que a Campanha pelas Diretas fosse adotada como prioridade pelo PMDB.

Traçou-se, ali, a primeira linha do roteiro da campanha. Contrariando nossa intenção inicial, Ulisses propôs, ou melhor, determinou que começássemos pelas pequenas cidades, depois viriam as capitais mais populosas e somente no final os grandes centros.

Embora estivesse convencido do sucesso, ele (Ulisses Guimarães) queria assegurar um caminho de volta com o menor desgaste possível. Atividades nos pequenos centros urbanos não assustariam tanto os que estivessem se opondo a qualquer campanha (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.125)

A oficialização da proposta de realização de uma mobilização a favor das eleições diretas aconteceu durante reunião do Diretório Nacional do PMDB, realizada em 26/04/1983. Segundo José Duarte (2001), a Comissão pelas Diretas era coordenada pelo então senador Pedro Simon e tinha como membros os senadores, à época, Itamar Franco, Álvaro Dias, Gastão Muller e Henrique Santillo; além dos deputados federais, à época, Dante de Oliveira, Domingos Leonelli, Flávio Bierrenbach, Aldo Arantes, Márcio Braga e Oswaldo Lima Filho<sup>18</sup>.

Desse modo, começava o processo de articulação das bases parlamentares. Em maio de 1983, segundo Leonelli e Oliveira (2004) Ulisses iniciou a busca pela adesão de governadores do PMDB, de partidos de oposição e de entidades civis. Em 27/05/1983, os presidentes do PT e do PMDB, Luis Inácio Lula da Silva e Ulisses Guimarães, respectivamente, acertaram que “PT e PMDB tocariam juntos uma campanha nacional a favor das eleições diretas para presidente da República” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.153-154).

<sup>16</sup> A partir desse trecho, utilizar-se-á somente a sigla PT ao fazer referência ao Partido dos Trabalhadores.

<sup>17</sup> A partir desse trecho, utilizar-se-á somente a sigla PDT ao fazer referência ao Partido Democrático Trabalhista.

<sup>18</sup> Referências em DUARTE (2001, p.226).

As articulações e a busca por apoio político estavam sendo preparadas. Mas, era necessário ver a campanha acontecer na prática. Então, no dia 09/06/1983 foi enviada aos Diretórios estaduais e municipais do PMDB, a primeira convocação oficial com o roteiro das manifestações públicas já agendadas, que aconteceriam em Goiânia, capital do estado de Goiás (GO), Teresina, capital do estado do Piauí (PI) e Cuiabá, capital do estado do Mato Grosso (MT). Desse modo, as bases do PMDB passaram a se articular em todo o país com as seções estaduais e municipais do PT, do PDT e da esquerda em geral. Em 15/06/1983, aconteceu, em Goiânia-GO, o primeiro comício da campanha pelas Diretas.

No decorrer do mês de junho de 1983, estimulados pelo PMDB, foram realizados seminários, em diversos Estados da Federação, acerca da crise econômica e da saída política. Aos poucos, a pauta das eleições diretas foi sendo discutida, mas sem esquecer a crise econômica que a cada dia se agravava ainda mais no País. Dessa maneira, intercalavam-se os debates acerca do setor econômico com os debates sobre a realização de eleições diretas. Esta, por sua vez, chegou a ser apontada como o passo fundamental para a saída da crise econômica.

As articulações políticas e o ritmo de trabalho abalaram fisicamente Ulisses Guimarães, que em julho de 1983, necessitou se afastar da Presidência do PMDB, por recomendação médica. Para substituí-lo, assumiu o alagoano Teotônio Vilela, então deputado federal, que deu continuidade a busca de adesões para a Campanha, tanto na área política, quanto nas entidades da sociedade civil. Junto com Luiz Inácio Lula da Silva, Teotônio formulou convite para que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) se integrassem à Campanha.

Com o aumento das adesões e das manifestações de apoio, as Diretas conquistou espaço como temática política. No entanto, a crise econômica havia se agravado, o que justificou a volta desta ao palco principal dos debates, conduzindo a Campanha pelas Diretas novamente aos bastidores, onde permaneceu até novembro de 1983.

Acrescenta-se que em 21/07/1983, foi realizado o ‘Dia Nacional do Protesto’, onde trabalhadores de diversos estados paralisaram suas atividades em protesto contra a crise econômica. As manifestações uniram a força sindical, os partidos de oposição e as entidades civis. Nesse período, Teotônio Vilela (PMDB - AL) enfrentava a fase mais difícil de um câncer, mas mesmo assim participou das manifestações em São Paulo.

Ressalta-se ainda que em agosto de 1983, as novas forças do movimento sindical brasileiro fundaram, em São Paulo, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que passou a coexistir com a Coordenação Nacional da Classe Trabalhadora (Conclat) e a Confederação



Nacional dos Trabalhadores Agrícolas (Contag). Ressalta-se que a capacidade de mobilização desses movimentos sindicais foi fundamental no processo de articulação da Campanha.

No intercurso em que as articulações pelas Diretas voltaram a ocorrer somente nos bastidores, os políticos se preocupavam com a crise econômica que continuava abalando o Brasil. O PMDB, por exemplo, se posicionou com o discurso proferido por Ulisses Guimarães, na Câmara dos Deputados, em 24/08/1983, intitulado ‘Travessia’<sup>19</sup>. Acrescenta-se que este discurso representou um marco não só da Campanha pelas Diretas, mas principalmente da história do PMDB.

Os meses de setembro e outubro de 1983 foram marcados pelas votações no Congresso Nacional de leis propostas pelo Governo e que se ajustando à orientação do Fundo Monetário Internacional (FMI), prejudicariam os trabalhadores brasileiros. Em 20/09/1983, o Congresso rejeitou o decreto-lei 2.024, que impedia os reajustes salariais acima do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC). Já em 19/10/1983, a Câmara dos Deputados rejeitou o decreto-lei 2.045 que impunha uma redução na taxa de reajuste dos salários. O decreto-lei 2.045 era na verdade uma releitura do decreto-lei 2.024. Para Leonelli e Oliveira (2004), a rejeição desses decretos-lei, na Câmara dos Deputados, representava uma esperança para o povo brasileiro, que viu nesses fatos uma possibilidade de aprovação da Emenda Dante de Oliveira.

Em novembro de 1983, a temática das eleições diretas retornou ao palco. A recessão e a inflação, que ameaçava a economia brasileira, trouxeram para o lado das Diretas, empresários de diversos setores, dentre eles: Abilio Dinis, presidente do Grupo Pão de Açúcar; Cláudio Bardela, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp); Nildo Masini, presidente do Sindicato de Indústria de Trefilação do Estado de São Paulo; Roberto Vidigal, presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (Abdib) e Thiers Fattori, da Associação Nacional das Empresas de Transporte Rodoviário de Carga (NTC). Reforça-se, aqui, que as “reações surgidas no interior da elite empresarial e no sistema de empresas estatais favoreceram a atuação da oposição político-partidária no Congresso” (SALLUM JR, 2003, p.37).

Além de empresários, sete dos nove governadores eleitos pelo PDS na região Nordeste, nas eleições de 1982, posicionavam-se a favor das Diretas: Luiz Rocha, do Maranhão; Hugo Napoleão, do Piauí; Gonzaga da Mota, do Ceará; Agripino Maia, do Rio Grande do Norte; Wilson Braga, da Paraíba; Roberto Magalhães, de Pernambuco e Divaldo Suruagy, de

---

<sup>19</sup> Esse discurso foi elaborado por Fernando Henrique Cardoso e Celso Furtado, com colaborações de Ulisses Guimarães e baseado no Projeto Emergência, apresentado ao PMDB, em maio de 1983, pelo então deputado federal Teotônio Vilela.

Alagoas. Estes governadores faziam parte do grupo pró-diretas do PDS, movimento que ganhou força, depois de declarações de apoio às diretas, dadas pelo então presidente, João Figueiredo, também do PDS.

Do lado do PMDB, para fortalecer a adesão de governadores à Campanha, Franco Montoro, então governador de São Paulo, estimulou a criação de um documento, que ficou conhecido como ‘Manifesto dos Governadores’. Este foi assinado por seis governadores pelo PMDB, que já haviam manifestado apoio ao movimento: Tancredo Neves, de Minas Gerais, Gilberto Mestrinho, do Amazonas, Jader Barbalho, do Pará, José Richa, do Paraná, Iris Resende, de Goiás e Franco Montoro, de São Paulo. Acrescenta-se que as oficializações de apoio, não vinham apenas da área política e empresarial. Em novembro de 1983, a União Brasileira de Teatro juntou-se as Diretas, numa manifestação pública, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, exibindo faixas e pedindo assinaturas para um documento em defesa das diretas.

Em 27/11/1983, o PT em parceria com a Comissão de Justiça e Paz (CJP), da Arquidiocese de São Paulo, organizou um comício na Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo. Das 100 mil pessoas que a organização estimava que participariam do comício, apenas 15 mil compareceram<sup>20</sup>. A falta de comunicação dos organizadores com outros setores que apoiavam a Campanha – partidos políticos, empresários, artistas, dentre outros – fez com que o comício não alcançasse a amplitude que imaginaram, mas trouxe uma lição quanto à necessidade de mobilização conjunta – que seria praticada em todos os outros comícios.

O principal momento de união de forças no comício realizado na Praça Charles Miller, em 27/11/1983, deu-se quando anunciada a morte de um dos maiores impulsionadores da Campanha, Teotônio Vilela<sup>21</sup>, que morrerá vítima de um câncer, horas antes do comício. Nos meses seguintes, Teotônio foi homenageado em todos os comícios a favor das eleições diretas, com a canção ‘Menestrel das Alagoas’, na voz da cantora paraense Fafá de Belém.

Para Leonelli e Oliveira (2004) essas manifestações públicas significavam que a Campanha estava deixando o Congresso, os gabinetes e as sedes dos sindicatos em direção às ruas e avenidas de todo o Brasil. Mas, o importante era ter em mente que a união e a ação

---

<sup>20</sup> Segundo dados da reportagem intitulada **Ato pelas diretas leva 15 mil à praça Charles Miller**, publicada pela Folha de S.Paulo, em 28/11/1983, na página 4, da editoria de política.

<sup>21</sup> Em 05/01/1984, foi lançado pela cantora Fafá de Belém o Movimento Teotônio Vilela pelas Diretas, na cidade de Olinda, em Pernambuco (PE). Ressalta-se que o Movimento seria lançado em Maceió, capital do estado de Alagoas (AL), tendo em vista que Teotônio era alagoano. Mas, em 1984, Olinda era um centro de apoio as diretas muito mais forte do que Maceió (AL). Daí o porquê de Olinda ter sido escolhida para sediar o lançamento do Movimento Teotônio Vilela pelas Diretas e o porquê do ex-senador ter sido homenageado com um “boneco de Olinda”, durante os últimos comícios da Campanha pelas Diretas.

conjunta dos partidos de oposição e das entidades civis eram o quê dava notoriedade à Campanha.

Em dezembro de 1983, os embates entre oposição e governo continuaram no Congresso Nacional. O então senador Pedro Simon, à época, presidente em exercício do PMDB, chegou a sugerir em pronunciamento no Senado Federal que o então presidente João Figueiredo enviasse ao Congresso uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) restabelecendo as eleições diretas. Em 11/04/1984, o então presidente da República encaminhou uma PEC, mas com eleições diretas previstas para 1988. A Emenda Leitão, como ficou conhecida a PEC enviada pelo então Presidente da República, foi retirada do Congresso em meados de junho de 1984. Esta apenas serviu para tumultuar os debates no Congresso, nos últimos dias que antecederam a votação da Emenda Dante de Oliveira.

De março a dezembro de 1983, foram escritos vários capítulos da história que ficou conhecida como Campanha pelas Diretas Já. Sem dúvida, esses capítulos foram importantes para a fundamentação da Campanha que ao conseguir unir partidos opositoristas, movimentos sindicais e entidade civil, solidificou a força de um movimento que mobilizou milhares de brasileiros pelas cidades do País. Entretanto, os principais capítulos aconteceram nos quatro primeiros meses de 1984, com a consolidação dos grandes comícios em defesa da realização de eleições diretas e do apoio dado por parte da imprensa e da sociedade civil organizada.

Um desses capítulos – que começou a ser traçado com mais afinco em dezembro de 1983 – diz respeito à participação da imprensa no processo de mobilização e debate acerca das eleições diretas. No que se refere ao estímulo as manifestações e aos debates, o papel da imprensa escrita, especificamente do jornal Folha de S. Paulo, foi fundamental; já no tocante a visibilidade dos comícios, a entrada das emissoras de televisão na cobertura foi imprescindível.

Ressalta-se que o processo de adesão e apoio as Diretas foi diferente para cada empresa midiática: enquanto umas adotaram a Campanha como bandeira, outras negaram sua existência, enquanto puderam<sup>22</sup>. De fato, este constitui certamente um capítulo interessante na história das Diretas e sua abordagem é feita no próximo tópico.

---

<sup>22</sup> Acrescenta-se que no decorrer da elaboração desta dissertação foi produzido um artigo intitulado **A atuação do jornalismo brasileiro na Campanha pelas Diretas Já**. Este foi apresentado no Grupo de Trabalho História do Jornalismo, durante o I Encontro de História da Mídia do Nordeste, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, entre os dias 13 e 14 de maio de 2010.

### 1.3 Integração da mídia à Campanha

Na década de 1980, embora o Ato Institucional nº5 - que instituiu, dentre outras sanções, a censura prévia as empresas de comunicação, decretado em 13/12/1968 – tivesse sido revogado em 31/12/1978, resquícios de suas restrições ainda pairavam em algumas redações. Por esse motivo, com receio de sofrerem repressões por parte do Governo Federal, algumas empresas jornalísticas não discutiam a temática das eleições diretas, tendo em vista que esta desagradava ao Regime Militar. Assim, entre março e outubro de 1983, essa temática não encontrou muita facilidade para se tornar pauta na imprensa, até mesmo porque o país atravessava uma crise econômica e naquele momento esse era um dos focos prioritários da política. E, por interessar a sociedade, por consequência, acabava sendo de interesse também da imprensa. A indiferença a temática das eleições diretas, durante esse período é classificada por José Marques de Melo (1984), como “conspiração do silêncio”.

Em dezembro de 1983, alguns jornais e revistas começaram a ver que a Campanha pelas Diretas Já ganhava novos adeptos. Era cada vez maior o interesse da população em se integrar a uma campanha em defesa da realização de eleições diretas para presidente e a possibilidade real de que isso acontecesse com a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, em tramitação no Congresso Nacional, dava notoriedade a Campanha. Com isso, a mídia foi aos poucos se integrando as Diretas. No entanto, tal posicionamento não era unânime, apenas parte da imprensa apoiava o movimento.

Até janeiro de 1984, somente alguns grupos de comunicação da imprensa escrita havia aderido à Campanha. Entre as revistas, Veja e Isto É eram as principais aliadas; entre os jornais, Estado de S. Paulo e Jornal do Brasil publicavam matérias periodicamente, mas era a Folha de S. Paulo a grande defensora. Ressalta-se que enquanto apenas a imprensa escrita apoiava à Campanha, o debate da temática nas classes populares era conduzido pelos membros dos movimentos sindicais, pela Igreja Católica e pelos diretórios regionais e locais dos partidos oposicionistas. Aos poucos, os jornais foram passando de mão em mão e as classes populares também foram tendo contato com os grandes jornais, normalmente acessados somente pelas classes média e alta. Como destaca Fernando Azevedo (2006, p.95):

com uma circulação dirigida para os leitores das classes AB (os chamados “formadores de opinião”), os grandes jornais, além da linguagem sóbria e culta, priorizam a cobertura política e econômica e praticam um jornalismo opinativo que coexiste com a tendência mais recente de se fazer um jornalismo de informação. Orientados para a elite e os formadores de opinião, estes jornais compensam a baixa penetração nas camadas populares

com a grande capacidade de produzir agendas, formatar questões e influenciar percepções e comportamentos tanto no âmbito político-governamental quanto no público em geral.

Ao apoiar uma campanha que se tornava popular, os grandes jornais tiveram a possibilidade de conquistar novos leitores. Assim, com a ampliação do público, a linguagem utilizada nas reportagens foi se caracterizando pelo tom leve e um pouco mais coloquial para não afastar o novo leitor. Além disso, os jornais ampliaram seus campos de atuação. Bastante conhecidos na região sudeste, eles passaram a ser lidos em outras regiões do País. Desse modo, os jornais se difundiram, ao passo que conquistaram credibilidade ao associar seus nomes à defesa de uma campanha que contava com o apoio popular<sup>23</sup>. Ressalta-se que o maior beneficiado quanto à conquista de novos leitores, a expansão de sua área de influência e o aumento da sua credibilidade enquanto empresa democrática foi o jornal Folha de S. Paulo, que se construiu discursivamente como o porta-voz da Campanha e da sociedade civil brasileira.

Acrescenta-se que enquanto jornais e revistas estavam cada vez mais presentes, as emissoras de televisão continuavam afastadas da cobertura das Diretas. O fato de as emissoras de televisão serem concessões públicas talvez tenha influenciado nessa postura de afastamento, tendo em vista que a temática não agradava ao Governo, que era quem concedia e retirava as autorizações para que as emissoras funcionassem. Por outro lado, jornais e revistas são empresas privadas prestadoras de serviço, que não dependem de concessão pública para funcionarem, embora muitas vezes, estejam ligados a Governos e dependam do apoio financeiro desses, vindo por meio de campanhas publicitárias.

Aos poucos, a população foi percebendo o tratamento diferenciado dado ao tema por determinadas emissoras. A postura da Rede Globo de Televisão era a que mais incomodava, pois a maior emissora do país que já tinha influência, credibilidade e seus telejornais eram assistidos por milhões de brasileiros, continuava ignorando a existência da Campanha. “A Rede Globo sonegava aos seus milhões de espectadores o direito a uma informação essencial sobre a história que estava sendo feita nas ruas. E fazia isso conscientemente” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.287).

Em dezembro de 1983, a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) encaminhou um documento a Roberto Marinho, então presidente da Rede Globo, formalizando seu protesto contra a emissora, pelo seu posicionamento de não fornecer informações relacionadas à Campanha pelas Diretas. No entanto, embora o jornalismo da TV Globo não noticiasse a

---

<sup>23</sup> A Folha de S. Paulo, por exemplo, ficou conhecida nacionalmente depois do apoio à Campanha pelas Diretas.

Campanha com a amplitude com que esta acontecia nas ruas, a direção da empresa não reprimia a participação de seus funcionários, artistas e apresentadores em atos à favor das Diretas. Segundo Leonelli e Oliveira (idem, p.348), “os funcionários da Rede Globo [...] participavam ativamente dos atos públicos em favor das diretas e expunham suas posições políticas em jornais e revistas do País, sem sofrerem repressão por parte da emissora”.

Com o crescimento da campanha nas ruas e com a temática quase que diariamente presente nas capas dos principais jornais e revistas da imprensa brasileira, as emissoras de televisão não puderam continuar ignorando o assunto ou o reduzindo a pequenas notas cobertas<sup>24</sup>. Nesse contexto, a Rede Bandeirantes de Televisão foi a primeira emissora a oficializar o seu apoio. Em 25/01/1984, a emissora “contrariando seus próprios interesses empresariais e desconsiderando toda a orientação governamental para não transmitir os comícios das Diretas, colocou no ar [...], as imagens ao vivo do grande comício da Sé” (LEONELLI; OLIVEIRA, op.cit., p.349).

Aos poucos, os diretores da Rede Globo perceberam que ir contra a Campanha, era ir contra aos desejos da população brasileira e da opinião pública. Essa postura abalava a liderança ideológica que a emissora já detinha, naquela época. Desse modo, a equipe de jornalismo passou a cobrir os eventos públicos das Diretas, mesmo com os protestos dos participantes que não se deixavam enganar pela entrada repentina desta na defesa de uma Campanha que fingiu não existir. Para Murilo Ramos (1985), no caso das Diretas, a emissora detentora da maior audiência no País, foi do boicote ao quase engajamento.

Observa-se que a televisão tem o poder de estabelecer representações da política<sup>25</sup> e muitas vezes, consegue fixá-las no imaginário coletivo. Entretanto, como destaca Mauro Porto (2010, p.17), “em diversos momentos históricos, quando uma determinada idéia ganhou força na sociedade civil, a televisão não conseguiu impor a sua interpretação (ou representação) da vida política e teve que retroceder”. No caso das Diretas, a mudança de posicionamento da Rede Globo com relação à Campanha é um exemplo desse recuo. Chegou-se num ponto em que a representação construída pela Rede Globo se contrapõe a imagem que o público construiu com base em outras fontes. A perda da credibilidade fez com que a postura fosse repensada e a emissora adequasse seu posicionamento ao do restante da mídia.

---

<sup>24</sup> No âmbito do telejornalismo, nota coberta se refere a uma pequena notícia com imagem, onde o texto é lido pelo âncora enquanto as imagens são mostradas. Referências em RABAÇAS; BARBOSA (2001, p.512).

<sup>25</sup> Sobre a mídia enquanto espaço de representação da política, recomenda-se a leitura do capítulo Cenários de Representação da Política, de autoria de Vinício Lima, publicado no livro **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens** (RUBIM(org), 2004, p.9-40); bem como do livro **Mídia: teoria e política** (LIMA, 2004).

Com a entrada das emissoras de televisão na cobertura, as “Diretas ganha um novo e precioso elemento de força: o acompanhamento visual e a integração virtual das grandes massas e não apenas da massa politizada do País” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.350). Destaca-se que para Vinício Lima (2004, p.22) “a televisão rompe a necessidade da conexão entre presença física e experiência. Não é mais necessário ‘estar presente’ para experimentar, ‘presenciar’”. Deste modo, a inserção das emissoras de televisão na cobertura das Diretas colaborou para aproximar ainda mais a Campanha do povo. Ainda nesse sentido, Ana Maria Fadul (1985) assinala que o grande agente de mobilização das Diretas foi a televisão, pois a dimensão nacional do movimento era impossível somente através da imprensa escrita ou do rádio.

Mas, mesmo que as emissoras de televisão tenham sido os grandes agentes de mobilização, a participação de jornais e revistas foi fundamental para a articulação de toda a Campanha, pois esta foi sendo construída nas páginas dos jornais e revistas, tendo em vista que as transmissões televisivas se resumiram aos grandes atos públicos.

Desse modo, tanto a mídia impressa quanto a televisiva podem ser vistas como palco onde as articulações políticas foram apresentadas. De fato, à medida que a imprensa ocupa um lugar de destaque na esfera pública, as diversas esferas – dentre elas, a política – migram para esse novo espaço de atuação. Como destaca Rejane Carvalho (1999, p.106), “atuando como ‘macro-testemunhas’ os *mídia* transformariam a própria esfera pública. A visibilidade midiática tenderia a destituir o parlamento da condição de palco principal”.

Contudo, a utilização da mídia como palco para a política brasileira não iniciou com a campanha pelas Diretas. Em outros momentos da história política do Brasil, o papel da imprensa foi importante tanto para as articulações quanto para o desfecho da situação. No caso das Diretas, a imprensa foi fundamental para a mobilização e poderia ter sido decisiva para o desfecho, se não tivesse sido decretada a censura as emissoras de rádio e de televisão, para o dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, no Congresso Nacional<sup>26</sup>.

Até aqui, falou-se sobre a integração da mídia a Campanha. Mas, outro fator importante nas Diretas diz respeito à participação e ao apoio financeiro e político oferecido por alguns governadores de Estado, em especial, os ligados ao PMDB. Ressalta-se que sem o apoio dos Governos Estaduais, dificilmente os comícios teriam sido realizados como grandes espetáculos. Desse modo, é sobre a participação de governadores na Campanha que se falará no tópico seguinte.

---

<sup>26</sup> Continuar-se-á a falar sobre esse aspecto no tópico 1.5.

#### 1.4 Comícios passam a ser pensados como espetáculos

O apoio dos governadores foi o primeiro passo para transformar os comícios em grandes espetáculos. Em outubro de 1983, oito governadores pelo PMDB, dentre eles Franco Montoro, de São Paulo; Tancredo Neves, de Minas Gerais; José Richa, do Paraná e Jader Barbalho, do Pará, reuniram-se em Foz do Iguaçu - RS. Nessa reunião, eles decidiram apoiar ideologicamente e materialmente à campanha pelas eleições diretas. Cada governador assumiu o compromisso de comandar em seu Estado os debates e as manifestações em defesa da aprovação da Emenda Dante de Oliveira.

A adesão dos governadores ao passo que era significativa para a Campanha também o era para eles, pois apoiar as Diretas constituía uma forma de:

continuar sendo oposição sem agredir o presidente e o governo, apenas defendendo uma tese que até o presidente admitia discutir; ultrapassar as dificuldades financeiras e administrativas dos seus governos estaduais com uma emocionante mobilização popular; unir ou manter unidas as forças políticas que os elegeram, sob a bandeira amarela e vibrante das diretas já; colocar a campanha, que já se iniciava com alguma força, sob o comando de cada governador em seus estados, ou pelo menos ampliar sua participação na coordenação da campanha; atrair para eles a interlocução com o governo, que avançava para uma negociação em torno das Diretas Já (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.269-270).

A integração dos governadores contribuiu para ampliar o poder de organização dos atos públicos, pois a Coordenação Nacional das Diretas passou a contar, também, com o apoio material dos governos de Estado e conseqüentemente com as empresas prestadoras de serviço. Sem o apoio dos governos, por maior que fosse a adesão da sociedade dificilmente teriam sido organizados os grandes espetáculos em que foram transformados os comícios em defesa das Diretas.

Junto com os governos estaduais entraram em cena as agências de publicidade. As empresas que prestavam serviço para os governos foram estimuladas a participar e conseqüentemente as que tinham interesse futuro em trabalhar para estes, começaram a se mobilizar. A Companhia Brasileira de Publicidade (CBP) reproduziu milhares de mensagens de natal com a expressão “Diretas Já”. O primeiro adesivo “Eu quero votar pra presidente” foi patrocinado pelo laboratório Sitofarma. O Carrefour, uma das maiores redes de supermercado do País, veiculou anúncio de página inteira com a frase DIRETAS 84: o anúncio produzido pela Norton Publicidade não falava de eleições, mas se engajava na Campanha, por meio da associação ao tema.



Em janeiro de 1984, deu-se início aos grandes comícios que marcaram a história política de muitas cidades brasileiras. A alegria e a criatividade das torcidas organizadas de futebol saíram dos estádios e foram às ruas. De janeiro a abril de 1984, o lema das torcidas<sup>27</sup> de clubes futebolísticos passou a ser a campanha pelas diretas. Influenciados pelo locutor esportivo Osmar Santos – que ficou conhecido como ‘locutor das Diretas’, depois de ser convidado por Franco Montoro, então governador de São Paulo, para ser o apresentador oficial dos comícios – as torcidas se integraram à Campanha.

Se em 1983, a campanha pelas Diretas pretendeu mobilizar parlamentares a favor da aprovação da Emenda Dante de Oliveira; em 1984, ela quis mobilizar a população e com isso chamar à atenção da mídia. Desse modo, os comícios foram produzidos como espetáculos. Guy Debord (1997) enfatiza que ao passo que os *mass media* alcançam um lugar de importância na sociedade, esta passa a se interessar prioritariamente pelo espetáculo. Dessa maneira, as diversas atividades que compõem o cenário social começam a serem pensadas para alcançarem visibilidade na mídia: a política e outras atividades se adequam aos formatos e às linguagens dos *medias*, tornando-se mais encenadas<sup>28</sup>, para serem inseridas no âmbito midiático. “É justamente em função da ‘visibilidade’, da necessidade de conhecimento e reconhecimento por parte dos sujeitos políticos [...] que a arte ou artifício de produção de representações, de repente, demonstra-se como extremamente útil para a política” (GOMES, 1996, p.32).

No dia 12/01/1984, cerca de 50 mil pessoas foram a Rua das Flores, em Curitiba-PR, para participar de um comício da campanha pelas Diretas. Além de políticos, como José Richa, então governador do Paraná, Tancredo Neves, Ulisses Guimarães e Lula, artistas como Raul Cortez, Martinho da Vila, Dina Sfat participaram do comício, sob a apresentação de Osmar Santos. Para o evento na capital paranaense foram confeccionados 2,5 milhões de panfletos; 15 mil cartazes e 15 mil camisetas com a frase “Eu quero votar pra presidente”, *slogan* elaborado pela agência Exclam de Publicidade. Inicialmente, os números do material promocional já chamavam à atenção, mas estes seriam superados com a realização de novos comícios.

Após o evento em Curitiba, os comícios foram preparados para serem vistos e sentidos através da mídia e os discursos passaram a ser elaborados de modo a tocarem as pessoas presentes. Além do apoio dos governos estaduais, a organização dos comícios contava, ainda,

---

<sup>27</sup> Nesse mesmo período, as torcidas organizadas de futebol também começaram a atuar na defesa pelas diretas. A torcida do Flamengo, por exemplo, criou o fla-diretas que animava os comícios no Rio de Janeiro.

<sup>28</sup> Sobre a encenação da política na mídia recomenda-se a leitura de: **O Estado Espetáculo** (SCHWARTZENBERG, 1978).

com a criatividade de Mauro Montoryn (único publicitário contratado diretamente pelo PMDB). Depois, a agência de publicidade Exclam seria contratada pelo Diretório Nacional do PMDB. Nesse período, o chamado marketing político, iniciado timidamente durante as eleições de 1982, consolidava-se no mercado brasileiro<sup>29</sup>.

Depois de Curitiba foi a vez da cidade de São Paulo preparar seu comício. Durante a organização do evento, seguida de perto pelo então governador do estado de São Paulo, Franco Montoro, foram produzidos 1 milhão de cartazes; 5 milhões de panfletos convocatórios, além de chamadas na televisão, no rádio, em carros de som e de outros milhões de santinhos com a letra do ‘Frevo das Diretas’ – música composta por Moraes Moreira e Paulo Leminski – que foram jogados de um avião sobre os bairros da cidade de São Paulo. “Segundo o secretário de Comunicações de São Paulo, Jorge Cunha Lima, o material foi produzido gratuitamente pelas agências de publicidade *Denison, CBP, DPZ, Adag* e a *Exclam*, esta última de Curitiba” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.352). O comício em São Paulo, realizado em 25/01/1984, reuniu 300 mil pessoas que lotaram a Praça da Sé e as ruas adjacentes, para ouvirem artistas e políticos.

Os atos públicos seguiam uma marcação teatral: os atores e as atrizes eram os primeiros a manifestarem seus apoios, em seguida entravam os cantores e no final, fogos de artifícios anunciavam a chegada dos políticos ao palco. Os discursos eram marcados pela emoção e por gestos que se tornaram rotina. Dentre os mais simbólicos, destaca-se: os políticos de mãos dadas ao final do comício, enquanto cantavam o Hino Nacional e o vôo de uma pomba branca que era solta por Fafá de Belém, após a música ‘Menestrel das Alagoas’, numa homenagem a Teotônio Vilela.

Para Antônio Albino Rubim (2004, p.190), “a política não se realiza sem recorrer às encenações, aos papéis sociais especializados, aos ritos e rituais determinados”. Neste sentido, pode-se dizer que a forma como os comícios da Campanha pelas Diretas foram organizados refletiam uma encenação política, com imagens preparadas prioritariamente para o registro fotográfico e televisivo, a exemplo das mãos dadas ao final dos atos públicos. Quanto aos discursos, observa-se que esses foram produzidos de modo a emocionar o grande público, sendo preparado numa linguagem acessível a todos, sem jargões parlamentares. Neste ponto, nota-se que à medida que a política tem a mídia como espaço de visibilidade, o “discurso político passa a considerar as estratégias voltadas para a produção e administração de afetos e de emoções, para a conversão de eventos e idéias em narrativas” (GOMES, 2009, p.3). É

---

<sup>29</sup> Sobre a entrada de publicitários nas campanhas políticas, sugere-se a leitura de: **Transição Democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política** (CARVALHO, 1999).

neste momento de adaptação da política a esse espaço de visibilidade, na esfera pública, que “o espetáculo, antes afirmação suntuosa do poder ganha uma nova dimensão: ele passa a ser produzido também como modo de sensibilização, visando à disputa do poder, e como construtor de legitimidade política” (RUBIM, 2004, p.189).

No caso das Diretas, observa-se que o próprio movimento forneceu os elementos que permitiram a sua espetacularização na mídia. Os discursos, os gestos, a maneira como os comícios foram organizados, os fogos de artifícios, a chuva de papel picado ao final de cada comício: todos esses detalhes contribuíram para a espetacularização. Esses elementos, por sua vez, estão inseridos no conjunto que Rubim (idem) classifica como “dispositivos constitutivos do espetáculo”. São eles que ajudam a potencializar a “dramaticidade, a teatralidade e a encenação contidas no evento espetacular” (RUBIM, op.cit, p.194). Desse modo, ao passo que a mídia potencializou esse conjunto de dispositivos, que foi fornecido pela própria Campanha, ela apresentou as Diretas como um espetáculo midiático<sup>30</sup>.

Ainda em janeiro de 1984, aconteceram comícios concomitantes na região Nordeste e em cidades do interior de São Paulo. Em fevereiro de 1984, a Campanha percorreu diversas cidades nas regiões Nordeste e Norte do País. A ‘Caravana das Diretas’ percorreu as capitais fora das regiões sul e sudeste, sob o comando de Ulisses Guimarães (PMDB); Lula (PT) e Doutel de Andrade (PDT) e foi publicizada pelo jornal Folha de S. Paulo, que enviou o jornalista Ricardo Kotscho para acompanhar a Caravana. Fevereiro de 1984 ainda seria marcado pela oficialização do amarelo<sup>31</sup> como cor das Diretas; pela criação de uma Coordenação Suprapartidária para a Campanha e pelo comício na capital mineira, que levou mais de 300 mil pessoas à Praça Rio Branco, no centro de Belo Horizonte - MG<sup>32</sup>.

Durante a Campanha, vários bordões se popularizaram, dentre eles: ‘Um, dois, três, Maluf no xadrez’; ‘Chora Figueiredo, Figueiredo Chora, Chora Figueiredo que chegou a sua hora’; ‘Um dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil’; ‘O povo não é bobo, fora a Rede Globo’. Nota-se que a criatividade do brasileiro fez com que um assunto político se transformasse em festa. Para Jesús Martín-Barbero (2006), o povo se inseriu no movimento, não pelo poder manipulatório de alguns meios massivos, mas por se reconhecer

<sup>30</sup> Acrescenta-se que durante a realização desta dissertação foi produzido artigo intitulado **O espetáculo como manchete: da Candelária uma multidão pede eleições diretas para presidente do Brasil**. Este, por sua vez, foi apresentado no GT Teorias do Jornalismo, do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e realizado na Universidade Positivo, em Curitiba – PR, entre os dias 4 e 7 de setembro de 2009. Referências em JESUS (2009b).

<sup>31</sup> Destaca-se que Caio Graco Prado, fundador da editora Brasiliense e filho de Caio Prado Júnior, foi quem estimulou uma campanha publicitária toda em amarelo como símbolo das Diretas Já.

<sup>32</sup> Segundo dados da reportagem intitulada **Minas sai às ruas para exigir eleições diretas**, publicada pela Folha de S.Paulo, em 25/02/1984, na página 4, da editoria de Política.

como parte integrante da Campanha. Segundo Martín-Barbero (idem, p.322) tudo isso foi possível porque o povo, que ganhava voz na multidão, estava em “redescoberta de sua cidadania, reinventando sua identidade, num espetáculo que fundia festa e política, fazendo política a partir da festa”<sup>33</sup>.

Ressalta-se que no decorrer das Diretas, a lista de oradores gerou problemas em todos os estados da Federação brasileira; sendo necessários vários dias para que a lista fosse fechada, ainda que sob protestos e insatisfação de muitos outros. No entanto, mesmo com a existência de uma lista, muitas eram as pessoas que falavam durante os comícios, sem que tivessem sido anunciadas. Outra evidência, comum em quase todos os comícios, foram os movimentos de ocupação espacial das áreas estratégicas, onde aconteciam os atos públicos. Estes “tinham três grandes objetivos: garantir ou exigir a palavra dos seus líderes na manifestação; vaiar ou aplaudir falas ou pessoas determinadas; dar visibilidade às forças das militâncias presentes” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.368).

Tanto no anseio de participação como orador do comício, quanto na disputa pelos lugares mais próximos dos palcos, infere-se a busca pela visibilidade que a associação à imagem do movimento conferia aos participantes. Essa busca associativa pode ser explicada pela necessidade que as pessoas têm de participarem de uma mobilização coletiva e serem vistas fazendo parte desse movimento (BAUMAN, 2000). De fato, numa sociedade onde a mídia foi colocada no centro das atividades, percebe-se que a busca pela visibilidade conduz a uma super valorização da imagem como forma constitutiva da “realidade”.

Depois do sucesso dos comícios em Belo Horizonte - MG e em São Paulo - SP, temia-se que a realização de outras mobilizações não tivesse a mesma popularidade daqueles. A responsabilidade da decisão de organizar outro comício seria enorme, pois além de ter a obrigação de reunir no mínimo a mesma quantidade dos anteriores, planejar outro poderia soar como uma provocação ao Governo Militar. Desse modo, em março de 1984, foram realizadas apenas pequenas manifestações em cidades interioranas, mas nenhuma nos grandes centros. Além disso, a temática das Diretas, durante esse período, esteve nas ruas como pauta principal de blocos carnavalescos e escolas de samba. Contudo, ainda em março de 1984, a Campanha esteve muito mais voltada para os debates no Congresso Nacional e para a busca de novas adesões para a aprovação da Emenda, na Câmara dos Deputados.

A proximidade da votação da Emenda levou a Coordenação Suprapartidária a realizar novos comícios, nos grandes centros urbanos, marcados para as primeiras semanas de abril de

---

<sup>33</sup> Sobre a participação popular na campanha pelas Diretas Já recomenda-se a leitura de: **Redescobrimo o Brasil: a festa na política** (MEYER; MONTES, 1985).

1984. Desta vez, a Campanha contava com a participação das emissoras televisivas, inclusive com a Rede Globo de Televisão. O apoio das emissoras de televisão influenciou positivamente a Campanha, ajudando na mobilização e na divulgação das imagens dos comícios. A busca pela visibilidade midiática influenciava ainda mais a participação das pessoas e principalmente dos movimentos sindicais e partidos políticos, que “mesmo gritando ‘o povo não é bobo, fora a TV Globo’, não dispensavam seus poderosos refletores e disputava, na cotovelada, a aparição de bandeiras na telinha” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.350).

Em abril de 1984, as mobilizações bateram todos os recordes. Em 05/04/1984, Recife - PE reuniu 80 mil pessoas; em 10/04/1984, o comício da Candelária, no Rio de Janeiro - RJ, primeiro comício a ter transmissão ao vivo da Rede Globo, reuniu 1 milhão de brasileiros<sup>34</sup>; em 12/04/1984, Goiânia - GO reuniu 250 mil; em 13/04/1984, Porto Alegre - RS uniu 200 mil pessoas em defesa das Diretas e na tarde do dia 16/04/1984, mais de 1,5 milhões de brasileiros participaram do maior comício em defesa das Diretas, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo - SP<sup>35</sup>. Entre as pessoas presentes no Vale do Anhangabaú, um boneco de três metros de altura, com chapéu, óculos e bengala chamava à atenção: era um “boneco de Olinda” representando o alagoano Teotônio Vilela<sup>36</sup>, falecido em 23/11/1983, que simbolicamente participava do último comício da Campanha, que ele ajudou a nascer.

Em geral, os comícios pelas eleições diretas foram uma mistura de celebração da democracia, festa popular e debate político. Como destaca Jürgen Habermas (1984, p.241), “perante a esfera pública ampliada, os próprios debates são estilizados num show”. Durante as Diretas, pode-se dizer que esse show era representado pelos próprios atos públicos, que reuniram milhões de brasileiros em diversas cidades do País, nos quatro primeiros meses de 1984.

O comício no Vale do Anhangabaú, em 16/04/1984, parecia assinalar o fim do Colégio Eleitoral, com a instauração das eleições diretas, após a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, no Congresso Nacional, no dia 25/04/1984. O apoio da mídia e a pressão popular ajudavam a reforçar a possibilidade de vitória da opinião pública, que naquele momento se mostrava a favor das eleições diretas para presidente. Mas, para a decepção de milhões, essa

---

<sup>34</sup> Segundo dados da reportagem intitulada **Rio faz o maior comício da história do Brasil**, publicada pela Folha de S. Paulo, em 11/04/1984, na página 4, da editoria de política.

<sup>35</sup> Segundo dados de reportagens publicadas no jornal Folha de S. Paulo.

<sup>36</sup> Explicou-se, na nota de rodapé nº21, o porquê do alagoano Teotônio Vilela ter sido homenageado com um “boneco de Olinda”.

história ainda não estava escrita por completo, faltavam os últimos capítulos e esses seriam bem diferentes do que todos àqueles que participaram das manifestações pensavam escrever.

### **1.5 Câmara dos Deputados diz “não”**

Com a proximidade da data de votação – marcada para o dia 25 de abril<sup>37</sup> de 1984 – o Comitê Suprapartidário Pró-Diretas propôs uma paralisação nacional, no dia da votação. A intenção era a de que todos parassem suas atividades para assistirem a sessão do Congresso Nacional. O acompanhamento do voto de cada parlamentar, através das emissoras de televisão, poderia ter influência direta sobre os votos desses parlamentares, pois estes teriam receio de ir contra a opinião pública e a todos os milhões de brasileiros que acompanhariam a transmissão.

Neste caso, a mídia televisiva seria mais do que uma simples testemunha, ela acabaria por exercer seu poder de visibilidade, o que promoveria uma encenação direcionada para a esfera pública. Em outras palavras, “a presença das câmeras altera a forma e o rumo dos acontecimentos que se produzem para serem mostrados” (CARVALHO, 1999, p.22). Talvez por esse motivo, o Governo tenha proibido às emissoras de rádio e de televisão de divulgarem qualquer informação a respeito da sessão do dia 25/04/1984, no Congresso Nacional.

Em 17/04/1984, junto com a proibição das transmissões radiofônicas e televisivas, foram decretadas medidas de emergência no Distrito Federal e nas cidades adjacentes, com o alerta de que tais medidas poderiam se estender ao País inteiro se assim fosse necessário. Na tarde do dia 24/04/1984, sob o comando do general Newton Cruz, o Congresso Nacional foi cercado pelas tropas do Exército. O cerco durou algumas horas, até que as rampas do Congresso foram liberadas, ficando o Exército nas imediações.

Na manhã do dia 25/04/1984, o país amanheceu a espera de um resultado que viria de Brasília. A sessão do Congresso foi aberta às nove horas. Durante todo o dia, houve debates e pronunciamentos a favor e contra a Emenda. Segundo Leonelli e Oliveira (2004), a votação só iniciou por volta das vinte e três horas. “Durante todo o tempo, o sim sempre esteve à frente do não, mas a vitória da oposição estava longe de ser assegurada. Os pedessistas ausentes iam definindo o resultado” (LEONELLI; OLIVEIRA, idem, p.589).

---

<sup>37</sup> Coincidentemente, nesta mesma data se comemora o fim da ditadura salazarista em Portugal, ocorrida em 25/04/1974, que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos.

Como era previsto, nenhuma informação jornalística pôde ser divulgada acerca da votação sem ter sido previamente aprovada pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel), órgão sob o comando do então coronel Antônio Fernandes Neiva. Não bastando à censura à imprensa, todos os telefones do Congresso Nacional permaneceram desligados, durante todo o dia 25/04/1984: a direção do Congresso alegou problemas técnicos.

Em resposta a censura, naquele dia histórico, as rádios tocaram exaustivamente músicas que se transformaram em bandeiras políticas, vinculadas a campanha como: ‘Apesar de você’, ‘O Bêbado e o equilibrista’, ‘Pra não dizer que não falei das flores’, ‘Coração de estudante’, ‘Pelos bares da vida’ e ‘Menestrel das Alagoas’. As emissoras de televisão, por sua vez, utilizaram-se de silêncios, pausas e associações ao tema das Diretas. O intuito era fazer com que ninguém esquecesse que a Emenda estava sendo votada, mesmo que não pudessem dizer nada a respeito.

Muitas pessoas que esperavam pelo resultado da votação, em todas as cidades brasileiras, já estavam dormindo, quando este foi anunciado pelo então presidente da Câmara, deputado Flávio Marcílio. Com 298 votos a favor, a Emenda Dante de Oliveira foi reprovada pela Câmara dos Deputados. Faltaram apenas 22 votos para que alcançasse os 320 necessários à aprovação. Com a reprovação, a emenda foi arquivada e nem chegou a ser apreciada pelo Senado.

Na manhã do dia 26/04/1984, milhões de brasileiros foram surpreendidos com a manchete do jornal Folha de S.Paulo, que havia fechado às três e meia da madrugada e foi o único jornal impresso brasileiro a dar a notícia na edição daquele dia. O jornal O Estado de S. Paulo que segundo Ricardo Kotscho (2006, p.128), “fechara no horário normal, encalhava, com uma manchete que virou folclore: ‘Faltam votos para a aprovação das Diretas’”. A manchete da Folha intitulada ‘A NAÇÃO FRUSTRADA!’ (1984, p.1) representava os sentimentos de milhões de brasileiros, que viram seu desejo exposto na rua com ordem e pacificidade ser destruído por alguns parlamentares.

Com a proibição da transmissão ao vivo e o controle sob todas as informações que vinham de Brasília, os brasileiros deixaram de ser testemunhas do que poderia ter sido um dos mais belos capítulos de nossa história: a conquista do direito de escolher o presidente, defendido numa Campanha cujo protagonista foi o próprio povo. É importante ressaltar que “no dia 26, as emissoras de rádio e televisão voltaram a veicular normalmente o material político, mas a divulgação das informações anteriormente gravadas continuava proibida. O governo parecia querer apagar o dia 25 de abril” (LEONELLI; OLIVEIRA, 2004, p.549).

Desse modo, a história que havia começado a ser escrita oficialmente em março de 1983 chegou ao fim em 25/04/1984. Diferente das histórias contadas no cinema, na televisão e nos folhetins, o protagonista – o povo brasileiro – não teve o final que desejava, pois a Emenda foi reprovada e com ela o sonho de votar para presidente teve que esperar mais alguns anos. Quanto aos outros personagens das Diretas – políticos e artistas – esses seguiram suas trajetórias: alguns colhendo os frutos das árvores que plantaram durante a Campanha; outros colhendo mesmo sem terem plantado<sup>38</sup>. Entretanto, a Campanha pelas Diretas marcou a história política brasileira e acabou sendo transformada num discurso constituinte<sup>39</sup> para o imaginário político brasileiro.

A colocação do discurso das Diretas no grupo dos discursos constituintes se justifica, em parte, pela recorrente busca por referências no episódio, seja para legitimar, seja para deslegitimar algum posicionamento político diante da sociedade<sup>40</sup>. Mas, ressalta-se que, no âmbito desta perspectiva, o discurso das Diretas integra o grupo de textos que a posteridade julgou fundadores retrospectivamente. Para o cientista político Alberto Tosi Rodrigues (2003), foi na campanha das Diretas que a nova sociedade civil brasileira se enxergou como sociedade plural e participativa. Fato que segundo Rodrigues (idem), colabora para que o episódio das Diretas Já seja classificado como uma ‘encruzilhada histórica’.

Ressalta-se que a transformação da Campanha em exemplo no imaginário político brasileiro, deve-se em parte aos efeitos da memória midiática sob a memória coletiva, ambos existentes acerca das Diretas Já. Neste ponto, deve-se ter em mente que a memória coletiva tem como uma de suas funções fornecer um quadro de referências e de pontos de referências (POLLAK, 1989). Assim, a ativação de uma imagem simbólica da Campanha na memória coletiva ajuda a conferir aos políticos uma legitimidade democrática ao falarem de interesses coletivos e princípios democráticos. Daí, porque o discurso das Diretas Já é com frequência retomado durante as campanhas eleitorais.

---

<sup>38</sup> O político José Sarney, por exemplo, mesmo não participando da campanha das Diretas Já, teve sua imagem atrelada à luta democrática, após assumir a Presidência da República, depois da morte de Tancredo Neves, presidente eleito que morreu antes de tomar posse. Uma análise da incorporação de elementos do passado na construção da imagem de José Sarney, especificamente através de um discurso em torno da memória das Diretas-Já e de Tancredo Neves é apresentada por: FORTES (2009).

<sup>39</sup> A noção de *discurso constituinte* é introduzida por D. Maingueneau e F. Cossuta, em artigo produzido em 1995 e publicado na revista *Languages*. Este termo foi usado para caracterizar os discursos “que desempenham um papel fundador, que sobre registros diversos servem de garantias últimas para multiplicidade das produções discursivas de uma coletividade” (MAINGUENEAU, 1998, p.31).

<sup>40</sup> Acrescenta-se que durante a realização desta dissertação foi produzido artigo em co-autoria intitulado **Em busca de referências: a Campanha pelas Diretas Já como discurso constituinte para a política brasileira**. Este foi apresentado na VII Semana de Humanidades e I Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação em Humanidades, realizado na Universidade Federal do Ceará – UFC, no período de 4 a 7 de maio de 2010. Referências em JESUS; CARVALHO (2010b).



Neste ponto, infere-se que na história da política brasileira, a Campanha pelas Diretas é vista como exemplo, onde se busca referências. O que faz das Diretas um belo capítulo – embora não tenha alcançado o seu objetivo principal: a aprovação da Emenda Dante de Oliveira – são todos os elementos que a cercaram, tal como: a entrada da população na política – o que não se repetiu mais com o mesmo vigor.

Até aqui, buscou-se abordar a Campanha pelas Diretas por entender que uma pesquisa que se propõe a analisar uma cobertura jornalística de um movimento que marcou a história política de um País, não poderia fazer isso, sem antes disponibilizar elementos que ajudassem a conhecer ou relembrar o fato histórico. Por esses mesmos motivos, entende-se ser significativo falar sobre o jornal Folha de S. Paulo, tendo em vista que são analisadas, nesta pesquisa, reportagens publicadas por esse jornal.

Desse modo, considerando André Cellard (2008, p.300) para quem “não se pode pensar em interpretar um texto, sem ter previamente uma boa idéia da identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever”, resolveu-se por dedicar o segundo capítulo desta dissertação à apresentação do jornal Folha de S. Paulo, abordando, dentre outros aspectos, a relação da Folha e de seus repórteres com a Campanha pelas Diretas.

## 2 UM JORNAL EM DEFESA DAS DIRETAS

Antes de falar sobre a relação do jornal Folha de S. Paulo e de seus repórteres com a Campanha pelas Diretas Já, entende-se ser necessário oferecer algumas informações acerca da história desse jornal. Apresentar a Folha, sob uma perspectiva histórica, ajudará a entender a adoção de posicionamentos políticos e ideológicos por parte desse jornal, em diferentes momentos da história política do Brasil. Isso contribuirá para se conhecer as razões que levaram a Folha de S. Paulo a apoiar as Diretas, transformando-se num dos seus principais defensores.

Ainda neste sentido, acrescenta-se que historicizar a fonte é o passo inicial para se estabelecer uma análise. Como destaca Tânia Regina de Luca (2006, p.140), jornais não são “obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os tornam projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de idéias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita”. Desse modo, reforça-se a importância de se “identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos [...] inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros” (LUCA, op. cit, idem).

Assim, verifica-se a necessidade de se conhecer quem fala, pois como alerta Eni Orlandi (2008, p.95), “as palavras não significam por si, mas pelas pessoas que as falam ou pela posição que ocupam os que as falam”. Desta forma, para compreender as estratégias discursivas utilizadas pela Folha, no decorrer da cobertura da Campanha pelas Diretas, é necessário, antes de qualquer coisa, conhecer quem fala e principalmente a quais interesses estão vinculados o seu discurso. No entanto, é importante destacar que não se pretende estabelecer uma narrativa histórica minuciosa acerca do jornal Folha de S. Paulo<sup>41</sup>. Nesta perspectiva, será apresentado, no primeiro tópico deste capítulo, apenas o que se considera elementos fundamentais, de modo a disponibilizar informações básicas sobre a história do jornal, cujas reportagens são analisadas, destacando dentre outros aspectos, suas ligações com diferentes correntes políticas e interesses financeiros.

---

<sup>41</sup> Sobre a história da Folha de S. Paulo recomenda-se a leitura de: **História da Folha de S. Paulo: 1921-1981** (MOTA; CAPELATO, 1981). Sobre a Folha de S. Paulo enquanto conglomerado jornalístico recomenda-se a leitura de: **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil** (TASCHNER, 1992).

## 2.1 Apresentando o jornal Folha de S. Paulo

Para chegar, propriamente, ao jornal Folha de S. Paulo é preciso voltar um pouco no tempo, mais precisamente ao ano de 1921, época em que foi criado o jornal Folha da Noite<sup>42</sup>. Fundado por Olival Costa e Pedro Cunha (1921-1930), a Folha da Noite nasceu com o objetivo de se tornar popular. Apresentando uma orientação localista, voltava-se especialmente para os problemas da cidade, chamando a atenção para as necessidades da população da cidade de São Paulo. Quanto a este aspecto, Carlos Guilherme Mota e Maria Helena Capelato (1981, p.28), destacam que “as dificuldades de habitação, saúde, educação, transporte, lazer que afetavam especialmente os setores da sociedade para os quais o jornal se dirigia eram frequentemente abordados”.

No que diz respeito ao posicionamento político, a Folha da Noite nasceu como um jornal de oposição. Mas, esta não era uma postura definitiva, pois como explica Gisela Taschner (1992, p.41), a primeira edição do referido periódico trouxe um editorial “em que o jornal assumia explicitamente a postura de *oportunistista*<sup>43</sup>, entendendo por este termo o direito de mudar de opinião sempre que novos fatos assim o exigissem”.

Em 1925, quando a Folha da Noite já havia conquistado um lugar no mercado jornalístico, Olival Costa e Pedro Cunha lançaram a Folha da Manhã. Segundo a análise de Taschner (idem) o novo jornal explicitava o sucesso conquistado pelos empresários Costa e Cunha com a Folha da Noite, ao mesmo tempo, em que constituía a possibilidade de aumento dos lucros do Grupo empresarial, com a publicação de outro periódico, este numa versão matutina.

Na perspectiva de conquistar outros setores da sociedade, o novo jornal se definia ainda como um jornal local, urbano, mas não como um “jornal popular”. No entanto, apenas na apresentação acabavam se diferenciando as duas Folhas – o conteúdo seria praticamente o mesmo. [...]. As *Folhas*, no intuito de aumentar seu público leitor, se utilizavam das temáticas que repercutiam nas classes médias; isto não significa porém que sua atuação se identificasse de forma direta com esse setor da sociedade (MOTA; CAPELATO, 1981, p.28-29).

Acrescenta-se que no decorrer da primeira fase das Folhas (1921-1930), as posições ideológicas defendidas pelos dois jornais sofreram alterações. Inicialmente, adotou-se uma postura crítica à política dominante, mas no ano de 1929, observou-se grande modificação na

<sup>42</sup> O jornal Folha da Noite é considerado a raiz de todo o conglomerado que viria a ser conhecido a partir da década de 1960, como Folha de S. Paulo.

<sup>43</sup> Ressalta-se que a época o termo “oportunistista” não tinha em seu uso um teor negativo.

linha ideológica dos jornais de Costa e Cunha. Essas mudanças ideológicas ocasionaram o distanciamento dos setores de oposição, proporcionando uma aproximação com a política situacionista, chegando ao apoio integral ao Governo vigente (MOTA; CAPELATO, op. cit). Dessa forma, em 1929, as Folhas se colocaram a favor do Governo do então presidente da República, Washington Luiz (1926-1930) e contrárias a Aliança Liberal<sup>44</sup>.

Para Mota e Capelato (idem), a mudança de posicionamento político, nesse período, deu-se a partir do momento em que os donos das Folhas perceberam que o movimento de oposição – a Aliança Liberal – colocava em risco a hegemonia do estado de São Paulo. Assim, como eram “profundamente paulistas”, nas palavras de Taschner (1992), “passaram a não confiar em um movimento que se fazia contra a hegemonia de São Paulo” (TASCHNER, idem, p.46). Importante ressaltar que a oposição a Aliança Liberal trouxe consequências para as Folhas. Em 24/10/1930 – em meio a Revolução de 1930<sup>45</sup> – o povo invadiu a sede das Folhas e destruiu suas redações. Assim, os dois jornais tiveram suas publicações temporariamente suspensas.

Em 20/01/1931, Octaviano Alves de Lima comprou os títulos da Folha da Manhã e da Folha da Noite, ambos jornais empastelados<sup>46</sup> durante a Revolução de 1930. Além de Octaviano de Lima, faziam parte da nova diretoria dos dois jornais, Guilherme de Almeida e Diógenes de Lemos. Sob a direção de Octaviano de Lima, as Folhas passaram a ser defensores intransigentes dos interesses dos cafeicultores, a quem seus diretores estavam ligados<sup>47</sup>, além de se constituírem como opositores do então presidente Getúlio Vargas (1930-1945). Em 1932, por exemplo, as Folhas apoiaram o Movimento Constitucionalista<sup>48</sup>, que procurava recuperar o poder da oligarquia paulista, perdida no pós-30, reivindicando a autonomia para os Estados e uma nova Constituição.

<sup>44</sup> A Aliança Liberal era formada por políticos dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba. Eles defendiam a deposição do então presidente da República, Washington Luiz (1926-1930). Acrescenta-se que a Aliança Liberal foi responsável pela condução da Revolução de 1930.

<sup>45</sup> A Revolução de 1930 foi um movimento que pôs fim a política conhecida como “café com leite”, onde políticos dos Estados de São Paulo e de Minas Gerais se intercalavam na Presidência da República. Em 1929, o presidente Washington Luiz, representante dos paulistas, rompeu a aliança com os mineiros e indicou Júlio Prestes para seu sucessor. Prestes venceu as eleições e a oligarquia mineira insatisfeita com o resultado uniu-se aos Estados do Rio Grande do Sul e da Paraíba e iniciou o golpe que ficou conhecido como Revolução de 1930. O Golpe de 1930 depôs Washington Luiz da Presidência da República e impediu que Júlio Prestes, presidente eleito, assumisse, dando fim a Primeira República. Com isso, o político gaúcho Getúlio Vargas, um dos líderes da Revolução de 1930, assumiu a Presidência do Brasil. Sobre a Revolução de 1930, recomenda-se a leitura de: **A revolução de 1930: Historiografia e História** (FAUSTO, 1997); **1930: Os órfãos da Revolução** (MEIRELES, 2005).

<sup>46</sup> Chamam-se empastelados, os jornais que tiveram suas redações invadidas por grupo de pessoas, inutilizando o trabalho feito ou danificando as máquinas e materiais diversos. Daí o porquê de dizer que esses jornais estavam empastelados.

<sup>47</sup> Octaviano de Lima era latifundiário em Campinas-SP, com fortes ligações com o comércio do café, sendo, inclusive, sócio da Companhia Café Paulista S.A, de 1903 a 1944.

<sup>48</sup> O Movimento Constitucionalista de 1932 constituiu uma luta armada entre paulistas e soldados do então presidente da República Getúlio Vargas. Após três meses de batalha, os constitucionalistas foram derrotados. No entanto, parte de suas reivindicações foram atendidas, tendo em vista que o Governo Federal convocou uma Assembléia Constituinte e promulgou a Constituição em 1934. Ressalta-se que essa era uma das reivindicações dos Constitucionalistas.

Nota-se que os quinze anos, em que Octaviano de Lima esteve à frente das Folhas (1931-1945), coincidiram com os períodos da política brasileira conhecidos como República Nova (1931-1937) e Estado Novo (1937-1945). Mota e Capelato (1981, p.63) acrescentam que:

No período em que Octaviano Alves de Lima esteve à frente da presidência das Folhas, os jornais ganharam fisionomia empresarial, emancipando-se financeiramente. A despeito de não terem aparentemente preenchido suas funções como a desejada “voz da lavoura” – [...] – as Folhas estimularam a formação de uma corrente de opinião liberal e distanciada do republicanismo de 1891, 1934 e do estado-novismo.

Em 10/03/1945, José Nabantino Ramos assumiu a direção da Folha da Manhã e da Folha da Noite. Junto com Alcides Ribeiro Meireles, diretor-presidente e Clóvis Medeiros Queiroga, diretor comercial, Nabantino estabeleceu uma política de racionalização do trabalho nas redações dos jornais. Na terceira fase das Folhas, a direção procurou se mostrar ‘imparcial’. “A ‘neutralidade’ política era defendida desde o primeiro momento dessa terceira fase por Alcides Meireles. [...]. Com o fim do Estado Novo, a idéia democrática surgia em todos os discursos, em todas as propostas” (MOTA; CAPELATO, op.cit, p.103). Ainda segundo Mota e Capelato (idem, p.142) “Nabantino tinha a convicção de que os jornais dão aos leitores ‘precisamente o que eles querem’. Mas para não ser tendencioso, deveria ser algo desinteressado”.

Assim, “a Folha não se arrogava ser o porta voz de uma classe, de uma Nação ou do povo. Inseria-se nas regras do mercado, na pluralidade das vozes, nos jogos das forças como uma voz a mais na competição” (MOTA; CAPELATO, op.cit, p.142). Entretanto, em 1961, a Folha de S. Paulo atribuiu para si o papel de defensora do País, ao adotar o slogan ‘um jornal a serviço do Brasil’.

Observa-se que durante a gestão de Nabantino (1945-1962) a empresa passou por várias mudanças, dentre elas: criou-se o jornal Folha da Tarde<sup>49</sup>, em 1949. Mas, dentre as mudanças ocorridas nesse período, é provável que as mais significativas para o Grupo Folha da Manhã Limitada, tenha sido o início do processo de modernização das redações e a união das três Folhas sob o nome de Folha de S. Paulo<sup>50</sup>, em 1960.

<sup>49</sup> A Folha da Tarde – que surgiu em 01/07/1949 e deixou de ser publicada pela primeira vez, em 31/12/1959 –, nasceu para fazer concorrência com o Jornal da Tarde, do grupo O Estado de S. Paulo, que tinha os jovens como público-alvo e se apresentava com um caráter oposicionista. Em outubro de 1967, a Folha da Tarde voltou a ser publicada, sendo extinta em 1997.

<sup>50</sup> De 1960 a 1961, a Folha de S. Paulo tinha três edições diárias, correspondentes a Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite. Só em 1962, a Folha passou a ser publicada em uma única edição diária.

Destaca-se que a política dos cinquenta anos em cinco, implementada pelo governo do então presidente da República Juscelino Kubitschek (1957-1961), deu sequência ao processo de industrialização, iniciado no Governo de Getúlio Vargas (1930-1945) e que se estendeu na lógica de continuação da ‘Revolução industrial<sup>51</sup>’ brasileira. No entanto, esta industrialização provocou um processo inflacionário – resultado das dívidas adquiridas pelo País para poder se industrializar – que se agravou em 1959. Taschner (1992, p.98) destaca que no caso da imprensa, este problema – inflação e recessão – “foi agravado pela sua dependência com relação a produtos importados, como equipamentos, tinta e papel, em um contexto em que nossa capacidade de importar vinha declinando, mesmo no período da expansão econômica”. Assim, no caso da Folha de S. Paulo, “Nabantino teve que lidar com a alta dos preços do papel desde 1958, com a aceleração inflacionária desde 1959, e com a desaceleração econômica a partir de 1962” (TASCHNER, op. cit, p.99).

Em 13/08/1962, Nabantino vendeu o Grupo Folha da Manhã Ltda para Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. O primeiro passo da nova administração foi reestruturar financeiramente o Grupo. O “esforço para ‘modernizar’ a empresa e para tornar mais leve a fisionomia do jornal, não o levava a apoiar o presidente João Goulart” (MOTA; CAPELATO, 1981, p.189). A oposição ao Governo do então presidente da República João Goulart (1961-1964), bem como o apoio financeiro prometido pelas lideranças do Golpe de 1964, fizeram com que a Folha de S. Paulo, assim como outros jornais brasileiros, apoiasse a instauração do Golpe Militar, em 01/04/1964. De acordo com Mota e Capelato (1981, p.189), “o golpe de Estado de 1964 foi bem-recebido pela Folha, bem como o movimento de 1932 o fora, anteriormente, nos tempos de Octaviano Alves de Lima”.

Preocupados com a reestruturação econômica, tecnológica e comercial do diário, Frias de Oliveira e Caldeira Filho deram continuidade ao processo de modernização – iniciado no final da década de 1950 – e implantaram uma política de expansão do jornal, com a conquista de novos públicos e de novos periódicos para o Grupo. Foi na década de 1960, por exemplo, que o Grupo passou a ter além do jornal Folha de S. Paulo (que surgiu da união das três Folhas), o jornal Última Hora, incorporado em 1965, o jornal Notícias Populares, também em 1965, Cidade de Santos, em 1967 e a Folha da Tarde, que renasceu em outubro de 1967<sup>52</sup>.

---

<sup>51</sup> Considera-se Revolução industrial brasileira o conjunto de transformações sócio-espaciais que se deram em função da dinâmica de transformação da economia brasileira: de país meramente agroexportador para um país recém industrializado.

<sup>52</sup> Ressalta-se que no corpo deste estudo, o interesse de pesquisa recai precisamente sobre o jornal Folha de S. Paulo, até o ano de 1984. Por isso, sem desmerecer os outros jornais do Grupo Folha – embora em alguns momentos, façam-se referências a outros jornais, como é o caso, por exemplo, da Folha da Tarde – procurou-se nesta pesquisa, se ater especificamente a Folha de S. Paulo. Acrescenta-se que a estrutura do conglomerado permaneceu assim até 1991, ano em que a família Frias assumiu o controle do Grupo. Em 1997, a Folha da Tarde foi extinta e em seu lugar foi lançado o jornal Agora São Paulo e em 2001, o jornal Notícias Populares também deixou de circular.

Observa-se que o apoio aos militares perdurou durante quase todo o Regime Militar, ocorrido entre os anos de 1964 e 1985. Dentre os jornais do Grupo Folha, a Folha da Tarde – que renasceu em 1967, a princípio com o propósito de ser um jornal de oposição – foi o periódico do Grupo em que, segundo alguns pesquisadores, o apoio ao Regime se deu de forma mais evidente. Para Beatriz Kushinir (2004, p.232), “a Folha da Tarde tornou-se um exemplo claro do colaboracionismo de parte da imprensa com o poder autoritário no pós-AI5”. Ainda considerando Kushinir (idem), a Folha da Tarde ficaria conhecida como “Diário Oficial da Oban”<sup>53</sup>, durante quase todo o período da Ditadura Militar, por conta desse apoio explícito.

Considera-se importante dizer que enquanto na Folha da Tarde, o apoio ao governo militar podia ser facilmente percebido – inclusive, alguns carros de reportagens da Folha da Tarde foram queimados como forma de protesto contra o apoio dado pelo periódico à Ditadura – nos outros jornais do Grupo, principalmente na Folha de S. Paulo, procurava-se transmitir uma “neutralidade”.

Quanto ao apoio oferecido pelo Grupo Folha aos Governos militares, observa-se que a ruptura de laços e a adoção de um posicionamento político contrário ao poder vigente no Brasil, durante os anos que compreendem a Ditadura Militar, aconteceram efetivamente no início da década de 1980. No entanto, infere-se que desde a revogação do AI-5 que instituiu a censura a imprensa, ocorrida em 31/12/1978, a Folha vinha estabelecendo críticas aos Governos Militares. Assim, o jornal iniciou o processo de construção de uma imagem oposicionista para o periódico. É importante dizer que nesta pesquisa, considera-se que o ápice da construção dessa imagem está relacionado ao apoio oferecido pelo jornal Folha de S. Paulo à Campanha pelas Diretas Já.

Importante reforçar que a Campanha pelas Diretas iniciou como um movimento puramente político. Mas, aos poucos, a Campanha foi conquistando forte apoio popular e a adesão da sociedade civil organizada. Assim, em dezembro de 1983, as Diretas – que teve como bandeira a aprovação da Emenda Dante de Oliveira, pelo Congresso Nacional – apareceu no horizonte como o meio mais rápido de se obter mudanças no cenário político brasileiro, com a redemocratização do País, a partir da realização de eleições diretas para presidente da República.

---

<sup>53</sup> O termo Oban se refere a Operação Bandeirante. Fundada em junho de 1969 para combater organizações que confrontassem o Regime ditatorial, a Oban era um centro de informações e investigações, coordenado pelo Exército brasileiro.

Desse modo, foi nesse cenário caracterizado pelo apoio popular e empresarial em torno das Diretas que a Folha de S. Paulo decidiu se engajar ao movimento, transformando-se numa das suas principais defensoras. No que se refere ao apoio, percebe-se que na medida em que a Folha abriu espaço em suas páginas para falar abertamente do movimento, ela tanto construiu uma imagem para a Campanha como também construiu uma imagem para si. O apoio da Folha e a construção dessas imagens serão abordados nos próximos tópicos.

## 2.2 Apoiando e construindo a Campanha

Como compreender os motivos que levaram a Folha de S. Paulo a se posicionar a favor da Campanha pelas Diretas Já, no final do ano de 1983? Gisela Taschner (1992, p.120) questiona-se: “na medida em que seus leitores participem ou presenciem fatos que consideram relevantes, até que ponto o jornal pode silenciar sem que seja ‘depreciado como mercadoria’ e venha a perder seu espaço no mercado?”. Quanto as Diretas, Taschner (op.cit, idem), complementa: “talvez esta tenha sido uma das razões pelas quais alguns jornais começaram a participar da campanha pela redemocratização do regime, assim que seus proprietários sentiram algumas condições para isto. Entre eles, destaca-se a Folha de S. Paulo”.

De fato, o comício realizado em São Paulo, na Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, no dia 27/11/1983, embora não tenha reunido o número de pessoas estimado pela organização<sup>54</sup> e nem conseguido mostrar o caráter suprapartidário da Campanha pelas Diretas<sup>55</sup>, assinalava que a idéia de realizar eleições diretas para o sucessor do então presidente da República, general João Batista Figueiredo (1979-1985), era algo que interessava ao povo brasileiro. Destaca-se que esse interesse já havia sido constatado no ato público que marcou o início da Campanha, realizado em Goiânia-GO, em 15/06/1983. Assim, no final de 1983, as Diretas vinha conquistando inúmeros adeptos: além de políticos, empresários e artistas, a própria população começava a se integrar à defesa da realização de eleições diretas<sup>56</sup>.

Diante desse contexto de mobilizações e declarações de apoio à Campanha, tanto por parte de políticos e empresários, quanto por parte da população de modo geral, o jornal Folha

<sup>54</sup> Segundo matéria da editoria de política da Folha de S. Paulo intitulada **Ato pelas diretas leva 15 mil à praça Charles Miller** (28 nov. 1983, p.4), apenas 15 mil pessoas participaram do comício, enquanto a organização esperava um público em torno de 100 mil.

<sup>55</sup> Segundo matéria da Folha de S. Paulo intitulada **Um domingo de bandeiras, no Pacaembu sem futebol** (KOTSCHO, 28 nov. 1983, Política, p.4), a organização do comício não considerou o caráter suprapartidário da Campanha e o evento pareceu uma iniciativa isolada PT e da Comissão de Justiça e Paz - CJP, da Arquidiocese de São Paulo. Desse modo, enquanto líderes do PT e da CJP foram aplaudidos, membros do PMDB foram vaiados.

<sup>56</sup> Falou-se sobre as adesões de apoio à Campanha, no primeiro capítulo desta dissertação.



de S. Paulo decidiu se integrar à defesa das Diretas, passando a apoiá-la explicitamente em suas páginas. Tal apoio se deu a partir de dezembro de 1983, com a autorização de Octávio Frias de Oliveira, à época diretor do jornal. Ressalta-se que nos limites desta pesquisa, não cabe investigar se esta foi uma decisão fundamentada num princípio mercadológico ou ideológico. Para alguns pesquisadores, como Beatriz Kushinir (apud RAMOS, 2009, p.32), no processo das Diretas, a Folha “se engaja enquanto projeto mercadológico e não por uma questão ideológica”.

Quanto a este aspecto, considera-se importante acrescentar que nesta pesquisa, optou-se por ver o apoio fundamentado tanto numa perspectiva mercadológica (porque divulgar uma campanha de interesse popular contribuiria para a expansão do seu público-leitor e para a manutenção do que já se tinha), quanto numa perspectiva ideológica (pois ao se integrar a uma campanha, em defesa da redemocratização do país, a Folha teria a oportunidade de reformular sua imagem política diante da sociedade, tendo em vista o apoio dado a instauração do Golpe Militar e ao próprio Regime, através da Folha da Tarde). Mas, como não constitui interesse desta pesquisa se debruçar sobre essa questão, não se aprofundará esse questionamento, pois o que interessa nesta parte do estudo é falar como se deu esse apoio efetivamente, além de ponderar sobre a imagem que a Folha construiu em suas reportagens, para a Campanha pelas Diretas.

Antes de falar sobre esta parte da história, destaca-se que a inserção da Folha de S. Paulo na defesa das Diretas partiu de uma decisão da direção do Jornal, influenciada pela sugestão de um de seus repórteres. Uma versão dessa história começa assim: Octávio Frias de Oliveira, então diretor da Folha, recebeu de Adilson Laranjeira, à época secretário de redação, um texto escrito pelo jornalista Ricardo Kotscho. Após ler o texto, Frias de Oliveira convocou uma reunião com todos os editores e seus principais repórteres. A pauta da reunião era comunicar sobre o apoio que a Folha passaria a dar a Campanha pelas Diretas.

Durante a reunião, ‘Seu Frias’, como era conhecido pela redação, leu o texto escrito por Kotscho, onde o mesmo apresentava uma proposta para que o jornal aderisse a Campanha e passasse a defendê-la, como fazia a imprensa quando se apaixonava por uma causa. Kotscho (2006, p.116) relata que:

Mais um ano estava chegando ao fim sem nenhuma perspectiva de mudança, sem esperanças, só lamentos por toda parte. [...]. A única bandeira que pintava no horizonte escuro, acenando timidamente, era essa das eleições diretas [...]. Pensando nessas coisas, redigi uma proposta para o jornal: por que a *Folha de S. Paulo* não empunhava de vez a bandeira das eleições diretas, como fazia a imprensa, antigamente, quando se apaixonava por uma

causa? No dia seguinte, as três páginas da pauta que escrevi foram logo encaminhadas por Adilson Laranjeira ao proprietário do jornal. “Seu” Frias convocou imediatamente a cúpula da *Folha* à sala dele, leu o texto para todos os editores e mandou tocar o pau na máquina. Formou um grupo para cuidar da cobertura da campanha, sob a coordenação de Otávio Frias Filho, então secretário do conselho editorial, e na edição seguinte já se abria espaço para a campanha das Diretas.

É importante ressaltar que após a Campanha – quando a decisão por apoiá-la se tornou um elemento importante para a história do jornal – surgiram outros personagens que invocavam para si a autoria da sugestão de que a *Folha* se engajasse nas Diretas. Quanto a uma dessas outras versões, Kotscho (op. cit) explica que dias antes do lançamento do livro ‘Explode um novo Brasil: diário da campanha das Diretas’ (KOTSCHO, 1984), o capítulo de abertura seria publicado no caderno ‘Primeira Leitura’, do jornal *Folha* de S. Paulo. Mas, antes de ser publicado, Boris Casoy, à época editor-chefe do jornal, chamou-o a sua sala e lhe informou que Otávio Frias Filho não havia ficado satisfeito com o referido texto, onde Kotscho afirmava ter sido sua a idéia para que a *Folha* se engajasse na Campanha pelas Diretas.

Otávio Frias Filho relatou a Boris que fora dele, e não minha, a iniciativa para que o jornal se engajasse na campanha das Diretas. Eu nunca tinha ouvido falar naquela história antes, mas não havia muito que discutir. Era a maior saia justa, já que se tratava do filho do dono do jornal, com quem eu mantinha relações bastante boas até então. Em outra versão, da qual fiquei sabendo vários anos depois, a idéia de engajar a *Folha* na cobertura das Diretas também teria sido sugerida pelo jornalista João Russo, editor de política.

Cuidei logo de acrescentar uma nota – “Explicação necessária” – à página, com as informações que me foram transmitidas. “Durante uma viagem de “seu” Frias ao exterior, antes de ele receber minha proposta para que o jornal fizesse uma campanha pelas eleições diretas, Otávio, na época secretário do conselho editorial, teria dado a mesma idéia à cúpula da redação da *Folha*” (KOTSCHO, 2006, p.130).

Percebe-se que após a adesão da *Folha* de S. Paulo, vários personagens surgiram dizendo ser o autor da proposta enviada a Otávio Frias de Oliveira. O fato é que após a autorização dada por ‘Seu Frias’, a *Folha* assumiu publicamente o apoio às Diretas. Começava ali, uma cobertura que marcaria a história do jornal *Folha* de S. Paulo e seria considerada, posteriormente, como um dos fatores responsáveis pela expansão do público-leitor e da área de influência do jornal. Segundo a própria *Folha*, dois anos depois do apoio dado as Diretas, “o jornal tornou-se o diário de maior circulação no país, condição que manteve daí em diante” (MANUAL..., 2010, p.108).

Sob a coordenação de Otávio Frias Filho, formou-se um grupo de jornalistas para cobrir a temática, dentre eles: Ricardo Kotscho, Carlos Brickmann, Tarso de Castro e Clóvis Rossi. Dessa forma, em 06/12/1983, a editoria de política começou a dar uma ênfase maior a temática, abrindo grande espaço para popularizar a Campanha. Além das matérias publicadas pela editoria, o jornal também passou a abordar as Diretas em espaços criados especificamente para esse fim. Foi assim que surgiu a coluna intitulada ‘Palavra do Eleitor’, publicada pela primeira vez em 06/12/1983 e a coluna ‘Roteiro das Diretas’, publicada a partir de 22/12/1983. A ‘Palavra do Eleitor’<sup>57</sup> vinha publicada na editoria de política<sup>58</sup> e apresentava a opinião de diversos leitores do jornal acerca da Campanha. Por sua vez, o ‘Roteiro das Diretas’ também era publicado na editoria de política e trazia a agenda dos eventos, a favor das Diretas, programados em todo o País.

É importante acrescentar que a partir do momento em que o número de eventos aumentou significativamente, o jornal não conseguiu publicar, diariamente, todas as manifestações programadas. Desse modo, a partir da edição de 16/02/1984, o ‘Roteiro das Diretas’ passou a ser publicado de segunda a sábado, sob o nome de ‘Semana das Diretas’, trazendo apenas os eventos previstos para a semana em curso. Aos domingos, a coluna voltava a sair com o nome de ‘Roteiro das Diretas’, trazendo todas as manifestações próximas agendadas, independente da data para a qual estavam marcadas.

No que diz respeito à cobertura dos comícios, observa-se que a Folha procurou destacar cada manifestação, fosse nos grandes centros urbanos, fosse no interior do País. Quando da realização da ‘Caravana das Diretas’<sup>59</sup>, por exemplo, a Folha foi o único jornal a enviar um jornalista para cobrir os comícios que seriam realizados nas capitais da região Nordeste e Norte do País. Ricardo Kotscho foi o repórter destacado para esta função, enviando diariamente, matérias à redação, em São Paulo.

Se levar em consideração que “a notícia não é um relato, mas uma construção” (HALL, 1984, p.4 apud TRAQUINA, 2005, p.17), percebe-se que ao divulgar a Campanha, a Folha de S. Paulo também construía uma imagem para as Diretas. Destaca-se que não constitui intenção desta pesquisa estabelecer um estudo exaustivo acerca dessa abordagem. No entanto, considera-se importante entender qual imagem a Folha construiu para as Diretas, no decorrer

---

<sup>57</sup> No contexto da Campanha pelas Diretas, onde se estava em busca do direito de votar para presidente através de eleições diretas, nada melhor do que abrir um espaço para que esse “eleitor” pudesse expor sua opinião acerca da Campanha. O nome da coluna era um trocadilho com a palavra ‘leitor’.

<sup>58</sup> A coluna não tinha uma localização específica, mas normalmente era publicada nas páginas 4 ou 6, da editoria política.

<sup>59</sup> Em fevereiro de 1984, Ulisses Guimarães – presidente do PMDB, Lula – presidente do PT e Doutel de Andrade – presidente do PDT realizaram comícios em diversas cidades da região nordeste e norte do País. O percurso ficou conhecido como Caravana das Diretas.

de sua cobertura. Dessa forma, falar-se-á sobre a imagem que o referido jornal procurou construir para as Diretas<sup>60</sup>, a partir da análise de dezesseis reportagens<sup>61</sup> acerca dos principais comícios pró-diretas, publicadas pela Folha, entre 13/01/1984 e 17/04/1984. Ressalta-se que para este estudo, usou-se como *corpus* de análise, o conjunto das “reportagens de apresentação”<sup>62</sup>, conforme classificação desta pesquisa.

Neste ponto, considera-se importante destacar que para Eliseo Verón (1980, p.220) “todo discurso se enuncia no imaginário. Só que este imaginário é socialmente construído e é específico de cada tipo de discurso”. Ainda segundo Verón (1983), o acontecimento é construído no e pelo discurso. Sob esta perspectiva, as reportagens foram analisadas de modo a identificar através das marcas textuais, que ‘imagem’ a Folha construiu simbolicamente para a Campanha. Para isso, leva-se em consideração, tanto as ‘condições de produção’ do produto jornalístico – nesse caso a reportagem – quanto a noção de ‘contrato de comunicação’.

Ressalta-se que “as ‘condições de produção’ deixam traços que são vestígios do processo enunciativo realizado na superfície textual, definindo os discursos em questão como produzidos naquela situação específica” (PINTO, 1996, p.167). E a noção de ‘contrato de comunicação’ designa “o que faz com que o ato de comunicação seja reconhecido como *válido* do ponto de vista do sentido. É a condição para os parceiros de um ato de linguagem se compreenderem e poderem interagir, co-construindo o sentido” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.130).

Nesse ponto, considera-se importante acrescentar que Patrick Charaudeau (2006, p.71) alerta que:

---

<sup>60</sup> Sobre a construção de uma imagem por parte da Folha de S. Paulo, para a Campanha pelas Diretas Já, foi produzido artigo intitulado **Folha de S. Paulo: apoiando e construindo uma imagem para a Campanha pelas Diretas Já**. Este foi apresentado no I Seminário Nacional de Comunicação, Cultura e Cidadania realizado na Universidade Federal do Ceará, no período de 22 a 24 de setembro de 2010. Referências em JESUS (2010a).

<sup>61</sup> As reportagens analisadas nesta parte do trabalho são intituladas, respectivamente: **Comício pelas diretas reúne 50 mil em Curitiba** (BRICKMANN, FSP, 13 jan. 1984, política, p. 6); **População faz uma festa jamais vista na cidade** (FSP, 26 jan. 1984, política, p.5); **Maceió reúne 20 mil por diretas** (FSP, 30 jan. 1984, política, p. 4); **Comício reúne 25 mil em Teresina** (KOTSCHO, FSP, 14 fev. 1984, política, p. 4); **Manifestação pró-diretas reúne 15 mil em São Luís** (KOTSCHO, FSP, 15 fev. 1984, política, p. 4); **Comício pelas diretas reúne 10 mil na capital do Amapá** (KOTSCHO, FSP, 16 fev. 1984, política, p. 4); **No comício em Belém, 60 mil reagem à reunião do Planalto** (KOTSCHO, FSP, 17 fev. 1984, política, p. 5); **Ato no Acre concentra 7 mil** (KOTSCHO, FSP, 20 fev. 1984, política, p. 5); **Minas sai às ruas para exigir eleições diretas** (KOTSCHO, FSP, 25 fev. 1984, política, p. 4); **Rio reuni 200 mil nas ruas pelas diretas** (FSP, 22 mar. 1984, política, p. 4); **No Recife, 80 mil participam do comício** (LEITÃO, FSP, 6 abr. 1984, política, p.4); **Rio faz o maior comício da história do Brasil** (FSP, 11 abr. 1984, política, p. 4); **Goiânia reúne 250 mil nas ruas pelas diretas** (FSP, 13 abr. 1984, política, p. 4); **Em Porto Alegre, 200 mil nas ruas pedem as diretas** (FSP, 14 abr. 1984, política, p. 5); **Mais de 50 mil participam de ato público pró-diretas em Ipatinga** (BRANDÃO, FSP, 14 abr. 1984, política, p. 5) e **São Paulo faz a maior manifestação política do Brasil** (ROSSI, FSP, 17 abr. 1984, política, p. 6).

<sup>62</sup> Nesta pesquisa, considera-se ‘reportagem de apresentação’, àquela que oferece uma visão geral acerca dos comícios da Campanha pelas Diretas Já. Enquanto, às relacionadas aos comícios e à campanha mas que oferecem uma abordagem mais específica são classificadas como ‘reportagens de desdobramento’. Ressalta-se que as ‘reportagens de desdobramento’ constituem o objeto de análise central desta dissertação e o resultado dessa análise é apresentado no terceiro e quarto capítulo deste trabalho.

nenhum ato de linguagem está previamente sobredeterminado pelo contrato de comunicação que caracteriza cada situação de troca [...], é apenas em parte que está determinado, pois dispõe de uma margem de manobra que lhe permite realizar seu projeto de fala pessoal, ou seja, que lhe permite manifestar um ato de individualização, na realização do ato de linguagem, pode escolher os modos de expressão que correspondam a seu próprio projeto de fala. Contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias, o que faz como que todo ato de linguagem seja um ato de liberdade, sem deixar de ser uma liberdade vigiada.

Partindo para a análise do conjunto das “reportagens de apresentação” dos comícios, identificam-se inicialmente características comuns. Peculiaridades estas relacionadas a uma espécie de ‘gramática de produção’, ou seja, a presença de elementos próprios na estruturação do texto. Observa-se que essas matérias jornalísticas pareciam seguir uma espécie de roteiro, onde foram destacados sempre os mesmos pontos: à apresentação dos fatos numa sequência cronológica; o número de participantes e oradores no evento; a pacificidade dos comícios; o destaque para a criatividade do brasileiro e a tendência a enfatizar a emoção.

Chega-se a ênfase a participação popular a partir do destaque dado nas reportagens a quantidade de pessoas presentes nos comícios, como modo de construir o ‘caráter participativo’<sup>63</sup> para a Campanha. Neste ponto, das dezesseis reportagens analisadas, onze apresentam o número de participantes logo no título e todas destacam essa informação, no corpo das matérias. Na reportagem intitulada ‘Comício reúne 25 mil em Teresina’ (FSP, 1984, p. 4), publicada em 14/02/1984, o jornalista Ricardo Kotscho ao informar a quantidade de pessoas presentes, acrescenta que “(os organizadores calculavam o público entre 25 e 30 mil), o que representa quase 10 por cento da população de Teresina. Proporcionalmente, isso significa algo em torno de um milhão de pessoas em São Paulo”. Observa-se que ao estabelecer uma proporção com o Estado de São Paulo, que à época já possuía o maior índice populacional do País, o repórter busca tornar o número de pessoas significativo para a imagem das Diretas.

Ainda neste sentido – de ênfase a quantidade de participantes nos atos públicos a favor da Campanha –, a reportagem intitulada ‘Manifestação pró-diretas reúne 15 mil em São Luís’ (KOTSCHO, 1984, p. 4), publicada em 15/02/1984, constitui outro exemplo. Nela, destaca-se que “debaixo de chuva, em ritmo de Carnaval, cerca de 15 mil pessoas ocuparam a Praça do Panteon, em frente à Biblioteca Municipal, no centro da velha São Luis” (KOTSCHO, idem).

<sup>63</sup> Importante acrescentar que o destaque dado à participação popular nos atos pró-diretas não era apresentado apenas nas reportagens: tanto na “Semana das Diretas”, quanto no próprio “Roteiro das Diretas” (publicado aos domingos), a Folha de S. Paulo enfatizava a quantidade de pessoas que já haviam se manifestado à favor das Diretas.

Observa-se que além de enfatizar a quantidade de participantes, algumas matérias buscavam por meio de um resgate histórico, estabelecer um comparativo de modo a explicitar ainda mais a importância em se destacar o número de pessoas presentes em cada Estado. Em ‘Comício pelas Diretas reúne 10 mil na capital do Amapá’ (KOTSCHO, 1984, p. 4), publicada em 16/02/1984, apresentam-se elementos da história do Amapá para mostrar o que significava 10 mil pessoas nas ruas, numa manifestação oposicionista. Acrescenta-se que em 1984, o território do Amapá ainda era uma possessão da Marinha do Brasil. O interventor-governador era nomeado pelo comandante da região que em 1984 era o comandante Anibal Barcelos. Além do mais, o maior empregador no território era o Governo Federal, desse modo havia um receio quanto à participação em eventos de oposição, pois se corria o risco de sofrer uma represália. O trecho da reportagem ‘Comício pelas Diretas reúne 10 mil na capital do Amapá’, citado a seguir, ajuda a reforçar a importância da participação do povo macapaense em um ato a favor da realização de eleições diretas para Presidente:

Ontem os professores haviam sido convocados para uma reunião que durou o dia todo; os jornalistas foram convidados para um almoço no quartel. Não apareceram na entrevista coletiva de Doutel e Ulisses; faixas foram arrancadas durante a madrugada no local onde foi instalado o palanque, na Praça Azevedo Costa – tudo foi feito para que, mais uma vez, o povo de Macapá não saísse às ruas para dizer o que pensa e ouvir o que quer. Mas não adiantou [...] Macapá entrava no mapa político do Brasil” (KOTSCHO, 1984, p. 6).

Ressalta-se que recorrer a uma memória histórica para dar mais validade ao discurso e a própria imagem que se construía para a Campanha, contribuía para fortalecer o movimento e imprimir a este um caráter legítimo. Na matéria sobre o comício em Recife, capital de Pernambuco, intitulada ‘No Recife, 80 mil participam do comício’ (LEITÃO, 1984, p.4), após informar que o ato público contou com a participação de 80 mil pessoas, o repórter acrescenta que o “recorde de público no largo de Santo Amaro, a 4 km do centro de Recife era de 50 mil pessoas, quando da recepção do ex-governador de Pernambuco Miguel Arraes, na sua chegada do exílio, em 1981” (LEITÃO, op. cit). Aqui, percebe-se que a busca de referências em episódios da memória histórica, buscava agregar um valor significativo para a Campanha, ao passo que o comício pelas Diretas, nesse caso, reuniu um público maior do que na recepção a Miguel Arraes (maior ícone da política pernambucana).

É importante acrescentar que além de enfatizar a quantidade de público, algumas matérias também destacavam o número de oradores: “O povo não arredou o pé enquanto não

ouviu até o fim os 34 oradores” (KOTSCHO, FSP, 15 fev. 1984, p. 4); “ao todo mais de 60 pessoas discursaram” (EM PORTO..., 1984, p. 5).

Outro elemento presente nas ‘reportagem de apresentação’, diz respeito à duração dos atos públicos. Várias matérias destacavam essa informação e ao fazer isso, na grande maioria, ligavam a duração do evento ao fato da festa ter sido pacífica. A expressão “sem incidentes” está presente em 15 das 16 reportagens analisadas, com algumas variações para: “sem qualquer incidente” ou “sem grandes incidentes”. Para dar apenas alguns exemplos, em 26/01/1984, pontua-se que “durante três horas e meia – o tempo do comício – não houve grandes incidentes ou tumultos. Um homem com a cabeça sangrando, chamou menos a atenção do que o som da sirene da ambulância que o conduziu até o hospital” (POPULAÇÃO..., 1984, p.5); em 22/03/1984, informa-se que “durante as quatro horas e meia de manifestação – a passeata e o comício – não houve qualquer tumulto envolvendo os participantes” (RIO REÚNE..., 1984, p.4) e em 11/04/1984, a Folha diz que “mais de um milhão de pessoas realizaram no Rio de Janeiro [...] uma concentração sem precedentes na história brasileira, ocupando, sem incidentes, 1,2 quilômetros da av. Presidente Vargas” (RIO FAZ..., 1984, p.4).

Nesse ponto da análise, destaca-se que a Folha de S. Paulo apresentou a Campanha como um movimento pacífico e com forte adesão popular. Ressalta-se que no decorrer dos textos, tanto o caráter pacífico, quanto o caráter participativo aparecem no discurso lado a lado como uma forma de afirmar que o fato de ser um movimento com forte adesão popular, não significava ser um evento de ‘baderna’, pelo contrário, a Campanha se tornava mais legítima, quanto mais pacífica ela fosse.

Considera-se importante acrescentar que “cada suporte constrói os fatos à sua maneira” (FAUSTO NETO, 1991, p.34) e no caso da Folha, seu posicionamento frente à Campanha determinava o modo de construção das Diretas em suas páginas. Além disso, a noção de um ‘contrato de comunicação’ preexistente entre jornal e leitor, que pressupõe que as versões apresentadas pelos jornais condizem com a ‘realidade’, contribuía para que os leitores reconhecessem a imagem construída como válida. Ressalta-se que esta afirmação, parte da perspectiva de um contexto da década de 1980, onde se acreditava que os *media* não só nos diziam no que pensar, mas também como pensar.

Em alguns momentos, as matérias são apresentadas como se estivessem sendo escritas no decorrer dos acontecimentos e não após a realização do comício. Desse modo, enfatiza-se a presença do repórter no local do evento, participando do acontecido, ao passo que promove sua narrativa. Ressalta-se que a utilização de verbos no presente e o uso da temporalidade –

esta exposta por meio da marcação do tempo, como numa espécie de diário de bordo – ajudam a reforçar essa presença ativa, que pode ser vista nos trechos apresentados a seguir: “o sol se punha, às 18h45, quando o comício esquentou de vez. [...]. A região *está* completamente lotada: [...] variam entre 40 e 60 mil pessoas assistindo à manifestação. E o comércio *está* aberto, e todos *gritam*, e não há nenhum incidente” (BRICKMANN, 1984, p.6), publicado em 13/01/1984 e “às 15h40, o apresentador Paulo Figueiredo [...] às 16 horas, a praça *está* cheia [...] às 18 horas, a essa altura com a multidão já se estendendo pelas avenidas [...] *Só agora, às 18h50, é que os governadores chegam ao palanque*” (NOVAES, 1984, p. 6), publicado em 13/04/1984.

Destaca-se ainda que em todas as reportagens analisadas para este tópico, observa-se a ênfase a criatividade do brasileiro por meio do destaque de bordões e paródias, que eram ditos e cantados durante os atos em defesa das Diretas. Dentre os bordões: ‘Eu sou povo, eu sou gente, eu quero votar para presidente’; ‘O povo *está* a fim da cabeça do Delfim’; ‘Chora Figueiredo, Figueiredo chora, chora Figueiredo que chegou a sua hora’; ‘Um, dois, três, Maluf no xadrez’; ‘Fora a Rede Globo, o povo não é bobo’. E, entre as paródias: ‘Mamãe eu quero, mamãe eu quero votar’; ‘Não rias de mim, Argentina’ e uma versão de Peixe Vivo<sup>64</sup>. Infere-se que cada matéria procurou destacar um bordão ou uma paródia especificamente. Quanto aos bordões, as reportagens intituladas ‘População faz uma festa jamais vista na cidade’(FSP, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984 e ‘São Paulo faz a maior manifestação política do Brasil’ (ROSSI, 1984, p.6), publicada em 17/04/1984, destacam o mesmo bordão: ‘um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos eleger o presidente do Brasil’.

Neste ponto, considera-se importante acrescentar que nas “reportagens de apresentação”, percebem-se indícios<sup>65</sup> da construção de uma imagem de protagonista para o povo. Desse modo, observa-se que ao apresentar o público como grande protagonista –“os apresentadores faziam questão de dizer que o comício foi organizado pelo povo e não pelo governo, que apenas ajudou na montagem do palanque e do serviço de som” (KOTSCHO, 20 fev. 1984, p. 5) – a Folha de S. Paulo buscava inserir o povo no movimento, apresentando-o como autor e ator das Diretas, ao passo que construía uma imagem popular e legítima para a Campanha, tendo em vista que a Diretas Já estava sendo realizada com a participação atuante da população.

<sup>64</sup> Ressalta-se que esta versão de Peixe Vivo era uma adaptação feita por Ciça, cartunista da Folha: “como pode o peixe vivo/viver fora da água fria/como pode o peixe vivo/viver dentro da água quente/como poderei viver/como poderei viver/sem votar/sem votar pra Presidente”.

<sup>65</sup> O quê nas reportagens de apresentação era apenas um indício, pôde ser confirmado durante a análise das “reportagens de desdobramento”, apresentada no terceiro e quarto capítulo.



Ressalta-se que no âmbito midiático, a melhor maneira de se construir laços de cumplicidade é através do discurso. Para que o leitor, por exemplo, sinta-se cúmplice de um determinado jornal é necessário fazê-lo crer que sua participação é importante; é preciso que ele consiga se identificar nas reportagens e nos temas abordados, pois o leitor precisa ver o jornal como um amigo em quem pode confiar.

Quanto a este aspecto, percebe-se nas reportagens analisadas, uma forte tendência a ‘patemização’<sup>66</sup>: “A emoção foi a grande marca deste comício. Estavam emocionados os apresentadores [...]. Estavam emocionados os políticos [...]. Estava especialmente emocionada a massa que compareceu em peso à convocação do comício” (RIO FAZ..., 1984, p. 4); “houve momentos de emoção incontroláveis. [...] terminados os discursos, todos se deram as mãos, ergueram-nas e entoaram o Hino Nacional, fazendo correr algumas lágrimas entre a multidão” (ROSSI, 17 abr. 1984, p. 6). Nota-se que ao destacar a emoção nos eventos, os repórteres começam a construir o que se pode chamar de uma imagem sentimental para a Campanha. Imagem esta que contribuiu para intensificar laços de cumplicidades com o leitor.

Com isso, pode-se afirmar que a Folha de S. Paulo apresentou a Campanha pelas Diretas Já como símbolo de civilidade e exemplo de como a luta pelos interesses coletivos podia ocorrer de maneira organizada, festiva e pacífica. Desse modo, a Folha construiu para a Campanha uma imagem alegre, pacífica e legítima. Acrescenta-se que durante a análise das “reportagens de apresentação”, percebeu-se que a Folha ao passo que construía uma imagem para Campanha também foi construindo uma imagem para si.

Desse modo, levando em consideração tanto Michel Foucault (2009) para quem os sujeitos sociais se constroem discursivamente, quanto Patrick Charaudeau (2006b) para quem todo ato de linguagem implica na construção de uma imagem de si, viu-se a importância de se falar também sobre a construção de um *ethos*<sup>67</sup> para a Folha de S. Paulo, no decorrer das Diretas. Entretanto, considera-se importante informar que não constitui intenção desta pesquisa abordar essa construção de maneira minuciosa. Fazer isso conduziria a outra pesquisa. O propósito, nesta parte da dissertação, é apenas apontar que lugar a Folha criou para si no contexto da Campanha e como ela se construiu discursivamente nesse período.

<sup>66</sup> Ressalta-se que o termo “patemização” vem da palavra *phatos*. Acrescenta-se que durante a análise das ‘reportagens de desdobramento’, essa tendência a “patemização” foi confirmada como uma estratégia discursiva aproximativa usada pelo jornal Folha de S. Paulo, durante a cobertura da Campanha pelas Diretas Já.

<sup>67</sup> A noção de *ethos* pertence à tradição retórica. Dentre os representantes desta tradição, destaca-se Aristóteles. Na obra intitulada *Retórica*, Aristóteles aponta três elementos que contribuem para o caráter persuasivo de um discurso: *logos*, *ethos* e *phatos*. O *logos* estaria ligado à argumentação, o *phatos* à emoção e o *ethos* ao caráter. Ao apresentar o *ethos* como um dos elementos que contribuem para a persuasão, Aristóteles afasta-se das concepções de seus predecessores, que não reconheciam qualquer contribuição do *ethos* para o processo de persuasão. Ressalte-se que, neste trabalho, não se aprofundará a discussão acerca da “Retórica aristotélica”, pois o propósito aqui é apenas abordar a construção do *ethos* do jornal Folha de S. Paulo, no decorrer da cobertura da Campanha pelas Diretas Já.

### 2.3 Construindo uma imagem para si

No âmbito do jornalismo, os traços do *ethos* aparecem em diversos gêneros, mas é no editorial que esses indícios se mostram de forma mais incisiva. Segundo enfatiza Patrick Charaudeau (2006a), o editorial jornalístico apresenta um discurso mais argumentativo, pois representa o ponto de vista do grupo jornalístico ao qual está vinculado. Ao passo que se caracteriza pela argumentação, o editorial tende a querer conquistar o leitor. Para isso, procura estabelecer traços identitários que possam ser facilmente reconhecidos por esse leitor, que são mostrados no *ethos* que é construído discursivamente e que deve funcionar como um suporte de identificação. Nesta parte do trabalho, procura-se mostrar como a Folha de S. Paulo se construiu discursivamente, no contexto da Campanha pelas Diretas. Para tanto, foram analisados onze editoriais publicados pela Folha, entre 26/01/1984 e 26/04/1984, ambos relacionados diretamente a temática das Diretas<sup>68</sup>.

Destaca-se que durante a cobertura das Diretas, a Folha de S. Paulo pouco a pouco criou para si um lugar de participante-ativa; de porta-voz da opinião pública; de defensora dos interesses coletivos e não, simplesmente, uma posição de mediadora de informações. Ressalta-se que esse lugar foi construído no decorrer da cobertura, ou seja, na medida em que ia se integrando à defesa da Campanha<sup>69</sup>.

Acrescenta-se que “a Folha de S. Paulo nunca gozou diante da opinião pública de uma identidade política definida. [...]. Como jornal lido majoritariamente pelos setores da ‘classe média’ [...], a Folha oscilou como eles, de posições direitistas para esquerdistas” (MARCONDES FILHO, 1986, p.172). Assim, durante a Campanha pelas Diretas, a Folha viu a oportunidade de reconstruir uma nova identidade diante da opinião pública. Para Sônia Meneses (2010), a Folha utilizou-se da Campanha pelas Diretas como capital simbólico para reescrever sua memória distante do golpe militar de 1964.

Desse modo, no contexto da Campanha, a Folha se colocou como porta-voz dos interesses coletivos, ao ponto de dizer aos atores sociais inseridos no processo das Diretas, o

---

<sup>68</sup> Os editoriais analisados, nesta parte do trabalho, são intitulados respectivamente: “**Depois da Praça**” (publicado em 26/01/1984), “**Ato de provocação**” (publicado em 02/02/1984), “**Diretas não podem parar**” (publicado em 09/02/1984), “**Amarelo, sim**” (publicado em 12/02/1984), “**Luzes no Congresso**” (publicado em 04/03/1984), “**Alegria Já**” (publicado em 04/03/1984), “**Manobras suspeitas**” (publicado em 15/03/1984), “**Emergência não**” (publicado em 07/04/1984), “**A um passo das Diretas**” (publicado em 17/04/1984), “**Congresso soberano já**” (publicado em 25/04/1984) e “**Cai a emenda, não nós**” (publicado em 26/04/1984).

<sup>69</sup> Sobre a construção de imagens construídas pela Folha de S. Paulo, tanto para si, quanto para seus enunciatários, foi produzido um estudo baseado na análise dos editoriais da Folha, publicados entre janeiro e abril de 1984 sobre a Campanha pelas Diretas Já. O resultado desse estudo é apresentado no artigo intitulado **A construção de imagens representativas nos editoriais da Folha de S. Paulo**. Este foi aceito no GT Estudos do Jornalismo, do X Seminário Internacional da Comunicação, realizado na Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre – RS, no período de 3 a 7 de novembro de 2009. Referências em JESUS (2009d).

que deviam fazer; como deviam se comportar e principalmente, que decisões deviam tomar. No editorial ‘Depois da Praça’ (FSP, 1984, p.2), publicado em 26/01/1984, a Folha diz ao Congresso Nacional que ele precisava “corresponder ao clamor nacional” e que depois do comício da Praça da Sé era o interesse coletivo que devia gerir as ações, “não há mais lugar para interesses partidários e ambições pessoais” (DEPOIS..., 1984, p.2). Em 02/02/1984, no editorial ‘Ato de Provocação’ (FSP, 1984, p.2), o jornal chama de “ato de provocação” a requisição de forças policiais para proteger o Congresso Nacional, no dia da votação da Emenda, sob a justificativa de garantir o “trabalho” do Legislativo. Na ocasião, o editorial classificou o motivo apontado pelo requerente como “grotesco” e de “má-fé” (ATO..., 1984, p.2).

No editorial ‘Diretas não podem parar’ (FSP, 1984, p.2), publicado em 09/02/1984, a Folha se apresenta como instância que sabe o que precisa ser feito e como a Campanha deve ser organizada. Para isso, usa afirmações imperativas, tais como “O Comitê Pró-diretas não pode parar”; “Erros organizatórios devem ser de pronto superados”; “As decisões têm que ser tomadas já, sem tumultos ou profissões de fé dogmáticas, mas pela via do debate democrático” (DIRETAS..., op. cit).

Outra inferência é que o jornal procurou enfatizar a emergência das ações utilizando-se de advérbios de tempo: “é de esperar que o Comitê [...] revise imediatamente o erro cometido, convocando nova reunião” (DIRETAS..., idem). Além de se utilizar de inúmeros advérbios que explicitam pressupostos, como por exemplo: “Aliás, este procedimento é condição básica para atingir o objetivo final” (DIRETAS..., op. cit).

Inferese, ainda, que a Folha se inseriu na Campanha de forma tão presente, que além de se colocar no lugar de dizer o quê precisava ser feito, emitia opiniões com relação às decisões mais importantes a serem tomadas pela organização da Campanha. Nesse sentido, a Folha declarou – no editorial intitulado ‘Amarelo, sim’ (1984, p.2), publicado em 12/02/1984 – “compreendemos e apoiamos a proposta de se adotar a cor amarela”. Ao dizer isso, a Folha reafirmou seu apoio, ao passo que oficializou a cor amarela como símbolo das Diretas. Nota-se que é como se a própria Campanha necessitasse desta afirmação por parte da Folha, para que o amarelo fosse oficializado como símbolo. Dessa forma, com o editorial ‘Amarelo sim’ (op. cit) há essa oficialização. Reforçada quando a Folha diz: “que seja o amarelo, portanto, a cor das diretas. Tão desprezado quanto ela, no mundo das cores, tem sido o eleitor no mundo da política” (AMARELO..., idem).

Destaca-se que no contexto da Campanha pelas Diretas, a Folha ao se colocar como porta-voz, procurou vincular sua imagem à defesa da luta democrática. Para Meneses (2010),

o engajamento do jornal nas Diretas foi instrumentalizado para se reverter no esquecimento do apoio ao golpe em 1964, pois mesmo posteriormente quando o episódio da Ditadura militar volta a ser relacionado à Folha, “tem um peso muito menor em sua história diante do que representa a abertura e a campanha das diretas na construção de sua memória” (MENESES, op. cit, p.8).

Percebe-se que na posição de porta-voz, a Folha se colocou no direito de promover julgamentos, estabelecer comentários e oferecer advertências. No âmbito dos julgamentos, a Folha destacou em um de seus editoriais, publicado em 15/03/1984, que “merece repúdio irrestrito da opinião pública qualquer rumor ou manobra que [...] contribuam para o amortecimento da causa das diretas já” (MANOBRAS..., 1984, p.2). Já no editorial ‘Luzes no Congresso’ (1984, p.2), publicado em 04/03/1984, a Folha refletiu sobre um discurso do então presidente do Congresso Nacional, Moacyr Dalla. No início do editorial, o jornal afirmou que tal discurso merece reflexão. Implicitamente, a Folha de S. Paulo expõe que muito do que se dizia no Congresso, naqueles últimos meses, não merecia reflexão, mas este discurso sim, tendo em vista que ele fazia referência ao poder de decisão do Legislativo, quanto ao destino da República.

Neste ponto é importante acrescentar que de acordo com Dominique Maingueneau (2005), o *ethos* não é dito explicitamente, mas mostrado através das escolhas efetuadas pelo enunciador. Desse modo, relaciona-se mais com a maneira escolhida para se dizer algo do que propriamente com o dito. Sendo assim, a validade creditada ao *ethos* tem mais eficácia por estar na enunciação e não nitidamente no enunciado, que traz consigo apenas evidências; traços desse *ethos*.

Destaca-se que é nos editoriais, ‘Congresso soberano já’ (1984, p.2), publicado em 25/04/1984 e ‘Cai a emenda, não nós’ (1984, p.1), publicado em 26/04/1984, que a Folha se posicionou de forma mais direta. No primeiro, ela declarou: “Não cabe repetir aqui os argumentos reproduzidos quase à exaustão, nos últimos meses, em nossos editoriais, a favor da aprovação da emenda constitucional Dante de Oliveira. O anseio de diretas já é irreduzível” (CONGRESSO..., 1984, p.2). Contanto é, sem dúvida, em ‘Cai a emenda, não nós’ (1984, p.1), que a Folha se expõe de maneira contundente. Tal editorial foi publicado na primeira página e não na página de opinião, onde normalmente era publicado. Mais do que um editorial, ‘Cai a emenda, não nós’ (op. cit) constitui uma espécie de carta aos leitores da Folha e aos cidadãos brasileiros.

Nota-se que ao passo que a Folha reconheceu que não foi a primeira, mas se colocou como quem participou ativamente da Campanha das Diretas Já – “Esta Folha não foi a

primeira nem a única a exigir diretas já. Mas não mediu esforços, desde o início, para que a campanha se transformasse nesse grande festival de civilização política” (CAI., 1984, p.1) – ela falou diretamente aos seus leitores e a uma instância maior (os cidadãos brasileiros) – “É nessa condição que dirigimos agora um apelo aos nossos leitores e a todos os brasileiros, cidadãos desta Pátria renascida”(idem).

Faz-se necessário explicar que se podem distinguir dois tipos de *ethos*: um ‘ethos discursivo’ e um ‘ethos pré-discursivo’, pois como pontua Maingueneau (2005, p.71), “se o *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, não se pode ignorar, entretanto, que o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”. Neste ponto, se levar em consideração que o *ethos* “visa a engendrar no público uma disposição em relação ao orador” (DASCAL, 2005, p.57), verifica-se que o ‘ethos pré-discursivo’ é tão importante quanto o ‘ethos discursivo’. Tendo em vista que o discurso almeja convencer o destinatário, originando neste uma adesão a certa posição discursiva, observa-se que os dois *ethos* não podem se contrapor, pois tal fato comprometeria a credibilidade do discurso.

No caso da Folha de S. Paulo, é ponderável destacar que na medida em que construía seu ‘ethos discursivo’ no contexto da Campanha, a Folha procurava agregar valores para seu ‘ethos pré-discursivo’, pois era necessário fazer com que o público acreditasse que o jornal era um aliado da redemocratização; tendo em vista o apoio dado à instauração do Regime Militar, em 1964. Regime este que a Folha passou a se opor, ao defender a volta das eleições diretas para Presidente do Brasil.

Neste sentido, para que a adesão proporcionada pela construção do *ethos* nos editoriais fosse eficaz era importante fazer crer que a Folha de S. Paulo estava do lado do povo brasileiro. Assim, na medida em que explicitava o apoio à Campanha, ela procurou formas de se integrar ao movimento, participando do processo de mobilização. Desse modo, buscou estabelecer uma compatibilidade entre o ‘ethos discursivo’ e o ‘ethos pré-discursivo’.

Para Sônia Meneses (2010, p.8), a Folha “soube dosar exemplarmente memória e esquecimento na construção da imagem pública desse grupo”. E explica:

Um esquecimento que não se deu pelo apagamento de rastros, posto que, o jornal em nenhum momento vem a público negar seu apoio aos militares e ao regime por longos anos, mas que se sustentou na função seletiva da narrativa para construir uma poderosa memória política para si. [...]. Um esquecimento produzido pela substituição da memória de outros eventos que foram potencializados como novos e grandes marcos identitários (MENESES, op.cit, id)

Patrick Charaudeau (2006a, p.41-42) pontua que “a finalidade do homem ao falar, não é recortar, descrever, estruturar o mundo; ele fala, em princípio, para se colocar em relação com o outro, porque disso depende sua própria existência”. Daí a importância, em construir uma imagem para si mesmo e para o outro no discurso. É neste sentido, que no processo de construção do discurso, o sujeito falante “ao construir sua própria identidade de locutor e a de seu interlocutor (ou destinatário), estabelece relações de força ou de aliança, de exclusão ou de inclusão, de agressão ou de convivência com o interlocutor” (CHARAUDEAU, op.cit, p.71).

Neste ponto, observa-se que durante a cobertura da Campanha, os enunciatários (leitores) da Folha de S. Paulo, foram divididos pelo jornal em pelo menos dois grupos. O primeiro – que chamar-se-á de A – era formado pelas pessoas que apoiavam a redemocratização e participavam ativamente da Campanha; o segundo – que chamar-se-á de B – era constituído por pessoas contrárias a redemocratização do País. Perceba-se que ao construir seu próprio *ethos*, a Folha procurou ser reconhecida como integrante do grupo A.

Nos editoriais analisados, a Folha fez referência aos membros de ambos os grupos e ao se referir, construiu uma imagem para estes. Os *ethos* idealizados foram constituídos discursivamente pela Folha, ao passo que ela atribuiu características aos membros, de modo que eles pudessem se identificar como integrantes de um grupo que comungava das mesmas idéias, desencadeando um sentimento de pertença. Nesse sentido, Marco Prado (2006, p.201) destaca que “o sentimento de pertença é um dos importantes sentimentos que um processo mobilizatório precisa desenvolver”.

Outra inferência diz respeito ao modo como esses integrantes foram chamados: os membros de A eram nomeados pela Folha como cidadãos brasileiros, enquanto os membros do grupo B, na grande maioria, congressistas contrários às Diretas, foram simbolicamente excluídos, não sendo classificados como cidadãos. Destaca-se que a cidadania para Patrick Charaudeau (2006b) se define pela filiação simbólica dos indivíduos a uma mesma comunidade nacional. Daí porque os membros do grupo B ao não comungarem de uma identidade coletiva apontada para o Grupo A, não podiam ser inseridos dentre os cidadãos brasileiros. Essa exclusão foi justificada no editorial ‘Emergência não’ (1984, p.2), publicado em 07/04/1984, quando a Folha diz que “os que torcem pelo confronto estão, sem dúvida, apartados do sentimento nacional” (EMERGÊNCIA..., 1984, p.2).

No editorial ‘Ato de provocação’ (1984, p.2), publicado em 02/02/1984, a Folha classificou os congressistas do grupo B como “intransigentes e desesperados defensores do *status quo*” e utilizou-se de figuras de linguagem ao dizer que querem “transformar o

Congresso numa caricatura e seus integrantes em bufões de mais uma opereta despótica” (ATO..., 1984, p.2). Já no editorial ‘Cai a emenda, não nós’ (1984, p.1), publicado em 26/04/1984, a distinção entre os membros dos grupos é ainda mais marcante: enquanto “um povo sempre acusado de abulia e de inaptidão para a vida pública ofereceu [...] o espetáculo de seu próprio talento para se organizar e manifestar com responsabilidade, energia e imaginação” (CAI... 1984, p.1); os congressistas que votaram contra, não são dignos de serem chamados de congressistas pois são definidos pela Folha como “representantes de si próprio, espectros de parlamentares, fiapos de homens públicos, fósseis da ditadura”(CAI..., op. cit).

Percebe-se ainda que o jornal ao reconstruir o seu *ethos* utilizou elementos de fácil identificação por parte dos leitores para mostrar sua adesão à Campanha e desse modo estabelecer laços de cumplicidade com o público, que passou a vê-la como aliada. Nesse sentido, afere-se que a Folha buscou através do estabelecimento de um ‘sentimento de pertença’, construir uma espécie de ‘identidade coletiva’: nós os brasileiros.

Nesse ponto, é importante considerar Marco Prado (2006, p.201) para quem a “identidade coletiva garante uma continuidade da experiência nomeada como um ‘NÓS’ e revela nossa pertença a um determinado grupo”. Dessa forma, ao dizer que “A emenda Dante de Oliveira está derrotada, não nós” (CAI..., 1984, p.1). O “nós”, nesse caso, não se refere somente a Folha de S. Paulo, tendo em vista que o editorial representa o posicionamento da empresa jornalística; mas está incluso, também, no “nós”: o leitor e os cidadãos brasileiros.

Destaca-se que a Folha de S. Paulo, em vários momentos, portou-se como voz que apontava ao Congresso o caminho certo a ser seguido. No editorial intitulado ‘Luzes no Congresso’ (1984, p.2), publicado em 04/03/1984, a Folha aludiu que os congressistas começavam a tomar consciência de suas responsabilidades e que a aprovação da Emenda Dante de Oliveira era necessária para recuperar a autoridade do Poder Legislativo perante a Nação. E reforçou que “recai sobre o Legislativo, agora, a tarefa de decidir ou não pela reconciliação dos laços rompidos entre Estado e sociedade”.

Observa-se que enquanto ao povo foram atribuídas características como civilidade, dignidade e responsabilidade, o poder Legislativo precisava aprovar a Emenda para recuperar sua dignidade. No editorial ‘A um passo das Diretas Já’ (1984, p.2), publicado em 17/04/1984, a Folha pediu aos congressistas “lucidez e sensibilidade”. Em ‘Congresso soberano já’ (1984, p.2), publicado em 25/04/1984, procurou-se reforçar a soberania do Congresso, mencionando que o “Poder Legislativo tem sabido responder com altivez e independência as tentativas de desqualificá-lo como instituição fundamental da cidadania” (CONGRESSO..., op. cit), pontuando ainda que cabia somente ao Congresso restabelecer os

laços com a população ou “ser cúmplice de um impasse que a sociedade inteira quer superar” (idem).

Observa-se que ao se integrar a defesa da Campanha, adotando-a como bandeira, o jornal se apresentou nas palavras de Sônia Meneses (2010, p.6):

quase como opositor histórico do regime, como se não tivesse apoiado o golpe ou talvez como se o tivesse feito tão somente para representar os anseios da população naquele momento, assumindo dessa forma, uma condição que era também de mais uma de suas vítimas. Nos anos 80, termos como regime autoritário, censura, esquadrões de violência, pauperização entram definitivamente na narrativa cotidiana e o episódio passa a ser tratado como marco negativo a ser superado.

A partir da análise dos editoriais, publicados entre 26/01/1984 e 26/04/1984, infere-se que a Folha de S. Paulo ao construir uma imagem de participante-ativa para si, colocou-se como parte do povo brasileiro e não apenas do lado deste; fortalecendo assim um ‘sentimento de pertença’ e comungando traços de uma ‘identidade coletiva’. Ao fazer isso, procurou convencer seu leitor de que era uma empresa democrática e consciente das mudanças pelas quais o País precisava passar. Ainda neste sentido, o jornal procurou mostrar que acreditava na Campanha e que a rejeição da Emenda Dante de Oliveira era “sem dúvida, a hipótese mais pessimista” (A UM PASSO..., 1984, p.2). E, quando a Emenda foi reprovada, ao dizer em seu editorial que era “necessário preservar o que tinha sido à força do movimento. Em lugar da violência, a participação; em lugar do tumulto, a tranquilidade; em lugar do desespero, a persistência” (CAI..., 1984, p.1), a Folha procurou reafirmar as características que durante toda a cobertura foram atribuídas, pelo próprio jornal, a Campanha: a participação popular, a pacificidade das mobilizações e a legitimidade da causa.

## **2.4 Testemunhas e narradores**

Neste mesmo capítulo, no tópico intitulado ‘Apoiando e construindo a Campanha’, falou-se que após Octávio Frias de Oliveira, proprietário do jornal Folha de S. Paulo, informar aos seus editores, que o jornal passaria, a partir daquele momento, a apoiar e a divulgar a Campanha pelas Diretas Já, formou-se uma equipe de jornalistas para cobrir a temática. Dentre os repórteres envolvidos na cobertura, optou-se por citar, nesta pesquisa, apenas os jornalistas Ricardo Kotscho, Carlos Brickmann, Tarso de Castro e Clóvis Rossi, por terem sido estes os repórteres com um maior número de matérias assinadas sobre a Campanha,



durante o período em estudo<sup>70</sup>. Ressalta-se que de 1982 a 1985, Tarso de Castro assinava uma coluna no caderno ‘Ilustrada’, do jornal Folha de S. Paulo. Mas, durante a Campanha das Diretas Já, Castro também escreveu matérias para a editoria de política.

Observa-se que no decorrer das Diretas, ao invés de simplesmente noticiar, a Folha optou por narrar à mobilização, despertando sentimentos e emoções nos seus leitores. Importante esclarecer que, para esta pesquisa, a escolha por despertar sentimentos e emoções nas reportagens está ligada aos próprios repórteres envolvidos na cobertura, tendo em vista suas características quanto ao modo de escrever. Entretanto, é bom esclarecer que, nesta pesquisa, também se vê essas estratégias como escolhas da Folha de S. Paulo, tendo em vista que o jornal aceitou a forma como as matérias foram redigidas ao publicá-las. Importante ressaltar que alguns desses jornalistas haviam trabalhado na imprensa alternativa e traziam consigo modos de escrever característicos desta imprensa: apresentando traços literários, com fortes nuances do *new journalism*, praticado nas redações norte-americanas, a partir da década de 1960.

Ricardo Kotscho, Carlos Brickmann e Clóvis Rossi apresentam um estilo mais literário, caracterizando-se pela leveza e pelo aspecto envolvente de seus textos. Tarso de Castro, por sua vez, mantinha um estilo polêmico, cômico e desbocado, segundo classificação de Tom Cardoso (2005). Acrescenta-se que Tarso de Castro foi um dos fundadores do jornal *O Pasquim*; Ricardo Kotscho e Clóvis Rossi, embora não diretamente ligados a imprensa alternativa, trabalharam juntos na revista ‘Isto é’ e no extinto ‘Jornal da República’. Acrescenta-se, ainda, que no período das Diretas, a Folha se caracterizava por ser um jornal autoral que dava liberdade para que seus repórteres escolhessem a maneira como iriam redigir suas matérias, sendo inclusive permitida a exposição de emoções e opiniões. Características estas abandonadas após a implantação do “Manual de Redação”, adotado em junho de 1984, que orientava os repórteres a “não externar emoções nem opiniões em suas matérias” (KOTSCHO, 2006, p.133).

Com uma equipe de jornalistas dedicada a acompanhar e cobrir os desdobramentos da Campanha, várias matérias foram publicadas acerca da temática. A cada nova edição, o jornal

---

<sup>70</sup> Considera-se importante acrescentar que outros repórteres também fizeram matérias sobre a Campanha, mas de forma esporádica, por isso decidiu-se por não destacar seus nomes nesta parte da pesquisa. No entanto, ressalta-se que não citá-los, não significa que se esteja omitindo a participação destes repórteres, pois suas reportagens também foram analisadas por esta pesquisa. Reforça-se que se optou por citar somente esses quatro jornalistas, por considerá-los mais expressivos, diante do maior número de matérias assinadas por estes, acerca da Campanha pelas Diretas Já. Além disso, em muitas matérias não se pode identificar seus autores, pois algumas não foram assinadas e outras apresentaram uma espécie de assinatura coletiva, onde se informa os nomes de todos os jornalistas que estiveram envolvidos na cobertura do evento específico.

buscou contemplar o assunto, de modo que o debate em torno das Diretas se mantivesse vivo. Assim, seus repórteres – que passaram a acompanhar todos os atos a favor das Diretas e também foram se inserindo na Campanha – tornaram-se peças fundamentais no processo de construção do movimento nas páginas do jornal, pois ao passo que os repórteres foram se inserindo ao movimento, eles de certo modo foram ajudando a produzir o acontecimento. Quanto a este aspecto, Ricardo Kotscho (2006, p.117) diz:

como os repórteres da Folha encarregados da cobertura tinham trânsito fácil em todos os partidos envolvidos na campanha, e não eram candidatos a nada, podiam também exercer seu papel de simples cidadãos – não apenas informando sobre o que estava acontecendo, mas ajudando a fazer acontecer.

Dentre os repórteres escolhidos para a cobertura, Kotscho foi o que mais se envolveu. No trecho a seguir, pode-se dimensionar esse envolvimento:

Como a Folha era o único veículo que mandava repórteres da sede em São Paulo para todos os comícios e abria generosamente suas páginas para a cobertura da campanha pelas Diretas, passei a fazer parte da trupe, dar palpites nos discursos, sugerir caminhos para as etapas seguintes. Viajava com os três líderes da campanha em pequenos aviões fretados, e, em alguns lugares, dr. Ulisses – era assim que se referiam a ele – fazia questão de anunciar minha presença no palanque. Eu sabia que, em outras circunstâncias, essas coisas não pegariam bem para um repórter. Àquela altura, no entanto, não me importava mais com o limite entre as funções do profissional de imprensa e as do militante. Ficava até orgulhoso, para falar a verdade (KOTSCHO, 2006, p.120).

Durante a cobertura, observa-se que a Folha procurou fugir da impessoalidade e da objetividade – que normalmente marcam as coberturas políticas – buscando cada vez mais se firmar no contexto das Diretas como ‘testemunha-participante’, fosse com a publicação de imagens dos comícios em grandes dimensões<sup>71</sup> – que no fundo repassavam uma idéia de “nós estávamos lá” – fosse através das reportagens escritas em primeira pessoa: “Não será exagero dizer, agora, os rins doendo de tantas viagens, o coração batendo forte, que tudo parece um sonho, um sonho bom demais para ser verdade” (KOTSCHO, 22 abr. 1984, p.5).

Percebe-se que para se aproximar do leitor, a Folha utilizou determinadas estratégias discursivas que ajudaram a promover o despertar de um interesse. Verifica-se, inicialmente, que os títulos cumpriram sua função de chamar a atenção: ‘Na Sé, um brado retumbante pede

---

<sup>71</sup> Estão disponíveis, nos anexos, cópias das páginas da Folha de S. Paulo, onde podem ser visualizadas as imagens dos comícios publicadas em grandes dimensões.

eleições diretas’ (KOTSCHO, 1984, p.5); ‘O país grande reencontra a Nação’ (KOTSCHO, 1984, p.4); ‘Desta vez, Verlênia pôde assistir ao comício’ (FSP, 1984, p.8); ‘Em seu cavalo branco, o executor vê a tropa passar’ (KOTSCHO, 1984, p.12). Quanto a este aspecto, Nilton Hernandes (2006, p.53) destaca que “toda manchete ou chamada é concebida para ‘sensibilizar’; para atrair sensorialmente e passionalmente. Por meio desse recurso, cada jornal veicula uma grande carga afetiva”. Acrescenta-se que algumas expressões citadas nos títulos remetem a outros momentos históricos: “brado retumbante”, por exemplo, remete ao episódio da Independência do Brasil, consagrado no Hino nacional brasileiro, enquanto a expressão “em seu cavalo branco”, de certo modo remete a figura de Napoleão Bonaparte, que ia as batalhas em um cavalo branco.

Sendo verdade que “jornalismo é contar uma história” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2004, p.226), pode-se afirmar que esta definição foi colocada em prática no jornal Folha de S. Paulo, durante a cobertura da Campanha pelas Diretas Já, pois a grande maioria das reportagens foi apresentada como histórias; normalmente, contadas sob a perspectiva de alguém que presenciou o acontecimento. Nesse tipo de reportagem, segundo Ricardo Kotscho (2004, p.16) “o repórter coloca-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e conta o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo”. O trecho abaixo é um exemplo desse tipo de reportagem:

Oito da manhã. É impossível continuar dormindo em Brasília a esta hora, por maior que seja o cansaço. O buzinaço da véspera recomeça, ainda mais intenso e barulhento. [...] Otimistas e pessimistas engolem o café com pressa e sai o cortejo para o Congresso Nacional que fica a cinco minutos do hotel. [...] Nove da manhã. O dono da banca de jornais que fica na entrada da Câmara nunca vendeu tantos jornais como ontem. É lá que se vê o maior movimento, todo mundo pegando jornais com a avidez de famintos achando um prato de comida (A CIDADE..., 1984, p.6).

Hernandes (2006) destaca que para que os jornais possam construir laços com o público-alvo, eles não podem apenas expor notícias, eles também precisam fazer sentir, estruturar modos de o público se perceber nessas notícias. Durante a cobertura da Campanha, em alguns momentos, os repórteres da Folha deram destaque a histórias de pessoas anônimas, um exemplo disso é a matéria intitulada ‘Desta vez, Verlênia pôde assistir ao comício’ (FSP, 1984, p.8), publicada em 17/04/1984, que narra o percurso da dona de casa Verlênia, desde que ela acordou até chegar ao comício no Vale do Anhangabaú, em São Paulo.

Esses exemplos de reportagens ajudam a perceber o quanto a Folha de S. Paulo buscou se aproximar do leitor durante a Campanha, ao passo que procurou fazer com que o mesmo se

sentisse parte do movimento que invadiu as ruas, naqueles quatro primeiros meses, do ano de 1984. Nesse ponto, considera-se importante ressaltar que as estratégias discursivas utilizadas pelos repórteres para se aproximar do leitor, foram fundamentais para popularizar a Campanha e o próprio jornal, durante a cobertura das Diretas.

Desse modo, levando em consideração Patrick Charaudeau (2006a, p.39) para quem “comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, [...] mas escolhas de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas”, os próximos capítulos apresentarão a análise das “reportagens de desdobramento”, destacando as estratégias discursivas aproximativas identificadas no decorrer da análise.

### 3 ESCOLHAS PARA REPORTAR A CAMPANHA

A edição da Folha de S. Paulo do dia 26/04/1984 chegou às bancas com a manchete “A NAÇÃO FRUSTRADA!”. No interior da edição, 17 páginas abordavam a votação da Emenda Dante de Oliveira, pela Câmara dos Deputados. Com a frase “noite da vergonha”, a Folha definiu – na reportagem intitulada ‘Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada’ (ROSSI, 1984, p.5), – a noite de 25/04/1984. Data em que foi votada no Congresso Nacional a Emenda Dante de Oliveira, que propunha o retorno de eleições diretas para Presidente do Brasil.

Foi a noite da vergonha: vergonha nos gestos dos deputados dos PDS, que ou se ausentaram do plenário ou, quando votavam não, geralmente o faziam de seus próprios assentos, sem coragem de enfrentar o microfone de apartes, de onde deveriam proferir o voto. Vergonha pelo escandaloso esquema de policiamento montado ao longo da Esplanada dos Ministérios, restringindo o acesso ao Congresso Nacional.

Para que o policiamento se a sessão do Congresso foi de uma normalidade até aborrecida (pela infinidade de discursos), a ponto de o correspondente do ‘New York Times’, Alan Riding, brincar comigo: “Como é que vou vender uma matéria grande para o meu jornal, se não houve tiros, nem bagunça, nem nada de anormal?”

Havia, é verdade, um numeroso grupo de estudantes nas imediações do Parlamento, mas essa moçada em momento algum pôs em risco a segurança nacional. Limitou-se a cantar músicas alegres e a formar, ao anoitecer, um “diretas-já” à base de tochas acesas, pondo um toque de poesia nessa noite triste para o País.

Mas, não importa. Não há como deixar de concordar com Luis Inácio Lula da Silva, o presidente do PT, quando ele dizia, ainda antes da votação: “De qualquer forma, valeu a pena” (ROSSI..., op.cit).

De autoria do jornalista Clóvis Rossi, essa reportagem – que provavelmente suscita o questionamento se teria sido mesmo publicada em uma editoria de política de um jornal diário – representa, em termos de estilo escritural, não só as outras 12 reportagens publicadas pela editoria de política, daquela quinta-feira, dia 26/04/1984, como a grande maioria das reportagens publicadas pela Folha de S. Paulo, ao longo de toda a cobertura da Campanha pelas Diretas. Dessa forma, o trecho citado na abertura deste capítulo é apenas um exemplo dos textos publicados pela Folha, acerca das Diretas, entre dezembro de 1983 e abril de 1984. Assim, aliando criatividade, sensibilidade e subjetividade a Folha falou sobre a Campanha, ao passo que procurou conquistar a atenção do público-leitor, envolvendo-o emocionalmente por meio da escrita, ao ponto de despertar seu interesse para com a temática abordada.

A partir do trecho da reportagem intitulada ‘Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada’(ROSSI, 1984, p.5), publicada em 26/04/1984, podem ser identificados alguns elementos predominantes na cobertura como: a presença do jornalista no enunciado e a impressão de que o repórter conta a história para alguém muito próximo a ele. Nesse caso, o leitor é como se fosse um amigo com quem ele pode compartilhar o que viu e ouviu na Câmara dos Deputados, no Congresso Nacional, durante o dia 25/04/1984. Observa-se que o repórter expõe, principalmente, suas opiniões sobre os acontecimentos, como na passagem em que indaga: “para que o policiamento se a sessão do Congresso foi de uma normalidade até aborrecida”. Ao dizer isso, pressupõe-se que o repórter acredita que o seu leitor aceitará o que ele diz, tendo em vista a existência de certa cumplicidade entre ambos, não especificamente uma cumplicidade entre o repórter e o leitor, mas uma cumplicidade entre grande parte dos leitores e a própria Folha no que se referia as Diretas. Destaca-se que esta cumplicidade foi construída no decorrer da cobertura e a reportagem a qual se faz referência neste trecho fora publicada no final da Campanha.

Neste capítulo, abordam-se as escolhas da Folha de S. Paulo no que diz respeito às estratégias discursivas usadas para reportar a Campanha pelas Diretas Já. Importante acrescentar que no âmbito midiático, o jornalismo se utiliza do discurso – seu principal instrumento – como espaço para colocar em prática suas estratégias, seja de atração, seja de envolvimento, seja de persuasão. Nesse ponto, acrescenta-se ainda que José Luis Fiorin (2009, p.57), destaca que “para exercer a persuasão, o enunciador utiliza-se de um conjunto de procedimentos argumentativos, que são parte constitutiva das relações entre o enunciador e o enunciatário”.

Importante dizer, também, que este estudo leva em consideração Patrick Charaudeau (2006, p.36) para quem “a informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento”. Portanto, nesta pesquisa, para refletir sobre as estratégias discursivas, considera-se sempre o contexto no qual elas foram postas em prática.

Observa-se que ao decidir sobre o quê falar e principalmente como contar, está se fazendo escolhas. Ao optar por enfatizar um ponto; omitir outro ou suprimir sua relevância, dentre muitas outras escolhas, põem-se em prática certas estratégias que colaboram para atrair e/ou persuadir, orientando a interpretação para uma determinada leitura. De modo geral, o discurso “resulta da combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve [...] com a maneira pela qual se fala” (CHARAUDEAU, 2006a, p.40). Nesse ponto, Charaudeau (idem)

destaca que o sentido do discurso é resultado de uma co-intencionalidade que compreende os efeitos visados, os efeitos possíveis e os efeitos produzidos, pois assim como a instância de produção só consegue idealizar seu receptor – esta idealização dificulta que os efeitos de sentido sejam percebidos da maneira como foram intencionados – a instância de recepção, por sua vez, produz seus próprios efeitos que dependem de suas condições de interpretação.

Com isso, percebe-se que o contexto no qual aparece uma informação pode produzir diversos efeitos já que o público “reconstrói implícitos a partir de sua própria experiência social, de seus conhecimentos e crenças [...]. Se as manchetes dos jornais são diferentes, é porque, para se diferenciar do concorrente, cada jornal deve produzir efeitos diferentes” (CHARAUDEAU, 2006a, p. 59). É, nesse momento, portanto, que entram em cena as estratégias discursivas. Acrescenta-se que o uso adequado destas pode colaborar para que os efeitos produzidos sejam próximos dos efeitos visados.

Nota-se que as estratégias discursivas, dentre outros aspectos, são importantes na medida em que ajudam a atrair; conquistar e manter o leitor em torno de uma temática ou até mesmo a favor de um determinado jornal, quando, por exemplo, forma-se um público-leitor fiel. Ressalta-se que para Adriano Rodrigues (2002, p.218-219):

o público do discurso midiático não é constituído por aqueles que o ouvem ou escutam, mas por aqueles que, de algum modo, são os seus destinatários, são por ele interpelados ou envolvidos. É esta escuta específica daqueles que se sentem envolvidos pelo discurso midiático que constitui o público.

Dessa maneira, verifica-se que escolher as estratégias discursivas é uma decisão importante e fundamental para um jornal, ao passo que delas pode depender tanto sua ampliação no mercado quanto seu poder de persuasão. Destaca-se que “o que mantém um jornal não são (apenas) favores e dinheiro, mas leitores (inclusive é importante lembrar que um jornal apenas serve ao poder na medida de sua força e repercussão junto ao seu eleitorado)” (FRANÇA, 2002, p.484).

Vendo por esta perspectiva, percebe-se que a escolha das estratégias discursivas a serem adotadas por um jornal em um determinado momento, pode contribuir tanto para popularizar, quanto para despopularizar, seja uma temática, seja até mesmo o próprio periódico. Ainda nesse sentido, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) destacam que para conquistar leitores, o jornalismo deve ser sedutor, evitando tanto o rebuscamento estéril, quanto uma monotonia entre o olhar do leitor e o fato reconstruído.

Nesse ponto, deve-se levar em consideração que as mídias também se definem através de uma lógica comercial. Quanto a essa perspectiva, Charaudeau (2006a, p.59) lembra que “por essa lógica, cada uma delas procura ‘captar’ uma grande parte, senão a maior parte, do público”. Sendo assim,

o imperativo de captação a obriga a recorrer à sedução, o que nem sempre atende a exigência de credibilidade que lhe cabe na função de “serviço ao cidadão” – sem mencionar que a informação, pelo fato de referir-se aos acontecimentos do espaço público político e civil, nem sempre está isenta de posições ideológicas (CHARAUDEAU, op.cit, id).

Lembra-se que durante a cobertura das Diretas, a Folha procurou mostrar seu efetivo apoio ao Movimento. Por meio da demonstração desse apoio, o jornal buscou envolver o leitor e despertar sua atenção para a importância da temática, colaborando de certo modo para a construção de uma espécie de ‘sentimento nacional’ em torno do debate. Nesta pesquisa, entende-se que a procura por estabelecer uma proximidade com o leitor, durante a cobertura da Campanha pelas Diretas, foi uma maneira encontrada pela Folha para difundir a temática na sociedade; buscar o apoio popular para as Diretas e assim reconstruir uma imagem de defensora da democracia para o próprio jornal. Imagem esta abalada desde o apoio a instauração do Regime Militar, em 1964. Levando em consideração que as estratégias discursivas trazem consigo motivações e conseqüências, infere-se que as estratégias praticadas na cobertura foram importantes para o estabelecimento de laços e para a popularização da Campanha.

Nos próximos tópicos, apresenta-se o quê, no decorrer da pesquisa, foram identificadas como as principais estratégias discursivas aproximativas, praticadas durante a cobertura do jornal Folha de S. Paulo, acerca da Campanha pelas Diretas Já. Importante acrescentar que hoje, essas particularidades da cobertura podem ser vistas como ‘estratégias discursivas’ a partir do momento em que essas ‘escolhas’ contribuíram para popularizar a temática e estabelecer um laço de cumplicidade entre o próprio jornal e seus leitores, no que diz respeito à mobilização em defesa da realização de eleições diretas para Presidente do País. Além disso, pode-se classificar a forma de reportar como ‘estratégias discursivas’, a partir do momento em que se vêem os discursos aqui analisados como objetos culturais, produzidos a partir de certas condições sócio-históricas e em relação dialógica com outros textos.



### 3.1 Reportagens envolventes

Tudo funcionou como se tivesse havido um ensaio: a multidão começou a sair de casa entre meio dia e 15 horas, dependendo da distância. [...] Do meio dia (hora em que o tráfego da área foi interditado) até as 16 horas, a avenida Rio Branco, por exemplo, transformou-se num “rio de gente”. [...] um “rio” de correnteza forte, feito de estudantes, médicos, jornalistas, engenheiros, arquitetos, funcionários públicos, professores, artistas, bandas de música, grupos de teatro, advogados, bancários. [...] A passeata que nascia na Praça 15, descia ruas como a Sete de Setembro e a São José para desembocar na corrente da Rio Branco (EM ORDEM..., 1984, p.4).

Com traços de uma narrativa lúdica, poética e como tal cheias de figuras de linguagens<sup>72</sup>, as reportagens publicadas pela Folha de S. Paulo, acerca da Campanha pelas Diretas Já, caracterizam-se pela escrita envolvente<sup>73</sup>. Observa-se que o modo de apresentação das reportagens, marcado pela presença de uma narrativa jornalística envolvente – que em muitos momentos, busca nos recursos literários, artifícios para transformar as reportagens em histórias atraentes – é uma característica predominante na cobertura. Esta, por sua vez, ao passo que ajudou no processo de aproximação do leitor, também contribuiu para envolvê-lo com a temática.

Destaca-se que para Nelson Traquina (2005, p.46), “além de ser compreensível, o discurso jornalístico é um discurso que deve provocar o desejo, o desejo de ser lido/ouvido/visto”. Para tanto, a primeira estratégia discursiva a ser adotada deve estar relacionada à forma como o fato é apresentado, tendo em vista que por meio desta, o público pode ter seu interesse despertado para a temática. Nesse ponto, Ricardo Kotscho (2004, p.10) ressalta que o quê “realmente diferencia um jornal do outro – e, em consequência, um repórter do outro – é a sua capacidade de transformar os pequenos fatos que fazem o dia-a-dia da cidade, do país e do mundo em matérias boas de ler”.

Utilizando-se de recursos literários, muitas matérias apresentam uma escrita poética que por meio de uma linguagem conotativa, recorre a figuras de linguagens: “a **alegria** sobe a rua da Consolação, passa pela Avenida Paulista e na saída dos escritórios, nos bares, pelas calçadas, espalha-se o sorriso no rosto de toda gente” (KOTSCHO, 25 jan. 1984, p.6). Nesse trecho, ao dizer que “a alegria sobe a rua”, percebe-se o uso da figura de linguagem conhecida

<sup>72</sup> Trata-se de um recurso literário que transforma o significado das palavras para tirar delas maior efeito ou para construir uma mensagem nova.

<sup>73</sup> Ressalta-se que a escrita envolvente dessas reportagens foi o ponto de partida para esta pesquisa. Abordou-se este aspecto ainda na introdução deste trabalho, quando se falou acerca da motivação para a realização deste trabalho. Apenas para relembrar, falou-se que a cobertura da campanha pelas Diretas Já, no jornal Folha de S. Paulo constitui um ótimo exemplo da prática de uma escrita apaixonante no jornalismo.

por ‘personificação’. Na ‘personificação’, segundo Fiorin (2009, p.123), “se atribuem qualificações ou funções que têm o traço/humano/ a um elemento que tem o traço/ não humano/, que, assim, é humanizado”.

Considera-se importante acrescentar a ressalva de Patrick Charaudeau (2006a, p.60), para quem:

os acontecimentos que surgem no espaço público não podem ser reportados de maneira exclusivamente factual: é necessário que a informação seja posta em cena de maneira a interessar o maior número possível de cidadãos – o que não garante que se possam controlar seus efeitos. Sendo assim, as mídias recorrem a vários tipos de discursos para atingir seus objetivos.

Ressalta-se que o caráter envolvente das reportagens é percebido desde o início do texto. Já no lide<sup>74</sup>, observa-se a busca por uma apresentação envolvente. Quanto a este aspecto, Sodré e Ferrari (1986, p.67) destacam que “a abertura destina-se basicamente a chamar a atenção do leitor e conquistá-lo para a leitura do texto”. A abertura da matéria intitulada ‘Na Sé um brado retumbante pede eleições diretas’ (KOTSCHO, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984, constitui um dos exemplos em que a abertura busca de antemão, prender a atenção do leitor:

“Ouviram do Ipiranga, às margens plácidas/ De um povo heróico o brado retumbante.” Nunca, antes, em sua história de 430 anos completados ontem, São Paulo viu algo igual – centenas de milhares de pessoas transbordando da praça da Sé para todos os lados, horas debaixo de chuva, num grito uníssono: eleições diretas para presidente. Nunca, antes, foram tão verdadeiros os primeiros versos do nosso Hino. O brado engasgado na garganta durante vinte anos explodiu na praça da Sé. O pranto travado correu pelos rostos de gente muito vivida, os braços se ergueram, dando-se as mãos uns aos outros, toda gente cantando junto o Hino Nacional, no encerramento desta festa pelas eleições diretas - a maior manifestação pública a que o Brasil Já assistiu (KOTSCHO, op. cit).

Sodré e Ferrari (1986, p.68) acrescentam que “sair da convencional abertura informativa, em busca de um estilo mais literário, pode ser uma alternativa para interessar o leitor”. Para isso, realçar a visão, a audição, a imaginação, as pessoas, jogar com fórmulas e com as palavras, são todas opções válidas, dentro do jornalismo, para fugir da monotonia (SODRÉ; FERRARI, op. cit). Observa-se que ao usar as primeiras estrofes do Hino nacional

---

<sup>74</sup> No Dicionário de Comunicação (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p.426), o verbete lide é definido como abertura de texto jornalístico na qual se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial, o clímax da história. Deve ser redigido de modo a “fisgar” o interesse do leitor para a leitura de toda a matéria. Na construção do lide, o redator deve responder às questões básicas da informação: o quê, quem, quando, onde, como e por quê (embora não necessariamente a todas elas em conjunto).

brasileiro – símbolo do País – logo na abertura da reportagem, Kotscho joga com as frases prontas e imprime ao comício um caráter cívico, ao mesmo tempo em que dá a este um clima festivo. E ao fugir da objetividade do lide tradicional pretende dar leveza ao texto.

Kovach e Rosenstiel (2004) enfatizam que para construir um lide criativo basta pensar que o quem é o personagem, o que é a história, o onde é o lugar da ação e o como é o desenrolar, para que se possa misturar informação e narrativa e a partir daí se possa construir uma abertura e uma história interessante. Importante ressaltar que a leveza encontrada na abertura da reportagem ‘Na Sé um brado retumbante pede eleições diretas’ (KOTSCHO, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984, faz-se presente no decorrer de todo o texto. Aliando informação e narrativa, o repórter consegue prender a atenção do leitor até o último parágrafo.

A aproximação entre informação e narrativa é praticada em quase todas as reportagens analisadas nesta pesquisa. Entretanto, é importante ressaltar que embora esteja presente em quase todas as reportagens, o caráter narrativo não aparece nessas com a mesma intensidade. Enquanto em algumas, essas características são identificadas em apenas alguns trechos, em outras, praticamente todo o texto da reportagem constitui uma narrativa. Destaca-se, ainda, que para Kovach e Rosenstiel (2004) construir narrativas no jornalismo não é tão fácil, pois “a forma como o jornalista usa a narrativa deve sempre ser governada pelos princípios da exatidão e da veracidade [...]. Não importa a forma de apresentação, o que importa é ter sempre em mente a coisa mais importante: a história é verdadeira” (KOVACH; ROSENSTIEL, op. cit, p.243).

Na reportagem intitulada ‘A disputa por melhores lugares começa na véspera’ (FSP, 1984, p.6), publicada na edição de 26/01/1984, encontram-se elementos da narrativa que, aliando narração e descrição, conseguem apresentar visualmente o fato, através da escrita: “por volta das 15 horas, vindo não se sabe de onde, surgiu sobre a multidão um caixão simbolizando o sepultamento do regime militar. [...]. De mão em mão o caixão terminou destruído” (A DISPUTA..., 1984, p.6). Sodré e Ferrari (1986) destacam que no procedimento narrativo as ações são reconstituídas e presentificadas como se estivessem ocorrendo naquele momento. Sodré e Ferrari (idem, p.21) explicam que:

a aproximação com o leitor é maior, na medida em que se pode acompanhar o desenrolar dos acontecimentos quase como testemunha. Esse tipo de relato se apóia na ação e no detalhamento. Tenta reproduzir os fatos, realizando-os para o leitor [...] parece que os acontecimentos têm vida própria e se exibem diante do leitor.

Em ‘Do palanque e escadarias, uma outra visão da praça’ (FREITAS, 1984, p.6), publicada também em 26/01/1984, o repórter recorre aos mesmos recursos:

os artistas chegaram às 15h45 e se concentraram na escadaria da catedral da Sé. Osmar Santos, em seguida, é convocado e começa a operação esquentamento, com músicas, motes e conclamações. O palanque se enche rapidamente (é impressionante que em eventos deste tipo apareçam tantos jovens fotógrafos de veículos nem sempre muito bem identificados) (FREITAS, op. cit)

Ressalta-se que o uso de recursos como a narrativa para tornar o texto jornalístico atraente e capaz de envolver o público exige uma atenção especial para não transformar a “verdade” numa ficção. Quanto a este aspecto, Gustavo de Castro (2002, p.78) destaca que “a narração representa um ideal estilístico para quem quer que se aventure no relato de histórias e fatos, já que implica no conhecimento adequado da palavra, do sussurro de cada período”. Acrescenta-se que durante a cobertura da Campanha pelas Diretas, infere-se que a utilização da narrativa pela Folha foi uma das estratégias discursivas que ajudaram a despertar no leitor o interesse pela Campanha, ao passo que colaborou para popularizar o movimento das Diretas.

Nesse ponto, considera-se importante lembrar que no Brasil o jornalismo narrativo foi muito praticado nas décadas de 1960 e 1970, principalmente pelas revistas ‘O Cruzeiro’ e ‘Realidade’. No que se refere à prática do jornalismo narrativo, durante esse período, Carlos Araújo (2002, p.95-96) destaca que “nunca, na história da imprensa nacional, os jornalistas foram tão escritores. [...]. Sem prejuízo da informação, o texto encadeava uma história que seduzia o leitor. Sem a necessidade de definir, de cara, um *lead* ou um *sub-lead*”. A reportagem ‘Como se fosse um desfile de Carnaval’ (FSP, 1984, p.5), publicada em 25/02/1984, é um exemplo de texto onde também não se apresenta no primeiro parágrafo, respostas para as perguntas de um lide tradicional. Mas, por meio de uma narrativa envolvente, o leitor é atraído pela escrita da matéria jornalística e a leveza da apresentação do fato conduz a leitura até o último parágrafo. A seguir, a transcrição do primeiro parágrafo dessa reportagem:

O Cine Roial, localizado na avenida Afonso Pena a pouco menos de cem metros do local onde foi armado o palanque para o “Grande Comício de Minas pelas Diretas”, viveu ontem a pior tarde de sua história. Habitado a receber entre 400 e 500 pessoas para suas sessões vespertinas, viu a sessão das 16 horas ter menos de 30 pessoas. “Só sinto não poder sair daqui, para

participar, mas vou ouvir tudo”, comentou a bilheteira (COMO SE..., 1984, p.5).

Nota-se que a reportagem tem como pauta o comício pelas Diretas realizado na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte - MG. No entanto, o repórter inicia o texto falando do Cine Roial. Por um instante, tem-se a impressão de que a reportagem falará sobre o Cinema, mas logo se percebe que o comício é o grande foco e a primeira marca textual que leva a essa conclusão é a fala da bilheteira: “Só sinto não poder sair daqui, para participar, mas vou ouvir tudo” (COMO SE..., op. cit). Iniciar a reportagem por um ângulo de abordagem diferente do foco central da matéria – o quê seria uma forma “obrigatória” em um lide tradicional – desperta a curiosidade e o interesse do leitor. Contudo, neste caso, tanto a curiosidade, quanto o interesse, só é possível pela forma como o texto foi escrito.

Durante a análise das reportagens, percebeu-se que o caráter narrativo foi tão praticado no decorrer da cobertura que acabou por aproximar jornalismo e literatura<sup>75</sup>, de modo que em muitas reportagens encontram-se elementos característicos do chamado jornalismo literário<sup>76</sup>. Para Mark Kramer (apud MARTINEZ, 2009) o jornalismo literário se caracteriza, dentre outros aspectos, pela imersão do repórter na temática abordada, a apuração precisa, a aproximação com o cotidiano, a presença do repórter no texto – ainda que implícita, pois isso promove uma conexão com o leitor – e a estruturação de uma história que faça sentidos para o público<sup>77</sup>.

---

<sup>75</sup> Destaca-se que esta aproximação ocasionou ainda mais leveza ao texto, permitindo um envolvimento maior do público com a temática apresentada.

<sup>76</sup> Dentre outros aspectos, o jornalismo literário é caracterizado pelo uso de técnicas literárias para humanizar a reportagem. O termo jornalismo literário surgiu com o *New Journalism*, movimento iniciado nas redações norte-americanas, na década de 1960, impulsionado pelos jornalistas Tom Wolfe, Norman Mailer, Truman Capote e Gay Talese. Cabe ressaltar que antes de 1960, encontram-se diversos exemplos que podem ser classificados como pioneiros na prática de um “jornalismo literário”. No entanto, a década de 1960 é apresentada como marco inaugural, por ter sido nesse período que o *New Journalism* se difundiu por várias redações do mundo. Muito antes do advento do *New Journalism* nos Estados Unidos, encontram-se, no Brasil, adeptos da prática de um jornalismo literário, dentre eles, pode-se destacar autores como: Euclides da Cunha e João do Rio. Euclides da Cunha ficou conhecido como autor da obra literária *Os sertões* – produzida a partir das reportagens escritas por Cunha sobre a Guerra de Canudos, no sertão baiano, em 1897, para o jornal *O Estado de São Paulo*; enquanto João do Rio destacou-se com matérias inovadoras na imprensa carioca, no início do século XIX. Mas, como até os primeiros anos do século XX, imprensa e literatura se entrelaçavam, alguns pesquisadores apontam o jornalista Joel Silveira como o pioneiro da utilização do estilo conhecido como jornalismo literário, no Brasil. Segundo Felipe Pena (2006) Silveira defendia a tese de que o estilo chamado “grande reportagem”, mais que uma mera alternativa da imprensa, era a válvula de escape para toda voz reprimida na ditadura do Estado Novo, de 1937 a 1945.

Reforça-se ainda que na década de 1970, a revista *Realidade* é exemplo do exercício do jornalismo literário no Brasil, acompanhada pelo *Jornal da Tarde*. Pontua-se que na década de 1980, muitos jornalistas que haviam feito parte da chamada “imprensa alternativa”, para onde migraram muitos profissionais da grande mídia, depois da instauração do AI-5, estavam retornando às redações da “grande imprensa” e traziam consigo marcas de um jornalismo praticado na “imprensa alternativa” que se afastava da rigidez do *lead*; dando leveza e profundidade aos textos.

<sup>77</sup> Nos tópicos 3.3 e 3.4, abordam-se as estratégias discursivas aproximativas ligadas mais fortemente à prática de um jornalismo literário.

Observa-se, também, que se utilizando de reportagens envolventes para se aproximar do leitor e assim conquistá-lo para a defesa das Diretas, a Folha de S. Paulo priorizou alguns elementos dentro da cobertura. É sobre esses elementos que se falará no próximo tópico.

### **3.2 Emoção, memória e sentimento nacional**

Nos anos de 1983 e 1984, o Brasil enfrentava problemas sociais, econômicos e políticos<sup>78</sup>. Diante desse cenário, mobilizar a população em torno de uma causa política era um desafio, pois ao passo que os brasileiros desejavam mudanças, grande parte deles se encontravam desacreditados com a política. Dessa forma, para um jornal publicizar uma campanha de cunho político, de modo a fazer com que a população se reconhecesse no movimento era uma tarefa instigante, ainda mais quando o sucesso dessa campanha poderia ter conseqüências positivas para a imagem do próprio jornal.

A descrição apresentada no parágrafo anterior constitui o contexto em que a Folha de S. Paulo se encontrava entre os meses de dezembro de 1983 e abril de 1984. Publicizar a Campanha pelas Diretas e participar ativamente dela poderia trazer conseqüências positivas para sua auto-imagem diante da sociedade brasileira<sup>79</sup>. Mas, para isso, era necessário chamar a atenção do público, despertando seu interesse para com a temática. Assim, para se aproximar do leitor e conquistá-lo, o jornal Folha de S. Paulo investiu no que se pode chamar de ‘formas de abordagens’. Dessa forma, recorrer tanto às emoções quanto a uma espécie de sentimento nacional – ao ponto de transformar um movimento político em uma causa apaixonante – constituem escolhas realizadas pela Folha para reportar as Diretas. A seguir falar-se-á sobre essas ‘formas de abordagens’.

“A emoção tomou conta não só das cercas de 50 mil pessoas que se espremeram na Boca Maldita, durante o comício pelas diretas como também dos participantes do palanque”. Foi com esta frase que a repórter Mari Tortato abriu a matéria intitulada ‘Emoções marcam o dia na cidade’ (FSP, 1984, p.6), publicada em 13/01/1984 e relacionada ao comício a favor das Diretas, realizado na noite de quinta-feira, dia 12/01/1984, na cidade de Curitiba - PR. Nesse caso, observa-se que a emoção perpassou o título e se espalhou no decorrer do texto. Ao longo da matéria, fala-se em emoção, em engajamento, em participação e em festa política. Ao final, Tortato (op.cit) diz que “nem a costumeira pancada de chuva, desta última

---

<sup>78</sup> No capítulo 1 desta dissertação, abordou-se, de forma mais abrangente, os aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil, nos primeiros anos da década de 1980.

<sup>79</sup> Falou-se sobre essas “conseqüências positivas”, no tópico 2.2, do capítulo 2 desta dissertação.

semana de surpreendente calor na cidade habituada com o frio, caiu para empanar o brilho da maior festa que o curitibano já viu nos últimos tempos”.

Perceba-se que a ênfase aos sentimentos suscitados pelos comícios busca dar aos eventos um caráter de festa cívica, onde a civilidade é exposta de todas as formas, seja no orgulho de fazer parte do comício, seja no prazer de se vestir com camisetas que traziam dizeres como “eu quero votar para presidente”. Com isso, nota-se que o destaque a emoção contribui para envolver os leitores emocionalmente com a temática, ao passo que este é levado por meio da reportagem a entrar em contato – mesmo que simbólico – com o clima afetivo que predominou durante o comício.

Importante acrescentar que para Marlyse Meyer e Maria Lucia Montes (1985, p.7), a festa cívica desperta “o sentimento de pertencer a um grupo, reafirmar os valores que nos identificam como parte dele, ocasião de encontro que, repetido periodicamente, é um ritual que nos permite afirmar nossa própria identidade, como pessoa e como membro desse grupo”.

A ênfase a sentimentalidade é encontrada em diversas reportagens e é essa repetição que permitiu a identificação desta característica como uma estratégia discursiva aproximativa. “Ao ver a multidão, o estudante de matemática da USP Nicodemo, 23 anos, quase chorava. Com voz trêmula, emocionada, unia sua voz à de milhares para entoar a melodia que virou hino, de Geraldo Vandré: ‘Vem, vamos embora, que esperar não é saber...’.” (O GRITO..., FSP, 1984, p.8). Na reportagem ‘Do palanque e escadarias, uma outra visão da praça’ (FREITAS, 1984, p.6), publicada em 26/01/1984, lê-se: “havia entre as pessoas que ali estavam, mesmo as que estavam a serviço, como no caso dos jornalistas, um clima espontâneo de solidariedade”. Nesse ponto, nota-se que a maneira como essas ações emotivas foram narradas pelos repórteres parece buscar tocar o leitor e envolvê-lo emocionalmente com o significado do comício. Infere-se, ainda, que a busca por envolver o leitor com a temática por meio de uma ênfase aos aspectos “*pathémicos*”<sup>80</sup> dos comícios, também pode ser percebida na reportagem intitulada ‘Na Sé um brado retumbante pede eleições diretas’ (KOTSCHO, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984, onde se lê que “à medida que a multidão aumenta, a emoção vai tomando conta dos organizadores do comício, ferrenhos adversários das últimas eleições agora se abraçando a toda hora”. Aqui, vê-se a operacionalização da visada do *pathos*, a qual faz referência Patrick Charaudeau (2006a). Tal visada “consiste em ‘fazer sentir’, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável” (CHARAUDEAU, op. cit, p.69).

---

<sup>80</sup> A expressão “*pathémica*” deriva da palavra *pathos* que significa emoção.

Muniz Sodré (2006) ressalta que para nos comunicarmos, recorremos sempre que possível a emoção e a estética do afeto, do sensível e no âmbito jornalístico, não é diferente. Nessa perspectiva, nota-se que, frequentemente, os jornais tendem a “patemização” dos fatos como estratégia para captar e despertar as mais profundas emoções do seu público.

No entanto, recorrer à emoção é uma escolha delicada, tendo em vista que:

para satisfazer esse princípio da emoção, a instância midiática deve proceder a uma encenação sutil do discurso de informação, baseando-se, ao mesmo tempo, nos apelos emocionais que prevalecem em cada comunidade sociocultural e no conhecimento dos universos de crenças que aí circulam – pois as emoções não são um inefável aleatório. Elas são socializadas, resultam da regulação coletiva das trocas (CHARAUDEAU, 2006a, p.92).

Ricardo Kotscho (2004) pontua que “informação e emoção são as duas ferramentas básicas do repórter, e ele terá que lutar sempre consigo mesmo para saber dosá-las na medida certa em cada matéria”. Desse modo, percebe-se que recorrer a “patemização” dos fatos é uma boa estratégia de atração e sustentação. No entanto, deve-se levar em consideração que esta estratégia precisa ser adotada de modo a não promover uma saturação, pois quando a “patemização” aparece ao leitor como forçada, ele a rejeita. Desta maneira, os recursos utilizados para sensibilizar e conquistar pode provocar um efeito contrário ao promoverem um afastamento.

Após a leitura das reportagens, constatou-se que a emoção foi apresentada não apenas para descrever o clima dos comícios, sendo também abordada como tema central das reportagens. Em ‘No atendimento de emergência, a maioria é vítima da emoção’ (FSP, 1984, p.11), publicada em 17/04/1984, destaca-se que “os problemas de pressão provocados pela emoção na passeata-comício de ontem vitimaram a maioria das 28 pessoas atendidas nas duas unidades móveis e nas seis ambulâncias distribuídas nas proximidades da aglomeração”.

Considera-se importante reforçar que o clima de felicidade e de festa cívica foi abordado em praticamente todas as reportagens analisadas, seja na descrição de expressões faciais, seja na descrição de gestos praticados durante os comícios, como se pode ver no trecho: “os rostos brilhavam, as pessoas erguiam seus braços, cumprimentavam-se, sorriam e seguiam em meio a discursos, batucadas, cantorias e slogans, num clima de serena festividade e sem qualquer incidente” (NO ATENDIMENTO..., 1984, p.11). Quanto a este aspecto, Meyer e Montes (1987, p.7) destacam que “diante do extraordinário espetáculo da campanha das diretas, é quase inevitável evocar a idéia de festa cívica, como momento de alta emoção em que, literalmente, redescobrimos o Brasil”.



Observa-se que a cobertura adota uma espécie de tom poético ao se referir a Campanha e principalmente aos comícios. Na reportagem intitulada ‘A festa foi dos jovens’ (SIERRA, 1984, p.6), publicada em 17/04/1984, o repórter diz:

os maduros compareceram e vibraram com a característica da sua maturidade, daquela idade que já viu, ouviu e sofreu longos anos de contenção, mas a festa correu por conta da moçada, da geração que sequer votou, a não ser em 1982 (e ainda assim duvidamos que a grande maioria dessa moçada tenha sequer votado em 1982). O vigor da juventude que se espalhou pela cidade e acabou convergindo para o Vale do Anhangabaú era extraordinário, atingindo as raias da surpresa para quem acreditava que esses vinte anos operaram uma total alienação da nova geração [...]o calor com que essas centenas de milhares de pessoas encharcaram seus cantos, seus risos e seus gritos representa certamente a temperatura do corpo da sociedade, da chamada maioria silenciosa, a querer decidir por si mesma o que quer e a quem quer, para o bem ou para o mal.

Em vários momentos, recorre-se nas reportagens à ativação de uma memória coletiva, seja para dar legitimidade a Campanha, seja para dar suporte aos seus ideais. Relembrar os vinte anos de Ditadura Militar, destacando os movimentos de oposição realizados no decorrer desse período contribuía para solidificar o desejo da população, que após anos de repressão, estava finalmente disposta a lutar e a assumir as conseqüências de suas escolhas. Na reportagem intitulada ‘A Nação não pode ser vencida’ (FSP, 1984, p.7), publicada em 17/04/1984, lê-se:

contemplando o centro da cidade de uma das sacadas do prédio da Secretaria de Cultura, o presidente nacional do PMDB, deputado Ulisses Guimarães, exclamou, poucos minutos antes da grande passeata pelas Diretas: ‘A Nação não pode ser vencida’. Lá embaixo, grupos carregando faixas e cartazes podiam ser vistos caminhando em direção a praça da Sé.

Destaca-se aqui que, diante do contexto em que a reportagem foi produzida, pressupõe-se que as escolhas das falas citadas nas reportagens não foram feitas aleatoriamente (na verdade, sabe-se que em qualquer discurso, nenhuma palavra é escolhida aleatoriamente). Como observa Eni Orlandi (2009, p.30), “os dizeres não são [...] apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma, presentes no modo como se diz, deixando vestígios”. Assim, a frase “A Nação não pode ser vencida”, atribuída a Ulisses Guimarães, presidente do PMDB, produz um efeito de sentido relacionado ao fato de que a população estava nas ruas, defendendo um

direito e expressando de todas as maneiras possíveis o que desejava. Desse modo, dentro dessas circunstâncias, seria inconcebível que a Nação (povo) fosse vencida.

Na reportagem intitulada ‘Campanha cresce após ato em Curitiba’ (BRICKMANN, 1984, p.4), publicada em 14/01/1984, o repórter Carlos Brickmann mostra os efeitos provocados pelo comício em Curitiba, ressaltando que “esconder as notícias é uma fórmula ingênua de enfrentar a realidade”, ao se referir ao fato de que grande parte da imprensa procurou minimizar a realização do ato público em Curitiba, ao não publicar material acerca do mesmo e quando o fez, publicou pequenas reportagens e sem fotografias, como foi o caso do principal jornal do Paraná, ao qual é feita referência na reportagem de Brickmann.

Ainda na reportagem ‘Campanha cresce após ato em Curitiba’, o repórter se questiona: “até que ponto chegarão os adeptos das indiretas para impedir que a campanha empolgue o País, até à negação do jornalismo já chegaram, procurando minimizar o gigantesco comício de Curitiba para tentar evitar o chamado efeito-demonstração” (BRICKMANN, op. cit). Ao final, Brickmann afirma que “1984 não é 1968 – as condições são outras” (idem).

Ressalta-se que ao relacionar os anos 1984 e 1968, o repórter busca referências no episódio da história política brasileira quando o governo federal, para enfrentar o movimento conhecido como Frente Ampla<sup>81</sup>, utilizou-se da influência sobre os veículos da imprensa brasileira para boicotar a publicização de informação acerca do movimento. Em 1968, além do boicote, o governo instituiu medidas de emergência proibindo comícios e atos públicos por parte da Frente Ampla. Mas, como procurou mostrar Carlos Brickmann, em 1984 as condições eram outras, sendo assim a utilização desses mesmos recursos por parte do governo para conter a Campanha pelas Diretas, não seriam aceitas pela população brasileira.

Acrescenta-se que na reportagem ‘Campanha cresce após ato em Curitiba’ (BRICKMANN, 1984, p.4) não se faz uma exposição abrangente sobre o movimento Frente Ampla, sendo o movimento citado apenas como parâmetro comparativo, de modo a produzir uma espécie de “relembrar” na memória coletiva. Neste ponto, pode-se dizer que tanto o repórter quanto o próprio jornal supõem que seus leitores conhecem o movimento e podem estabelecer suas próprias relações, considerando as ações que envolvem a influência do Governo sobre grande parte da imprensa, que continua a minimizar a Campanha, ao não noticiá-la na mesma proporção com que a Folha de S. Paulo o fazia.

---

<sup>81</sup> A Frente Ampla foi criada por Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitschek em 1966 como movimento de oposição ao Regime Militar, instituído em 1964. Durante quase dois anos, a Frente Ampla realizou comícios em diversas cidades do País, até que em 05/04/1968, o governo militar proibiu qualquer atividade política da Frente Ampla em todo o território nacional, ameaçando prender quem desrespeitasse a nova ordem.

Em ‘O País grande reencontra a Nação’ (KOTSCHO, 1984, p.4), publicada em 11/04/1984, o repórter escreve: “uma faixa feita a mão por algum brasileiro anônimo, segurando a sua entre milhares de outras, talvez resume melhor [...] o que aquele povo todo queria dizer: ‘Se alguns pediram 64, agora todos pedem diretas’”. A partir desse trecho, infere-se tanto a comparação com a Marcha com Deus e pela Liberdade, realizada em 31/03/1964, quando da instauração do Regime Militar no Brasil, quanto o destaque para uma popularidade da Campanha, a partir da participação de ‘pessoas do povo’ – como caracteriza o repórter – expressando suas opiniões através de cartazes escritos manualmente. Ao fazer isso, mostra-se que os discursos em torno da realização de eleições diretas para presidente do Brasil estavam presentes nas ruas, nas classes populares e não apenas na classe média e/ou em cima dos palanques.

A ênfase a inserção da população na Campanha, atribuindo a esta em muitos momentos o papel de protagonista das Diretas, pode ser encontrada em várias outras reportagens, dentre elas na intitulada ‘Na praça que é sua, o paulista foi suprapartidário’ (SIERRA, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984, onde o repórter Roland Marinho Sierra destaca que “durante semanas discutiu-se quanta gente caberia na Praça da Sé, quanta gente se abalaria a sair de casa, num feriado para prestigiar um ato político”. Logo em seguida, acrescenta que “mais importante do que contar pessoas presentes ao ato é pesar o envolvimento popular na campanha” (SIERRA, idem). Neste ponto, observa-se uma afinação de discursos com a fala do então governador de São Paulo, Franco Montoro, citada na reportagem ‘Na Sé, um brado retumbante pede eleições diretas’ (KOTSCHO, 1984, p.5), também publicada em 26/01/1984, onde se lê: “me perguntaram se aqui estão presentes 300 ou 400 mil pessoas. Mas a resposta é outra: aqui estão presentes as esperanças de 130 milhões de brasileiros”.

A análise das ‘reportagens de desdobramentos’, bem como a das ‘reportagens de apresentação’, leva a inferir que a participação popular era muito importante para a imagem da Campanha. Em ‘Acima de palanques e partidos’ (GONTIJO, 1984, p.4), publicada em 12/04/1984, o repórter Ricardo Gontijo afirma que “o que se viu no Rio, anteontem, não é brincadeira. É o povão mesmo, querendo mesmo, as diretas mesmo”. Ainda, nesta reportagem, Gontijo (1984, p.4) diz que:

A simples presença compacta dessa gente toda, de braços erguidos, balançando bandeiras e faixas, e afirmando a uma só voz que “o povo unido jamais será vencido”, bastaria para marejar os olhos dos mais incrédulos, dos mais empedernidos profetas de golpes, derrotas e outros apocalipses do gênero “isso aí vai dar mal...”

Na reportagem ‘Comovido, Hélio Silva vê a História e vai à rua com o povo’ (KOTSCHO, 1984, p.5), publicada em 10/04/1984, legitima-se ainda mais a participação popular, ao citar depoimento de Hélio Silva<sup>82</sup>, que ao ser questionado pelo repórter Ricardo Kotscho, se houve na história brasileira algum movimento como o da Campanha pelas Diretas, responde:

Não. Jamais, em toda a História do Brasil, houve um movimento em que houvesse tão grande participação do povo. Desta vez, não são apenas os líderes políticos, os intelectuais, a mocidade, a massa trabalhadora, isolados ou agrupados. Mas é o povo, o povão, nivelando tudo, avolumando a manifestação, porque este período de 20 anos de privação dos direitos políticos foi o cimento que solidificou a nossa democracia (KOTSCHO, op.cit).

Já na reportagem intitulada ‘E os artistas foram aonde o povo estava’ (FSP, 1984, p.5), publicada em 11/04/1984, destaca-se que “ao fim da maratona, enquanto uma chuva fina espantava os manifestantes, um grupo de músicos no palco cantavam o hino de 1968: ‘quem sabe faz a hora, não espera acontecer’”. A canção constitui uma referência ao movimento oposicionista Frente Ampla, organizado em 1966, por Carlos Lacerda, João Goulart e Juscelino Kubitschek, ao qual já se fez referência neste tópico.

Para enfatizar a emoção, atribui-se ao povo o papel de protagonista da Campanha contribuindo para criar uma espécie de sentimento nacional em torno das Diretas ajudando assim a Folha de S. Paulo a estabelecer laços de cumplicidade com seu leitor. Laços estes fortalecidos a partir do momento em que a Folha decidiu mostrar que acreditava na Campanha e que estava junto do povo. Nos próximos tópicos, fala-se sobre o destaque de personagens “anônimos” – representando a grande maioria da população brasileira – e sobre a presença do repórter nas reportagens.

### **3.3 Personagens da multidão**

Adolfo gruda um adesivo das eleições diretas na blusa de um de seus netos e fala como se estivesse sonhando. “Se eu subisse no palanque... Eu tenho tanta vontade de subir no palanque... Eu queria me abrir, para pedir para o povo que lutasse até as últimas forças que tem no peito para ver se a gente consegue pôr um homem do povo dentro do nosso Palácio do Planalto” (KOTSCHO, FSP, 25 jan. 1984, p.6).

---

<sup>82</sup> Hélio Silva (1904-1995) foi jornalista político e um dos mais importantes historiadores políticos do Brasil. Embora não fosse historiador de formação, ele publicou dezenas de volumes sobre a História política brasileira, dentre eles a coleção “Ciclo de Vargas”, com 16 volumes e “História da República Brasileira”, com 21 volumes.

Verlênia não é de muito falar. O marido explicou por que era importante participar da manifestação: “As diretas são a única saída para melhorar a situação do povo. É uma máfia que está lá no Planalto. Só eles escolhem o presidente. Mas se a gente escolher, vamos pôr uma pessoa que olhe para o povo [...] Se a gente ficar em casa, eles lá do Planalto vão achar que estamos gostando do que estão fazendo” (DESTA VEZ..., 1984, p.8).

Redigir um texto é fazer escolhas. Dentre muitas outras coisas, precisa-se selecionar personagens, escolher que pontos destacar, o quê contar e principalmente como contar. No que se refere ao discurso midiático, a forma escolhida para se dizer algo pode contribuir tanto para popularizar uma temática quanto para despertar a atenção do público-leitor e estabelecer laços de cumplicidade entre a empresa midiática e o seu público. Os trechos das reportagens intituladas ‘A cidade vive a ansiosa expectativa para lotar a Sé’ (KOTSCHO, 1984, p.6), publicada em 25/01/1984 e ‘Desta vez, Verlênia pôde assistir ao comício’ (FSP, 1984, p.8), publicada na edição de 17/04/1984, com os quais se abriu este tópico, são exemplos do que será abordado nos próximos parágrafos.

A análise da cobertura da Folha de S. Paulo, acerca da Campanha pelas Diretas Já, permitiu identificar que a apresentação de pessoas do povo, nas reportagens relacionadas aos comícios, funciona como uma estratégia discursiva aproximativa. Ressalta-se que ao destacar pessoas comuns e abordar a participação e o envolvimento destes personagens na Campanha, o jornal possibilita um reconhecimento de si – por grande parte da população – ao ler as histórias apresentadas. Tal estratégia ajuda a despertar o interesse pela temática, ao passo que também contribuí para que o povo se sinta o dono da Campanha e protagonista de uma história que ele estava ajudando a construir.

Neste ponto, acrescenta-se que para que a atração e a fidelização possam ser efetivas é necessário que o leitor se sinta parte das histórias narradas. Desse modo, “é importante que ele, além de obter saberes, tenha a sensação de ‘estar no mundo’ e possa ‘viver’ dores, alegrias e outros afetos mostrados nas histórias” (HERNANDES, 2006, p.65). Considerando Ciro Marcondes Filho (1986, p.19) para quem “não há ação ou envolvimento possível do receptor das notícias se estas não forem associadas à sua realidade específica; sem a vinculação ao contexto de vida, à experiência imediata, pessoal, não há politização possível”, infere-se que promover um sentimento de pertença nos leitores é importante para o processo de conquista.

Durante a cobertura das Diretas, muitas das reportagens de desdobramentos abordaram histórias de vida de pessoas simples, normalmente moradores das periferias das grandes cidades. Em todas estas reportagens, enfatiza-se o sacrifício feito por essa parcela da

população para participar do comício. Não bastava apenas assistir pela televisão ou ter notícias sobre o evento, o importante era fazer parte, por isso todos os sacrifícios eram recompensados quando essas pessoas simples e humildes, moradores da periferia, encontravam-se entre os milhões de brasileiros, que assim como eles, participavam das manifestações. Na reportagem intitulada ‘A cidade vive a ansiosa expectativa para lotar a Sé’ (KOTSCHO, 1984, p.6), publicada em 25/01/1984, o repórter Ricardo Kotscho apresenta ‘Seu Adolfo’ e ‘Dona Maria Sanches Americhe’. Moradores da Vila Carmozina, em Itaquera, localizada na zona leste da cidade de São Paulo, o repórter os define como a “família típica da periferia”.

Adolfo e Maria Sanches Americhe – ele motorista aposentado por invalidez; ela costureira – irão hoje, junto com seus cinco filhos, ao comício da Praça da Sé. Operado recentemente da coluna, Adolfo não pode ficar muito tempo de pé e só tem um problema para ir ao comício: arrumar emprestada uma cadeira dobrável para levar a praça. Mas, ele garante que vai de qualquer jeito (KOTSCHO, op. cit).

Observa-se que o repórter optou por retratar a expectativa de pessoas comuns ou como define o próprio repórter “do chamado homem do povo”. Nota-se que ao apresentar pessoas simples como ‘Seu Adolfo’ e ‘Dona Maria’ – ele motorista e ela costureira – busca-se estabelecer laços de familiaridade com um maior número de pessoas, ou seja, uma parcela maior da população poderá se identificar com esses personagens, tendo em vista que poderão se reconhecer mais facilmente. Quanto ao caráter aproximativo, Hernandez (2006, p.54) ressalta que “os jornais, para construir laços com o público-alvo, não querem apenas fazer saber, [...] expor histórias para que se conheça o que ocorre cotidianamente. Os noticiários também precisam fazer sentir, estruturar modos de o público se perceber nas notícias”. Acrescenta-se que para Patrick Charaudeau (2006a, p.81) “a instância midiática constrói hipóteses sobre o que é mais apropriado para toda a afetividade do sujeito alvo. Ela se baseia para isso, em categorias socialmente codificadas de representação das emoções”. Desse modo, ao passo que o leitor se identifica com os personagens apresentados nas reportagens, ele se envolve emocionalmente e desperta afetividades.

Assim como na reportagem ‘A cidade vive a ansiosa expectativa para lotar a Sé’ (KOTSCHO, 1984, p.6), o repórter apresentou ‘Seu Adolfo’ e ‘dona Maria Sanches’; na reportagem ‘Sé lotada deslumbra a família Almeida’ (FSP, 1984, p.8), publicada na edição de 26/01/1984, são apresentados o casal ‘Seu Antônio’ e ‘dona Maria’, além de Marianilza, filha mais velha do casal. Misturando jornalismo e literatura, a reportagem aborda o cotidiano

dessa família paulista no dia do comício na Praça da Sé, narrando os passos da família Almeida, desde antes da ida ao comício, até a saída deles da Praça:

A macarronada de Maria Correa de Almeida ficou pronta antes do meio-dia. Marianilza, sua filha mais velha, de 25 anos, passou com cuidado o vestido branco de organdi e a fita vermelha para enfeitar os cabelos, reservados para usar nas grandes datas. [...] às 13 horas, de braços dados e bolsas agarradas ao corpo, a família deixou a casa do parque Santa Madalena, em Sapopemba, num ônibus gratuito da CMTC, rumo a praça da Sé. [...]. Depois de muito empurra-empurra, a família Correa de Almeida chegou a Sé, deslumbrada com tanto movimento. [...]. Antônio conseguiu um bom lugar na praça, bem em frente ao palanque, mas desacostumado com tanto movimento, resolveu deixar a família “mais sossegada”, procurando um banco. [...]. A família Correa de Almeida ainda deu algumas voltas na Praça de Sé, até por volta das 18h30” (SÉ..., 1984, p.8).

Nesse trecho da reportagem ‘Sé lotada deslumbra a família Almeida’ (FSP, 1984, p.8), publicada em 26/01/1984, percebem-se claramente características de um jornalismo literário, tanto na maneira como a sequência dos acontecimentos foram apresentados, quanto na ênfase a detalhes como “o vestido branco de organdi e a fita vermelha para enfeitar os cabelos” e “braços dados e bolsas agarradas ao corpo”. Neste ponto, considera-se importante ressaltar que no jornalismo literário se potencializa os recursos do jornalismo, dando ênfase a detalhes que não caberiam numa reportagem comum da grande imprensa. Destaca-se, ainda, que a publicação desses ‘detalhes’ promove a humanização do texto, contribuindo para a aproximação com o leitor, dando a reportagem uma leveza e proporcionando uma leitura envolvente.

Tais características são identificadas também em ‘Domar o monstro foi a tarefa do coordenador-geral’ (FSP, 1984, p.6), também publicada em 26/01/1984. Ressalta-se que a expressão “domar o monstro”, refere-se a coordenar o comício. Neste caso, a palavra ‘monstro’ se remete ao comício e está relacionada à quantidade de participantes (aproximadamente 300 mil pessoas), enquanto o verbo ‘domar’ se relaciona a tarefa do coordenador-geral de manter a ordem para que não acontecesse nenhum incidente durante o ato público. Nessa reportagem, a descrição da sequência dos acontecimentos também se vale da apresentação de detalhes, como se pode ver no trecho a seguir:

De calças jeans, sapato leve, camisa amarela com a inscrição “Eu quero votar para presidente” e capa de chuva, Jorge Cunha Lima, chegou ao Palácio cedo. Na véspera dormiu pouco. Até as 2 horas da madrugada ficou reunido em casa com os coordenadores do comício. [...]. Depois de um banho, rápido café, lá estava Cunha Lima no Palácio, preparando a batalha

que seria travada com mais força a partir do meio-dia e meia hora, quando chegou na praça da Sé (DOMAR..., 1984, p.6).

Felipe Pena (2006, p.21) define o jornalismo literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Deste modo, é necessário que o texto apresente a fluidez de uma melodia”. Destaca-se que explorar histórias de vida de pessoas comuns – como a grande maioria da população brasileira – além de ajudar no processo de identificação, colaborava para reforçar a imagem popular que a Folha vinha construindo para a Campanha, ao passo que colocava o povo no papel de protagonista. Lugar este enfatizado em outras reportagens, como ‘Na praça que é sua, o paulista foi suprapartidário’ (SIERRA, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984, onde o repórter Roland Sierra destaca que “o povo correspondeu e foi além: deu um calor especial à manifestação pelas diretas, transformando-se no personagem central, acima de etiquetas partidárias e de prestígios pessoais ou carismáticos”.

A apresentação de personagens de forma mais detalhada – assim como nas reportagens ‘Sé deslumbra a família Almeida’ (FSP, 1984, p.8) e ‘Domar o monstro foi a tarefa do coordenador-geral’ (FSP, 1984, p.6) também é identificada nas reportagens ‘André, Andréia e Adriana pedem futuro melhor’ (FSP, 1984, p.6), publicada em 11/04/1984 e ‘Desta vez, Verlênia pôde assistir ao comício’ (FSP, 1984, p.8), publicada em 17/04/1984.

A reportagem publicada na edição de 11/04/1984, na editoria de política, página 6, do caderno principal, do jornal Folha de S. Paulo, apresenta a família Amaral, destacando o orgulho da mesma em fazer parte do Comício a favor das Diretas, realizado na Praça da Candelária, no Rio de Janeiro.

Só Andressa, ainda de colo (tem nove meses) não foi ao comício. Mas, André (10), Andréa (8) e Adriana (4 anos) chegaram à Presidente Vargas antes das três da tarde, todos convencidos de que as eleições diretas são necessárias. Ao lado deles, o pai Omar Amaral e a mãe Maria Elijane, mostraram-se duplamente orgulhosos: “Primeiro, porque meus filhos estão entendendo isso tudo. Eles sofrem junto comigo. Segundo, porque já sabem carregar faixas e cartazes como gente grande” (ANDRÉ..., 1984, p.6).

Nesse trecho da reportagem, infere-se que o simples fato de segurar cartazes e faixas era sinônimo de integração a defesa de um desejo popular. Destaca-se que ao colocar a vontade de ‘votar para presidente’ na fala de pessoas humildes, oferece-se ainda mais legitimidade a causa das Diretas. Daí a importância de nesse tipo de reportagem, contextualizar a família da qual se fala:



A família Amaral mora no bairro Centenário, em Caxias, uma das quatro cidades da Baixada Fluminense, região pobre e violenta da área metropolitana do Rio. Para assistir ao comício, eles deixaram a filha mais nova com uma vizinha, fizeram um almoço “de pobre” (‘arroz e uma misturinha’), gastaram Cr\$ 960,00 de passagens (tiveram que viajar antes do horário gratuito) e chegaram à Presidente Vargas a tempo de arranjar um local a menos de 100 metros do palanque (ANDRÉ..., op. cit).

Na manhã de terça-feira, dia 17/04/1984, o jornal Folha de S. Paulo trouxe – na página 8 de seu caderno principal, dentre as matérias da editoria de política que abordavam o comício pelas diretas-Já, realizado no Vale do Anhangabaú, em São Paulo – uma reportagem sobre dona Verlênia Damaceno. Intitulada ‘Desta vez, Verlênia pôde assistir ao comício’, a matéria apresenta, no decorrer de todo o texto, a leveza e o envolvimento encontrado com muito mais frequência em textos literários:

Por pouco não dava certo de novo. Verlênia Damaceno, 23 anos, dona de casa da Vila Anastácio, estava louca de vontade de participar de uma manifestação pelas diretas. Ver de perto toda aquela gente gritando junto. No comício do dia 25 de janeiro ela não pôde ir porque a filha, Catiúcia, de três anos, teve febre justamente naquele dia. Ela ficou cuidando da menina, só o marido foi. Mas Verlênia viu tudo pela TV e chorou de emoção. Ontem, ela acordou mais cedo. Arrumou a casa, fez o almoço e deixou o jantar pronto. Preparou tudo para ir à passeata [...] tudo estava dando certo. Verlênia ansiosa, esperando a hora de ir para a praça da Sé (DESTA VEZ..., 1984, p.8).

Considera-se importante ressaltar que a forma de escrita desse tipo de matéria bem como as abordagens realizadas, não despertaria a atenção se estivessem relacionadas a matérias de cunho cultural, por exemplo. O que conduz o direcionamento do olhar para a maneira como as histórias foram narradas é o fato de se tratarem de reportagens de cunho político, onde o comum é se valer sempre da objetividade e da impessoalidade, princípios que regem a prática jornalística de modo geral. Entretanto, a análise das reportagens de desdobramentos, publicadas pela Folha acerca da campanha pelas Diretas Já, especificamente as relacionadas aos comícios, leva a inferir que se utilizar de um texto mais leve, apresentando personagens com características semelhantes as da grande maioria da população brasileira, pode ser vista como uma estratégia discursiva aproximativa, ao passo que ao promover um reconhecimento por parte do leitor-comum nas reportagens, o jornal popularizou a Campanha e aproximou cada vez mais: jornal e leitor, leitor e jornal e leitor e temática.

Outro ponto comum nas reportagens que abordaram ‘personagens da multidão’, diz respeito ao destaque nos textos para o deslumbramento e os sentimentos vivenciados durante os comícios:

“Nunca fui a um comício na minha vida”, dizia Omar entre espantado e alegre. “Mas é um negócio bonito. Parece que aqui a gente ganha força interior. Parece que aqui, a gente cresce e se esquece da miséria do salário, da prestação da casa, da falta de dinheiro na hora de comprar comida. Acho que o novo povo brasileiro começa a tomar conhecimento da realidade em acontecimentos assim [...] Olha, pode escrever aí: eu hoje vou dormir com a alma lavada. Esse comício me deu a oportunidade de mostrar, com minha mulher e meus filhos, que eu estou profundamente aborrecido com o Brasil que me deram até agora” (ANDRÉ..., 11 abr. 1984, p.6).

Ao final, uma certeza, estampada nos rostos molhados pela garoa fina e nos comentários. “Foi a coisa mais linda que vi em minha vida”, dizia emocionada dona Adelaide Mariano, 68 anos, viúva. “Pensei que jamais veria alguma coisa assim tão emocionante e forte”, dizia Mariana Veloso, 17 anos, estudante. “Dá um orgulho danado da gente ser brasileiro”, dizia emocionado José Aparecido Bustamante, 34 anos, operário na construção civil, desempregado (A CIDADE..., 17 abr. 1984, p.9).

Destaca-se que a apresentação de personagens da multidão esteve presente desde o início da cobertura. Na edição do dia 25/02/1984, a reportagem intitulada ‘Como se fosse um desfile de carnaval’ (FSP, 1984, p.5), relacionada ao comício pelas diretas, realizado em Belo Horizonte - MG, apresenta dona Maria de Lourdes Mota:

atrás do palanque oficial rodeada por três filhos – o mais velho de seis anos – dona Maria de Lourdes Mota carregava um filho de três meses. Ela assistia ao primeiro comício de sua vida. Acha a manifestação ótima e tenho certeza de que vou votar para presidente. Moradora na periferia de Belo Horizonte, ela se encontrava ali atendendo a um convite da Associação Comunitária do Jardim Europa (COMO SE..., 1984, p.5)

Na reportagem ‘O grito alegre que veio do Interior’ (FSP, 1984, p.8), publicada em 17/04/1984, também se apresenta personagens do povo:

Atrás de cada faixa estendida, na concentração que lotou o largo São Bento, um grupo animado de cidadãos do Interior paulista gritando por eleições democráticas, pedindo o fim do regime militar, clamando pela saída de Figueiredo e seus ministros. [...] “estamos aí pelas diretas”, disse o bóia-fria Geraldo Silva Alvarenga, 22 anos, que segundo afirmou, não era o único lavrador na passeata. A seu lado, camiseta amarela, rindo, pulando e gritando palavras de ordem, a lojista da cidade Dalva Domis Negrão, dona do Bazar Estrela, uma loja de calçados (O GRITO..., 1984, p. 8).

Importante destacar que muitas matérias que falam sobre ‘personagens da multidão’ são acompanhadas por fotografias que retratam as pessoas citadas na matéria. No contexto, isso pode ser identificado como uma marca visual de legitimação da existência dessas pessoas. Por outro lado, algumas matérias apresentam personagens, sem se referir nominalmente ou visualmente a estes, nessas são feitas apenas descrições, como no trecho da reportagem intitulada ‘Acima de palanques e partidos’ (GONTIJO, 1984, p.4), publicada em 12/04/1984:

Com uma rosa na mão direita e um cartaz pelas diretas-já na esquerda, a senhora de cabelos louros cacheados, de uns cinquenta e poucos anos, postou-se na fila do gargarejo, solitária, bem defronte ao palanque armado na Candelária, as duas horas da tarde. Ali ficou, enquanto ia se juntando a multidão, até o finalzinho do ato, às 21h40. Gritou, cantou, dançou e pulou. Depois foi embora, debaixo da chuva rala que caiu sobre a cidade à noite. Durante mais de oito horas, ela permaneceu de pé, no mesmo lugar. Quando não sorria, chorava. Essa participação anônima e emocionada era visível em cada rosto a que se prestasse a atenção no meio de 1 milhão e 100 mil pessoas (GONTIJO, op. cit).

Nesses casos, o não acompanhamento destas matérias por fotografias, associado ao fato de que as pessoas não são identificadas nominalmente, mas apenas descritivamente, leva a inferir que nesse tipo específico de reportagem, pode se está diante da apresentação de um personagem simbólico, tendo por base características e emoções comuns à multidão presente nos comícios. Acrescenta-se que a apresentação de um possível personagem simbólico na reportagem intitulada ‘Acima de palanques e partidos’ (GONTIJO, op. cit), reforça-se ao final do texto, quando o repórter faz referência ao poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado ‘E, agora, José’, para encerrar a reportagem:

A festa acabou, e agora, o que fazer como todos esses Josés? E Marias, e Joãos? Não é suficiente lhes dizer que as diretas podem vir ou não vir. Nem lhes explicar o intrincado jogo da negociação política, com mandatos-tampão, mandatos-ponte etc. etc. Essa multidão brota do chão, como se viu na Candelária. E se agiganta acima dos partidos e dos palanques (GONTIJO, op.cit)

Ressalta-se que a particularidade identificada na reportagem ‘Acima de palanques e partidos’ (GONTIJO, idem), em nenhum momento fere a apresentação dos personagens e as histórias narradas nos outros textos, citados neste tópico. Acrescenta-se que em todos esses as pessoas são identificadas nominalmente e muitas vezes visualmente por meio de fotografias que acompanham as respectivas matérias jornalísticas.

Destaca-se que além de apresentar pessoas comuns como protagonistas, em muitas reportagens, a cobertura da Folha de S. Paulo, acerca da Campanha pelas Diretas Já, também se destaca pela imersão do repórter nas narrativas. Este é o tema do próximo tópico.

### 3.4 O repórter como personagem

Tenho percorrido este país para baixo e para cima nestes comícios pelas diretas [...] Depois de percorrê-lo de ponta a ponta, vendo o que a população quer, chego a ter piedade de quem tentar desviar o rumo que a história já aceitou. Esta campanha, já se vê, não tem data de encerramento. Isto por um fato muito simples: a votação da emenda já não é um fim. É um meio, para tudo. E muito mais do que tudo, se o mínimo for negado. E é pra já (CASTRO, 1984, p.6).

O trecho que abre este tópico é da reportagem intitulada ‘Campanha não tem data para terminar’, escrita pelo repórter Tarso de Castro e publicada pela Folha de S. Paulo, na edição de 13/04/1984. No trecho acima citado, percebe-se a presença do repórter na narrativa (esta presença, aliás, aparece explícita através da utilização do verbo na primeira pessoa do singular e de pronomes pessoais oblíquos). Na verdade, pode-se afirmar que, em muitos momentos, a reportagem se apresenta como uma página de diário, onde o repórter procura transmitir suas impressões e opiniões. A utilização desse tipo de escrita proporciona uma aproximação, ou seja, o texto de cunho íntimo pressupõe falar a um amigo. Assim, infere-se que o leitor, nesse caso, era visto como um amigo a quem se podia confiar certas opiniões.

A imersão do repórter na narrativa jornalística é uma característica das reportagens que compõem a cobertura. Assim, afastando-se do princípio da objetividade jornalística e colocando em prática a subjetividade, os repórteres da Folha expuseram opiniões pessoais nas reportagens, deixando claro o envolvimento destes com a temática. Observa-se que ao se inserirem nos textos, expressando suas opiniões a favor das Diretas, os repórteres contribuíram para o processo de aproximação com o leitor, ao passo que este leitor pode – a partir da leitura dessas impressões pessoais – identificar afinidades e ter a impressão que o repórter “é um dos seus que se dirige a ele” (MAINGUENEAU, 2006, p.55). Desse modo, a presença do repórter no texto é identificada, por esta pesquisa, como uma estratégia discursiva aproximativa.

Em diversas reportagens publicadas pela Folha, principalmente nas relacionadas aos comícios, percebe-se a presença do repórter no texto como testemunha do acontecimento. Mas, especialmente, como participante que sentiu todas as emoções retratadas por ele, no

decorrer da reportagem. Na edição de 25/01/1984, a Folha trouxe na página 6, da editoria de política, a matéria intitulada ‘A cidade vive a ansiosa expectativa para lotar a Sé’. Nela, o repórter Ricardo Kotscho reproduz um passeio pela cidade de São Paulo, passando pela zona leste, zona norte e encerrando no centro da cidade. Nessa reportagem, Kotscho se coloca como narrador e personagem, pois ao passo que ele narra seu percurso pela cidade, ele também é um personagem da narrativa. O trecho a seguir, mostra do quê se fala:

Porque esse sacrifício, o que o move a sair de casa, ele que há muito tempo não tem disposição para sair da sala? Olha, moço, essa é a única esperança para ver se derrubamos esse poder e conseguimos a verdadeira democracia. Porque, até agora, a gente só ouve falar, mas não existe democracia nenhuma, só burocracia (KOTSCHO, FSP, 25 abr. 1984, p.6)

Observa-se que a presença do repórter está explícita na reportagem, seja na pergunta transcrita, seja no início da resposta publicada através da expressão “olha, moço”. Ao longo do texto, a forma como a reportagem foi escrita – utilizando recursos literários para compor as cenas, detalhando os objetos em volta dos personagens e destacando suas expressões faciais e emocionais – permite que se tenha a impressão de se estar ao lado do jornalista, passeando pelas ruas e entrando junto com ele na casa das pessoas apresentadas durante a reportagem.

Em ‘Na Sé, um brado retumbante pede eleições diretas’ (KOTSCHO, 1984, p.5), publicada em 26/01/1984, o repórter diz que “foram quatro horas de discursos que poderiam ter sido resumidos num só – chega desse regime, queremos o Brasil de volta para os brasileiros decidirem sobre o seu próprio destino, era o tom de todos” (KOTSCHO, op. cit). Nesse trecho, pode-se perceber a presença do repórter, que embora não se inclua explicitamente no texto, aparece implicitamente em ‘brasileiros’ e em indícios textuais, seja na desinência número-pessoal do verbo querer, seja na palavra ‘todos’, tendo em vista que o repórter acompanhou e participou do comício.

Durante toda a cobertura da Campanha pelas Diretas são encontradas marcas que explicitam a presença do repórter, bem como a ênfase de que este realmente participou do comício e esteve presente no ato público, durante todo o tempo de sua realização. Na manhã de 06/04/1984, a Folha de S. Paulo, trouxe na editoria de política, uma reportagem escrita por Tarso de Castro, acerca do comício pelas diretas-já, realizado em Recife-PE, na noite de 05/04/1984. Intitulada ‘Não sou demente, quero votar para presidente’ (CASTRO, 1984, p.6), a reportagem expressava a visão que o repórter teve a respeito da manifestação pública:

Nas ruas, uma coisa a registrar-se ao contrário de muitas e muitas cidades que percorremos com a mesma caravana das diretas. Aqui, não havia durante o dia, aquela ânsia de ficar berrando pelas esquinas a decisão pelas diretas. O dia transcorreu absolutamente normal. Particularmente, fiquei preocupado e não foi só a um motorista de táxi que perguntei sobre o que poderia acontecer. As respostas, que eram calmas, em contradição com a evidente preocupação de minha pergunta, eram sempre as mesmas: “Vai ter gente demais.” À noite, mais de 80 mil pessoas gritavam no largo do Amparo o refrão de um cartaz pobre, mal escrito e que resistia, rasgado, nas primeiras filas do comício: “Eu não sou demente, eu quero votar para presidente” (CASTRO, op. cit).

As reportagens quase sempre em tom poético procuravam mostrar o clima das cidades onde aconteciam os comícios. Ao apresentar esse clima por meio do olhar de quem esteve presente na manifestação, aproximava-se do leitor, o quê poderia contribuir para aumentar ainda mais seu envolvimento com a temática, despertando também nos congressistas opositores à Emenda, um constrangimento por estarem contra a vontade do povo.

Destaca-se que na reportagem intitulada ‘Não sou demente, quero votar para presidente’, cujo trecho foi citado acima, o repórter aparece explicitamente, assim como na reportagem intitulada ‘Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada’(ROSSI, 1984, p.5), publicada em 26/04/1984 e citada no início deste capítulo.

Observa-se que a presença do repórter no texto proporciona uma ‘humanização do relato’. A ‘humanização do relato’ é apontada por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) como uma das quatro principais características de uma reportagem, ao lado: da predominância da forma narrativa, do texto de natureza impressionista e da objetividade dos fatos narrados. Acrescenta-se que para Sodré e Ferrari (idem, p.15), “a humanização do relato é tanto maior quanto mais passa pelo caráter impressionista do narrador”. E, explicam:

Diretamente ligada à emotividade, a humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele “que está presente”, servindo de ponte (e portanto, diminuindo a distância) entre leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo escrita em primeira pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação (SODRÉ; FERRARI, op.cit, p.15).

Perceba-se que o caráter impressionista, do qual falam Sodré e Ferrari aparece de forma marcante na cobertura da Folha, acerca das Diretas. Potencializando os recursos do jornalismo e se aproximando da literatura, os repórteres usam verbos na primeira pessoa do singular e em alguns pontos, seus textos se assemelham a ‘reportagem-conto’. Para Sodré e Ferrari (idem, p.81), a reportagem-conto “geralmente particulariza a ação em torno de um único

personagem, que atua durante toda a narrativa. Os dados documentais entram dissimuladamente na história e o texto aproxima-se tanto do conto, que incorpora até fluxos de consciência dos personagens”. A reportagem intitulada ‘O País grande reencontra a Nação’ (FSP, 1984, p.4), escrita pelo jornalista Ricardo Kotscho e publicada na edição de 11/04/1984, é exemplo da incorporação de fluxos de consciência do personagem, que nesse caso, é o próprio repórter:

Por um momento, vendo aquela festa toda, a Rede Globo anunciando em edições extraordinárias do “Jornal Nacional”, ao vivo, lá na Candelária, que o comício já reunia mais de um milhão de pessoas, começou a passar na minha cabeça o vídeo-tape de outros comícios, em Teresina, em São Luiz, Macapá, Rio Branco, Cuiabá, onde não havia esse aparato todo, nem tanta gente, porque são cidades pequenas comparadas com o Rio, mas se via as mesmas expressões, a mesma vontade, a mesma pureza de cada um acreditar em alguma coisa para evitar o desespero (KOSTCHO, 1984, p.4)

Além de falar sobre o quê estava pensando, Kotscho ainda reforça sua integração na Campanha, ao expressar seu envolvimento com a temática: “uma faixa feita a mão por algum brasileiro anônimo [...] talvez resuma melhor do que a emoção do repórter já um pouco cansado das emoções destes últimos meses” (idem). Na sexta-feira, dia 13/04/1984, o repórter Tarso de Castro, em ‘Campanha não tem data para terminar’, fala sobre seu próprio envolvimento, bem como o do jornal Folha de S. Paulo na Campanha pelas Diretas. O texto carregado de marcas pessoais apresenta uma narrativa envolvente. Escrita com verbos conjugados na primeira pessoa do singular, a reportagem reproduz, em determinados momentos, trechos semelhantes à escrita de um diário, com ênfase a detalhes que ajudam na construção de uma encenação do texto:

Folclórico ou não, este é o espírito dos goianos [...] Um estado de espírito com lances comoventes como uma senhora que encontro no meio da rua, justo quando procuro, com Galeno, um boteco para matar a sede com uma generosa cerveja. Alegre ela carrega bandeiras pelas diretas e, quando brinco com seu filho, um bebê de sete ou oito meses, fala com firmeza: ‘Este é diretinho’(CASTRO, 13 abr. 1984, p.6).

Na edição seguinte ao comício pelas Diretas Já, realizado no Vale do Anhangabaú, uma matéria do repórter Ricardo Kotscho, intitulada ‘Todos sabiam aonde queriam chegar’ (KOTSCHO, 1984, p.6), publicada em 17/04/1984, aborda o clima do comício que reuniu mais de um milhão de brasileiros, vindos de diferentes lugares, em defesa da realização de eleições diretas e da aprovação da Emenda Dante de Oliveira, pela Câmara dos Deputados.

Assim como outras matérias, esta reportagem abordava o comício procurando destacar pontos emotivos do evento, capazes de envolver emocionalmente qualquer pessoa que lesse o texto e tivesse o mínimo de identificação com a temática da Campanha.

Parecia que São Paulo inteira havia saído para as ruas, como quem vai atrás do trio elétrico, com uma diferença: aqui todos sabiam exatamente onde queriam chegar. A democracia, ontem à noite, em São Paulo, estava ao alcance das mãos de cada um, no tremular das bandeiras verde-amarelas, no canto de peito aberto, na alegria do reencontro de um povo com o seu destino (KOTSCHO, idem).

Nessa mesma reportagem também se percebe a imersão do repórter no texto, cuja presença é marcada por verbos conjugados na primeira pessoa do singular e por perguntas feitas pelo próprio repórter, como uma forma de instigar a participação do leitor na construção da reportagem, como uma espécie de texto aberto.

Quantas vezes escrevi estes versos – “vem vamos embora, que esperar não é saber?” – nas últimas semanas para contar o que o povo cantou. Quantas milhões de brasileiros não foram atrás desta toada singela, que expressa, mais do que nunca, o que vai pela alma popular? Sai Vandré, entra Chico – “apesar de você, amanhã há de ser outro dia/ainda pago pra ver esse dia nascer...” – vem Milton Nascimento, entra Simone, brilha Elis, aqueles cantores todos que estão onde o povo está, e junta gente, e tome chuva de papel picado (KOTSCHO, idem).

Observa-se que até mesmo nas reportagens que apresentam uma visão mais pessoal acerca dos eventos a favor das eleições diretas, procura-se manter um alinhamento de discursos, no que diz respeito à construção de uma imagem pacífica para a Campanha. Tal alinhamento é notável no trecho: “Lula acende um cigarro, vendo aquela alegre bagunça brasileira – eu disse bagunça, não baderna, bem entendido” (KOTSCHO, op. cit). Infere-se que ao explicar o que quis dizer quando escreveu a palavra ‘bagunça’, o repórter procura evitar interpretações contrárias ao que procurou dizer. Daí, a importância em se explicar, que ‘bagunça brasileira’ não deveria ser confundida e/ou entendida como ‘baderna’. Aqui, vê-se o alinhamento do discurso do repórter com o caráter pacífico que a Folha construía para a Campanha, por meio de suas reportagens.

Em 17/04/1984, Washington Novaes no texto intitulado ‘Faz outra Caetano’ (NOVAES, 1984, p.7) expõe seu envolvimento com a cidade de São Paulo, ao falar sobre o que viu e sentiu ao acompanhar o comício pelas Diretas Já, realizado no Vale do Anhangabaú,



em São Paulo. Escrita na primeira pessoa do singular, esta é mais uma das matérias publicadas na editoria de política que apresentam um caráter autoral.

A São Paulo que encontro no dia de sua grande passeata pouco tem a ver com a São Paulo da garoa em que vim morar no dia 2 de janeiro de 1953 e onde vivi até 2 de novembro de 1965, quando me mudei para o Rio de Janeiro. Ando pela cidade de manhã e ainda reconheço meu primeiro apartamento ao lado do Teatro Natal, o segundo na Sebastião Pereira, o Caetano de Campos, a Confeitaria Vienense. Mas quase todo o resto mudou [...] Fica evidente que o País deu um salto político de 1968 a 1984. Nas passeatas cariocas e paulistas que precederam o AI-5, a massa era de estudantes e pequenos blocos políticos que pretendiam ser a vanguarda da classe média e classe média alta, ali presentes. A ideologia política puxava a fila. Agora parece diferente, parece manifestação de povo sofrido que recusa um regime e uma política de desemprego, fome, humilhação. [...] na esquina de Ipiranga com a São João a adolescente pendurada no orelhão, namorando, não tem a deselegância discreta que o Caetano cantou. Tem uma faixa pelas diretas no braço, uma calça apertada, um riso malandro. É uma gatona. Faz outra Caetano, Sampa mudou (NOVAES, op. cit).

Importante dizer que ao longo da análise do conjunto das ‘reportagens de desdobramento’, a presença explícita do repórter no texto mostrou-se ser a principal das estratégias discursivas aproximativas. Desse modo, considerando tanto Tom Wolfe (2005), para quem os repórteres deveriam ser mais subjetivos, colocando a “alma” nas matérias e valendo-se de técnicas literárias para torná-las mais humanizadas, quanto Mark Kramer (apud MARTINEZ, 2009) para quem uma das características do jornalismo literário é a imersão do repórter na temática abordada; a aproximação com o cotidiano e a presença do repórter no texto, continuar-se-á a falar sobre a potencialização desses aspectos da cobertura no próximo capítulo desta dissertação. Acrescenta-se que no próximo capítulo, serão analisadas as reportagens de desdobramentos, publicadas pela Folha de S. Paulo, nos dias 24, 25 e 26 de abril de 1984. Ressalta-se que nessas reportagens todas as estratégias discursivas – apresentadas neste capítulo – praticadas pela Folha, durante os quatro meses das Diretas, aparecem de forma ainda mais intensa.

## 4 OS ÚLTIMOS DIAS DA COBERTURA

Na manhã do dia 22 de abril de 1984, o jornal Folha de S. Paulo trouxe na editoria de política, o texto intitulado ‘Um outro País, pronto a proclamar “vencemos”’ (KOTSCHO, 1984, p.5). Esse texto que se apresenta como uma espécie de “balanço da campanha”, como o próprio jornal explica em nota, publicada ao final da reportagem, pode ser classificado como um tipo de “reportagem-crônica”. Nela, Ricardo Kotscho expõe lembranças relacionadas à Campanha pelas Diretas Já.

Nesse texto, Kotscho avalia a Campanha e reforça posicionamentos enfocados pela Folha no decorrer dos quatro meses de cobertura. Dentre esses posicionamentos, o jornalista destaca: a participação popular, o homem anônimo como protagonista e o envolvimento dos repórteres com a temática. Para enfatizar todos esses aspectos, o repórter usa uma linguagem leve, sedutora e com aproximações a uma prática literária, característica predominante na cobertura da Folha<sup>83</sup>.

O envolvimento de Ricardo Kotscho com a Campanha pelas Diretas pode ser classificado como intenso. Nas matérias jornalísticas escritas por esse repórter, observa-se a ligação do jornalista com a temática. Em ‘Um outro País, pronto a proclamar “vencemos”’ (KOTSCHO, FSP, op. cit), o repórter deixa claro seu envolvimento e sua participação ativa no evento que reportava para o jornal Folha de S. Paulo:

Quarenta mil quilômetros e incontáveis milhões de pessoas depois daquele comício do Pacaembu, quando eram muito pouco os que acreditavam num final feliz, olha aí a Caravana das Diretas chegando a Brasília para a grande decisão da próxima quarta-feira. [...]. Não será exagero dizer, agora os rins doendo de tantas viagens, o coração batendo mais forte, que tudo parece um sonho, um sonho bom demais para ser verdade. [...]. Se nem todos os que foram aos comícios, sabiam o que representavam as eleições diretas, uma coisa é certa, posso garantir, como testemunha dessa romaria: de lá, eles saíram sabendo, e ninguém foi ver artistas (KOTSCHO, idem).

Importante acrescentar que o mais interessante das reportagens – e que pode ser visto no trecho citado acima – não é o que se diz, mas a forma como se diz. Veja que ao dizer que os rins estão doendo após tantas viagens e que o coração bate mais forte com a proximidade do desfecho da Campanha, imprime-se no texto elementos particulares que marcam o

---

<sup>83</sup> Falou-se sobre essas características no terceiro capítulo desta dissertação. Nele, apresentou-se a linguagem envolvente e sedutora como uma das estratégias discursivas colocadas em prática na cobertura e que ajudou no processo de aproximação do leitor e na popularização da Campanha.

estreitamento das ligações do repórter com a própria temática: o coração, por exemplo, só bate mais forte devido a essa ligação e o fato dos rins estarem doendo, devem-se as longas viagens que o repórter realizou para reportar cada comício da Caravana das Diretas, realizado nas mais distantes cidades do País.

Observa-se que a participação popular e a elevação do “homem anônimo” a categoria de protagonista da Campanha, também ganha destaque em ‘Um outro País, pronto a proclamar “vencemos”’ (KOTSCHO, 1984, p.5), publicada na edição do jornal Folha de S. Paulo, em 22/04/1984:

Aconteça o que acontecer, ganhe quem ganhar a votação da emenda Dante de Oliveira, um grande vencedor já desponta, incontestável: é este povo massacrado por vinte anos de autoritarismo que encontrou forças para se levantar num grito uníssono que varre o Brasil, nestes poucos, loucos meses, ricos de vida e de esperança. [...]. Por isso mesmo, já está sacramentado para todos, que essa campanha não tem donos e, se algum herói existe na história, é o homem anônimo que foi para as ruas, lotou as praças, exigiu que a televisão mostrasse seu rosto, roubou espaço nos jornais e conquistou o direito à cidadania. Se vai reconquistar o direito de votar – quer dizer, decidir sobre seu próprio destino – já é outra história. Que ele existe, esse homem sem títulos, nem cartão de visita, ninguém duvida mais (KOTSCHO, op. cit).

Veja que Ricardo Kotscho classifica os meses da Campanha pelas Diretas como “loucos meses, ricos de vida e de esperança”. Mas, ao dizer “loucos meses”, não se pode relacionar essa expressão a meses insanos, por exemplo, pois tanto o contexto, quanto os fatos gerados nesses “loucos meses”, leva a identificar que o que norteou a definição desses meses como loucos, foram os fatos intrigantes que os cercaram e a intensidade com que estes aconteceram, tais como as ruas e praças lotadas e a comprovação de que o povo podia se unir, quando assim julgasse necessário.

Ao final do texto, Ricardo Kotscho diz que “por mais que Brasília resista a essa verdade, o Brasil de abril de 1984 é outro País” (idem). Ressalta-se que, aqui, está implícita uma comparação com abril de 1964, quando da instauração do Regime Militar no Brasil, na madrugada de 01/04/1964. Tal comparação foi estabelecida durante toda a cobertura da Campanha pelas Diretas, onde a Folha de S. Paulo sempre que pôde fez referência ao episódio de instauração do Regime Militar como forma de mostrar que o País havia mudado e que, portanto, abril de 1984 seria diferente de abril de 1964.

O caráter pacífico do movimento construído nas páginas da Folha, também foi enfatizado: “Na quarta-feira, dia 25, sem precisar de nenhuma guerra, sem dar um tiro, sem

traumas e sem remorsos, essa Nação de 130 milhões de cidadãos – se os congressistas e o que resta do regime tiverem um mínimo de juízo – poderá gritar: “Vencemos!”(KOTSCHO, op.cit). Destaca-se que a ressalva feita pelo repórter para que o povo pudesse gritar “vencemos!” – “se os congressistas e o que resta do regime, tiverem um mínimo de juízo” – soa como crítica e como conselho, se levar em consideração que de dezembro de 1983 a abril de 1984, a Folha adotou uma postura de crítica aos Congressistas contrários a aprovação da Emenda, ao mesmo tempo em que se colocou num lugar de conselheira, a quem esses Congressistas deveriam ouvir com atenção.

Desse modo, vê-se o texto ‘Um outro País, pronto a proclamar “vencemos”’ (KOTSCHO, FSP, 1984, p.5), publicado em 22/04/1984, como um momento de afirmação da mudança e deslocamento do foco central da cobertura: não havendo mais comícios, passou-se a destacar com mais afinco as articulações e expectativas em torno da votação da Emenda Dante de Oliveira, no Congresso Nacional, o que já vinha acontecendo desde a edição de 18/04/1984.

Ressalta-se que abaixo do texto escrito pelo jornalista Ricardo Kotscho, na edição de 22/04/1984, foi publicada uma informação de “prestação de serviço”, que de certo modo complementava os posicionamentos assumidos por Kotscho, em ‘Um outro País, pronto a proclamar “vencemos”’ (idem) e reafirmava a postura adotada pela Folha de S. Paulo diante dos seus leitores, no que diz respeito a Campanha pelas Diretas. Intitulada ‘Disque o código DDD 061 e fale com os congressistas, pelas diretas’(FSP, 1984, p.5) a “informação” – aqui, o jornal Folha de S. Paulo aparece explicitamente como o enunciador – traz os números dos telefones dos gabinetes de todos os congressistas do País. Infere-se que o texto que antecede a listagem dos telefones apresenta-se com objetivos específicos: reforçar a relação da Folha com seus leitores e apresentar uma informação instrutiva, baseada em princípios éticos para assim firmar mais um compromisso com os seus leitores.

A **Folha** publica abaixo a relação dos telefones dos gabinetes de deputados e senadores, no Congresso Nacional, a fim de que os leitores tenham a oportunidade de se comunicarem diretamente com os parlamentares, manifestando a eles, seu desejo de que a emenda Dante de Oliveira, que restabelece as eleições diretas já, seja aprovada na quarta-feira (DISQUE..., 1984, p.5).

O segundo parágrafo tem um caráter instrutivo, pois ensina como se faz uma ligação para Brasília: “O código DDD de Brasília é 061. Este código deve ser discado seguido do número do telefone de cada parlamentar que publicamos a seguir. As bancadas estão divididas

por Estado e os nomes dos senhores parlamentares aparecem em ordem alfabética” (DISQUE..., op. cit). O terceiro parágrafo explica o porquê de apresentar apenas os telefones dos gabinetes dos Congressistas. É nesse trecho que se encontra a postura ética que a Folha pretende construir: “A ‘**Folha**’ não fornece os telefones das residências dos senhores congressistas, com o único intuito de resguardar seus familiares, preservando sua intimidade familiar” (DISQUE..., idem).

Já no último parágrafo, antes da listagem dos números dos telefones dos Congressistas, a Folha reafirma seu posicionamento diante da Campanha, ao estabelecer mais um compromisso com o leitor: “A ‘**Folha**’ vai procurar todos os parlamentares que se ausentarem do plenário na votação de quarta-feira, buscando de cada um a justificativa pela ausência à votação da emenda pró-diretas já” (DISQUE..., op. cit).

A partir desses dois textos – publicados na mesma página da editoria de política, do jornal Folha S. Paulo, na edição de 22/04/1984 – pode-se perceber que tanto um quanto o outro reforçam elementos próprios da cobertura. No primeiro caso, observa-se a imersão e o envolvimento do repórter com a temática; a escrita leve e envolvente, com toques literários e a ênfase a participação popular na Campanha. No segundo caso, infere-se a afirmação da Folha como porta-voz e defensora dos interesses do povo brasileiro, lugar este construído pelo jornal, principalmente, nos seus editoriais, como se destacou no segundo capítulo desta dissertação. Destaca-se que esses dois textos constituem apenas exemplos de como se deram os últimos dias da cobertura.

Nos próximos tópicos, apresenta-se a análise das reportagens publicadas nas edições de 24, 25 e 26 de abril de 1984. Ressalta-se que nessas três edições, a editoria de política ocupou 47 páginas do caderno principal da Folha de S. Paulo e todas as matérias publicadas nesta editoria, abordaram a Campanha, a votação da Emenda e os fatos em torno destas. Cada edição será abordada em um tópico específico. Assim, poder-se-á perceber as nuances de cada edição, que embora abordando a mesma temática – a votação da Emenda e os preparativos em torno desta – e se utilizando das estratégias discursivas praticadas durante a cobertura, enfatizam personagens diferenciados, em cada uma delas.

#### 4.1 “Horas decisivas”

Na edição de 24/04/1984, do jornal Folha de S. Paulo, a editoria de política ocupou 17 páginas do 1º caderno (da página nº4 a página nº 20). Dessas, 12 páginas inteiras tiveram como temática a Campanha pelas Diretas e os preparativos para a votação da Emenda Dante

de Oliveira, no Congresso Nacional, enquanto as outras páginas traziam campanhas publicitárias e notícias referentes ao cotidiano político. Nessa edição, todas as páginas da editoria de política trouxeram abaixo das informações de referência do jornal, uma faixa com a frase “Horas decisivas”, escrita em negrito. Infere-se com essa frase, a valoração que o jornal imprimiu as horas que antecederam a votação da Emenda.

A leitura das reportagens publicadas nessa edição permite identificar que um de seus objetivos era mostrar como as medidas de emergência e as ações policiais estavam sendo executadas em Brasília, nos dias que antecederiam a votação da Emenda. Ao mesmo tempo, buscava-se apontar que tais ações policiais não condiziam com o clima de festa e pacificidade da Campanha pelas Diretas, gerando irritação entre os políticos favoráveis à aprovação da Emenda, como o então deputado federal, Ulisses Guimarães.

Nesse sentido, a reportagem ‘Esquema de segurança no aeroporto irrita políticos’ (FSP, 1984, p.14), reflete a reação de parlamentares, diante das medidas de segurança adotadas em Brasília. E, o texto ‘Na chegada à cidade proibida, tensão e a presença de Ulisses’ (RUSSO, 1984, p.14) tenta retratar para o leitor o clima vivenciado ao desembarcar na capital do País. Sob uma visão intimista, o editor de política João Russo procura explicar quais sentimentos afloraram em brasileiros comuns, ao desembarcarem no aeroporto de Brasília:

O vôo 290, procedente de São Paulo, ainda taxiava no aeroporto de Brasília e era visível a movimentação dos guardas da Aeronáutica. Ficaram perfilados na entrada do salão de desembarque internacional. Vínhamos de São Paulo, mas parecia que estávamos chegando do estrangeiro. E que a cidade proibida, nestas épocas de emergência, não reconhece os moradores do Brasil. Somos nós todos estrangeiros. No salão, a fila. Apresentaríamos passaportes, se os tivéssemos em mãos. Na falta, apelamos para a velha e amarrotada Carteira de Identidade. Um a um, fomos nos identificando. [...]. Todos os guardas perfilados e os policiais da Federal anotando as procedências e destinos na cidade proibida (RUSSO, op. cit).

Observa-se que ao utilizar a expressão “cidade proibida” para se referir a Brasília, João Russo estabelece críticas ao modo como as medidas de emergências estavam sendo executadas no aeroporto internacional da capital brasileira. Os procedimentos, em torno do desembarque, descritos por Russo soam constrangedores, ao ponto de brasileiros se sentirem estrangeiros em seu próprio País.

Na reportagem intitulada ‘Unida, a sociedade civil anseia pelas eleições diretas’ (FSP, 1984, p.4), aborda-se o encontro de representantes da sociedade civil, em defesa das eleições

diretas, realizado na sede do jornal Folha de S. Paulo, localizado na Alameda Barão de Limeira, em São Paulo-SP:

O 9º andar do edifício da “**Folha**” transformou-se ontem num grande palco, onde a sociedade brasileira estava representada através de suas legítimas lideranças, todas defendendo eleições diretas-já. As palavras mais ouvidas foram “certeza, confiança, esperança e expectativa”. E todos ressaltaram o papel do Congresso Nacional e a atuação dos parlamentares do PDS: o 25 de abril será uma data histórica e os parlamentares que votarem contra as aspirações da sociedade brasileira serão cobrados nas urnas, em 1986 (UNIDA..., 1984, p.4).

Destaca-se que o encontro das “legítimas lideranças” da sociedade civil brasileira foi promovido pelo jornal Folha de S. Paulo, que na falta dos comícios para unir esses personagens, organizou ele mesmo o encontro. Nesse ponto, vê-se um exemplo de acontecimento produzido pelo jornal para virar tema de matéria jornalística nas páginas da Folha. Outro ponto a assinalar é o destaque dado às palavras mais ouvidas durante o encontro: “certeza, confiança, esperança e expectativa”, tendo em vista que estas expressam os sentimentos que a Folha procurou despertar em seu leitor, durante toda a cobertura da Campanha pelas Diretas. Importante acrescentar que ao lado da reportagem ‘Unida, a sociedade civil anseia pelas eleições diretas’ (op. cit) foi publicada uma fotografia com 61 personagens presentes na reunião (imagem abaixo).



Folha de S. Paulo, 24/04/1984, política, p.4

A imagem ajuda a reforçar a legitimidade da palavra ‘unida’ usada no título da reportagem acima citada; já o verbo ansiar, também presente no mesmo título, que dentre outras significações, quer dizer “desejar ardentemente”, dá ainda mais força ao fato de que a

realização de eleições diretas para o imaginário coletivo, era um desejo pulsante no coração da sociedade civil brasileira.

Abaixo dessa reportagem, foi publicado o texto intitulado ‘Omita-se com um barulho desses’(CASTRO, FSP, 1984, p.4). Acompanhado por uma charge – na qual foi retratada uma pessoa com a cabeça enterrada no chão como um avestruz, diante de uma multidão com faixas em defesa das eleições diretas (figura abaixo) – o texto de Ruy Castro é o quê se pode chamar de um tipo híbrido, não é uma reportagem, não é uma notícia, não é um conto, nem tampouco uma crônica. No entanto, apresenta elementos de todos esses gêneros. Ao final da leitura, têm-se a impressão de se tratar de uma “convocatória instrutiva”, embora o título pretenda atingir um sujeito diferente do que o texto pretende mobilizar.



Folha de S. Paulo, 24/04/1984, política, p.4

Ninguém precisa ensinar a um brasileiro como fazer barulho, mas, neste momento em que só o silêncio não é de ouro, alguns lembretes e sugestões podem ser úteis para a maior densidade possível de decibéis democráticos. [...]. Panelas, frigideiras e caçarolas são a primeira e óbvia escolha. [...]. Buzinas – outra querida opção, e já de habitual uso entre os brasileiros. Só que, hoje, serão acionadas por uma causa nobre [...]. Latas são tradicionais instrumentos para se fazer barulho [...]. Mas, se por algum motivo, nada disso estiver à mão e você se sentir desequipado para juntar-se à noite do barulho, há um instrumento que ninguém lhe poderá cassar: chegue a janela e grite diretas-já (CASTRO, op. cit).

Nesse trecho, percebe-se a relação intimista que o jornal procurou estabelecer com o seu leitor: convocando-o a participar, ensinando-o como fazer e dirigindo-se a ele explicitamente, como o fez em outras oportunidades, como no texto que acompanhou a manchete ‘São Paulo



faz o maior comício' (FSP, 1984, p.1), publicada em 17/04/1984, quando o repórter pergunta: "Quantas pessoas foram à passeata?"; e se reporta diretamente ao seu leitor: "O leitor pode fazer as contas: quantos de seus conhecidos foram à passeata?".

O caráter mobilizatório com ênfase a participação também é explorado na reportagem intitulada 'Em todo o País, muito barulho pelas diretas-já'(FSP, 1984, p.4). Com traços literários e buscando reforçar a relação intimista com o leitor<sup>84</sup>, a reportagem aborda as manifestações programadas para a noite de 24/04/1984:

De uma coisa você pode ter certeza: esta noite quando estiver estourando seu rojão ou apertando a buzina de seu carro, milhões de pessoas estarão repetindo, por todo o País, um gesto semelhante. As mais variadas formas de manifestação pelas diretas-já estão sendo organizadas em todos os Estados. E, o clima de festa e alegria que marcou a campanha dará também o tom, no seu encerramento (EM TODO..., 1984, p.4).

Assim como muitas reportagens publicadas pela Folha, acerca da Campanha pelas Diretas, 'Em todo o País, muito barulho pelas diretas-já' (op. cit) apresenta marcas pessoais, expostas por meio das opiniões de quem escreve.

Quem é como São Tomé e só acredita vendo, ainda há tempo de ir à Brasília, acompanhar de perto a votação. Há uma caravana partindo de São Paulo num avião fretado da VASP, amanhã. Quem quiser participar, deve dispor de 180 mil cruzeiros, ter coragem para enfrentar o general Newton Cruz e as medidas de emergência e falar com José Monteiro, no telefone 287-3787. Para os que não forem ao Distrito Federal, restará o consolo de que aqui ou nas outras cidades fora da área sob as medidas de emergência, gozarão de maiores possibilidades para expressar seu apoio às diretas-já (EM TODO..., idem).

Observa-se que as marcas pessoais estão presentes em vários trechos da reportagem. Mas, quando o repórter diz que quem quiser acompanhar a votação em Brasília precisará ter coragem para enfrentar o general Newton Cruz e as medidas de emergência, expõem-se impressões pessoais de modo a preparar a quem se dispuser a ir a Brasília: informando ao leitor o quê terá que enfrentar na capital federal, caso decida ir acompanhar de perto a votação da Emenda Dante de Oliveira.

A reportagem intitulada 'Governo e oposição jogam tudo na votação amanhã' (ROSSI, 1984, p.5) apresenta características do jornalismo literário, não somente pela forma como o texto é apresentado, mas também pela imersão do repórter, cuja presença é marcada por

---

<sup>84</sup> Essa relação foi construída no decorrer da cobertura por meio das estratégias discursivas postas em prática nas reportagens.

diálogos no interior do texto. Acrescenta-se que para Clóvis Rossi (2000, p.7), “jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes”.

Com o tom solene que usa até para dar bom dia, o deputado Ulisses Guimarães abriu a reunião de ontem da Executiva do PMDB com uma frase que se revelaria profética: “Há ocasiões na vida pública em que não basta fazer o que se pode; tem-se que fazer o que é preciso”. [...] Todo esse infernal jogo de pressões e contrapressões vai resultar ou não na aprovação da emenda Dante de Oliveira? Fiz essa pergunta ontem a todos os jornalistas, deputados, senadores e até acompanhantes que encontrei ontem nos superpovoados corredores do Congresso Nacional (ROSSI, 1984, p.5).

Importante ressaltar que até a edição de 22/04/1984, a Folha de S. Paulo não abordava explicitamente a possibilidade da Emenda Dante de Oliveira ser reprovada no Congresso Nacional. Para a Folha, a reprovação parecia tão improvável que abordá-la não faria sentido diante da construção que o jornal vinha estabelecendo acerca da Campanha e do poder de mobilização que a população apresentava nas ruas. Mas, na edição de 24/04/1984, diante das articulações dos opositores da Emenda no Congresso e das declarações dadas por parte de aliados da Emenda – como era o caso do então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves que já falava em uma possível negociação entre aliados e oponentes –, a Folha de S. Paulo começa a considerar a possibilidade da reprovação da Emenda. No entanto, classificava tal chance como uma afronta ao povo brasileiro.

A possível reprovação da Emenda foi abordada na reportagem intitulada ‘Na madrugada de 5ª, hora de chorar ou comemorar’(BRICKMANN, 1984, p.6). Seguindo um caráter intimista, o repórter falou sobre a opinião dos “especialistas em previsões de votação”:

Se tudo correr normalmente, se não houver nenhum problema, estaremos comemorando a vitória das diretas-já (ou chorando nossa derrota) no início da madrugada de quinta-feira, dia 26. As possibilidades, hoje, são mais de choro que de festa: diante das pressões desencadeadas pelo presidente João Figueiredo sobre o Congresso, a maioria dos especialistas em previsões de votação acredita na derrota da emenda Dante de Oliveira já na Câmara – ou quando muito, no Senado, onde a maioria governista é reforçada pelos bionicos e muito mais sólida (BRICKMANN, op. cit).

Na reportagem intitulada ‘Pedessista vê quadro difícil para o diálogo’ (ROSSI, 1984, p.6), o repórter destaca:

Um dos mais hábeis e influentes deputados do PDS admitia ontem em conversa informal, que apenas um fato novo poderá permitir uma negociação efetiva e concreta entre o governo e a oposição que abra caminho para a superação do impasse em que o País mergulhou. Tal obstáculo essencial a superar: a falta de interlocutores capazes de unificar os pensamentos e posições de ambos os lados. [...]. Por tudo isso, a negociação para começar de verdade, exige o fato novo citado pelo deputado pedessista e, como ele não está à vista, só resta uma conclusão, que não é proselitismo: a solução é mesmo as “diretas-já”, fantasmas a parte (ROSSI, op. cit).

Destaca-se que em nenhum momento da reportagem foi citado quem seria esse influente deputado do PDS. Entretanto, toda a reportagem é baseada em declarações desse “influente deputado”. Neste caso, embora não haja uma identificação – que o repórter justifica ao dizer que as declarações foram admitidas numa conversa informal – isso não prejudica a densidade e a crença de que se trata de depoimentos verdadeiros. Tal presunção está fundamentada tanto na relação de cumplicidade construída entre jornal e leitor, que leva esse leitor a crer que as informações dadas pelo repórter são verdadeiras, quanto na preexistência simbólica de um contrato de comunicação entre jornal e leitor. Acrescenta-se, ainda, que a construção de cumplicidade estabelecida pela Folha com seus leitores, no contexto da Campanha pelas Diretas, teve como objetivo fazer com esse leitor acreditasse que era um amigo que se reportava a ele.

Destaca-se que a edição de 24/04/1984, caracteriza-se pelo direcionamento da abordagem. Apesar das reportagens de caráter instrutivo, como as apresentadas no início deste tópico, a grande maioria delas aponta ou denuncia quem são os vilões, ou seja, os opositores da Emenda Dante de Oliveira. Dentre eles: o então deputado federal Paulo Maluf; o então presidente da República João Figueiredo; o general Newton Cruz, então comandante das medidas de emergência em Brasília e deputados do PDS, de modo geral. Infere-se que o objetivo dessa edição foi desacreditar esses personagens, ao criticar seus posicionamentos políticos diante da Campanha pelas Diretas e conseqüentemente, diante do desejo da grande maioria do povo brasileiro, que saiu as ruas para reivindicar o direito de eleger o Presidente do Brasil.

Enfocando o então deputado federal Paulo Maluf, a reportagem intitulada ‘ Maluf vai tentar derrubar as duas emendas’ (FSP, 1984, p.5) apresenta o posicionamento do então deputado e estabelece críticas quanto às estratégias adotadas por este. Seguindo as estratégias discursivas características da cobertura, essa reportagem caracteriza-se pela leveza da escrita e pelo destaque as opiniões do repórter, no que diz respeito às estratégias de Paulo Maluf. Aqui, vê-se a denúncia dos interesses escusos do vilão Maluf.

Nem diretas-já, nem diretas-não-tão-já; nem Emenda Leitão. A estratégia do deputado federal e candidato indireto à Presidência Paulo Maluf é derrubar ambas as emendas, de maneira a que o Colégio Eleitoral seja mantido. E o Colégio Eleitoral que ninguém tenha dúvidas, é seu terreno: ali não há candidato que consiga barrá-lo. [...] Mas, chegar ao poder por via indireta é uma coisa: exercê-lo contra a vontade do povo (manifestada na impressionante mobilização popular pelas diretas) é outra. Nesse caso, a resposta dos malufistas é a força. Segundo dizem, o ministro Delfim Neto, ao comentar o fim das manifestações de massa em Brasília, após a decretação das medidas de emergência, teria dito: “o povo grita, grita, grita. Aí, o exército sai a rua e o povo corre, corre, corre” (MALUF..., op. cit).

Com relação ao então presidente João Figueiredo, a Folha de S. Paulo, publicou na edição de 24/04/1984, reportagem intitulada ‘Presidente faz apelos dramáticos ao Pró-Diretas’ (LIMA, 1984, p.5): “A menos de 24 horas do desfecho da crise das eleições diretas – ou da abertura de novas frentes críticas na sucessão presidencial –, o presidente João Batista Figueiredo faz apelos dramáticos aos pedessistas pró-diretas” (LIMA, op. cit). Nota-se que a construção do enunciado “faz apelos dramáticos aos pedessistas pró-diretas” chama a atenção não apenas pela expressão “apelos dramáticos”, mas principalmente pelo fato desse apelo está direcionado a filiados do PDS, do qual fazia parte o então presidente João Figueiredo. Desse modo, a enunciação pressupõe uma situação desesperadora, ao utilizar o verbo ‘apelar’ no enunciado e ao se dirigir a quem deveria ser seus próprios aliados.

Dentre os opositores da Emenda, o personagem com o maior destaque na edição de 24/04/1984 foi o general Newton Cruz, executor das medidas de emergência em Brasília. As páginas 12 e 13 da editoria de política abordaram o General Cruz e suas respectivas ações para manter a “ordem” em Brasília, sob o estado de emergência. Redigida como uma história que se conta a um amigo, a reportagem intitulada ‘Em seu cavalo branco, o executor vê a tropa passar’ (KOTSCHO, 1984, p.12) tem como temática central a comemoração dos 24 anos do Comando Militar do Planalto (CMP), então comandado pelo general Newton Cruz. Entretanto, a reportagem também apresenta informações paralelas, ocorridas concomitantemente em diversos lugares de Brasília. O repórter procura transmitir uma visão geral dos acontecimentos, de modo que o leitor tenha a impressão de ter presenciado os fatos narrados.

Para oferecer essa idéia de proximidade, o repórter se refere às pessoas citadas na reportagem por apelidos: o então deputado federal Ulisses Guimarães é identificado como “Sr. Eleições Diretas”; o General Newton Cruz é apresentado por “Nini”; o então secretário

da Executiva do PMDB, Afonso Camargo, é “Afonzinho”, enquanto o primeiro secretário da Executiva do PMDB é identificado por “Robertão”.

Na reportagem são apresentados, ainda, dois Brasís. Um representado por Brasília que está aparentemente em guerra: “a cidade livre, literalmente sitiada, cercada, violentada, a polícia vigiando a todos nas ruas, seis mil homens marchando no ‘Forte Apache’, mostrando seus carros de combate como se fossem para uma guerra” (KOTSCHO, op. cit). Enquanto o outro Brasil que luta pelo direito de eleger o próprio presidente, através do voto direto, reuni-se no salão verde do Congresso Nacional para “protestar contra o cerco aos prefeitos e vereadores da Frente Municipalista, impedidos de chegar a Brasília” (KOTSCHO, idem).

De acordo com Nilton Hernandes (2006) um dos recursos de qualquer jornal para persuadir o público a crer na verdade do que enuncia é elaborar uma encenação, uma representação da realidade que deve ser aceita pelo público. Ambos devem partilhar de uma mesma visão de mundo, de uma ideologia que os torna de certo modo “cúmplices” na maneira de recortar e de dar sentido aos acontecimentos, à realidade.

No texto intitulado ‘Newton Cruz, um vice-rei na capital do Brasil’ (BRICKMANN, 1984, p.12), publicada em 24/04/1984, o repórter Carlos Brickmann apresenta informações de modo à descredibilizar as ações coordenados por Newton Cruz. Logo no primeiro parágrafo, o repórter apresenta o personagem sob diversos ângulos desqualificadores:

Newton Araújo de Oliveira e Cruz. Apelido (para os amigos): Nini Cruz. Apelido (para os inimigos): Nini Cruzes. Apelido (para o antigo chefe João Figueiredo, que não gostava do trabalho do dia-a-dia e lhe delegava grande número de funções): Mola Mestra – pois sem ele a coisa não andava (BRICKMANN, 1984, p.12)

Ao longo do texto, Brickmann cita duas operações coordenadas por Newton Cruz. Tais exemplos ajudam a desmoralizar o trabalho e a competência do general, bem como dos militares que trabalham sob o comando do general Cruz.

Da outra vez em que houve medidas de emergência, ele foi o executor, invadiu a OAB Brasília para apreender as fitas gravadas de uma reunião e, por descuido ou incompetência, acabou levando as fitas erradas (mais tarde admitiu: “Quebramos a cara”); a OAB mandou preparar uma placa comemorativa da invasão, ele atacou a fábrica e apossou-se da placa; agrediu, em frente as câmeras de TV, o repórter Honório Dantas, depois correu atrás dele, arrastou-o de volta ao local da agressão e exigiu receber um pedido de desculpas, em voz alta. Mas a melhor ocorrência foi a de ontem: em Itambiara, em Goiás, o 3º sargento da PM Juraci Alves Rosa, um dos comandantes de Newton Cruz, apreendeu uma perigosa camiseta

amarela pró-diretas, que vinha sendo contrabandeada para Brasília (não, não é mentira; não só a camiseta foi mesmo apreendida como há um “auto de apreensão” – com cedilha). Todos esses fatos ocorreram sob as ordens do general Newton Cruz, o vice-rei de Brasília (BRICKMANN, op. cit).

No texto ‘Na capital, o baile continua’ (CASTRO, 1984, p.12), publicada em 24/04/1984, o jornalista Tarso de Castro fala a partir de uma perspectiva pessoal sobre as cenas que presenciou no dia anterior (23/04/1984) em Brasília. Também se utilizando de Newton Cruz como referência principal, Castro reforça representações expostas tanto na reportagem intitulada ‘Em seu cavalo branco o executor vê a tropa passar (KOTSCHO, 1984, p.12), quanto na reportagem ‘Newton Cruz, um vice-rei na capital do Brasil’ (BRICKMANN, idem). A ênfase ao clima de guerra, simbolizada pela imagem de Newton Cruz e atrelada à representação de “vice-rei” apresentada no texto de Brickmann (op. cit) é encontrada em: “Mas, ainda assim, com ridicularidades e ameaças, mergulhadas numa crise sem paralelos na história do País, o que vemos aqui é mais ou menos, para falar exatamente a verdade, apenas um parque de diversões de um bando de Newton Cruz” (CASTRO, FSP, 1984, p.12).

Em ‘Polícia usa gás e dissolve passeata’ (FSP, 1984, p.13), também publicada em 24/04/1984, destaca-se a capacidade do general Cruz promover tumultos em lugares aparentemente calmos: “quando tudo estava serenado, chegou o general Cruz. Acenando com o rebenque, ele irrompeu entre os que estavam esperando o ônibus – cerca de 70 pessoas, número normal para aquele ponto, no horário – e gritava: vamos sair daqui...” (POLÍCIA..., op. cit). Neste ponto, vê-se a inversão da função da polícia: em vez de controlar tumultos, ela os promove.

A análise das reportagens publicadas na edição de 24/04/1984 permite identificar que a Folha, às vésperas da votação da Emenda Dante de Oliveira, no Congresso Nacional, procurou destacar personagens contrários a aprovação da Emenda, enfatizando suas ações e opiniões. Ao ridicularizar o trabalho do general Newton Cruz – apresentando ações policiais questionáveis, coordenadas pelo executor das medidas de emergência e, portanto, representante do Governo Federal –, a Folha procurou mostrar os opositores ao “desejo nacional” como pessoas indignas de consideração, já que eram capazes de desrespeitar o direito de manifestação do povo, bem como os desejos desse povo: estes expostos na rua com ordem e alegria. Acrescenta-se que no caso do general Newton Cruz, percebe-se que através da construção de uma imagem de “trapalhão” para o General, a Folha de S. Paulo procura estabelecer uma antipatia para com esse personagem e conseqüentemente para a forma de Governo que ele representava. Ressalta-se que em alguns momentos ele também é

apresentado como um personagem cômico, que se atrapalha ao designar e comandar operações de segurança policial.

#### **4.2 Dia da esperança**

Enfim, o grande dia da votação da Emenda Dante de Oliveira havia chegado e as expectativas em torno dessa votação eram enormes. Classificado pela Folha como o dia da esperança, a edição de 25/04/1984, chegou às bancas com uma faixa amarela – cor símbolo da Campanha –, disposta logo abaixo da identificação do jornal, onde se lia: “Use amarelo pelas diretas-já”. Com esse pedido – “Use amarelo pelas diretas-já” – a Folha sutilmente convocava a população a se manifestar e expor sua posição a favor das Diretas. Com isso, diante de tantas pessoas vestidas de amarelo, como símbolo do desejo da sociedade, o jornal intuía que os parlamentares contrários a aprovação da Emenda, poderiam ser tocados emocionalmente e quem sabe se sentiriam pressionados a dizer sim para as Diretas Já. Nessa edição, a editoria de política ocupou 13 páginas do 1º caderno (da página nº4 a página nº 16). Os principais assuntos abordados foram o cerco policial ao Congresso Nacional, realizado no fim da tarde de 24/04/1984; o buzinaço em Brasília; as medidas de emergência e a votação da Emenda que, se aprovada, restituiria as eleições diretas para Presidente no País.

As reportagens que abordaram o cerco policial ao Congresso foram construídas de modo a despertar no leitor a sensação de estar presenciando a cena. Por meio da descrição de detalhes; da presença do repórter no texto; da ênfase aos sentimentos suscitados pelo fato e do uso de uma escrita envolvente, com toques literários em alguns trechos, as reportagens sobre essa temática reproduziram as estratégias discursivas praticadas durante a cobertura dos comícios pelas Diretas. Acrescenta-se que essas reportagens podem ser classificadas como “reportagens de ação” ou “action-story”. O importante desse tipo de reportagem é “o desenrolar dos acontecimentos de maneira enunciante, próxima ao leitor, que fica envolvido com a visualização das cenas, como num filme” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p.52).

Intitulada ‘Congresso cercado pelo Exército durante três horas’ (ROSSI, 1984, p.5), a reportagem publicada em 25/04/1984 e assinada pelo jornalista Clóvis Rossi, narra com detalhes o cerco policial ao Congresso:

Falta pouco para as seis da tarde: contra o pôr-do-sol luminoso do Distrito Federal, carros de transportes da Polícia Militar vão despejando soldados e mais soldados na rua que dá acesso ao Congresso Nacional. Lentamente, eles se espalham pelas três rampas de acesso e formam um cordão de isolamento

em torno do imponente edifício [...] os carros que passam pelas imediações do Congresso soam as buzinas estridentemente, o que só faz aumentar o visível nervosismo da tropa. Do seu QG no segundo andar do Ministério do Exército, na Esplanada dos Ministérios, o general Newton Cruz acompanha toda a operação e ante o ruído decide ampliar o cerco: determina que toda a área da Esplanada seja interdita, não se permitindo a entrada de carro algum (ROSSI, op. cit).

No caso do cerco policial, observa-se que o repórter apresenta fatos de diferentes lugares. Em alguns momentos, têm-se a impressão de ser o repórter onipresente, na medida em que este descreve com detalhes, cenas ocorridas aparentemente concomitantes, em diferentes espaços de Brasília. Tal “onipresença” pode ser verificada nos seguintes trechos:

Uma equipe da TV Manchete tenta filmar o cerco e é imediatamente detida pelos soldados. O deputado João Herman Neto (PMDB de São Paulo) interfere a favor dos jornalistas e recebe voz de prisão. Imediatamente, estende os pulsos para receber as algemas, o que constringe visualmente o soldado [...]. O presidente do Senado, Moacir Dalla, decide inspecionar “in loco” o que está acontecendo: sobe a rampa, no meio de um bolo de parlamentares e curiosos, verifica que os soldados estão no que ele considera rua e não invadiram, portanto, dependência do Congresso Nacional [...]. Enquanto isso, no Palácio do Planalto e no Ministério do Exército chovem explicações para o que está acontecendo: Cerco? É uma palavra muito drástica, o que há é apenas um reforço do esquema policial, diz o porta-voz Carlos Átila (ROSSI, idem).

A “onipresença” da qual se fala aparece evidente nesses trechos, pois o repórter repassa a impressão de está acompanhando cenas ocorridas, ao mesmo tempo, fora e dentro do Congresso Nacional, no Ministério do Exército e no Palácio do Planalto. Além dessa “onipresença”, a reportagem ainda se caracteriza pelo caráter intimista, reforçado pela perspectiva pessoal apresentada no texto:

O fato é que tudo o que aconteceu ontem em Brasília, eu já vi antes, em situações semelhantes de decomposição de regimes. Aconteceu na Espanha, nos momentos finais do franquismo, aconteceu na Argentina, depois da Guerra das Malvinas, que acelerou a queda dos generais. De um lado, tem-se a sociedade em bloco quase monolítico a apontar numa direção (a das diretas-já) [...] De outro lado, é clássico dos estertores do autoritarismo a hesitação, antes impensável, na hora de reprimir: cerca-se o Congresso, mas toma-se cuidado de não pisar na grama dos acessos (ROSSI, op.cit)

Nota-se que o jornalista busca referências históricas ao comparar o que estava acontecendo em Brasília, ao que ocorreu na Espanha, durante os momentos finais do



“franquismo”<sup>85</sup> – regime ditatorial da Espanha (1939-1975), que ficou conhecido por esse nome, por ter sido comandado pelo general Francisco Franco – e ao que aconteceu na Argentina, após a Guerra das Malvinas – quando o povo argentino derrubou o regime ditatorial e iniciou o processo de redemocratização do País, que culminou com a eleição direta de Raúl Ricardo Alfonsín para a Presidência do País. Dessa forma, além de imprimir ao texto uma análise intimista do fato, o jornalista Clóvis Rossi recorre aos discursos acerca do fim do “franquismo” na Espanha e do processo de redemocratização da Argentina como modo de fortalecer e balizar suas opiniões com relação ao cerco policial no Congresso Nacional. Nesse caso, esses momentos históricos da Espanha e da Argentina, no que se refere a mudanças em âmbito político, são usados por Rossi como parâmetro comparativo e exemplar para o que acontece nos últimos momentos da Campanha pelas Diretas Já, no Brasil.

A reportagem intitulada ‘A ação militar e a política no curral’ (CASTRO, 1984, p.5) é extremamente pessoal. Nela, o jornalista fala sobre os fatos ocorridos em Brasília (no dia 24/04/1984) a partir de sua perspectiva e não omite essa escolha, evidenciando-a ao utilizar os verbos na primeira pessoa do singular.

Creio que nenhuma definição sobre o momento que se vive hoje em Brasília poderá ser melhor do que a do deputado Sebastião Nery (PDT-Rio), ainda ontem no aeroporto: – “Nós não estamos na capital; estamos num curral” [...] – Bem, quero esclarecer porque acho excelente a frase de Nery. É que nos sentimos exatamente num curral, onde o gado só entra e sai de acordo com as ordens do fazendeiro. E o cara que se acha dono desta fazenda chamada Brasília é um pesadelo chamado Newton Cruz, cuja indisfarçável alegria em perseguir estudantes pelas ruas – como ainda ontem aconteceu – faria com que mesmo Sigmund Freud tivesse dúvida em aceitá-lo como paciente (CASTRO, op. cit).

Assim como na reportagem ‘Na capital, o baile continua’ (CASTRO, 1984, p.12) – publicada na edição da Folha de S. Paulo de 24/04/1984 – Tarso de Castro também fez críticas as ações do general Newton Cruz, em ‘A ação militar e a política no curral’ (CASTRO, 1984, p.5), publicada em 25/04/1984. Nesta, as críticas aparecem de forma mais agressiva, pois Castro não critica apenas as ações do general, mas põe em dúvida sua capacidade psíquica ao intuir que Newton Cruz seria considerado um caso perdido até mesmo para a psicanálise, ao dizer que Sigmund Freud – conhecido com o pai da psicanálise – teria dúvidas quanto a aceitá-lo como paciente.

---

<sup>85</sup> Nos últimos anos do “franquismo”, o regime ditatorial da Espanha teve que enfrentar diversas greves operárias e manifestações populares que reivindicavam a redemocratização do País. Em 20/11/1975, o general Francisco Franco se suicidou. Após a morte do general Franco, o príncipe Juan Carlos foi coroado rei da Espanha e deu início ao processo de redemocratização do País, com o auxílio de Adolfo Suárez Gonzalez.

O fato de ter sido escrita em primeira pessoa não é o único elemento que evidencia um caráter intimista e a busca de uma cumplicidade e familiaridade com o leitor. Em determinado momento, o jornalista enfatiza essa aproximação ao permitir que esse leitor saiba o que acontecia, enquanto ele o escrevia: “ainda agora, enquanto escrevo, um novo mecanismo de intimidação é posto em execução: cerca-se o Congresso, num ensaio geral do que será o dia de hoje” (CASTRO, op.cit).

Apresentar os fatos sob a perspectiva do repórter também é característica da reportagem ‘Votação é hoje, mas Brasília aprovou ontem as diretas’ (BRICKMANN, 1984, p.6), publicada na Folha de S. Paulo, em 25/04/1984. Nela, o repórter apresenta diálogos como se tivesse acompanhado as conversas, com olhos e ouvidos de um espectador invisível, sendo inclusive capaz de ouvir cochichos e conversas particulares. Acrescenta-se que nas entrelinhas, infere-se a possibilidade de outro fechamento do Congresso Nacional.

O prefeito Mário Covas é chamado por um velho amigo, o colunista Ruy Lopes: “Mário, essa festa não te lembra uma outra, há 15 anos atrás?” Covas, que era o líder do MDB na época em que o Congresso negou licença para o processo contra Mário Moreira Alves, em 1968, riu: “Prefiro nem lembrar” [...] No plenário, o paralelo com os acontecimentos de 1968 (que levaram ao fechamento do Congresso e à edição do Ato Institucional nº5) era constante: “Acho que o Hino Nacional não deve ser cantado nessas ocasiões”[...]”Nessas ocasiões não pode, a gente sempre acaba mal”. Outro entrava na conversa: “Pior que tudo é o ‘povo unido jamais será vencido’. Dá azar” (BRICKMANN, op. cit).

Escrita como uma carta, a reportagem ‘Presidente tem a confirmação de que a Nação está acordada’ (CASTRO, 1984, p.7) publicada na Folha, em 25/04/1984, fala sobre o buzinaço ocorrido em Brasília, no final da tarde de 24/04/1984 e apresenta muitas das estratégias discursivas presentes na cobertura. Dentre elas, a busca de aproximação do leitor; a escrita envolvente; a ênfase a pessoas comuns; a pacificidade da Campanha; ao caráter ordeiro das manifestações e a presença do repórter no texto.

São 18 horas em Brasília e pela primeira vez em todo seu governo, o presidente Figueiredo não consegue ouvir o roncar das motos que antecedem a ida de seu carro a Granja do Torto. Guarda formada, o silêncio da solenidade da saída do presidente do Palácio do Planalto é coberto por uma das maiores manifestações públicas a que esta cidade de Brasília já assistiu em toda sua história. Como sempre, nas manifestações dos últimos meses, a coisa é disciplinada: ordeiramente os carros se postam nas proximidades, obedecem aos sinais de trânsito e aguardam ordens das autoridades. Há apenas uma diferença: as buzinas não param de soar. Mas nem mesmo por um segundo. Existem as tristes, finas, como lamento. E as fortes, tipo

protestos. Mas há uma união que não deve ter passado despercebida ao Presidente que desce a rampa nem muito carrancudo. Talvez, ontem, nessa imensa manifestação do barulho, nesta vontade arrogante e bela da vontade popular, se tenha dado subsídio ao general João Batista Figueiredo para pensar um pouco mais, em seu retiro do Torto, que uma era chegou ao fim e que o País está acordado (CASTRO, op.cit).

O que reforça ainda mais a cenografia de uma carta é o PS (post script) ao final do texto. Ressalta-se que o PS é um elemento comum em cartas, utilizado após o término da escrita do texto para dá uma informação que o autor julga importante e que esqueceu de acrescentar no corpo do texto. Na reportagem de Tarso de Castro, o PS acrescenta que: “Quando retornávamos a redação, um garoto maltrapilho e maltratado aproximou-se do carro. Não pediu esmola. Pediu assim: ‘Moço, posso dar uma buzina?’ Fez o mesmo no carro ao lado” (CASTRO, idem).

Além de reportar o buzinaço em Brasília, a Folha de S. Paulo também falou sobre manifestações a favor das Diretas em outras cidades do País, em ‘São Paulo faz barulho para exigir eleições diretas já’ (FSP, 1984, p.13), publicada em 25/04/1984, fala-se dessas manifestações de apoio ao passo que enfatiza a criatividade do brasileiro e a participação de pessoas comuns na manifestação, características marcantes da cobertura da Folha, acerca da Campanha pelas Diretas:

Rojões, buzinas, sirenes, panelas, instrumentos musicais – tudo que estivesse à mão, e pudesse fazer barulho, foi usado pelas pessoas, que gritaram, cantaram, piscaram as luzes das casas e edifícios, desfraldaram faixas, soltaram balões e foram às ruas e praças reafirmar sua esperança de que os deputados e senadores aprovem no Congresso a emenda Dante de Oliveira. [...] Maria Conceição Cerqueira trouxe o marido e três filhos, cinco dúzias de foguetes e muitas panelas. Todos pediam diretas já. Para ela, “é uma chance de nós aproveitarmos para exigir o que é de direito”. Alguns ônibus desviavam de sua rota, seguindo a Alameda Santos em direção à estação Paraíso Metrô. Outros ao contrário, permaneciam na avenida Paulista: “Quem pegar o desvio hoje não é bom brasileiro”, afirmou um motorista da CMTC (SÃO PAULO..., 1984, p.13).

Em ‘Colégio “enterrado” sem lágrimas’ (FSP, 1984, p.14), também publicada em 25/04/1984, volta-se a priorizar a criatividade do brasileiro:

O Colégio Eleitoral está morto. Foi enterrado na tarde de ontem no largo do Batata, em Pinheiros, ao lado da desesperança de milhões de brasileiros. O féretro foi acompanhado pela sua mãe, pelas medidas de emergência, por amigos do arbítrio e outras autoridades. [...] Mas que ninguém se iluda. Por enquanto o enterro foi apenas simbólico e organizado por um grupo de alunos do Colégio Santa Cruz engajados na campanha nacional das diretas-já

[...] Apesar da chuva do início da noite, o féretro caminhou com muita alegria e descontração. Na frente, duas faixas – “Inderetas-jaz” e “Diretas-já” – rodeavam o caixão (COLÉGIO..., 1984, p. 14).

As articulações políticas, em torno da votação da Emenda Dante de Oliveira, foram destacados também em ‘Campanha começa a inviabilizar candidaturas oficiais’ (FSP, 1984, p.10) onde se procurou mostrar que Paulo Maluf, então deputado federal e candidato à Presidência, nas eleições indiretas, estava isolado diante dos fatos: “de todas as candidaturas indiretas, apenas a do deputado Paulo Maluf mantém-se resistente ao movimento nacional pelas eleições diretas-já, embora o ex-governador de São Paulo comece a perder apoios e lute para sair do isolamento a que foi empurrado pelos fatos” (CAMPANHA..., 1984, p.10).

Perceba-se que ao citar personagens ligados ao regime Militar e contrários a aprovação da Emenda pelas Diretas Já, a Folha de S. Paulo procurava mostrá-los como pessoas sem credibilidade e isoladas, como eram os casos do general Newton Cruz, do então presidente João Figueiredo e do pré-candidato à Presidência, Paulo Maluf.

Em ‘Congressistas vivem um clima de aprovação’ (FSP, 1984, p.10) reforça-se o clima de esperança em torno da aprovação da Emenda: “o Congresso viveu, ontem, o clima psicológico de aprovação da emenda Dante de Oliveira [...] Embora o presidente João Batista Figueiredo fizesse, o dia inteiro, dramáticos esforços para convencer os pedessistas a não aprovarem a emenda diretas-já” (CONGRESSISTAS..., 1984, p.10).

Destaca-se que a expressão “dramáticos esforços” remete a reportagem ‘Presidente faz apelos dramáticos ao Pró-Diretas’ (LIMA, 1984, p.5) publicada na edição de 24/04/1984, onde a palavra “dramática” é usada para classificar a dimensão do apelo feito pelo então presidente, João Figueiredo, aos seus aliados. Veja que o caráter dramático perpassa as edições no que diz respeito às últimas tentativas do então Presidente da República para tentar evitar uma derrota no Congresso, com a aprovação da Emenda Dante de Oliveira. Ressalta-se que na edição de 25/04/1984, o foco central não era mais o “apelo dramático” e sim o “clima de aprovação” entre os Congressistas, o que por sua vez reforça a dramaticidade dos pedidos de apoio por parte de João Figueiredo.

Muitas reportagens da edição de 25/04/1984 abordaram as medidas de emergência em Brasília e principalmente os critérios estabelecidos pelo Departamento Nacional de Telecomunicação (Dentel) para a censura aos rádios e emissoras de televisão do País. A reportagem ‘Brasília vive fim de noite tenso com novas prisões’ (FSP, 1984, p.11), publicada em 25/04/1984, é escrita como uma página de diário: descritiva, com marcas textuais que

refletem impressões pessoais, embora se tenha a sensação de que os fatos estejam acontecendo no momento em que são descritos.

Em Brasília são 23 horas, e a temperatura continua em elevação. Na Esplanada dos Ministérios, junto ao prédio do Exército, o general Newton Cruz acaba de comandar uma operação de limpeza de estudantes [...] Na quadra em que se situa a sucursal da “Folha”, 76 homens do grupo de Operações Especiais zelam pela segurança das ruas agora desertas (BRASÍLIA..., 1984, p.11).

Em ‘Brasília vive fim de noite tenso com novas prisões’(FSP, 1984, p.11) fala-se também sobre as operações “atrapalhadas” da equipe de Newton Cruz, ao prenderem dois deputados que escoltavam um grupo de estudantes que estavam no Congresso, quando ocorreu o cerco policial:

os dois deputados que escoltavam o grupo foram colocados contra uma parede e pessoalmente apresentados à tropa pelo general Newton Cruz como dois conhecidos comunistas. [...] As negociações de paz tiveram início logo em seguida, tendo como protagonistas o coronel Paulo Santos, chefe do Estado-Maior do Comando do Planalto, e um grupo de deputados a cuja frente estava o líder do PT, Airton Soares [...] Após alguns minutos, entretanto, o coronel Santos admitiu que fosse formada uma comissão para visitar os prisioneiros e acabou concordando em liberá-los imediatamente (BRASÍLIA..., op. cit).

Em ‘Dentel detém fotógrafo da “Folha” e confisca filmes’(GALVEZ, 1984, p.11), destaca-se mais uma operação “atrapalhada” e autoritária por parte dos órgãos do Governo, responsáveis pela condução das medidas de emergência.

No seu primeiro dia de trabalho como censor, o Departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) deu os primeiros sinais de ter assumido em sua plenitude a atribuição, imposta pelas medidas de emergência. Extremamente irritado, o diretor-geral, coronel Antonio Fernandes Neiva, prendeu quase uma hora os fotógrafos Jorge Araújo, da “Folha”, Antônio Dorgivan, do “Jornal do Brasil” e Kim-Ir-Sem, da Agência Agil, e só não os entregou à Polícia Militar porque eles concordaram em entregar os filmes contendo fotos da sala onde está sendo executada a censura às telecomunicações (GALVÉZ, op. cit).

Quanto aos critérios duvidosos estabelecidos pelo Dentel, a reportagem ‘Dentel censura até noticiário sobre dia de Figueiredo e nota de Átila’ (FSP, 1984, p.12) estabelece críticas a respeito da definição das informações que estavam censuradas:

“Até o dia do presidente?” Espanto geral nos escritórios da TV Globo em Brasília. Até mesmo uma matéria relatando o dia de ontem do presidente Figueiredo acabava de ser censurada pelo Dentel. Não muito longe do prédio da Globo, na redação do SBT, a mesma incredulidade. A censura vetara uma nota do porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila (DENTEL..., 1984, p.12).

Em ‘Medidas confundem as rádios e TVs’(FSP, 1984, p.12) reforçam-se as críticas estabelecidas em ‘Dentel censura até noticiário sobre dia de Figueiredo e nota de Átila’ (idem) e se ressalta que o processo de censura, determinado pelo Dentel inviabiliza as transmissões televisivas:

As medidas adotadas pelo Dentel estão causando, nas várias partes do País, as situações mais absurdas para impedir a divulgação de notícias relacionadas com o momento político. Em Fortaleza, o diretor do Dentel, coronel Ernani Monteiro, depois de explicar aos representantes das emissoras de rádio e televisão que estão proibidas as notícias sobre a votação da emenda Dante de Oliveira, eleições diretas-já e a decretação das medidas de emergência em Brasília, disse que as entrevistas gravadas em videofitas, para as televisões, devem ser submetidas à censura no Rio de Janeiro e depois, se liberadas, retornariam ao Ceará para serem transmitidas (MEDIDAS..., 1984, p.12).

A análise das reportagens permite identificar que o personagem principal da edição de 25/04/1984 é o então deputado federal Ulisses Guimarães, defensor das eleições diretas para Presidente do Brasil. O respeito que Ulisses Guimarães despertava nas pessoas, além do prestígio que dedicavam a ele são enfatizados na reportagem ‘Votação é hoje, mas Brasília aprovou ontem as diretas’ (BRICKMANN, 1984, p.6):

A emoção das multidões na rua chegou ontem ao Congresso. De manhã, ninguém acreditava na aprovação da emenda. [...] O grande responsável pela mudança do clima – de pessimista para moderadamente otimista foi o discurso do deputado Ulisses Guimarães, no meio da tarde. Ulisses vai pouco à tribuna; quando vai, é um acontecimento. Prepara-se com cuidado, redige pessoalmente o discurso, em seu estilo às vezes rebuscado, mas sempre precioso. E a Câmara sempre o prestigia: Ulisses nunca se dirige a um plenário vazio (BRICKMANN, op. cit).

A reportagem ‘Ulisses só aceita diálogo fiscalizado pela voz das ruas’ (FSP, 1984, p.8) destaca pontos do discurso de Ulisses Guimarães, proferido durante a sessão do Congresso Nacional, na tarde de 24/04/1984. Na medida em que a matéria enfatiza que o discurso foi “interrompido 23 vezes pelos aplausos da galeria lotada” (ULISSES..., 1984, p.8) reforça-se o

comprometimento de Ulisses Guimarães para com o povo brasileiro e o consequente reconhecimento disso por parte do povo.

Nessa reportagem, traça-se uma comparação entre as opiniões do deputado Ulisses Guimarães e do então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, quanto a uma possível negociação em torno da Emenda: “o governador mineiro – Tancredo Neves – propõe a transformação do atual Congresso em Constituinte, enquanto o presidente de seu próprio partido encara como indispensáveis as diretas já, como ponto de partida para a Constituinte” (ULISSES..., op.cit). Com isso, procura-se mostrar que o posicionamento de Ulisses reflete o anseio popular, o que fica evidente com a publicação do seguinte trecho do discurso: “o povo sabe que diretas já não são solução para tudo, mas que, sem elas, não há solução para nada” (ULISSES..., idem).

Intitulada ‘Em clima de festa, o Sr. Diretas é consagrado’ (KOSTCHO, 1984, p.8), a reportagem publicada na edição da Folha de 25/04/1984 busca através da dramatização, ou seja, por meio da descrição das cenas que compõem os fatos, conquistar emocionalmente o leitor, ao passo que procura envolvê-lo sentimentalmente no decorrer da leitura.

Ao contrário de Newton Cruz – destaque de reportagens da edição de 24/04/1984 – Ulisses é apresentado como um homem carismático, cordial e generoso, que deseja estar junto ao povo para agradecer-lhe: “preciso ir até as galerias para agradecer a presença dessa gente” (KOTSCHO, op. cit).

Ao transmitir aos leitores o clima da redação da Folha de S. Paulo, Kotscho procura aproximar ainda mais o público-leitor dos acontecimentos. E, ao passo que permite ao leitor saber o que acontece na redação, reforça laços de cumplicidade entre leitor e jornal. O trecho a seguir foi escrito no meio da reportagem e explicita o que se fala:

(Um pequeno parêntese. Esta cena que estou descrevendo aconteceu umas duas horas atrás e, agora, na redação, não está dando para escrever. É um infernal barulho de buzinas, todo mundo botando a boca no mundo, berrando: “vai acabar, vai acabar, vai acabar”. O pessoal vai saindo da sucursal da Folha, embarcando na folia. O carnaval começou como se o Brasil tivesse acabado de conquistar a Copa do Mundo – e a votação da emenda das Diretas é só amanhã, mas ninguém quer nem saber. Na janela, está o Fernando Gabeira, não sei se rindo ou chorando, ou tudo junto como se acordasse de um sonho, ou de um pesadelo e lhe pergunto: você poderia imaginar uma coisa dessas? “Não, isso aí não...”. O povo de Brasília tomara as ruas, literalmente, às seis e quinze da tarde do dia 24 de abril do ano da graça de 1984. Um cara vem me perguntar aqui na janela: “Onde é que se acha fogos para comprar?” E eu sei lá... Esse parêntese já está ficando grande demais e preciso terminar de escrever a matéria) (KOTSCHO, idem).

No decorrer dessa mesma reportagem, Ricardo Kotscho fez outro parêntese nesse mesmo estilo. Seja verdade, seja criação literária, seja as duas coisas juntas, o fato é que essas informações complementares, aliada ao modo de contar – com forte influência do jornalismo literário – agrega valor a reportagem e ajuda a cativar o leitor ao passo que contribui para o processo de construção de laços emocionais para com a temática: os momentos finais da Campanha pelas Diretas. Acrescenta-se que ao utilizar a expressão religiosa “ano da graça”, Kostcho imprime ao evento – votação da Emenda – um caráter extraordinário.

Importante enfatizar que a exposição de pensamentos e a descrição dos fatos que ocorrem em volta do repórter – enquanto este escreve a reportagem – aparecem com muita frequência nas reportagens escritas pelo jornalista Ricardo Kotscho. Ressalta-se que a grande maioria das matérias jornalísticas, publicadas na editoria de política, do jornal Folha de S. Paulo, acerca da Campanha pelas Diretas Já, são de sua autoria<sup>86</sup>.

Destaca-se que a ênfase ao caráter emocional está presente nas matérias desde a seleção do que contar até a escolha da forma como contar. Nas reportagens com essa abordagem, a presença do repórter é um fator importante, pois além de contar o quê aconteceu, ele fala das suas impressões e emoções. Acrescenta-se que a análise das reportagens publicadas na edição de 24/04/1984 e 25/04/1984 permite afirmar que a Folha de S. Paulo apresentou Ulisses Guimarães como o oposto do general Newton Cruz, ou seja, este é o vilão, enquanto aquele é o herói.

### **4.3 “A marcha da decepção”**

A Folha de S. Paulo chegou às bancas de jornais, na manhã de quinta-feira, dia 26/04/1984, com a manchete escrita em letras garrafais: ‘A NAÇÃO FRUSTRADA! Apesar da maioria de 298 votos, faltaram 22 para aprovar as diretas’. Acima dessa manchete, havia a mesma faixa do dia anterior, só que ao invés de amarela, ela foi publicada na cor preta e a frase fora substituída por: “Use preto pelo Congresso Nacional”. Esta frase indicava um clima de luto, ao mesmo tempo em que soava como um protesto silencioso.

No meio da primeira página foi publicada uma lista com os nomes de todos os deputados da Federação, que foram divididos em grupos pelo Jornal: aqueles que votaram a favor, os que votaram contra e aqueles que estiveram ausentes durante a votação. De um lado

---

<sup>86</sup> Parte deste material, inclusive, foi selecionado pelo repórter Ricardo Kotscho e publicado em formato de livro, ainda em 1984, pela editora brasileira. Intitulado ‘Explode um novo Brasil: diário da Campanha pelas Diretas’, este livro é citado nas referências desta dissertação.



da lista, o texto da única manchete do dia; do outro, o editorial que, diferente das outras edições, foi publicado na primeira página. Intitulado ‘Cai a emenda, não nós’<sup>87</sup>, esse editorial reflete a opinião da Folha sobre a reprovação da Emenda que o jornal classificou como a frustração da esperança de milhões. Nele, são apresentadas avaliações desqualificadoras dos que se opuseram ao desejo do povo.

Frustrou-se a esperança de milhões. Uma compacta minoria de maus parlamentares disse não à vontade que seu próprio povo soube expressar com transparência, firmeza e ordem. [...] Antes votar não a omitir-se covardemente, como muitos fizeram; melhor, porém, era renunciar ao mandato do qual não conseguiram mostrar-se a altura, devolvendo-o com um pedido de desculpa a sua fonte legítima de origem. Não foi o que fizeram e eles sabem o que fazem. Mas não sabem que o Brasil – felizmente – mudou, que a sociedade civil resgatará seus compromissos, a população exigirá seus direitos tantas vezes postergados e os eleitores retribuirão na mesma moeda: não mais terá voto, quem lhes negou o direito ao voto [...] A emenda Dante de Oliveira está derrotada, não nós (CAI..., 1984, p.1)

Nesse trecho do editorial, a Folha reafirma a idéia que durante toda a Campanha procurou destacar: a participação popular dava legitimidade a Campanha. Embora fosse coordenada por um grupo de políticos, as Diretas Já não constituía simplesmente um movimento de líderes políticos que almejavam chegar à Presidência. Tentou-se mostrar que esse era o desejo do povo, ele próprio queria a oportunidade de escolher o seu Presidente.

Reforça-se que a primeira página da edição de 26/04/1984<sup>88</sup> teve uma única temática: a votação da Proposta de Emenda Constitucional, que restabeleceria as eleições diretas para Presidente do Brasil, caso tivesse sido aprovada pelo Congresso Nacional, na sessão de 25/04/1984. Nessa edição, a editoria de política ocupou 17 páginas do 1º caderno (da página nº4 a página nº 20) e em todas essas páginas, a Folha publicou abaixo da identificação do jornal, uma faixa com a frase “A marcha da decepção”, numa referência a “marcha das Diretas”, que levou centenas de pessoas a Brasília, para acompanhar de perto a votação da Emenda Dante de Oliveira. Os principais assuntos abordados foram: as articulações políticas e os fatos ocorridos no Congresso Nacional, em 25/04/1984, desde o início da sessão parlamentar até o desfecho da votação da Emenda, sendo esta a principal temática.

Intitulada ‘Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada’ (ROSSI, 1984, p.5), a reportagem assinada pelo jornalista Clóvis Rossi atribui aos deputados do PDS ausentes e aos

<sup>87</sup> Analisou-se o editorial ‘Cai a emenda, não nós’, no tópico 2.3, do segundo capítulo desta dissertação.

<sup>88</sup> A primeira página desta edição pode ser vista nos anexos.

que votaram contra a Emenda a responsabilidade pela frustração de milhões de brasileiros. Entretanto, Rossi destaca a valentia – como o próprio repórter classifica – de alguns representantes do PDS que votaram a favor da Emenda, como foi o caso do deputado Pedro Colin, do Estado de Santa Catarina, que “compareceu à votação acompanhado pelos médicos, porque fora operado no sábado e eram precárias as condições de saúde”(ROSSI, op. cit).

Destaca-se que as particularidades da ida de Pedro Colin até o Congresso Nacional, para participar da votação da Emenda Dante de Oliveira, foram abordadas em reportagem intitulada ‘Mesmo com risco de vida, Colin leva o “sim” a Brasília’(FSP, 1984, p.13). Com uma escrita capaz de comover até o mais incrédulo quanto à aprovação da Emenda, essa reportagem procura destacar o quanto a Campanha pelas Diretas Já foi capaz de envolver emocionalmente as pessoas, ao ponto de algumas delas colocarem em risco a própria vida, apenas para contribuir para a possível realização do desejo de milhões: a aprovação da Emenda.

A campanha nacional pelas eleições diretas já produziu certamente, nos últimos quatro meses, incontáveis gestos de desprendimento daqueles que lutam pelo restabelecimento do direito de o povo escolher diretamente seus representantes. No entanto, o mais dramático deles talvez tenha sido a decisão tomada ontem pela manhã, em São Paulo pelo deputado do PDS de Santa Catarina, Pedro Colin, 54 anos, que, mesmo sob ameaça de séria complicação pós-operatória e contrariando todas as determinações médicas, deixou o quarto 923 do Hospital Albert Einstein, onde convalescia de uma cirurgia e foi a Brasília para votar a favor da emenda Dante de Oliveira. [...] Bastante pálido por causa da perda de sangue ele explicou que durante 25 anos pediu votos em praça pública e recebeu a confiança dos eleitores. Por isto não poderia agora, mesmo doente, ficar insensível ao clamor da opinião pública. [...] O voto de Colin encerrou um dia cheio de emoções. Ainda no hospital, logo após ter falado com o governador de Santa Catarina, o deputado chorou, ao lado da esposa, mas não arredou o pé de sua decisão e, caminhando com dificuldade, sentindo fortes dores, às 14h20 embarcou para Brasília no vôo 262 da Vasp. Mas, antes teve que assinar para a direção do Hospital Albert Einstein um termo de compromisso, isentando a entidade e seu corpo clínico de qualquer responsabilidade por sua decisão de abandonar o leito e rumar para Brasília (MESMO..., 1984, p.13).

Acrescenta-se que em ‘Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada’ (ROSSI, 1984, p.5), Clóvis Rossi classificou as horas em que o desfecho da votação se concretizou como “madrugada amarga e noite negra”. No entanto, o repórter procura mostrar que as esperanças não findaram. A esperança por dias melhores é identificada no trecho: “A aurora chegou a estar à volta da esquina, para desfazer-se em uma noite ainda mais negra. Também

não importa: Dom Hélder já avisou, faz tempo, que quanto mais negra é a noite, mais próximo o amanhecer” (ROSSI, op. cit).

Em ‘Chamada chegou a Minas; rejeição confirmava-se’ (FSP, 1984, p.6) ressaltam-se a participatividade e a tranquilidade no decorrer da sessão – elementos estes apresentados pelo jornal Folha de S. Paulo, no decorrer da cobertura da Campanha pelas Diretas como características da mobilização. Ao final, quando a emenda foi reprovada, a calma não foi abalada: “Às 2 horas da manhã de hoje, quando o resultado foi proclamado, a desilusão e mesmo a revolta tomou conta dos parlamentares e congressistas. Assim mesmo, foi possível manter a calma e todos saíram apenas entoando refrões: ‘o povo não esquece, acabou o PDS’” (CHAMADA..., 1984, p.6).

Intitulada ‘Ulisses Guimarães, Amaral Neto e Lacerda’(CASTRO, 1984, p.6), o texto do jornalista Tarso de Castro apresenta o caráter intimista, comum nas reportagens da cobertura da Campanha pelas Diretas. Ressalta-se que assim como em outras reportagens, onde a presença e as opiniões do repórter são bastante evidentes e assumidas como próprias do autor do texto, por meio do uso de verbos em primeira pessoa do singular, as letras aparecem em formato *itálico*, o que explicita ainda mais o aspecto aproximativo do texto.

Quando escrevo estas primeiras notas, ainda não sei o resultado da votação da Emenda Dante de Oliveira. Mas, desde já, é impressionante a maneira como se pode constatar a imensa e indescritível incompetência da maioria do Congresso. Isto nos leva a uma questão: a culpa é do povo? Posso assegurar que não pelos anos que tenho vivido (CASTRO, op. cit).

Destaca-se que o texto ‘Ulisses Guimarães, Amaral Neto e Lacerda’ é formado por pequenas notas. Embora não seja propriamente uma reportagem é apresentado pelo jornal como uma reportagem. Nela, o jornalista Tarso de Castro fala de três personagens: Ulisses, Amaral e Lacerda. Mas, é Amaral Neto quem norteia toda a exposição. Todos os fatos e as análises apresentadas por Castro surgem a partir do discurso do então deputado federal Amaral Neto.

Estou falando em Congresso e lembro de uma coisa que assisti a apenas alguns minutos. Foi o uso da tribuna pelo deputado Amaral Neto (Carlos Lacerda costumava chamá-lo de Amoral Neto, já se sabe) [...] O impressionante é que este homem é hoje um homem forte do PDS e o líder da candidatura do Sr. Paulo Salim Maluf. O que, por sinal prova que Deus não apenas existe como sabe como unir almas gêmeas. O alvo não poderia ser mais perfeito: o Sr. Ulisses Guimarães, justamente o condutor da campanha pelas diretas (CASTRO, idem).

Nesse trecho, além da marcação do evento norteador do texto, percebe-se a temporalidade do discurso. Quanto a esta, tem-se a impressão que o repórter conta a história ao leitor de uma maneira muito detalhista e com fortes marcações temporais. Observa-se, ainda, que o repórter pressupõe falar a um leitor que tem conhecimento prévio sobre os personagens citados. Com isso, sente-se a vontade para estabelecer pressuposições (“já se sabe”), fazer críticas (relacionadas ao comportamento ético dos então deputados federais Amaral Neto e Paulo Maluf), e traçar comparações (“almas gêmeas”).

Em ‘Madrugada dos ausentes, o fim do dia da esperança’ (KOTSCHO, 1984, p.8), destaca-se a emoção e os sentimentos do repórter. Por meio de suas impressões pessoais, Ricardo Kotscho procura mostrar para quem não presenciou a votação, como foram os momentos finais e os sentimentos que afloraram após anunciada a reprovação da Emenda Dante de Oliveira pela Câmara dos Deputados.

Pelo chão acarpetado do plenário da Câmara Federal, quando tudo acabou, os representantes de um povo derrotado no seu maior anseio pisavam sobre as pétalas dos crisântemos amarelos, que estes meses todos simbolizaram uma luta, um sonho, um encontro – o grito de liberdade, desta humilhada Nação brasileira (KOTSCHO, op. cit).

Observa-se que dizer que os crisântemos amarelos – que simbolizavam a campanha pelas Diretas – foram pisados pelos representantes de um povo derrotado, significa dizer que o desejo da população exposto com ordem e alegria, durante os quatro primeiros meses de 1984, havia sido pisoteado por quem o deveria ter atendido. Além de se referir ao povo e a Nação, com os termos derrotado e humilhada, respectivamente, Kotscho exalta a campanha, chamando-a de “memorável” e classifica os opositores da Emenda, como “traidores da vontade nacional”: “assim como ninguém há de esquecer esta memorável campanha, também ninguém esquecerá os nomes destes traidores da vontade nacional” (KOTSCHO, idem).

Ressalta-se que embora a Campanha não tenha conquistado seu objetivo – a aprovação da Emenda Dante de Oliveira –, a madrugada da vergonha – como foi classificada pelos repórteres da própria Folha de S. Paulo – não foi apresentada pelo jornal, como o fim. Pelo contrário, a esperança de dias melhores foi reforçada nas reportagens. Assim como na reportagem ‘Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada’ (ROSSI, 1984, p.5), Clóvis Rossi citou Dom Hélder Câmara, então arcebispo de São Paulo, para falar da relação entre noite e amanhecer; em ‘Madrugada dos ausentes, o fim do dia da esperança’ (KOTSCHO, 1984, p.8), Ricardo Kotscho também faz referência a relação simbólica entre escuridão e luz: “Uma Nação que se levantou em tão poucos meses de campanha, não se agacha mais. Por

mais escura que esteja a madrugada, como já disse um poeta, mais perto se está da luz de um novo dia” (KOTSCHO, op.cit).

Na matéria intitulada ‘A cidade em clima de festa não se intimidou’(FSP, 1984, p.8), reforça-se a pouca autoridade de um general “atrabiliário e estabanado”, diante de um povo “unido e mobilizado”. Mais uma vez, a Folha de S. Paulo utiliza-se de opostos comparativos no interior das matérias, colaborando para revalidar uma versão da realidade que o próprio jornal ajudou a construir. No caso das Diretas, as mobilizações populares foram apresentadas como pacíficas e organizadas, enquanto as ações de representantes do Governo – Newton Cruz, por exemplo – envolviam violação de direitos e violência física.

Considera-se importante destacar que ‘A cidade em clima de festa não se intimidou’ (op. cit) é marcada pela utilização de expressões relacionadas à luta (ringue) e especialmente à guerra (metralhadora; bucha, sem trégua; arsenal; entrincheirados e “bunker”).

De um lado do ringue, melhor dizendo das bancadas [...] como era de se esperar. Cunha aciona sua metralhadora verbal giratória contra o governo [...] Ulisses responde na bucha, Amaral Neto perde um pouco o rebolado e parece esgotado o arsenal indiretista-malufista [...] Entincheirados em seus gabinetes, os pedessistas considerados indecisos parecem cada vez mais acuados. Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come – mais ou menos a mesma situação em que se encontravam os habitantes do “bunker” planaltino aqui vizinho (A CIDADE EM..., 1984. p. 8).

‘A cidade em clima de festa não se intimidou’(idem) também enfatiza a participação dos repórteres da Folha, na cobertura da votação da Emenda: “os dois microfones de apartes do plenário estão literalmente sitiados, não por tropas, mas por jornalistas. ‘Tem mais repórter da Folha por aqui do que parlamentares’, queixa-se um deputado” (A CIDADE EM..., op. cit). Nesse ponto, percebe-se que a Folha procura ressaltar das diversas formas o posicionamento “nós estávamos lá”. E, para isso, não basta apenas publicar reportagens sobre a temática, é importante marcar sua presença também nos discursos.

Em ‘Jamais se falou tanto em História, povo e destino’ (FSP, 1984, p.8) destaca-se a participação e o envolvimento dos repórteres de toda a imprensa nacional, nos momentos finais da Campanha:

Os jornalistas parecem mais animados do que os parlamentares. Apareceu até o Reale Jr, correspondente do jornal “O Estado de S. Paulo” em Paris, que não agüentou, pegou o primeiro avião e veio embora para ver de perto a votação da emenda que poderia mudar a nossa História [...] A sessão completa doze horas, agora é só uma questão de tempo e paciência. Mas, por mais que se evite, o coração vai batendo mais forte, na medida em que as

esperanças vão aumentando, sem nenhuma lógica ou razão, só porque é isso que a gente sente, depois desta maravilhosa cruzada da redescoberta do Brasil (JAMAIS..., 1984, p.8).

Contraopondo-se aos representantes do Governo, os personagens envolvidos diretamente na Campanha pelas Diretas eram apresentados como cidadãos repletos de virtudes cívicas. Essa classificação pode ser observada em: “Dante de Oliveira, bastante aplaudido, fala em ‘energia cívica’, ‘situação limite’, ‘corrente da libertação’[...] Emocionado, ele deixa a tribuna na certeza de ter cumprido seu papel com dignidade” (JAMAIS..., op. cit). Fazem-se também questionamentos que pressupõem sentimentos suscitados no povo que participou da Campanha, evidenciando intimidade com o leitor: “Dez da noite. A falação vai longe, ninguém pode prever a que horas vai acabar. Que será que está acontecendo agora lá fora, por esse Brasil todo que deve curtir uma aflição danada, como nós aqui?” (JAMAIS..., idem). E, as críticas aos parlamentares ausentes aparecem de modo contundente: “a cada momento fica mais nítido que quem vai decidir tudo são os ausentes, estes parlamentares covardes que não mostram seus rostos e, silenciosamente, estraçalham os sonhos de um povo” (JAMAIS..., ibdem).

Em ‘Da UDN ao malufismo, a vida de ‘liberal’”(BRICKMANN, 1984, p.11), Carlos Brickmann recorre a seus conhecimentos e a sua experiência profissional para estabelecer críticas ao então deputado federal, Ernani Sátiro:

Lá por volta de 1967, o deputado Ernani Sátiro, em entrevista que me concedeu, anunciou sua retirada da política. Motivo: um velho liberal como ele não poderia viver fora da UDN – como a UDN tinha sido extinta, iria mudar de vida. [...] Os anos se passaram, Sátiro voltou à política, voltou à Câmara dos Deputados. [...] Hoje, ele é malufista. E foi o autor do parecer contrário às diretas já. Mas, não foi por mal que Ernani Sátiro esqueceu todo um passado contra o autoritarismo: é que ele é esquecido mesmo, coitado. No parecer em que condena as diretas já, por exemplo, afirma que em todo o mundo há 19 países que vivem sob o regime constitucional-democrático: “Na Europa – Grã Bretanha, Irlanda, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Holanda, Bélgica, Alemanha, Suíça e Itália (só aí, vejam, esqueceu no mínimo cinco países: Grécia, Islândia, Luxemburgo, Espanha e Portugal [...] Na América – Estados Unidos, Canadá e Costa Rica (aqui, há outros esquecimentos: México, Venezuela, Argentina, Colômbia, Equador e a própria Bolívia, que depois de tantos anos de ditaduras militares elegeu democraticamente seu presidente e vive um período de estabilidade) (BRICKMANN, op. cit).

Destaca-se que a palavra esquecimento não é usada de forma aleatória, mas com o objetivo de criticar o então deputado Ernani Sátiro que usou esses “esquecimentos” a favor de seu discurso, em oposição à Emenda Dante de Oliveira. Observa-se que Brickmann entendeu

esses “esquecimentos” como estratégia para fazer com que o discurso de Sátiro parecesse convincente e consistente. Entretanto, o repórter utiliza a falta de alguns países no discurso do então deputado, como gancho para estabelecer críticas. Buscando referências num episódio ocorrido em 1967, nota-se que Brickmann busca balizar ainda mais a fraca memória do deputado, pois anos após afirmar que estava se retirando da política, Sátiro volta ao cenário político e como se não bastasse se torna um dos protagonistas no processo de desvalorização da emenda Dante de Oliveira, na Câmara dos Deputados, posicionamento contraditório para quem se dizia um “liberal”.

Em ‘Apesar de tudo, o País não é o mesmo de anos atrás’ (LIMA, 1984, p.12), procura-se evidenciar que mesmo diante da derrota da emenda no Congresso Nacional, o povo – o grande protagonista das Diretas – não deve se deixar abater e nem se sentir derrotado, porque de qualquer forma, ao ir às ruas, ele conseguiu mudar o País.

Os que foram agora derrotados poderão se consolar com isso ou chorar de desencanto e tristeza, mas não tem nenhuma razão para se desesperar, pois apesar dos pesares, mudaram o Brasil para melhor, ao se fazerem presentes de modo obstinado e ordeiro, num cenário político tornado vazio, pobre e sem esperanças, após 20 anos de autoritarismo. Esse povo, sim, está construindo a democracia entre nós (LIMA, op. cit).

Em ‘Newton Cruz irrita-se, prende, acalma-se e beija mão’ (FSP, 1984, p.17) as ações coordenadas pelo general Newton Cruz são apresentadas novamente como operações sem critérios, assim como o foram nas duas edições anteriores (24 e 25 de abril de 1984).

O executor das medidas de emergência, general Newton Cruz, deu um verdadeiro “show”, no início da tarde de ontem, na Esplanada dos Ministérios, defronte ao Comando Militar do Planalto. [...] Newton Cruz passou a indicar as pessoas que deveriam ser presas e carros que deveriam ser apreendidos. Não havia critério. Uma simples fita verde e amarela na antena do carro, ou um plástico alusivo às diretas, eram suficientes para que o automóvel fosse recolhido ao pátio de estacionamento do Ministério do Exército, e seus ocupantes detidos pela polícia. Uma senhora, aparentando certa idade, foi abordada. Vestia uma camisa amarela e, quando seu carro foi indicado a parar, dirigiu-se ao executor. E estabeleceu-se o diálogo. No fim, os jornalistas viram o general mudar de comportamento. A senhora teve a mão beijada. E foi liberada (NEWTON..., 1984, p.17).

Observa-se que a palavra “show” é usada para potencializar a dimensão teatral das ações do general Newton Cruz. Assim, a reportagem apresenta as ações como um espetáculo. Neste ponto, ressalta-se que não é a reportagem sozinha que constrói o caráter espetacular. Ao que parece, o espetáculo é conduzido pelo próprio Newton Cruz ao teatralizar suas ações

militares. Destaca-se, ainda, que a cena que norteou o título da matéria não é apresentada com grandes detalhes. No entanto, o fato de dizer que o general acalmou-se e beijou a mão de uma senhora pode ser visto como um ponto de humanização do personagem, mas esta humanização vem acompanhada por uma crítica, tendo em vista que “acalma-se e beija mão”, vem após “irrita-se e prende”, ou seja, simbolicamente essas emoções e ações, aconteceram na ordem em que seguem o que leva a intuir que o general só se acalmou – ao ponto de se mostrar cavalheiro ao beijar a mão de uma senhora – após se irritar e prender, ou seja, implicitamente a ação de prender lhe dava prazer, ao ponto de acalmá-lo.

Na edição de 26/04/1984, a Folha de S. Paulo também destaca a censura às emissoras de rádio e televisão. Em ‘Rádio e TV proibidos de identificar os votantes’ (FSP, 1984, p.18) estabelecem-se críticas à censura, principalmente a determinação de que emissoras de rádio e televisão estavam proibidas de identificar os votos dos parlamentares.

As emissoras de rádio e de televisão foram terminantemente proibidas pelo departamento Nacional de Telecomunicações (Dentel) de identificar quais os parlamentares que votaram a favor ou contra a emenda Dante de Oliveira. Ao dar ontem essa informação, o diretor-geral do Dentel, coronel Antônio Fernandes Neiva explicou que as emissoras foram autorizadas a noticiar apenas o placar final da votação, sem fazer menção ao posicionamento individual de qualquer parlamentar. “Todas as emissoras foram advertidas disso e, se alguma delas não observar essa determinação, eu vou pessoalmente me empenhar pelo cancelamento da sua concessão para funcionar [...]”, disse o coronel (RÁDIO..., 1984, p.18).

Perceba-se que ao proibir a identificação dos parlamentares por parte das emissoras de rádio e de televisão, o Dentel reconhece o poder de visibilidade da imprensa radiofônica e televisiva e as conseqüências que a vinculação dos nomes dos parlamentares ao posicionamento adotado na votação da Emenda poderia causar para a imagem do Governo e dos próprios parlamentares. Observa-se, ainda, que ao falar sobre a proibição da divulgação dos nomes dos deputados pelas emissoras de rádio e televisão e levando em consideração que a Folha divulgou a lista dos deputados, na primeira página, dessa mesma edição, o jornal reafirma seu apoio à Campanha e cumpre o compromisso estabelecido com seus leitores, de que divulgaria o nome dos deputados que votaram contra, a favor e os que se ausentaram. Acrescenta-se que a Folha de S. Paulo se colocou na posição de fiscalizadora e de porta-voz da opinião pública, desde janeiro de 1984. Ressalta-se também que os jornais impressos não estavam sob censura do Dentel, apenas as emissoras de rádio e televisão por se tratarem de concessões públicas.



Embora o foco da edição de 26/04/1984 tenha sido os fatos ocorridos em Brasília, a Folha de S. Paulo também abordou as vigílias populares realizadas pelo País. Destaca-se que nas reportagens que enfocam essa temática, prioriza-se a ordem, a pacificidade e a alegria dessas manifestações. Lembra-se que essas foram características relacionadas à Campanha pelas Diretas Já, durante toda a cobertura jornalística do jornal Folha de S. Paulo. Em ‘Milhares reúnem-se na Sé com atenção em Brasília’(FSP, 1984, p.19) destaca-se que “até o final da noite, não houve nenhum incidente. Policiais militares, à distância, não precisaram intervir para nada” (MILHARES..., 1984, p.19). Em ‘Falta de notícias provoca apreensão em todo o País’ (FSP, 1984, p.20) enfatiza-se:

Em todo o Brasil, as pessoas acompanharam em clima de tensão, mas com o mesmo espírito de ordem que caracterizou toda a campanha pelas diretas-já, o desenrolar da sessão do Congresso Nacional que discutiu e votou a emenda Dante de Oliveira. A dificuldade para se obter informações precisas e imediatas de Brasília foi o principal motivo para a apreensão nervosa observada na maior parte das cidades do País. [...] A alegria e o bom humor típicos da campanha pelas diretas-já, embora arrefecidos pelo clima de tensão, continuaram a marcar quase todas as manifestações pelo País (FALTA..., 1984, p.20).

Observa-se que as reportagens publicadas em 26/04/1984, no jornal Folha de S. Paulo, acerca da campanha pelas Diretas Já, enfatizam a emoção e a imersão do repórter com a mesma intensidade verificada nas reportagens publicadas em edições anteriores. Entretanto, pode-se inferir que a reprovação da Emenda era uma possibilidade tão distante para os que realmente se envolveram na Campanha, que diante da reprovação esses repórteres ficaram quase sem palavras, como se destaca em ‘Madrugada dos ausentes, o fim do dia da esperança’ (KOTSCHO, 1984, p.8): “até os boatos desapareceram na madrugada da vergonha e da afronta, uns dizendo aos outros, sem ter que falar nada, só com os olhos: ‘É desta vez, não deu...’”.

## 5 POR TRÁS DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Por trás de cada escolha tem sempre fatores que proporcionam a decisão por isso ou por aquilo e tais escolhas conduzem a consequências decorrentes daquilo que se opta, sejam esses resultados intencionais, sejam aleatórios. Com as estratégias discursivas não é diferente. Assim, por trás de cada escolha há intenções veladas ou desveladas. Neste capítulo, abordar-se-á quais as implicações das ‘formas de contar’ praticadas pela Folha de S. Paulo, no decorrer da cobertura da Campanha pelas Diretas Já. Mas, antes de se entrar nessa abordagem, estabelecer-se-á um pequeno panorama sobre o jornalismo político brasileiro.

### 5.1 Jornalismo político no Brasil: história e linguagem

Falar a respeito do jornalismo político no Brasil é discorrer sobre a própria história da imprensa brasileira. Tal afirmação se fortalece a partir do momento em que se considera que “uma radiografia rápida da imprensa brasileira desde suas primeiras publicações evidencia as raízes políticas da atividade jornalística; constituíram-se sempre a partir de grupos de interesse que viam na imprensa um meio de propagação de suas idéias e aspirações” (COHEN, 2008, p.104). Com isso, infere-se que a imprensa no Brasil sempre teve fortes ligações políticas. Desse modo, a abordagem política está presente nas páginas dos jornais, desde as primeiras publicações.

Importante esclarecer que os limites deste trabalho não permite que se apresente de forma abrangente a história do jornalismo político no Brasil e esta nem é a intenção, deixa-se isso para os trabalhos especializados nessa área<sup>89</sup>. Aqui, abordar-se-á de modo específico o jornalismo político na imprensa escrita, enfatizando elementos da história e da linguagem predominante em cada período. Acrescenta-se, ainda, que conhecer aspectos dessa história ajudará a perceber que ela se confunde em alguns momentos, com a própria história da imprensa no Brasil, como destacam Roberto Seabra e Vivaldo de Sousa (2006).

A história da imprensa brasileira começa em 1808<sup>90</sup> e foi impulsionada pela criação da Imprensa Régia por Dom João VI, em 31/05/1808, após a instalação da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro. Destaca-se que em 1808, começam a circular no Brasil, então colônia

<sup>89</sup> Sobre a História da Imprensa no Brasil, recomenda-se a leitura de: **História da imprensa no Brasil** (SODRÉ, 1999); **História da Imprensa no Brasil** (MARTINS; LUCA(org), 2008).

<sup>90</sup> Mesmo ano em que Dom João VI, rei de Portugal, desembarcou com toda a sua corte na cidade do Rio de Janeiro, ao fugir de Lisboa. Fuga esta ocasionada pela pressão das tropas de Napoleão Bonaparte.

portuguesa, dois jornais. Assim, em 01/06/1808, entra em circulação o jornal *Correio Braziliense*: editado por Hipólito José da Costa, esse jornal era produzido em Londres e distribuído no Brasil. Já em 10/09/1808, com o funcionamento da Imprensa Régia, surge o primeiro jornal editado e impresso no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Importante destacar que entre os pesquisadores da história da imprensa brasileira há controvérsias quanto ao periódico que marca o surgimento da imprensa no Brasil. Para alguns deles, o *Correio* não pode ser visto como jornal pioneiro, por ter sido editado e impresso em Londres, assim a *Gazeta* é considerada, para estes, o primeiro jornal brasileiro. Dentre os que consideram a *Gazeta do Rio de Janeiro* como o pioneiro, encontra-se o historiador Nelson Werneck Sodré.

A *Gazeta* era embrião de jornal, com a periodicidade curta, intenção informativa mais do que doutrinária, formato peculiar aos órgãos impressos do tempo, poucas folhas, preço baixo; o *Correio* era brochura de mais de cem páginas, geralmente 140, de capa azul escuro, mensal, doutrinário muito mais do que informativo, preço muito mais caro [...] Em tudo, o *Correio Braziliense* se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como revista doutrinária, e não jornal; em tudo a *Gazeta* se aproximava do tipo de periodismo que hoje conhecemos como jornal – embora fosse exemplo rudimentar desse tipo (SODRÉ, 1999, p.22).

Perceba-se que, desde o início, a imprensa brasileira teve grandes ligações com a política. Roberto Seabra (2006, p.116) destaca que:

A Independência, como se sabe, consumou-se em setembro de 1822. As disputas políticas que marcaram os primeiros anos do Brasil livre refletiram-se na imprensa política. A separação definitiva de Portugal exigia uma imprensa atuante. Entretanto, forças antagônicas, tendo de um lado o grupo de Bonifácio de Andrade e, de outro, o de Gonçalves Ledo, forçaram uma guerra ideológica que transformou os jornais da época em verdadeiras trincheiras. Foi um período violento, marcado por agressões físicas a donos de jornais, queda do gabinete Andrada e dissolução da Assembléia Constituinte convocada por D. Pedro I.

Direcionado as elites, os jornais do primeiro período da imprensa (1808-1860) apresentavam uma linguagem rebuscada e com forte caráter político. Lembra-se que a partir de 1808, foram instaladas diversas tipografias no Brasil, o que impulsionou a produção de folhetos, escritos, à grande maioria, por membros do Poder eclesiástico. Recordar-se, ainda, que eram poucos os leitores, tendo em vista o número reduzido de pessoas alfabetizadas.

Nas três últimas décadas do século XIX (1870-1900), a imprensa brasileira passou a desenvolver com afinco a capacidade de mobilização em torno de causas políticas e sociais. Para Ana Luiza Martins (2008, p.73), “na perspectiva da história da imprensa, o ano de 1870

vem carregado de significados”. Tendo em vista, exatamente, “o uso exaustivo da imprensa a serviço da propaganda da causa republicana” (MARTINS, *idem*, p.73). Ressalta-se que a Campanha Republicana (1889) foi tratada com a mesma intensidade dedicada a Campanha Abolicionista (1888).

Destaca-se que tanto a campanha abolicionista, quanto a campanha republicana “voltam a exigir um jornalismo engajado, menos panfletário do que aquele feito nas primeiras décadas do século, mas com a mesma capacidade de mobilização” (SEABRA, 2006, p.122). Acrescenta-se ainda que “valendo-se da retórica habitual, mesclada pela literatura romântica e pela oratória bacharelesca, os propagandistas levaram a causa da abolição para a imprensa, reconhecida como a mais popular das campanhas até então desfraldadas no país” (MARTINS, 2008, p.74).

Ponto importante a ressaltar da história da imprensa no Brasil é o encontro do jornalismo com a literatura. Esse momento é marcado pela entrada de literatos na imprensa e a adoção de uma linguagem mais leve e em alguns momentos poética.

Um personagem exemplar do período foi José de Alencar, que começou por escrever artigos na seção forense do *Correio Mercantil*, passou a cronista, em seguida iniciou a publicação de folhetins literários na imprensa, entre os quais o estrondoso sucesso *O Guarani*, e que chegou a ocupar uma cadeira no Senado. Outro personagem do período e que estreou timidamente em 1855, foi Machado de Assis. Machado era redator do *Diário do Rio de Janeiro* e cobria o que acontecia nas câmaras na companhia do também escritor Bernardo Guimarães, que representava o tradicional *Jornal do Comércio*, e Pedro Luís do *Correio Mercantil* (SEABRA, 2006, p.122-123).

No início do século XX, destaca-se entre os jornalistas, o repórter e colunista João do Rio. Este adota um texto informativo com nuances literárias: “suas narrativas alteraram a forma de percepção da cidade e do texto, inovações caras ao escritor no contexto da virada do século XIX para o XX, e que vinham ao encontro do gosto da nascente imprensa empresarial” (ELEUTÉRIO, 2008, p.96). Explica-se que nessa época, os periódicos já “procuravam a ampliação das tiragens, almejando o lucro num mercado agora competitivo” (ELEUTÉRIO, *idem*, p.94). Assim, a entrada de literatos era fator contribuinte para a ampliação do número de leitores.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo surgimento de diversos jornais. Dentre eles, cita-se a *Folha da Noite*, fundada por Olival Costa e Pedro Cunha, em 19/02/1921 e *O Globo*, fundado por Irineu Marinho<sup>91</sup>, em 29/07/1925. Acrescenta-se que o

---

<sup>91</sup> Irineu Marinho morreu 21 dias após a fundação do jornal.

jornal *O Estado de S. Paulo* entrou em circulação em 1875, com o nome de *Província de S. Paulo* e só em 15/11/1889, com a Proclamação da República, o periódico passou a se chamar *O Estado de S. Paulo*.

No início, *O Globo* “manteve a linha oposicionista em relação ao governo Artur Bernardes e a sintonia com o movimento tenentista e com a Coluna Prestes, que então agitava o interior do Brasil” (LATTMAN-WELTMAN, 2003, p. 15-16). Já a *Folha da Noite* apresentava um caráter localista e como se ressaltou no início do segundo capítulo, desta dissertação, nasceu como um jornal de oposição.

Em 1930, Getúlio Vargas assume a presidência do Brasil, por meio da Revolução de 1930. Essa mudança política ocasionou adaptações por parte do jornalismo político brasileiro. Roberto Seabra (2006, p.126 -127) explica que

A Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas e os tenentes ao poder, impõe o fechamento do Legislativo e a censura à imprensa. A Constituição de 1934 vai repor alguns princípios liberais, mas será logo soterrada pela fundação do Estado Novo em 1937, instalando no país uma ditadura civil de traço populista, criando um regime antidemocrático, mas com grandes realizações sociais e administrativas. Nos oito anos que durou, o Estado Novo manteve a imprensa sob total controle. É de 1939 a criação do temido Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP. Nesse período, o jornalismo político, mantido sob controle nas décadas anteriores, praticamente deixará de existir.

Destaca-se que no decorrer do Estado Novo (1937-1945), o jornalismo político caracterizou-se por uma linguagem menos crítica, direta e com pouca ênfase a qualquer engajamento político. A censura implementada pelo Estado Novo, especialmente após a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda- DIP, foi o principal elemento nesse processo de adaptações de linguagem pela qual passou o jornalismo político brasileiro, durante esse período.

De 1945 a 1964, o Brasil retoma o processo democrático e a imprensa brasileira, longe da censura promovida pelo DIP, desenvolve-se com liberdade. Assim, intensifica-se a partir de 1945, o caráter analítico e interpretativo do jornalismo político brasileiro. Seabra pontua que “essa nova reportagem política acompanhou o suicídio de Getúlio, em 1954, a era JK, a mudança do Poder para Brasília, a surpresa e a decepção com Jânio Quadros, as tentativas frustradas de João Goulart de implantar as reformas de base e o fim do intervalo democrático” (2006, p.128-129).

Em 1964, a imprensa, pensando em sua estabilidade econômica, apóia a instauração de um Golpe Militar. Mas, após a tomada do Poder pelos militares, tanto a sociedade quanto a imprensa começaram a sofrer as consequências de se viver sob o regime de uma ditadura. A imprensa sofre o primeiro baque em 13/12/1968, data da instauração do Ato Institucional nº 5, que decretou dentre outras medidas de contenção, a censura à imprensa. Seabra (op. cit) ressalta que nesse período o jornalismo político enfrentou grandes dificuldades. E, explica:

Tornou-se proibido escrever ou falar sobre qualquer coisa que tivesse relação com aqueles que faziam oposição à “Revolução”. [...]. As revistas semanais de informação aparecem justamente no período de crise do jornalismo político: Veja, Isto é e Afinal, entre outras, formarão um espaço novo para a reportagem e a análise políticas, mesmo sob forte censura. [...] com o declínio da cobertura política, por razões óbvias, a grande imprensa acabou apostando em um novo segmento: o jornalismo econômico. [...] Não que antes tais assuntos não fossem importantes, mas é que agora a economia desvencilhava-se da política, ganhando espaço nobre nos jornais e revistas. (SEABRA, idem, p.130-131).

Importante explicar que durante o período em que o Brasil esteve sob a “tutela” do AI-5 (1968-1978), o jornalismo político desenvolveu-se com afinco nos jornais alternativos. Usando-se de uma linguagem cômica, impressos como *Pif-paf*, *Opinião*, *Movimento*, *Em Tempo*, e *O Pasquim*, entre tantos outros, abordavam de forma ousada os acontecimentos que se desenvolviam no cenário político brasileiro. Por conta do caráter irreverente, ousado e, portanto, considerado transgressor pelos militares, muitos jornalistas da chamada imprensa alternativa, foram presos, torturados e até mesmo exilados do País.

Com o fim da censura aos veículos de comunicação, a partir de 31/12/1978, data da revogação do Ato Institucional nº5, a imprensa mesmo “acuada” em decorrência dos anos vividos sob censura prévia, reiniciou o usufruto da liberdade de expressão. A política voltou a ser abordada de modo menos velada pela grande imprensa. O retorno dos jornalistas que trabalharam durante o período do AI-5 nos jornais da imprensa alternativa para a grande imprensa contribuiu para a prática de um jornalismo mais politizado, nas redações dos grandes jornais. “Não necessariamente partidário, mas certamente comprometido com o restabelecimento da ordem democrática” (SEABRA, 2006, p.133).

Assim, o jornalismo político

retoma sua importância ao denunciar os equívocos da Ditadura e de seus aliados, mas também ao dar voz a uma nascente oposição. Primeiro, acompanhando os passos dos anistiados políticos que começaram a voltar ao Brasil a partir de 1979, com a aprovação da Lei da Anistia. Depois em 1984,

quando milhões de pessoas tomaram as ruas das grandes cidades para pedir eleições diretas para presidente (SEABRA, idem p.134-135).

Da Campanha das Diretas Já realizada em 1984 até o ano de 2010, o jornalismo político brasileiro pôde acompanhar e publicizar diversos episódios da história política do Brasil. Apenas para citar alguns exemplos de âmbito nacional, destaca-se: a eleição de Tancredo Neves, para a presidência da República (1985), que mesmo sendo indireta foi adotada por grande parte da imprensa como uma eleição direta; a morte do presidente eleito, Tancredo Neves (1985); a posse de José Sarney, no lugar de Tancredo (1985); a votação da Constituição de 1988; a eleição de Fernando Collor de Mello para a Presidência da República (1989); o posterior *impeachment* de Collor (1992); as eleições de Fernando Henrique Cardoso (1994 e 1998), as eleições de Luis Inácio Lula da Silva (2002 e 2006) e mais recentemente, acompanhou-se por meio do jornalismo político a eleição de Dilma Rousseff (2010), a primeira mulher a ser eleita Presidente do Brasil.

Nas últimas duas décadas (1990-2010), o jornalismo político vem se caracterizando pela busca por uma aproximação com o leitor. O importante é fazer com que o público compreenda as implicações da temática e visualize as consequências das decisões políticas em seu cotidiano. Quanto ao modo de escrita das matérias políticas, Franklin Martins (2008, p.112) destaca que “na maioria dos casos, as matérias acabam obedecendo à forma tradicional, recorrendo ao velho e bom (ou mau) *lead*”. No entanto, para Martins (idem, p.111), “o ideal é informar com um texto que seja o mais agradável possível, que agarre o leitor e faça-o se interessar pela matéria, pouco importando a que técnica jornalística ela obedece”.

Desse modo, contrapondo-se ao “modelo-padrão”, há reportagens que fogem, por exemplo, da padronização do *lead*. Considera-se importante explicar que nesse tipo de reportagem são apresentadas informações que estariam em um *lead* tradicional, no entanto, esses dados são expostos por meio de uma narrativa envolvente, geralmente com a humanização do texto. Nesses casos, a identificação do leitor com o personagem e com a temática é mais provável. “E, se isso ocorrer, mesmo que a matéria tenha duzentas linhas, o leitor irá até o fim” (MARTINS, 2008, p.111). Em suma, Franklin Martins (op. cit) ressalta que “o importante não é escrever de acordo com os manuais de redação ou com o padrão de determinado editor, mas sim do jeito que agarre o leitor e transmita melhor a informação”.

Neste tópico, procurou-se mostrar que a imprensa brasileira desde seu início, de um modo ou de outro, sempre esteve envolvida com os fatos políticos que aconteceram no País e

que o modo de escrever do jornalismo político foi se adaptando às restrições e/ou às liberdades oferecidas pelo cenário político. Assim, destaca-se que a Campanha pelas Diretas Já foi apenas um dos momentos da história do jornalismo político em que a imprensa teve papel fundamental na construção do movimento. No próximo tópico, falar-se-á sobre algumas das consequências que as estratégias discursivas utilizadas no decorrer da cobertura realizada pelo jornal Folha de S. Paulo trouxeram para as Diretas e para a própria Folha.

## 5.2 Algumas consequências das “formas de contar”

Em entrevista ao programa ‘Veja Entrevista’, transmitido pela ‘Abril Vídeo’, na noite de 24/04/1984, Otávio Frias Filho, então secretário do Conselho Editorial da Folha de S. Paulo, falou sobre o movimento pró-diretas e o posicionamento adotado pela Folha, no contexto da Campanha pelas Diretas Já. Questionado se o apoio às Diretas não teria sido uma jogada de puro marketing, Frias Filho respondeu que a vantagem foi apenas “a consolidação da imagem e do prestígio do jornal junto aos seus leitores. Se houve um marketing, ele foi apenas o de servir melhor o público da Folha”. Otávio Frias disse, ainda, que o jornal foi o primeiro a se engajar na Campanha porque, dentro do contexto sócio-político do final de 1983, teve mais sensibilidade para perceber os desejos da sociedade civil brasileira, do que os outros órgãos da imprensa.

Os principais trechos dessa entrevista, concedida aos jornalistas Cláudio Lembo, Miriam Leitão e Paulo Markun para o Programa ‘Veja Entrevista’, foram publicados na reportagem ‘Na TV, “Folha” avalia a campanha’ (PAIVA, 1984, p.15). Acrescenta-se que abaixo dessa reportagem, vê-se uma fotografia do prédio da Folha, na Alameda Barão de Limeira, com dezenas de pessoas nas janelas e uma chuva de papel picado. Acompanhando a fotografia, uma nota intitulada ‘Jornalistas também fazem barulho’ (FSP, 1984, p.15) reforçava a integração dos repórteres da Folha na Campanha pelas Diretas:

Uma grande chuva de papel, com foguetório e “cacerolazo”, marcou ontem a participação dos jornalistas da Folha (foto) na Noite do Barulho pelas Diretas-Já. Durante 20 minutos, a partir das 19h55, eles saíram às janelas para manifestar mais uma vez, junto com a grande maioria da população, sua posição em favor da aprovação pelo Congresso da Emenda Dante de Oliveira (JORNALISTAS..., 1984, p.15).

Observa-se que durante a cobertura, a Folha de S. Paulo procurou mostrar que o apoio à Campanha não era apenas uma decisão editorial e conseqüentemente uma “imposição” aos



seus repórteres. Nesse ponto, percebe-se que a Folha, por meio das reportagens publicadas, explicitava que a aprovação da Emenda também era o desejo dos jornalistas que trabalhavam no jornal.

Quanto ao posicionamento dos repórteres da Folha, no que diz respeito à Campanha, o jornalista Clóvis Rossi (apud MATOS, 2008, p.71) destaca que

Foi um momento raro de panfleto jornalístico na nossa história recente. A Folha [...] editorializou a cobertura como raramente acontece hoje. O fato que os seus jornalistas tinham o mesmo desejo e aspirações fez todo mundo vibrar com a cobertura como se fossem donos da campanha, do jornal e, por extensão, da derrota. Não obstante, ou talvez pelo envolvimento, fizemos (a equipe da Folha) uma das melhores coberturas do jornalismo brasileiro em todos os tempos. Viva, pulsante, engajada (o que nem sempre é qualidade), mas fiel aos fatos. Não inventamos nada para que a emenda fosse aprovada nem rasgamos laudas (ainda era tempo das laudas) porque as matérias contariam a história da nossa derrota.

Marcada por impressões pessoais, opiniões e declarações de integração à Campanha, as reportagens muitas vezes – como se expõe nos dois capítulos anteriores – além de refletir o posicionamento adotado pela Folha, também refletiam a opinião do repórter quanto aos fatos, tendo em vista que nas matérias jornalísticas, principalmente das últimas semanas da Campanha, o repórter estava presente explicitamente no texto. Assim, misturando informação e emoção, os sentimentos dos repórteres se entrelaçam com os fatos e são apresentados no decorrer dos relatos jornalísticos.

A análise das reportagens acerca das Diretas, publicadas pela Folha, permite afirmar que a sensibilidade a qual fez referência Otávio Frias Filho, na entrevista concedida ao Programa ‘Veja Entrevista’, aparece na escrita de seus repórteres. As ‘formas de contar’ – classificada, nesta pesquisa, como estratégias discursivas – refletem tanto a sensibilidade para com a temática, quanto o engajamento dos jornalistas da Folha na Campanha. Observa-se que na busca por se aproximar do leitor e envolvê-lo com os fatos relacionados às Diretas, procurou-se conquistá-lo pela emoção, despertando e reforçando sentimentos.

Com fortes características do ‘jornalismo literário’, as reportagens analisadas tendem a estabelecer um laço de proximidade com o leitor, seja porque esse leitor se envolve com a temática; seja porque em algumas narrativas ele pode se reconhecer nos personagens retratados; seja, ainda, porque o próprio jornal, em determinados momentos, convida-o a participar da narrativa e a se integrar à Campanha.

Acrescenta-se que ao passo em que as reportagens envolventes ajudaram a se aproximar do leitor, elas também proporcionaram o despertar do interesse pela temática. Nota-se, ainda, que o envolvimento propiciado pela reportagem conduziu ao estabelecimento de laços de cumplicidade entre jornal e leitor. Considera-se importante ressaltar que para as empresas midiáticas estabelecerem laços de cumplicidade com seus públicos – não no sentido pejorativo, mas no sentido de compartilhar idéias e posicionamentos – não é uma tarefa fácil, exige dedicação e delicadeza no momento de escolher a maneira adequada de se fazer isso, pois se o público desconfiar que os laços são propositais, o resultado não será tão eficiente. No entanto, estabelecer esses laços é uma conquista importante para o jornal, porque contribui para trazer o público para o seu lado ao passo que aumenta seu poder de persuasão.

No caso da cobertura das Diretas Já, infere-se que a criação de laços de cumplicidade não foi imediata, mas se deu através de um processo. Para Nilton Hernandes (2006), a fidelização se fortalece a partir do momento em que jornal e leitor partilham de uma mesma visão de mundo, de uma ideologia que os torna de certo modo “cúmplices” na maneira de recortar e de dar sentido aos acontecimentos.

No que diz respeito às consequências que o apoio da Folha ocasionou para a Campanha, Carolina Matos (2008, p.84) destaca que

a cobertura da Folha se destacou mais que as demais porque a sua postura combativa a favor da tese estava presente desde o início da campanha e continuou até o final. Dessa maneira, a Folha conseguiu oferecer de fato uma contribuição para o avanço da democracia, porque ela serviu na época como um veículo *mobilizador*, num contexto de relativa passividade da maior parte da grande imprensa [...] o jornal começou a servir de porta-voz das reivindicações dos opositores do regime, estimulando uma participação política direta e a mobilização cívica de seus leitores através da publicação de vários editoriais, matérias e artigos.

Destaca-se que a mobilização cívica, a qual faz referência Matos (op. cit) contribuiu para a popularização da Campanha. Nesse processo, pode-se afirmar que as estratégias discursivas praticadas durante a cobertura, na medida em que contribuíram para despertar o interesse pela temática, também ajudaram a popularizar a Campanha e a estabelecer laços de cumplicidade com o leitor. Mas, em que medida isso aconteceu?

Antes de iniciar essa abordagem, considera-se de fundamental importância dizer que no contexto midiático brasileiro de 1984, onde a imprensa escrita era a principal fonte de informações acerca da Campanha pelas Diretas, observa-se que o próprio agendamento feito

pela Folha de S. Paulo ajudou a despertar o interesse pela temática e a popularizar a Campanha. No âmbito das teorias da comunicação, a hipótese do *agenda-setting* defende que:

em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW apud WOLF, 1992, p.130).

Nota-se que ao agendar a Campanha, a Folha promoveu o debate na sociedade e ao construir uma imagem simbólica para as Diretas, ela contribuiu para a formação da imagem que as pessoas construíam acerca da mobilização. Nesse ponto, acrescenta-se que para B. Cohen (apud WOLF, op. cit, idem), a imprensa pode não dizer como pensar, mas tem uma capacidade inegável para dizer sobre que temas se deve pensar. Dessa forma, a mídia acaba por influenciar a médio e longo prazo, na escolha dos assuntos que serão incluídos nas agendas individuais.

No caso da cobertura realizada pela Folha, percebe-se que os assuntos abordados e os enquadramentos dados a estes desempenharam um papel importante ao passo que se ampliou o foco de abordagem, pois ao invés de reportar a Campanha numa perspectiva puramente política, a Folha reportou-a principalmente sob uma perspectiva popular. Agregando valor as pessoas comuns e anônimas, as reportagens destacam, dentre outros aspectos, o “sacrifício” dessas pessoas para participarem das manifestações. Entretanto, infere-se que esse “sacrifício” é recompensado pelo prazer e pela alegria de fazer parte do comício, de se sentir parte da manifestação.

Para Mauro Porto (2004, p.78), os enquadramentos “são entendidos como marcos interpretativos mais gerais, construídos socialmente, que permitem às pessoas dar sentido aos eventos e às situações sociais”. Segundo Fernando Azevedo (2004) a noção de *agenda-setting* está ligada ao pressuposto de que ao adotar enquadramentos positivos e negativos sobre temas, acontecimentos e atores, a mídia constrói atributos (positivos ou negativos) acerca desses objetos.

No caso das Diretas, os enquadramentos estabelecidos pela Folha atribuem somente aspectos positivos à Campanha. Observa-se que a forma como as reportagens foram escritas proporciona um envolvimento do leitor com a narrativa e com o próprio assunto abordado. Ao envolver, despertam-se sentimentos e faz-se com que o leitor possa se situar no contexto

apresentado nas matérias jornalísticas. Diante do contexto sócio-político, percebe-se que as ‘formas de contar’ a Campanha não contribuíram apenas para despertar o interesse pela temática, popularizando as Diretas; nota-se, ainda, que essas ‘formas de contar’ ajudaram a Folha de S. Paulo a construir laços de cumplicidade com o seu leitor.

Quanto a escrita das reportagens, nota-se ainda que elas se afastam do atual “modelo-padrão” das matérias de cunho político. Nesse ponto, é importante destacar que, de modo geral, as reportagens sobre temas políticos, normalmente, caracterizam-se pela escrita direta e objetiva, constituindo textos puramente informativos, que muitas vezes, mostram-se incapazes de suscitar sentimentos. Nesse tipo de reportagem, recorrem-se quase sempre as fontes oficiais e pouco se mostra a opinião de personagens que não estão diretamente envolvidos nas articulações políticas. Quanto ao posicionamento do repórter, esse dificilmente aparece explicitamente, pois convém primar pela objetividade jornalística. Entretanto, traços subjetivos estão presentes nas entrelinhas, se levar em consideração que “o texto jornalístico é sempre construído pelo ponto de vista de quem escreve” (VICCHIATTI, 2005, p.28).

Assim, utilizando-se de reportagens envolventes que primaram pela escrita sedutora – em alguns momentos, próxima de uma escrita literária –; pela imersão do repórter na temática abordada; pela contextualização dos fatos e pela apresentação de histórias de vida de pessoas simples – estas representantes da grande maioria da população brasileira –, a cobertura das Diretas, nas páginas da Folha, coloca em prática técnicas do “jornalismo literário”. Nesse caso, vê-se que as formas escolhidas para reportar a Campanha, contrapõem-se ao que seria um “modelo-padrão” das reportagens de editoriais de política de um jornal impresso diário. Aproximando literatura e jornalismo, as reportagens envolventes contribuíram para despertar a atenção do leitor e envolvê-lo emocionalmente com a temática. Para Tom Wolfe (2005), um dos precursores do *new journalism* – que serve de guia para o que se conhece atualmente, como jornalismo literário – as reportagens escritas sob a influência do *new journalism* permitem que os leitores tenham uma orientação emotiva e não apenas informativa. Cristina Ponte (2005) destaca que o Novo Jornalismo se apresentou, na década de 1960, como inovador nas suas formas de reportar. “Para Gay Talese, jornalista do *Times*, até então ninguém esperava que as reportagens pudessem assumir uma dimensão estética” (PONTES, *idem*, p.59).

Sobre o Novo Jornalismo, Marc Weingarten (2010, p. 16) explica que:

Wolfe e muitos dos seus contemporâneos reconheceram – alguns mais cedo do que a maioria – um fato evidente nos anos de 1960: as ferramentas

tradicionais do jornalismo eram inadequadas para descrever as tremendas mudanças culturais e sociais daquela era. Guerra, assassinato, rock, drogas, hippies, Nixon: como um tradicional repórter restrito aos fatos podia ousar dar uma ordem clara e simétrica a tamanho caos? [...] num período de sete anos, um grupo de escritores surgiu aparentemente do nada – Tom Wolfe, Jimmy Breslin, Gay Talese, Hunter S. Thompson, Joan Didion, John Sack, Michael Herr – para impor alguma ordem a toda aquela confusão americana, cada um deles à sua própria maneira (alguns nomes antigos, como Truman Capote e Norman Mailer, também participaram). Eles apareceram para nos contar histórias sobre nós mesmos de maneiras que nós não podíamos contar, histórias sobre como a vida estava sendo vivida nos anos de 1960 e 1970 e o que aquilo tudo significava. A aposta era alta; rachaduras profundas estavam rompendo o tecido social, o mundo estava fora de ordem. Então eles se tornaram os mestres que nos explicavam, nossos arautos locais e até mesmo nossa consciência moral – os Novos Jornalistas.

Importante explicar que o termo ‘Novo Jornalismo’ só foi usado para classificar essa nova maneira de fazer reportagem apenas em 1973, quando Tom Wolfe e E. W. Johnson editaram uma coletânea de textos que seguiam essa nova tendência de fazer reportagens e nomearam-na como ‘Novo Jornalismo’. Essa nomeação gerou inúmeras críticas, uns consideravam uma autopromoção para os trabalhos de Tom Wolfe e dos outros jornalistas que seguiam a tendência; enquanto outras pessoas “criticavam Wolfe por tentar rotular uma técnica que existia fazia mais de 200 anos. Elas sustentavam que não havia nada de novo no ‘Novo Jornalismo’” (WEINGARTEN, op. cit, p. 19). Weingarten acrescenta que tanto os adeptos do ‘Novo Jornalismo’, quanto às pessoas que os criticavam tinham suas razões para se dizerem certos, pois “o Novo Jornalismo vinha pairando sobre a margem dos jornalismo americano e britânico desde os primeiros dias dos jornais. [...] Mas será que alguém realmente já havia escrito como Wolfe, Thompson ou Mailer?” (WEINGARTEN, idem, p.19).

Quanto aos entrelaçamentos entre literatura e jornalismo, antes do surgimento do ‘Novo Jornalismo’, Carlos Viacchiatti (2005, p. 84) explica que:

O jornalismo, no passado, foi abrigo de escritores que se transformaram em repórteres, cronistas e mesmo editores de periódicos, numa época em que ainda não existiam definições técnicas de qual seria a linguagem mais adequada aos jornais. Uma convivência tão próxima deixa lembranças por onde as duas narrativas se completam com elementos da outra, misturam-se e comunicam-se. Essa proximidade, no entanto, permite também que disputem espaços ou domínios específicos. Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não territórios separados por barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são tênues os limites entre eles, por vezes quase imperceptíveis. Não que a literatura ou o jornalismo possam se transfigurar um no outro. Mas que, com características bem marcadas e elementos distintos, em algumas manifestações têm a ousadia de usar os pontos de intersecção para construir uma narrativa quase híbrida’.

Nesse ponto, considera-se importante ressaltar que nas primeiras décadas do século XX, a pirâmide invertida e a padronização das matérias através do lide eram marcas de um ‘jornalismo moderno’. “A pirâmide invertida – que organizava o quem, o que, onde, o quando e o porquê de uma notícia num formato compacto – legitimava a exigência de precisão de fatos numa notícia. Era um sistema invulnerável e os jornais o consideravam imbatível” (WEINGARTEN, 2010, p. 24). Nesse contexto de regras, que fundamentavam a prática jornalística, já nas primeiras décadas do século XX, o jornalista Tom Wolfe (2005, p.18) destaca que “não existia algo como um jornalista literário trabalhando para revistas ou jornais populares. Se um jornalista aspirava a *status* literário, o melhor era ter o bom senso e a coragem de abandonar a imprensa popular e tentar entrar para a grande liga”.

Entretanto, no início da década de 1960, os Novos Jornalistas quebraram as regras que engessavam o jornalismo e deram cor e ritmo aos seus textos, ao reaproximarem o jornalismo da literatura. Weingarten (2010, p.16) diz que “todos os líderes do movimento haviam sido educados pelos métodos tradicionais de apurar fatos, mas todos perceberam que o jornalismo podia fazer mais do que simplesmente relatar objetivamente os acontecimentos”. Quanto a essa nova postura, Wolfe (2005, p.19) explica que:

No começo dos anos 60, uma curiosa idéia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance.

Wolfe (idem, p.28) ainda acrescenta que:

o que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso – e mais. Era a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto... para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor.

Nesse ponto, percebe-se que um dos principais objetivos dos ‘Novos Jornalistas’ era envolver o leitor emocionalmente, de modo que ele pudesse ter a impressão de estar próximo do fato, acompanhando-o como um espectador. Para isso, os jornalistas recorriam à descrição

de cenários e personagens e muitas vezes se utilizavam de diálogos para dá mais veracidade ao fato narrado.

Acrescenta-se que o modo de reportar conhecido por ‘jornalismo literário’ é apresentado por Carlos Viacchiatti (2005), como ‘jornalismo estético’. Ao definir o ‘jornalismo estético’, Viacchiatti o contrapõe a um ‘jornalismo mecânico’. Ressalta-se que no jornalismo mecânico “não há preocupação em buscar uma redação esteticamente bem elaborada, contextualizada. Há apenas a preocupação com o insensível ‘tempo de fechamento’ daquela edição” (VICCHIATTI, op. cit, p.26). Por outro lado, o jornalismo estético é aquele que “contextualiza, que se preocupa com o leitor, com a linguagem, com a sociedade, com o meio em que está inserido” (VICCHIATTI, idem, p.33).

Importante ressaltar que as reportagens escritas no início do ‘Novo Jornalismo’ levavam semanas e às vezes meses para ficarem prontas. No caso da cobertura das Diretas, lembra-se que as reportagens eram diárias, portanto os jornalistas dispunham de um tempo menor para o refinamento da escrita, mas, mesmo assim, os textos apresentam uma linguagem literária, próxima do modo de escrita adotado por ‘jornalistas literários’. Desse modo, percebe-se que as reportagens foram escritas sob o estilo do ‘Novo jornalismo’, sendo que a profundidade e a contextualização dos fatos foram realizadas dentro das possibilidades que o tempo de fechamento das edições do jornal permitia, tendo em vista que se tratava de reportagens escritas para um jornal diário, sobre fatos ocorridos no dia.

Vê-se que as reportagens envolventes, bem como a imersão do repórter no texto refletem a presença do jornalismo literário. Mas, em que medida a utilização de técnicas do jornalismo literário ajudou a despertar o interesse pela temática? As reportagens escritas sob a perspectiva literária envolvem o leitor e ao envolvê-lo, dependendo da qualidade e dos recursos aproximativos praticados no texto, provavelmente, ele irá ler o texto até a última linha. Destaca-se que no contexto da Campanha pelas Diretas – onde a Folha de S. Paulo buscava popularizar a Campanha – mais importante do que o leitor chegar ao fim do texto era ele se sentir envolvido com a temática, despertando sentimentos afetivos e posteriormente despertando a vontade de também fazer parte da mobilização, indo aos comícios e juntando-se às milhares de pessoas que participavam dos atos públicos, e assim sentir pessoalmente as emoções que os repórteres descreviam em seus textos.

Nesse ponto, reforça-se que a forma de escrita permite que o leitor se envolva com os fatos narrados e conseqüentemente com a temática. As descrições dos fatos e das emoções suscitadas nos comícios, por exemplo, contribuem para que o leitor seja “tocado” pelas cenas descritas, despertando neste, o desejo de também fazer parte da festa. Acrescenta-se que a

abordagem de histórias de vida de pessoas simples, geralmente das periferias das grandes cidades, também contribui para o envolvimento afetivo e, por conseguinte, para a popularização da Campanha, na medida em que mais pessoas também desejavam participar da festa e quem sabe, sentir todas as emoções descritas nos textos.

Quanto ao texto jornalístico, destaca-se que:

Cabe ao jornalista envolver o leitor, cativá-lo para que chegue ao fim de cada narrativa. Como a moldura de um quadro ou a embalagem de um presente, o texto jornalístico valoriza a notícia. O lead pode ser um fator embelezador do texto criativo. Bem construído, bem contextualizado, pode ser o ponto de atração do leitor. Um lead competente deve narrar os fatos de forma que o leitor possa “visualizar” os personagens, possa “enxergar” o ambiente em que eles vivem. Deve “contar sua história” de modo que o leitor a compreenda o máximo possível, em todos os aspectos” (VICCHIATTI, 2005, p.90).

Embora as reportagens da Folha acerca das Diretas primem pela contextualização; pela apresentação de um *lead* atraente e pela construção de um texto envolvente como um todo, usando-se em vários momentos, de técnicas literárias, o entrelaçamento de jornalismo e literatura não prejudicou nem a consistência informativa, nem tampouco a veracidade dos fatos. Como destaca Viacchiatti (2005, p.84), “a qualidade do texto e a capacidade de atrair e manter leitores dependem, na maioria das vezes, das ferramentas de que dispõe o profissional que o escreve”. O autor explica que escrever sob a perspectiva de um jornalismo preocupado com a estética da linguagem não faz com que esses textos percam a característica de narrativa jornalística. Pelo contrário, os jornalistas que se valem desse estilo “respeitam as regras básicas e conceituais e ainda vêm somadas qualidade e vivacidade a seus trabalhos” (VICCHIATTI, idem, p.85).

A análise das reportagens permite afirmar, também, que os repórteres envolvidos na cobertura tinham consciência de seu papel social e político, enquanto jornalistas, tal como refletida nos textos. Ressalta-se que para Vicchiatti (2005), o principal papel social do jornalismo é o de integração com a sociedade na qual está inserido. Desse modo, infere-se que a imersão do repórter, muitas vezes, de modo explícito, com o uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular, reforça a integração desses repórteres com os fatos que reportavam. Assim, diante dessa imersão, também característica do jornalismo literário, como esse recurso estilístico contribuiu para despertar o interesse pela temática?

Perceba-se que na medida em que o repórter se insere na narrativa, ele explicitamente expõe suas opiniões com relação ao fato. Essa subjetividade desperta a atenção do leitor, não



apenas porque essa prática seja pouco comum em reportagens do jornalismo impresso, mas principalmente porque assim, o leitor pode estabelecer um laço de intimidade com esse repórter. Esse laço é o que contribui para que o leitor se envolva com a temática, despertando o interesse pelo assunto. Ressalta-se que a imersão do repórter no texto contribuiu principalmente para o estabelecimento de laços de cumplicidade com o leitor, no entanto, percebe-se que essa estratégia discursiva também contribui para despertar o interesse e popularizar a Campanha.

Considera-se importante ressaltar que para a autora Carolina Matos (2008), a cobertura da Folha desapontou como exemplo de reportagem jornalística opinativa, na medida em que seus repórteres deixaram de assumir “uma postura ‘desprendida’ e objetiva para se misturar de forma eufórica à multidão” (MATOS, idem, p.68). Destaca-se que o que Matos aponta como um fator negativo na cobertura, constitui exatamente um dos objetos de interesse desta pesquisa. Acrescenta-se que muitas das reportagens publicadas na editoria de política acerca da Campanha pelas Diretas são classificadas por Matos (op. cit) como artigos e não como reportagens. Tal classificação é estabelecida tendo em vista as características literárias dos textos e a subjetividade presente neles. Reforça-se que traços literários e a imersão do repórter são características das reportagens escritas sob a perspectiva do jornalismo literário. Entretanto, embora estabeleça críticas sobre o modo de escrita adotado pela Folha de S. Paulo, na cobertura das Diretas Já, Matos (2008, p.66) reconhece que “a paixão demonstrada nos editoriais do jornal e na cobertura da campanha deu novo impulso e legitimação às mobilizações cívicas que ocorriam em todo o país”.

Além dos repórteres terem marcado sua participação nas narrativas, eles buscaram fugir das fontes oficiais, ao apresentarem pessoas anônimas e explorarem suas histórias de vida. Em que medida apresentar o povo como personagem ajudou a popularizar a Campanha? Observa-se que uma das características do jornalismo literário é “ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2006, p.15). Ao apresentar esse cidadão comum e explorar sua história de vida, a Folha de S. Paulo procurou dele se aproximar, incentivando-o a participar da “festa cívica”. Nota-se que o uso de uma linguagem simples e em alguns momentos com traços coloquiais ajudou no processo de identificação com o leitor e assim contribuiu para o estabelecimento de laços de cumplicidade. Nesse ponto, enfatiza-se que “quando se quer aumentar o grau de eficiência da comunicação, é sempre aconselhável recorrer ao coloquial, desde que ele também se acomode aos parâmetros da linguagem formal” (VICCHIATTI, 2005, p.38).

Carolina Matos (2008, p.63) ressalta que “a cobertura da campanha das Diretas pela Folha foi uma combinação única de jornalismo militante com autoral, com o jornal iniciando a construção de um pacto de lealdade com seus leitores”. Percebe-se que o envolvimento presente nas reportagens, seja na escrita sedutora, seja nas marcas textuais que indicam a busca pela aproximação, também contribuiu para que o jornal estabelecesse com seu leitor, laços de cumplicidade, procurando mostrar que era um dos seus que se dirigia a ele. Destaca-se que o elo nessa relação de cumplicidade entre Folha/leitor foi representado pelos jornalistas envolvidos diretamente na cobertura.

Vicchiatti (idem, p.53) ressalta que “o jornalista precisa se lembrar de que faz parte de um contexto sócio-econômico-político”. Neste ponto, destaca-se que o jornalista preocupado com a estética e com o social compreende que é integrante de uma sociedade, de uma comunidade. Na cobertura das Diretas, os jornalistas envolvidos se viam como membros da sociedade brasileira e, portanto envolvidos emocionalmente com os fatos que aconteciam nessa sociedade.

Por fim, percebe-se que a Folha incentivou a mobilização cívica ao estimular a participação de seus leitores. Tais convocatórias foram feitas por meio dos editoriais, dos artigos e das reportagens e as estratégias discursivas adotadas durante a cobertura tiveram um teor mobilizatório.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa direcionou o olhar para o modo como a Campanha pelas Diretas Já foi reportada pelo jornal Folha de S. Paulo, entre 13/01/1984 e 26/04/1984. A análise das reportagens publicadas na editoria de política permitiu identificar as principais estratégias discursivas aproximativas praticadas durante a cobertura. A partir dessa análise, inferiu-se que: a Folha de S. Paulo priorizou as reportagens escritas sob uma perspectiva literária, capaz de tocar o leitor emocionalmente; a sentimentalidade foi enfatizada em praticamente todas as reportagens analisadas; a presença explícita do repórter nos textos, ajudou a construir um laço de cumplicidade entre os leitores e a Folha; a busca por se aproximar do leitor, além de popularizar e ampliar o público do jornal, contribuiu para popularizar a própria Campanha; o destaque dado as histórias de vida de pessoas comuns, na grande maioria moradores das periferias das grandes cidades, com ênfase ao sacrifício realizado por estas para participarem dos atos à favor da realização de eleições diretas-já contribuiu para que o cidadão-comum se reconhecesse como participante-ativo da Campanha e o destaque dado nas reportagens ao fato de que o povo que estava nas ruas era o verdadeiro protagonista das Diretas Já, impulsionou a participação da sociedade, contribuindo para que a mobilização fosse adotada como uma manifestação popular e não puramente política.

Destaca-se que para esta pesquisa a prática do jornalismo literário foi o fator fundamental para que as reportagens pudessem chamar a atenção do leitor e principalmente envolvê-lo com o assunto que era abordado. Acrescenta-se que a escrita leve, comum em romances, faz com que a leitura seja agradável e, de certo modo, atemporal. Diz-se atemporal, na medida em que os textos – mesmo se referindo a um capítulo da história política brasileira, ocorrido no ano de 1984 – ainda são capazes de provocar o despertar de emoções.

Ao final da análise das reportagens, percebeu-se também uma Folha de S. Paulo atuante na mobilização dos cidadãos e na fiscalização dos parlamentares. Ressalta-se que quando o discurso da Folha teve como alvo principal os parlamentares que se mostravam contrários à aprovação da Emenda Dante de Oliveira, as palavras utilizadas imprimem ao discurso um tom de ameaça.

Embora o *corpus* principal de análise desta pesquisa tenha sido o texto jornalístico das reportagens, pôde-se observar no decorrer da análise das publicações que as fotografias foram usadas sempre como “prova” factual. A publicação de imagens dos comícios, que mostravam a presença da população, sejam as fotografias em plano aberto que permitia uma visualização

geral da área onde ocorreu o comício, sejam as fotografias que destacavam participantes específicos, como as que apresentam as famílias cujas participações foram registradas nas reportagens, imprimem veracidade aos discursos e reforçam a presença física dos repórteres da Folha nos comícios.

Destaca-se que o uso de provérbios que condensam a sabedoria popular é visto por esta pesquisa também como uma forma de buscar uma aproximação com o leitor, através de afinidades culturais. Observou-se, ainda, que as reportagens que apresentavam um caráter instrutivo, ou seja, àquelas que diziam o quê o leitor precisava fazer para se inserir nas manifestações em defesa das Diretas Já, acabam soando como uma convocação desafiadora, pois coloca a prova a coragem dos desafiantes do Poder. E, nos últimos dias da cobertura (24, 25 e 26/04/1984), diante da possibilidade da rejeição da Emenda Dante de Oliveira pelo Congresso Nacional, percebeu-se uma preparação do leitor para um possível capítulo seguinte do enredo da transição democrática. Nesse caso, preparava-se o leitor para uma possível votação indireta do sucessor do então Presidente João Figueiredo.

Ressalta-se que para esta pesquisa, o jornal Folha de S. Paulo promoveu uma espécie de ressignificação do movimento quando passou a abordá-lo muito mais como um movimento popular, ao invés de puramente político. Para tal afirmação, levou-se em consideração que o movimento pelas Diretas nasceu de uma iniciativa política, nos corredores do Congresso Nacional, mas no decorrer de sua construção pela mídia, especialmente pela Folha, o caráter político foi aos poucos sendo substituído por uma característica popular, dando ao povo até mesmo o papel de protagonista.

Nota-se que a prática de um jornalismo informativo, autoral, engajado e com aproximações a uma escrita literária contribuiu para que a Folha de S. Paulo se aproximasse do seu leitor e conquistasse novos adeptos para a causa das Diretas. Com isso, a partir desta pesquisa, conclui-se, também, que a escolha das estratégias discursivas que serão postas em prática num discurso jornalístico é um fator importante durante o processo de escrita, pois por meio delas, pode-se tanto atingir ou ao menos se aproximar dos efeitos que uma instância midiática deseja alcançar, como também pode ter efeitos diferentes do esperado, se não forem escolhidas as estratégias adequadas para cada propósito.

Assim, percebe-se que nas reportagens analisadas nesta pesquisa, priorizou-se pela contextualização dos fatos e pela humanização dos relatos. Observa-se que a escrita sedutora e envolvente com a qual as reportagens foram apresentadas ajudou a despertar o interesse pela temática, ao passo que o modo de contar tendeu a prender a atenção do leitor, conquistando-o para a leitura do texto. Infere-se, ainda, que a utilização de recursos literários na cobertura

contribuiu para dar a Campanha um tom poético, ao passo que essas estratégias discursivas ajudaram a envolver emocionalmente o leitor. Acrescenta-se, ainda, que depois da Campanha pelas Diretas, a Folha de S. Paulo transformou-se num jornal de âmbito nacional e aumentou consideravelmente sua credibilidade diante da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (org). **Eles mudaram a imprensa: Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ARAÚJO, Carlos Magno. Amor à palavra. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 93-97.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Editora Rideel, 2007.

AZEVEDO, Fernando Antônio. Agendamento da Política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p. 41-72

\_\_\_\_\_. Mídia e democracia no Brasil. In: **Revista OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abr/Maio, 2006. p. 88-113.

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Unesp, 1991.

CARDOSO, Tom. **Tarso de Castro: a vida de um dos mais polêmicos jornalistas brasileiros**. São Paulo: Editora Planta do Brasil, 2005.

CARVALHO, Cristiane Mafacioli. Mídia e Processos de Significação. In: BRAGA, Adriana; BORGES, Luis Fernando Rabelo; AQUINO, Márcia Rodrigues (org). **Angulações, Provocações e Cultura**. Cadernos de Comunicação-10. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2002. p. 235-247.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos A. de. **Transição democrática brasileira e padrão midiático publicitário da política**. Campinas, SP:Pontes; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1999.

CASTRO, Gustavo de. A palavra compartilhada. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 71-83.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006b.

\_\_\_\_\_; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

DASCAL, Marcelo. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 57-68.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOSSE, Françoise. **A História em migalhas: dos Annales à Nova História**. São Paulo: Campinas: Ensaio/Unicamp, 1992.

DUARTE, José B. **A fascinante história de Pedro Simon**. Porto Alegre: AGE, 2001.

ELEÚTERIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

FADUL, Ana Maria. Políticas culturais e processo político brasileiro. In: MELO, José Marque de (org). **Comunicação e transição democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto/Intercom, 1985. p.180-209.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mortes em Derrapagem: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: Historiografia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14 ed, São Paulo: Contexto, 2009.

FORTES, Rafael. O presidente e a democracia: o passado de José Sarney em Istoé e Veja. In: **Revista da E-compós**. Vol. 5, 2006. Disponível em: < <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compós/article/view/71/71>> acesso em: 22 nov. 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Construção jornalística e dizer social. In: PORTO, Sérgio Dayrell(org). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GOMES, Wilson. Duas Premissas para a compreensão da Política Espetáculo. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José. **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre a transformação da política na era da comunicação de massa. In: XIII ENCONTRO DA COMPÓS, 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Bernardo do Campo/SP: Umesp, 2004. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_601.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_601.pdf)> Acesso em: 29 maio 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público**. São Paulo: Contexto, 2006.

HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: O TEMPO DAS CRISES. In: CADIOU, François [et al]. **Como se faz a história: historiografia, método e pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.82-98.

JESUS, Rosane Martins de. Entre notícias, reportagens e editoriais: a Folha de S. Paulo e a elaboração do enredo da Campanha Diretas Já. In: XI Congresso Regional de Ciências da Comunicação - Intercom Nordeste, 2009, Teresina. **Anais...**, Teresina: Intercom, 2009a. 1 CD-rom.

\_\_\_\_\_. O espetáculo como manchete: Da Candelária, uma multidão pede eleições diretas para presidente do Brasil. In: XXXII Congresso Nacional de Ciências da Comunicação - Intercom Nordeste, 2009, Curitiba. **Anais...**, Curitiba: Intercom, 2009b. 1CD-rom.

\_\_\_\_\_. A Emoção através dos discursos: a Folha de S. Paulo e a utilização do jornalismo literário como recurso para popularizar a Campanha Diretas Já. In: XI Encontro Nacional de História da Mídia, 2009, Fortaleza. **Anais...**, Fortaleza: Alcar, 2009c. 1CD-rom.

\_\_\_\_\_. A construção de imagens representativas nos editoriais da Folha de S. Paulo. In: X Seminário Internacional da Comunicação, 2009, Porto Alegre. **Anais...**, Porto Alegre: PUCRS, 2009d. 1 CD-rom.

\_\_\_\_\_. Folha de S. Paulo: apoiando e construindo uma imagem para a Campanha pelas Diretas Já. In: I Seminário Nacional de Comunicação, Cultura e Cidadania, 2010, Fortaleza. **Anais...**, Fortaleza: UFC, 2010a. 1CR-rom.

\_\_\_\_\_; CARVALHO, Rejane Vasconcelos A. de. Em busca de referências: a Campanha pelas Diretas já enquanto discurso constituinte para a política brasileira. In: VII Semana de Humanidades UFC/UECE e I Encontro de Pós-Graduação em Humanidades, 2010, Fortaleza. **Anais...**, Fortaleza: UFC, 2010b. 1CR-rom.

KOTSCHO, Ricardo. **Explode um novo Brasil: diário da campanha das Diretas**. São Paulo: Brasiliense, 1984.



\_\_\_\_\_. **A prática da reportagem**. São Paulo: Editora ática, 2004.

\_\_\_\_\_. **Do Golpe ao Planalto: uma vida de repórter**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

LATTMAN-WELTMAN, Fernando. O GLOBO: Independência na ordem. In: ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (org). **Eles mudaram a imprensa: Depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p.15-20.

LEONELLI, Domingos; OLIVEIRA, Dante de. **Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, Vinício A. de. Cenários de Representação da Política – CR-P. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p. 9-40.

\_\_\_\_\_. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p.111-153.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

\_\_\_\_\_. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92.

\_\_\_\_\_. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

\_\_\_\_\_. Analisando discursos constituintes. In: **Revista GELNE**, vol.2 n. 2, 2000. Disponível em: <[http://www.gelne.ufc.br/revista\\_anol\\_no2\\_39.pdf](http://www.gelne.ufc.br/revista_anol_no2_39.pdf)> Acesso em: 18 nov. 2009.

**MANUAL da Redação: Folha de S. Paulo**. São Paulo: Publifolha, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza**. São Paulo: Editora ática, 1986.

\_\_\_\_\_(org). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalism/article/view/10948/10418>> Acesso em: 18 jul. 2009.

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45-80.

MATOS, Carolina. **Jornalismo e política democrática no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2008.

MEIRELES, Domingos. **1930: Os órfãos da Revolução**. São Paulo: Record, 2005.

MELO, José Marques de. Campanha pelas diretas: a Conspiração do Silêncio. In: **Boletim Intercom**, n.7, v.46, jan./fev. 1984.

MENESES, Sônia. **A Folha, a ditadura e a “ditabranda”: os conflitos na construção da memória e participação da Folha de S. Paulo no golpe de 1964**. In: I Seminário Nacional de Comunicação, Cultura e Cidadania, 2010, Fortaleza. **Anais...**, Fortaleza: UFC, 2010. 1CR-rom.

MEYER, Marlyse; MONTES, Maria Lucia. **Redescobrimo o Brasil: a festa na política**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S. Paulo: 1921-1981**. São Paulo: Impres, 1981.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 8. Ed. São Paulo, Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed, Campinas, SP: Pontes, 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PINTO, Milton José. Contextualizações. In: FAUSTO NETO, Antônio; PINTO, Milton José. **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro-RJ: Diadorim, 1996, p.162-176.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989, p.3-15.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

PORQUE tucano? Disponível em < [https://www2.psd.org.br/interna/psdb\\_historia\\_porque.php](https://www2.psd.org.br/interna/psdb_historia_porque.php)> Acesso em 19 nov. 2009.

PORTO, Mauro Pereira. Enquadramentos da Mídia e Política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p. 73-104

\_\_\_\_\_. **O poder da Televisão: relações entre tv e política**. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4321/4050>> Acesso em: 25 jan. 2010.

PRADO, Marco A. Movimentos sociais e massa: identidades coletivas no espaço contemporâneo. In: MAIA, Rousiley; CASTRO, Maria Céres P. (org). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 193-212.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

RAMOS, Camila Sousa. A “ditabranda” e os interesses comerciais da Folha. In: **Revista Fórum**, nº72, ano 8,mar. 2009. p.32-33.

RAMOS, Murilo Cesar. Papel dos meios de comunicação de massa na abertura política brasileira. In: MELO, José Marque de (org). **Comunicação e transição democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto/Intercom, 1985. p.246-263.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, Natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Diretas Já: O grito preso na garganta**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Espetacularização e Miatização da Política. In: RUBIM, Antônio Albino Canelas (org). **Comunicação e Política: Conceitos e Abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. p. 181-221.

SALLUM JR, Brasílio. **Metamorfoses do Estado Brasileiro no final do século XX**. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 18, Nº 52, junho/2003. p. 35-54.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado Espetáculo**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SEABRA, Roberto. Jornalismo político: história e processo. In: SEABRA, Roberto; SOUSA, Vivaldo de (org). **Jornalismo político: teoria, história e técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006. p.109-140.

\_\_\_\_\_; SOUSA, Vivaldo de (org). **Jornalismo político: teoria, história e técnicas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.

\_\_\_\_\_; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo Summus, 1986.

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.

WEINGARTEN, Marc. **A turma que não escrevia direito: Wolfe, Thompson, Didion e a Revolução do Novo Jornalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1992.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÓN, Eliseo. **A Produção de Sentido**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980.

\_\_\_\_\_. **Construir El Acontecimiento**. Buenos Aires-Argentina: Editorial Gedisa S.A, 1983.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

## **EDITORIAIS**

A UM PASSO das Diretas. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

ALEGRIA já. **Folha de S. Paulo**. 4 mar. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

AMARELO, sim. **Folha de S. Paulo**. 12 fev. 1984 Opinião, 1º caderno, p.2.

ATO de provocação. **Folha de S. Paulo**. 2 fev. 1984 Opinião, 1º caderno, p.2.

CAI a emenda, não nós. **Folha de S. Paulo**. p.1, 26 abr. 1984.

CONGRESSO soberano já. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Opinião, p.2.

DEPOIS da praça. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

DIRETAS não podem parar. **Folha de S. Paulo**. 9 fev. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

EMERGÊNCIA não. **Folha de S. Paulo**. 7 abr. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

LUZES no Congresso. **Folha de S. Paulo**. 4 mar. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

MANOBRAS suspeitas. **Folha de S. Paulo**. 15 mar. 1984, Opinião, 1º caderno, p.2.

## **REPORTAGENS DE APRESENTAÇÃO**

BRANDÃO, Hudson. Mais de 50 mil participam de ato público pró-diretas em Ipatinga. **Folha de S. Paulo**. 14 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

BRICKMANN, Carlos. Comício pelas Diretas reúne 50 mil em Curitiba. **Folha de S. Paulo**. 13 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

EM PORTO Alegre, 200 mil nas ruas pedem as Diretas. **Folha de S. Paulo**. 14 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

KOTSCHO, Ricardo. Ato no Acre concreta 7 mil. **Folha de S. Paulo**. 20 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Comício pelas diretas reúne 10 mil na capital do Amapá. **Folha de S. Paulo**. 16 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

\_\_\_\_\_. Comício reúne 25 mil na capital do Piauí. **Folha de S. Paulo**. 14 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

\_\_\_\_\_. Manifestação pró-diretas reúne 15 mil em São Luís. **Folha de S. Paulo**. 15 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

\_\_\_\_\_. No comício de Belém, 60 mil reagem à reunião do Planalto. **Folha de S. Paulo**. 17 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Minas sai às ruas para exigir eleições diretas. **Folha de S. Paulo**. 25 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

LEITÃO, Luis Ricardo. No Recife, 80 mil participam do comício. **Folha de S. Paulo**. 6 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

MACEIÓ reúne 20 mil por Diretas. **Folha de S. Paulo**. 30 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

NOVAES, Washington. Goiânia reúne 250 mil nas ruas pelas Diretas. **Folha de S. Paulo**. 13 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

POPULAÇÃO faz uma festa jamais vista na cidade. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1984, 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

RIO FAZ o maior comício da história do Brasil. **Folha de S. Paulo**. 11 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

RIO REÚNE 200 mil pessoas nas ruas pelas diretas. **Folha de S. Paulo**. 22 mar. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

ROSSI, Clóvis. São Paulo faz a maior manifestação política do País. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

## REPORTAGENS DE DESDOBRAMENTOS

A NAÇÃO FRUSTRADA! Apesar da maioria de 298 votos, faltaram 22 para aprovar as diretas'. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Manchete principal, p.1.

“A NAÇÃO não pode ser vencida”. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.7.

A CIDADE colorida, da praça da Sé ao Vale. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.9.

A CIDADE EM clima de festa não se intimidou. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

A DISPUTA por melhores lugares começa na véspera. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

ANDRÉ, Andréia e Adriana pedem futuro melhor. **Folha de S. Paulo**. 11 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

BRASÍLIA vive fim de noite tenso com novas prisões. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.11.

BRICKMANN, Carlos. Campanha cresce após ato em Curitiba. **Folha de S. Paulo**. 14 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

\_\_\_\_\_. Da UDN ao malufismo, a vida de 'liberal'. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.11.

\_\_\_\_\_. Maluf vai tentar derrubar as duas emendas. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Na madrugada de 5ª, hora de chorar ou comemorar. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

\_\_\_\_\_. Newton Cruz, um vice-rei na capital do Brasil. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Votação é hoje mas Brasília aprovou ontem as diretas. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

CAMPANHA começa a inviabilizar candidaturas oficiais. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.10.

CASTRO, Ruy. Omita-se com um barulho desses. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

CASTRO, Tarso de. "Não sou demente, quero votar para Presidente". **Folha de S. Paulo**. 6 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

\_\_\_\_\_. A ação militar e a política no curral. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Campanha não tem data para terminar. **Folha de S. Paulo**. 13 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

\_\_\_\_\_. Na Capital, o baile continua. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Presidente tem confirmação de que a Nação está acordada. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.7.

\_\_\_\_\_. Ulisses Guimarães, Amaral Neto e Lacerda. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

CHAMADA chegou a Minas; rejeição confirmava-se. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

COMÍCIO cria um clima de entusiasmo no Congresso. **Folha de S. Paulo**. 12 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

COMO SE fosse um desfile de carnaval. **Folha de S. Paulo**. 25 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

CONGRESSISTAS vivem um clima de aprovação. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.10.

DENTEL censura até noticiário sobre dia de Figueiredo e nota de Átila. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.12.

DESTA VEZ, Verlênia pôde assistir ao comício. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

DOMAR o monstro foi a tarefa do coordenador-geral. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

EM ORDEM, povo toma o Centro. **Folha de S. Paulo**. 11 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

EM TODO o País, muito barulho pelas diretas-já. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

ESQUEMA de segurança no aeroporto irrita políticos. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.14.

E OS ARTISTAS foram aonde o povo estava. **Folha de S. Paulo**. 11 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.



FALTA de notícias provoca apreensão em todo o País. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.20.

FESTA democrática com o povo nas ruas. **Folha de S. Paulo**. 25 fev. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

FREITAS, Galeno de. Do palanque e escadarias, uma outra visão da praça. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

GALVÉZ, Virgínia. Dentel detém fotógrafo da “Folha” e confisca filmes. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.11.

GONTIJO, Ricardo. Acima de palanques e partidos. **Folha de S. Paulo**. 12 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

JAMAIS se ouviu falar tanto em História, povo e destino. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

KOTSCHO, Ricardo. A cidade vive a ansiosa expectativa para lotar a Sé. **Folha de S. Paulo**. 25 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

\_\_\_\_\_. Comovido, Hélio Silva vê a História e vai à rua com o povo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 1984, 10 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Em clima de festa, o Sr. Diretas é consagrado. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

\_\_\_\_\_. Em seu cavalo branco, o executor vê a tropa passar. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Madrugada dos ausentes, o fim do dia da esperança. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

\_\_\_\_\_. Na Sé, um brado retumbante pede eleições diretas. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. O País grande reencontra a Nação. **Folha de S. Paulo**. 11 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

\_\_\_\_\_. Todos sabiam aonde queriam chegar. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

LIMA, Rubem de Azevedo. Apesar de tudo, o País não é o mesmo de anos atrás. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.12.

\_\_\_\_\_. Presidente faz apelos dramáticos ao Pró-Diretas. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

MEDIDAS confundem as rádios e TVs. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.12.

MESMO com risco de vida, Colin leva o “sim” a Brasília. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.13.

MILHARES reúnem-se na Sé com atenção em Brasília. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.19.

MULTIDÃO se desfaz com calma, molhada de chuva. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

NEWTON Cruz irrita-se, prende, acalma-se e beija mão. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.17.

NO ATENDIMENTO de emergência, a maioria é vítima da emoção. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.11.

NOVAES, Washington. “Faz outra Caetano”. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.7.

O GRITO alegre que veio do interior. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

PAIVA, Fernando. Na TV, “Folha” avalia a campanha. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.15.

POLÍCIA usa gás e dissolve passeata. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.13.

RÁDIO e TV proibidos de identificar os votantes. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.18.

ROSSI, Clóvis. Congresso cercado pelo exército durante três horas. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Governo e oposição jogam tudo na votação amanhã. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

\_\_\_\_\_. Pedessista vê quadro difícil para o diálogo. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

\_\_\_\_\_. Sem o apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada. **Folha de S. Paulo**. 26 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

RUSSO, João. Na chegada à cidade proibida, tensão e a presença de Ulisses. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.14.

SÃO PAULO faz barulho para exigir eleições diretas já. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.13.

SÉ lotada deslumbra a família Almeida. . **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

SIERRA, Roland M. A festa foi dos jovens. **Folha de S. Paulo**. 17 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

\_\_\_\_\_. Na praça que é sua, o paulista foi suprapartidário. **Folha de S. Paulo**. 26 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.5.

SOBRAL marcará nome de quem votar contra. **Folha de S. Paulo**. 12 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

TORTATO, Mari. Emoções marcam o dia na cidade. **Folha de S. Paulo**. 13 jan. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.6.

ULISSES só aceita diálogos fiscalizado pela voz das ruas. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.8.

UNIDA a sociedade civil anseia pelas eleições diretas. **Folha de S. Paulo**. 24 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.4.

VALLE, Paulo. Colégio “enterrado” sem lágrimas. **Folha de S. Paulo**. 25 abr. 1984, Editoria de política, 1º caderno, p.14.

# ANEXOS

# ANEXO I

## Páginas de capas da Folha de S. Paulo que abordaram as Diretas Já



Folha de S. Paulo, 13/01/1984, p.1



Folha de S. Paulo, 26/01/1984, p.1



Folha de S. Paulo, 25/02/1984, p.1

**FOLHA DE S. PAULO**  
 São Paulo, quarta-feira, 11 de abril de 1984 • Ano 64 • Nº 20.097 • Al. Barão de Limeira, 423 • Cx 400.00

**No Rio, mais de 1 milhão pelas diretas**




Uma foto aérea mostra a multidão que se reuniu no Rio de Janeiro para apoiar as eleições diretas. A imagem captura a vastidão do grupo, que se espalhou por uma grande praça e ruas adjacentes. O mapa ao lado indica a localização do 'PALANQUE' no centro da cidade de São Paulo.

**Opinião de "Folha"**  
**"Folha" debate emenda**  
 Após lançamento de texto, o Conselho Nacional de Política Econômica debateu a proposta de emenda à Constituição que prevê a realização de eleições diretas para presidente e governador.

**Professores contestam o governador**  
 O Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (SPE) contestou o governador Paulo Cabral, acusando-o de não cumprir suas obrigações legais em relação aos salários e condições de trabalho dos docentes.

**Táxi espacial captura Max sobre o Índico**  
 Um avião-táxi espacial capturou o satélite Max sobre o Índico, demonstrando a capacidade de interceptação de veículos espaciais.

**Poder militar russo aumenta, diz Pentágono**  
 O Pentágono divulgou um relatório que afirma que o poder militar da União Soviética aumentou significativamente nos últimos meses.

**Passarinho recua sobre aposentado**  
 O senador Passarinho recuou sobre sua proposta de aposentadoria, após enfrentar críticas de seus colegas.

**Figueiredo reitera apoio ao Colégio**  
 O presidente Figueiredo reiterou seu apoio ao Colégio Pedro II, destacando a importância da instituição para a educação brasileira.

Folha de S. Paulo, 11/04/1984, p.1

**FOLHA DE S. PAULO**  
 São Paulo, quinta-feira, 17 de abril de 1984 • Ano 64 • Nº 20.107 • Al. Barão de Limeira, 423 • Cx 400.00

**São Paulo faz o maior comício**





**Opinião de "Folha"**  
**Emancipação do índio em debate na "Folha"**  
 O Conselho Nacional de Política Econômica debateu a proposta de emenda à Constituição que prevê a realização de eleições diretas para presidente e governador.

**Figueiredo envia emenda e apela por negociação**  
 O presidente Figueiredo enviou uma emenda à Constituição e apelou por negociações para resolver as questões em aberto.

Folha de S. Paulo, 17/04/1984, p.1

**FOLHA DE S. PAULO**  
 São Paulo, domingo, 25 de abril de 1984 • Ano 64 • Nº 20.117 • Al. Barão de Limeira, 423 • Cx 400.00

**Use amarelo pelas diretas já**

**Congresso repele cerco policial e vota hoje a emenda das diretas**



**Ulisses condena, exorta, adverte**



**Na "Ilustrada", o poster das diretas**

Ulisses Guimarães condenou o cerco policial ao Congresso e exortou os deputados a votar a favor da emenda das eleições diretas. Ele também advertiu sobre as consequências de não fazer isso.

Folha de S. Paulo, 25/04/1984, p.1

**FOLHA DE S. PAULO**  
 São Paulo, segunda-feira, 26 de abril de 1984 • Ano 64 • Nº 20.118 • Al. Barão de Limeira, 423 • Cx 400.00

**Use preto pelo Congresso Nacional**

**A NAÇÃO FRUSTRADA!**  
**Apesar da maioria de 298 votos, faltaram 22 para aprovar diretas**

**SIM**

Estado	Partido	Voto
Alagoas	PMDB	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1
Alagoas	PRN	1
Alagoas	PRQ	1
Alagoas	PRR	1
Alagoas	PRS	1
Alagoas	PRT	1
Alagoas	PRU	1
Alagoas	PRV	1
Alagoas	PRW	1
Alagoas	PRX	1
Alagoas	PRY	1
Alagoas	PRZ	1
Alagoas	PSD	1
Alagoas	PPS	1
Alagoas	PTB	1
Alagoas	PSB	1
Alagoas	PR	1
Alagoas	PRB	1
Alagoas	PRD	1
Alagoas	PRF	1
Alagoas	PRG	1
Alagoas	PRM	1

### ANEXO II

### Editoriais analisados durante a pesquisa



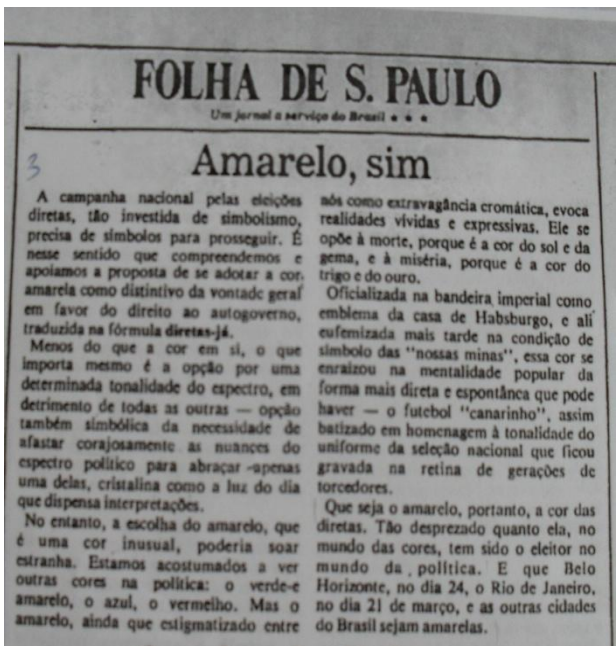
Editorial. Folha de S. Paulo, 26/01/1984, p.2



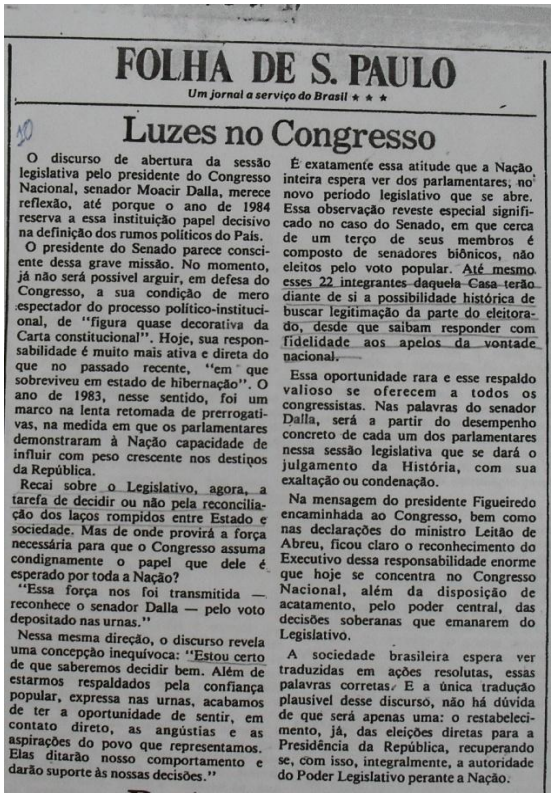
Editorial. Folha de S. Paulo, 02/02/1984, p.2



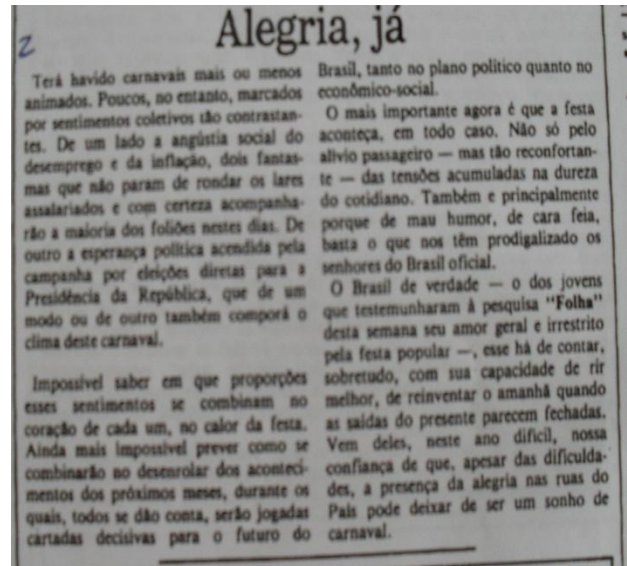
Editorial. Folha de S. Paulo, 09/02/1984, p.2



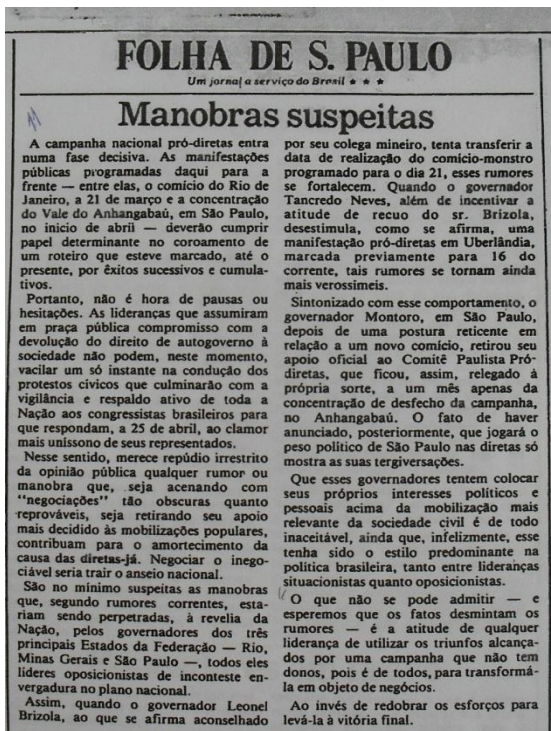
Editorial. Folha de S. Paulo, 12/02/1984, p.2



Editorial. Folha de S. Paulo, 04/03/1984, p.2



Editorial. Folha de S. Paulo, 04/03/1984, p.2



Editorial. Folha de S. Paulo, 15/03/1984, p.2



Editorial. Folha de S. Paulo, 07/03/1984, p.2



**FOLHA DE S. PAULO**  
Um jornal a serviço do Brasil \*\*\*

## 1 A um passo das diretas-já

A campanha nacional pró-diretas entra hoje numa etapa decisiva, após a realização da monumental passeata da praça da Sé ao vale do Anhangabaú, devendo culminar daqui a oito dias com a votação da emenda constitucional Dante de Oliveira, que dispõe o restabelecimento imediato do sufrágio popular para a escolha do presidente da República.

É significativo que, no momento mesmo do início da grande marcha cívica de São Paulo, tenha sido apresentado ao Congresso Nacional o projeto de iniciativa do Planalto como pretensa alternativa à emenda Dante de Oliveira. Não se trata de mera coincidência cronológica.

Se o projeto do governo constitui, sem dúvida, uma importante concessão parcial ao movimento pró-diretas, um reflexo claro das pressões irrecusáveis da sociedade civil, ele é também, ao mesmo tempo, um estratagemma de última hora cujo objetivo principal é impedir a aprovação da emenda Dante de Oliveira.

Não é à toa, portanto, que o governo lança mão desse recurso exatamente no instante em que a mobilização popular atingiu patamares nunca vistos na história do País. Ao invés de se colocar à frente dos fatos, tomando o gesto mais aguardado pela Nação — o que reabilita os laços hoje praticamente rompidos entre governantes e governados —, o Planalto preferiu arremeter contra a corrente, ultimando manobras que garantam, afinal, o continuísmo do poder.

É possível que o governo tenha demorado demais, até mesmo em sua meta mais imediatista, qual seja, a de oferecer aos parlamentares do PDS um pretexto para irem contra a vontade maior dos cidadãos, uma espécie de álibi capaz de inocentá-los ante o juízo do eleitorado.

Pois hoje é forçoso reconhecer que a aprovação da emenda Dante de Oliveira, se não está assegurada, é muito mais provável do que no início da campanha. As adesões de parlamentares governistas, em especial na Câmara, têm aumentado. E não é impossível que até mesmo na área do Senado, hipoteticamente mais impermeável ao clamor popular, a tese das diretas-já consiga empolgar novos adeptos, atitude que só reforçaria a independência do Poder Legislativo, além de revelar lucidez e sensibilidade dos congressistas em face da dinâmica do momento político nacional.

As dificuldades do governo com esse projeto vislumbram-se também do ponto de vista formal de sua tramitação. O PDS não dispõe sozinho do quórum qualificado de dois terços nas duas Casas para seu encaminhamento e aprovação. Isso implica necessariamente um processo de negociação com as oposições.

Entretanto, as oposições, neste instante, não estão investidas de nenhuma autoridade para negociar em nome da sociedade civil, cujo movimento de milhões em praça pública — reafirmado ontem, no centro de São Paulo, de forma magnífica — continua a reclamar quase por unanimidade: **diretas-já**.

É evidente que, após dia 25, a esperada aprovação da emenda Dante de Oliveira não exclui a negociação de outros itens do projeto governista, que possam significar avanços no processo de abertura democrática. Mesmo no caso de rejeição daquela emenda — hoje, sem dúvida, a hipótese mais pessimista —, ficará o Congresso em condições de negociar determinados tópicos da proposta apresentada pelo Planalto, embora seja certo que a campanha das **diretas-já** terá continuidade tanto no interior do Congresso (através de subemenda ao projeto do governo ou das outras emendas já existentes que contemplam a matéria), quanto nas ruas e praças do País (onde a vitalidade dos cidadãos brasileiros seguramente ingressará em nova fase de manifestações, sempre pautadas pelo mesmo espírito pacífico e ordeiro).

Assim, é difícil acreditar que essa emenda do Planalto consiga, agora, reverter as tendências do quadro nacional. Daqui até o dia 25 o que se tem é a expectativa de 130 milhões de brasileiros em torno da decisão soberana do Congresso. A tentativa governista, tardia, tem poucas chances de atropelar os fatos. **Estes apontam na direção da vontade nacional.**

As manifestações públicas continuarão a ocorrer dentro do roteiro previamente traçado, sob a mais absoluta paz e ordem, respeitando a lei e valendo-se de um direito elementar inscrito na Constituição. É de esperar que o governo não venha a perturbar esse clima pacífico e civilizado, com medidas intimidatórias e admoestações fora de lugar.

Os cidadãos brasileiros estão, pouco a pouco, construindo a democracia. As faces do País alteram-se. Vivemos momentos decisivos para os destinos da nacionalidade. **Diretas-já.**

Editorial. Folha de S. Paulo, 17/04/1984, p.2

**FOLHA DE S. PAULO**  
Um jornal a serviço do Brasil \*\*\*

## Congresso soberano já

O Brasil chega finalmente à data histórica. Não há como obscurecer o sentido maior deste 25 de abril: a Nação inteira aguarda em vigília a decisão soberana do Congresso.

Aos congressistas não terá faltado a certeza do respaldo do povo brasileiro neste grave momento de responsabilidade ante os destinos políticos do País.

Não cabe repetir aqui os argumentos reproduzidos quase à exaustão nos últimos meses, em nossos editoriais, a favor da aprovação da emenda constitucional Dante de Oliveira. O anseio de **diretas-já** é irredutível. Sintetiza de modo simples e exemplar a necessidade premente de mudança institucional, a recusa firme e serena da sociedade civil em continuar dominada por um poder autoritário, o não pacífico e resoluto da cidadania a qualquer coisa — direta ou disfarçada — de continuísmo do atual regime.

Vibra a nacionalidade por todo o território brasileiro, embora o governo central esteja tentando desalojá-la à força de Brasília, com as medidas de emergência, erguendo um muro entre o Poder Legislativo e o Povo, pretendendo transformar a coisa pública em atividade privada.

Prefeitos e vereadores são barrados ou vigiados como inimigos da ordem. A Universidade de Brasília é cercada por tropas, lembrando os piores momentos deste regime. Censura fêrrica aos meios de comunicação eletrônicos é imposta tentando impedir a Nação de ver e ouvir aquilo que sem dúvida verá e ouvirá por todos os meios disponíveis.

Como se não bastasse tais ataques à liberdade, o trabalho jornalístico vem sendo sistematicamente violentado por forças policiais a mando do general Newton Cruz. Após a detenção de dois jornalistas da "Última Hora" em pleno exercício da profissão, foi a vez dos repórteres fotográficos desta "Folha", Moreira Mariz e Jorge Araújo — o primeiro tendo seu filme velado numa barreira policial, no sábado, e o segundo detido ontem no Dentel, com idêntico confisco do seu material de trabalho.

Repudiamos de forma veemente tal escalada de arbitrio. A imprensa ultrajada recorrerá a todos os instrumentos constitucionais vigentes para continuar cumprindo seu dever à altura dos compromissos que mantém com a opinião pública.

Culminando essa série de provocações, tropas da Polícia Militar cercaram no dia de ontem o Congresso. O objetivo é claro: estender a intimidação que se pratica contra a vontade nacional aos próprios congressistas.

O alegado pretexto de proteção ao Legislativo cai por terra, ao examinar-se o quadro sinistro forjado com as medidas de emergência. A proteção não passa de inadmissível tutela autoritária. Lamentavelmente, a cena hoje estampada em nossa primeira página recupera alguns dos instantes mais tórricos do período ditatorial.

Estão sendo postas irresponsavelmente em risco pelo Planalto, através de ostentações gratuitas de força, conquistas negáveis do processo de abertura democrática.

A tradição republicana e a evolução recente do País, porém, indicam claramente que o Poder Legislativo tem sabido responder com altivez e independência às tentativas de desqualificá-lo como instituição fundamental da cidadania.

Não faltam exemplos e vozes que engrandecem a soberania do mandato popular, nestes dias marcantes, para além de fronteiras partidárias e ideológicas, em gestos que contemplam tão somente a supremacia da vontade nacional. É o caso do vice-presidente do PDS, senador Jorge Bornhausen, declarando de público que votará na emenda Dante de Oliveira, e de outros parlamentares da agremiação governista.

É de lamentar, ao mesmo tempo, que o vice-presidente da República, Aureliano Chaves, não tenha tido até aqui uma atitude mais firme em prol da causa que diz abraçar, mesmo que isso implicasse sacrifício da função pública que ocupa.

Por outro lado, chega a soar ridícula — por sua aparição totalmente inoportuna — a proposta do senador Marco Maciel (PDS PE) que, às vésperas da grande decisão nacional, deu nova forma à sua ambiguidade, ao apresentar uma emenda prevendo eleições diretas com votos ponderados de cada unidade federativa, o que equivale objetivamente a um mero retoque no sistema indireto de sufrágio.

A aprovação da emenda das **diretas-já** não exclui o exame atento e discussão dos demais artigos da emenda Leito. Entretanto, agora, não há como eludir a questão central: foi em torno da emenda Dante de Oliveira que se mobilizaram cerca de cinco milhões de cidadãos em praça pública.

As Forças Armadas continuam a reitar seu compromisso maior com a Constituição e seu acatamento às decisões soberanas do Congresso. Deduz-se daí, portanto, que o atual desfile de ameaças golpistas em Brasília não corresponde aos sentimentos profissionais e legalistas do estamento militar.

O discurso pronunciado ontem pelo presidente do PMDB, deputado Ulisses Guimarães — no que diz respeito ao momento nacional — expressa a vontade inadiável de mudança de 130 milhões de brasileiros.

É enorme a responsabilidade histórica dos congressistas no dia de hoje: reafirmar sua soberania, que é reflexo da soberania popular.

Ou, então, ser cúmplice de um impasse que a sociedade inteira quer superar.

Pois se ontem a população manifestou-se por todo o País com fogos de artifício, seu anseio de transformação é bem real. **Diretas, quando? JA.**

Editorial. Folha de S. Paulo, 25/04/1984, p.2

# ANEXO III

## Páginas da Folha de S. Paulo contendo as reportagens analisadas



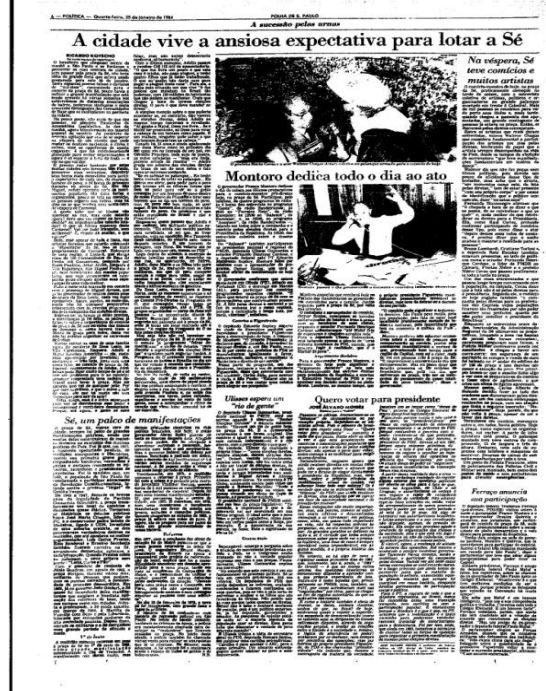
Folha de S. Paulo, 28/11/1983, p.4



Folha de S. Paulo, 13/01/1984, p.6



Folha de S. Paulo, 14/01/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 25/01/1984, p.6

Diário da Manhã - São Paulo, 26 de Janeiro de 1984 - PÁGINA 1

### Na Sé, um brado retumbante pede eleições diretas

A manifestação pelas urnas



**Na praça que é sua, o paulista foi suprapartidário**

População faz uma festa jamais vista na cidade

Um cassandrico "multidimensional"

Palácio do Bandeirantes comemora

divulga BRAD

## abreu

Turfismo • Viagens • Excursões


**agora**

AV. BRIG. FARIÁ LIMA, 1501  
 Tel: 210.1666 - 813.9555  
 Telex: (011) 38412 ABRE BR  
 (011) 22021 ABRE BR  
 SÃO PAULO

Folha de S. Paulo, 26/01/1984, p.5

Diário da Manhã - São Paulo, 26 de Janeiro de 1984 - PÁGINA 2

### A disputa por melhores lugares começa na véspera



Domar o monstro foi a tarefa do coordenador-geral

Do palanque e escadarias, uma outra visão da praça

Entidade marcam presença em faixas

Sé dois empresários comemoram ao ato

D. Paulo explica seu ato comemorativo

Advogado profere a conforto da OAB

Ulisses diz que a inflação já caiu

Folha de S. Paulo, 26/01/1984, p.6

Diário da Manhã - São Paulo, 26 de Janeiro de 1984 - PÁGINA 3

### Multidão se desfaz com calma, molhada de chuva

São Paulo reencontra-se no dia de seu aniversário



Transporte não foi problema para a população

Policia registra só quatro casos

82 pessoas são medicadas

Na hora da manifestação, uma outra cidade busca o lazer


Sé lotada deslumbra a família Almeida

Folha de S. Paulo, 26/01/1984, p.8

Diário da Manhã - São Paulo, 30 de Janeiro de 1984 - PÁGINA 1

### Ulisses e Lula planejam marcha em São Paulo

Ainda esta semana, Geisel deverá manifestar seu apoio a Aureliano



Minas lança hoje comitê pró-diretas

Maceió reúne 20 mil por diretas

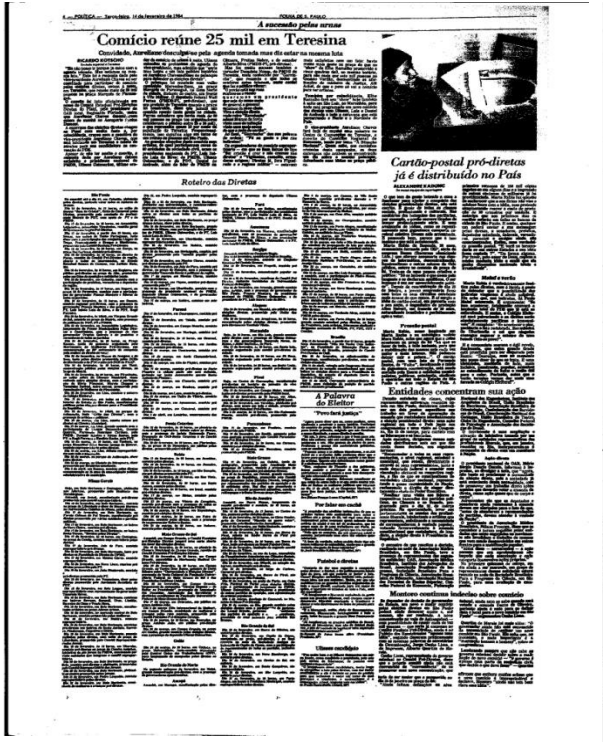
Roteiro das Diretas

Para Brinde, uma certa em Brasília

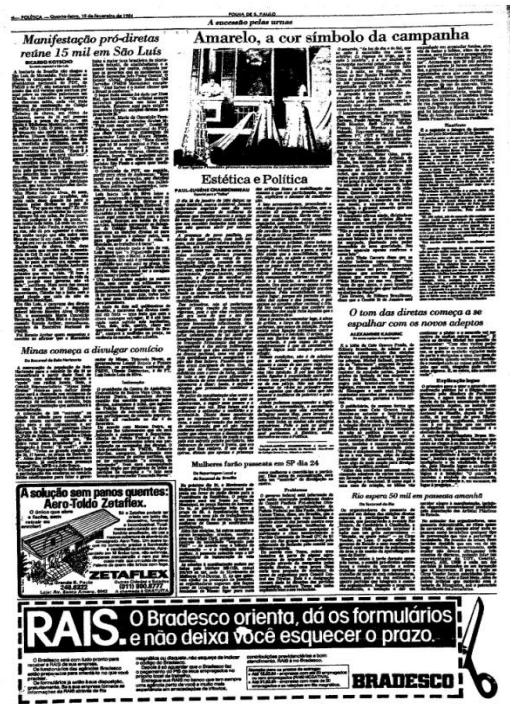
Esquete simulado dá 95,7% de votos para plebis referendo

A Polvereira do Eleitor

Folha de S. Paulo, 30/01/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 14/02/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 15/02/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 16/02/1984, p.6



Folha de S. Paulo, 17/02/1984, p.5

**A sucessão pelas urnas**

**Caminhada no litoral gaúcho reúne 50 mil**

**Aureliano irá a desagravo a governador pró-diretas**

**No Amazonas, o primeiro fracasso**

**Ato no Acre concentra 7 mil**

**O furo do poço**

**Comitê reúne 50 mil em Curitiba**

**A Polónia do Eletor?**

**Amanhã, eleições no Jockey.**

Das 13 às 18 horas no grandioso estádio do Hipódromo Paulistano. Se você é sócio, eleitor ou eleitora de voto.

**Jockey Club de São Paulo.**

Folha de S. Paulo, 20/02/1984, p.5

**A sucessão pelas urnas**

**Minas sai às ruas para exigir eleições diretas**

**Diretas mudam velha tradição dos comícios**

**Bandeira é hasteada, começa o ato público**

**Festa democrática com o povo nas ruas**

**Ônibus circularam de graça**

**Comitê supera 1 milhão dia 20**

**Na Cinelândia, discursos convocam para dia 10**

**PM apenas acompanha a passeata**

**Brizola acompanha todos os movimentos da manifestação**

**Pedida liberação da marchona, lançado novo partido comunista**

**Leia o Classifolha**

Sai no sábado, sai no domingo. Sai em cores, sai organizado.

Folha de S. Paulo, 25/02/1984, p.4

**Para Tancredo e Ulisses, campanha fica mais forte**

**Brizola vê jogo continuista**

**Como se fosse um desfile de Carnaval**

**Semana das Diretas**

**Agendas**

**Leia o Classifolha**

Sai no sábado, sai no domingo. Sai em cores, sai organizado.

Folha de S. Paulo, 25/02/1984 p.5

**Rio reúne 200 mil pessoas nas ruas pelas diretas**

**Comitê supera 1 milhão dia 20**

**Na Cinelândia, discursos convocam para dia 10**

**PM apenas acompanha a passeata**

**Brizola acompanha todos os movimentos da manifestação**

**Pedida liberação da marchona, lançado novo partido comunista**

**Leia o Classifolha**

Sai no sábado, sai no domingo. Sai em cores, sai organizado.

Folha de S. Paulo, 22/03/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 06/04/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 10/04/1984, p.5



Folha de S. Paulo, 11/04/1984, p.4



Folha de S. Paulo, 11/04/1984 p.5

**Polícia Militar retira faixa em favor de uma greve geral**  
A sucessão pelas ruas



**Prestes protesta e faz crítica a Brizola**

**Apenas uma questão de justiça**

**PC do B chega cedo e ocupa seu espaço**

**Delegacias e postos de saúde refletem clima de tranquilidade**

**André, Andrea e Adriana pedem futuro melhor**

**Emilinha defende seu mandato em Itaipua**

**Camêlo de raso laser, destaque coreográfico**

**Equipe de cobertura**

Folha de S. Paulo, 11/04/1984, p.6

**Comício cria um clima de entusiasmo no Congresso**  
A sucessão pelas ruas



**Comício é visto com naturalidade na área militar**

**Comício do Rio, de aís 14 a Grande Otelo**

**Comitê Pró-Diretas avalia o ato e mantém mobilização**

**Sobral "marcard" nome de quem votar contra**

**TV Nacional diz que ocorrerá e coerente com posição oficial**

**Correspondentes elogiam a ordem**

**Acima de palanques e partidos**

**Arkel reconhece "insignificância" do ato**

**Brizola defende a negociação**

Folha de S. Paulo, 12/04/1984, p.4

**Goiania reúne 250 mil nas ruas pelas diretas**  
A sucessão pelas ruas



**Gaúchos e Vale do Aço fazem seus comícios hoje**

**Campanha não tem data para terminar**

**Semana das Diretas**

**Entre no 1º voo fretado para Miami, Disney e Epcot Center da**

**US\$ 499**

**CHARTERS**

**259-4322**

Folha de S. Paulo, 13/04/1984, p.6

**Em Porto Alegre, 200 mil nas ruas pedem as diretas**  
A sucessão pelas ruas



**Mais três pedossistas aderem às diretas**

**Mais de 50 mil participam de ato público pró-diretas em Ipatinga**

**Semana das Diretas**

**Sola nega ser ameaça e denuncia manobra**

Folha de S. Paulo, 14/04/1984, p.5





FOLHA DE S. PAULO - Segunda, 17 de abril de 1984

**Professores cantam agora pela eleição**

**Tuma vê Anhangabá "coberto de vermelho"**

**Televsão não transmite ao País toda a grandza da manifestação**

**Apesar do excesso de passageiros, transporte funciona sem problema**

**PF vigia artistas e políticos e torce para chover bastante**

**Para os policiais, a surpresa de um dia bastante tranquilo**

**Correspondentes se entusiasmaam**

**Partidos ilegais obtêm espaço**



Folha de S. Paulo, 17/04/1984, p.10

FOLHA DE S. PAULO - Segunda, 17 de abril de 1984

**"Oposições devem agora conversar no Congresso"**

**Centro Amorosso Lima exige as diretas-já**

**Entidades femininas e feministas vão à passeata e depois a Brasília**

**No atendimento de emergência, a maioria é vítima da emoção**

**Comunismo de plágio alijado, na USP, pelo pleito direto**

**Magalhães não aceita campanhas**

**Semana das Diretas**

**Para os policiais, a surpresa de um dia bastante tranquilo**

**Partidos ilegais obtêm espaço**

**Correspondentes se entusiasmaam**

**Partidos ilegais obtêm espaço**




**Quem tem máquina Olivetti de qualquer modelo, levanta a mão.**

**Agora com a outra, anote este endereço: Av. Paulista, 453. Loja de Acessórios Originais Olivetti.**

**olivetti**

Folha de S. Paulo, 17/04/1984, p.11

FOLHA DE S. PAULO - Domingo, 22 de abril de 1984

**Um outro País, pronto a proclamar "vencemos"**

**Conversas em MG constataam temor e preocupação nas ruas**

**Monitora quez unido das oposições**

**Disque o código DDD 061 e fale com os congressistas, pelas diretas**



Folha de S. Paulo, 22/04/1984, p.5

FOLHA DE S. PAULO - Segunda, 24 de abril de 1984

**Inda, a sociedade civil anseia pelas eleições diretas-já**

**Os 61 personagens da foto**

**Janio de Freitas**

**Omíta-se com um barulho desses**

**Em todo o País, muito barulho pelas diretas-já**




Folha de S. Paulo, 24/04/1984, p.4

FOLHA DE S. PAULO  
 Hora decisiva

## Governo e oposição jogam tudo na votação amanhã

**Maluf vai tentar derrubar as duas emendas**

**Morcia Franco sugere fim da emergência**

**Andreozistas querem que sua candidato negocie**

**Para deputado, emenda Leitão é "inegociável"**

**Maciel propõe nova emenda pelo diretas**




Folha de S. Paulo, 24/04/1984 p.5

FOLHA DE S. PAULO  
 Hora decisiva

## Presidente faz apelos dramáticos ao Pró-Diretas

**Pedestista é quadro difícil para o diálogo**

**Na madrugada de 5ª, hora de chorar ou comemorar**

**Figueiredo conversa com 8 políticos e é apoiado por 5**

**Bonfassi garante vitória emenda a favor das diretas**

**Prefeitos e vereadores começam a votar as emendas**

**Statul acredita no diálogo após vitória da emenda**

**Presidente e vice já não evitam nome de reeleição**






Folha de S. Paulo, 24/04/1984 p.6

FOLHA DE S. PAULO  
 Hora decisiva

## Em seu cavalo branco, o executor vê a tropa passar

**Newton Cruz, um vice-roi na capital do Brasil**

**Parco do Castelo de Brasília**

**Na Capital, o baile continua**

**Habens corpus deve sair hoje**




Folha de S. Paulo, 24/04/1984 p.12

FOLHA DE S. PAULO  
 Hora decisiva

## Tropas da PM cercam UnB e aulas estão suspensas

**Vinte anos de cercos e invasões**

**Policia usa gás e dissolve passeata**




**NA ERA DA MARGARIDA, TEM GENTE QUE AINDA PISA NA BOLA.**

**OLIVETTI ELETTRONICA ET 121**

da oferecer estas vantagens incomparáveis: grande economia no custo das contas, menor desgaste de impressões, facilidade de manutenção, memória e função automática de busca, ótima maior produtividade, ausência de ruído, perfeita organização e intercambialidade de cartões.

Todas estas vantagens e a maior capacidade de armazenamento a melhor assistência técnica e a maior rede de concessionários do Brasil.

Não pise na bola, seja atual e entre na era da margarida.

**olivetti**

Folha de S. Paulo, 24/04/1984 p.13





FOLHA DE S. PAULO  
Horas decisivas  
Quarta-feira, 25 de abril de 1984 - POLÍTICA - 13

### São Paulo faz barulho para exigir eleições diretas já

Notícia da votação pelo telefone  
Notícia da votação pelo telefone  
Notícia da votação pelo telefone

**CONCURSO PARA ADMISSÃO DE FUNCIONÁRIOS**  
**O BANESPA ABRE O LEQUE**

Antes, a idade máxima era de 27 anos. Agora, o Banespa resolveu esticar mais. Assim, se você tiver de 18 a 35 anos de idade, pode inscrever-se e participar do nosso concurso para admissão de novos funcionários. E tem mais. O prazo para as inscrições também foi prorrogado: agora é 25 de abril, em qualquer uma de nossas agências no Estado.

O BANESPA ABRE O LEQUE. APROVEITE E ENTRE NESSA.

**banespa**  
Total apoio à comunidade

**CHEVROLET 0 KM NA POMPEIA É ASSIM:**

- 1º) VOCÊ DÁ 50% DE ENTRADA. (só se você não quiser)
- 2º) A ENTRADA VOCÊ SÓ PAGA NO DIA 2 DE MAIO. (só se você não quiser)
- 3º) O RESTANTE, VOCÊ PAGA EM 12 MESES. (normalmente)
- 4º) AS 12 PRESTAÇÕES COM O COEFICIENTE DE 24. (só se você não quiser)
- 5º) A TABELA É A DO MÊS DE ABRIL. (na prática)
- 6º) E O QUE VOCÊ ESTÁ ESPERANDO??!! (o pagamento)

Rua Carlos Victoria, 154 - Fone 262.5888

PO, aproveite, a 1ª vez seu carro usado como parte do pagamento. Vem, parte de 12 anos adiante e corra lá na Pompeia!

Folha de S. Paulo, 25/04/1984, p.13

FOLHA DE S. PAULO  
Horas decisivas  
Quarta-feira, 25 de abril de 1984 - POLÍTICA - 14

### Comitê anuncia vigília cívica a partir das 9h

Colégio "enterrado" sem lágrimas

**SINDICATO DOS ENGENHEIROS DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**BANCO DO BRASIL A OPINIÃO PÚBLICA**

**A IDÉIA MAIS CRIATIVA DOS ÚLTIMOS VINTE ANOS ESTÁ NAS MÃOS DOS DEPUTADOS E SENADORES.**

**NOSSOS VOTOS PARA QUE ELA SEJA APROVADA.**

**Os sócios do Clube de Criação de São Paulo.**

Folha de S. Paulo, 25/04/1984, p.14

FOLHA DE S. PAULO  
Horas decisivas  
Quarta-feira, 25 de abril de 1984 - POLÍTICA - 15

### Para os intelectuais e os artistas a esperança ressurgiu

Grupo pacifista retorna o jejum na praça do Sé

Na TV, "Folha" avalia a campanha

**Novas saídas do vai e vem.**

ORLANDO

SAO PAULO RIO

Uss 619

Disneyworld e Epcot Center em voo direto fretado.

PROCURA O SEU AGENTE DE VIAGENS

ORLANDO NASCIMENTO DO DISNEY

**O KS de nome que também tem preço.**

Folha de S. Paulo, 25/04/1984, p.15

FOLHA DE S. PAULO  
A marcha do desleixo  
Quarta-feira, 26 de abril de 1984 - POLÍTICA - 1

### Sem apoio do PDS, a emenda das diretas é rejeitada

Governadores do PMDB podem negociar logo

20 pedesistas não cumprem compromisso

Oposição começa hoje a avaliar consequências

Lider lamenta ausência no voto da proposta Leito

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.5

FOLHA DE S. PAULO - Quinta-feira, 26 de abril de 1984 - POLITICA

FOLHA DE S. PAULO - A marcha da decepção

### Chamada chegou a Minas: rejeição confirmava-se



**Tarso de Castro/da Brasília**

#### Ulisses Guimarães, Amaral Neto e Lacerda

**A cor amarela predominou na galeria lotada**

Um grupo de deputados mineiros, liderados por Ulisses Guimarães, Amaral Neto e Lacerda, chegou a Brasília para participar da Assembleia Nacional Constituinte. A chegada foi marcada por uma atmosfera de rejeição e desconfiança, refletindo o sentimento de "marcha da decepção" que se espalhou entre os mineiros em relação ao desempenho do governador Tarso de Castro.

Os deputados chegaram em um trem lotado, com uma galeria repleta de pessoas. A cor amarela, associada ao PMDB, predominou na galeria. A situação política em Minas Gerais é tensa, com críticas à administração de Tarso de Castro e expectativas de mudanças no governo federal.



Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.6

FOLHA DE S. PAULO - Quinta-feira, 26 de abril de 1984 - POLITICA

FOLHA DE S. PAULO - A marcha da decepção

### Madrugada dos ausentes, o fim do dia da esperança



**Jamais se falou tanto em História, povo e destino**

**A cidade em clima de festa não se intimidou**

A cidade de Belo Horizonte viveu uma noite de agitação política. A madrugada dos ausentes marcou o fim de um dia de alta tensão e expectativas. O clima de festa não se intimidou, refletindo a complexa situação política do momento.

Os eventos da noite foram marcados por discursos e manifestações que abordaram temas de história, povo e destino. A população demonstrou seu engajamento com os assuntos em discussão, apesar das incertezas políticas.

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.8

FOLHA DE S. PAULO - Quinta-feira, 26 de abril de 1984 - POLITICA

FOLHA DE S. PAULO - A marcha da decepção

### Figueiredo ameaça com medidas mais enérgicas



**Da UDN ao malufismo, a vida de 'liberal'**

**Durante todo o dia, pressão sobre políticos**

**Se houver liderança, remédio está na prática!**

**Segurança no Congresso é afrouxada e muitos entram**

**Aureliano e Andrezza acompanham a votação**

**Para Maluf, novos comícios serão atos de subversão**

O presidente Figueiredo anunciou medidas mais enérgicas para lidar com a situação política. A vida de 'liberal' passou por mudanças significativas, desde a UDN até o malufismo. Durante todo o dia, houve pressão sobre os políticos, e a segurança no Congresso foi afrouxada, permitindo a entrada de muitos novos membros.

Aureliano e Andrezza acompanharam a votação, enquanto Maluf afirmou que novos comícios seriam atos de subversão. A situação política continua a evoluir rapidamente.

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.11

FOLHA DE S. PAULO - Quinta-feira, 26 de abril de 1984 - POLITICA

FOLHA DE S. PAULO - A marcha da decepção

### Governadores dizem que manterão a intransigência



**PMDB está dividido sobre novas manifestações de rua**

**Tancredo admite ser possível a sua candidatura**

**Apesar de tudo, o País não é o mesmo de anos atrás**

**Planalto quis dar aparência de confiança**

Os governadores afirmaram que manterão a intransigência em suas posições. O PMDB está dividido sobre novas manifestações de rua, refletindo a complexa situação política. Tancredo admitiu ser possível a sua candidatura, apesar de tudo, o País não é o mesmo de anos atrás.

Planalto quis dar aparência de confiança, mas a situação política continua a evoluir rapidamente. A intransigência dos governadores e o debate sobre a candidatura de Tancredo são pontos centrais da atual conjuntura.

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.12

FOLHA DE S. PAULO  
Quinta-feira, 26 de abril de 1984 — POLÍTICA — 1

### A marcha da decepção

## Mesmo com risco de vida, Colin leva o "sim" a Brasília



**A luz no fim do túnel tem nome: trabalho.**

Atrevido momento difuso com firmeza, segurança e credibilidade, exige um longo aprendizado. Ao chegar aos 55 anos, o Coronel Bonfiglioli acumula uma bagagem de experiência que lhe permite, hoje, olhar o futuro com confiança. O futuro de hoje é o passado de ontem. A experiência de 55 anos, vivida em 200.000 dias, é o resultado de sua atuação. A Companhia Bonfiglioli acredita no poder do Brasil, como caminho de saída na Europa, Ásia, África, Estados Unidos e América Latina, mercados onde atuam suas empresas. E confia no desenvolvimento seguro das setores básicos da economia, com capital industrial, processo e técnicas com que foram produzidos. É hora de apostar nas empresas nacionais, na inteligência e criatividade, na força dos trabalhadores, no espírito de tecnologia, no espírito decisivo da vontade nacional.

Dessa convicção de que há uma luz no fim do túnel, é que só com trabalho se chega a ela. Estamos no caminho certo. Afinal, de que serviria a experiência de 55 anos, senão para encontrar melhor o caminho?

**BONFIGLIOLI**  
Companhia Bonfiglioli S.A.  
Companhia Bonfiglioli S.A.  
Companhia Bonfiglioli S.A.  
Companhia Bonfiglioli S.A.

**CHEVROLET O KM NA POMPEIA É ASSIM:**

- 1º) VOCÊ DÁ 50% DE ENTRADA. *(só se você não tem nada)*
- 2º) A ENTRADA VOCÊ SÓ PAGA NO DIA 2 DE MAIO. *(se não, não pague na pompeia, não!)*
- 3º) O RESTANTE, VOCÊ PAGA EM 12 MESES. *(normal)*
- 4º) AS 12 PRESTAÇÕES COM O COEFICIENTE DE 24. *(se não, não pague 24% de juros, não!)*
- 5º) A TABELA É A DO MÊS DE ABRIL. *(se não, não pague)*
- 6º) E O QUE VOCÊ ESTÁ ESPERANDO????!! *(se não, não pague)*

**POMPEIA**  
Rua Carlos Viana, 154 - Fone 262.9888

PS: Aproveite, e dê seu carro usado como parte do pagamento. Também, pare de ler esse anúncio e corra lá na Pompeia!

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.13

FOLHA DE S. PAULO  
Quinta-feira, 26 de abril de 1984 — POLÍTICA — 17

### A marcha da decepção

## Newton Cruz irrita-se, prende, acalma-se e beija mão



**Mais prisões de manifestantes na capital proibida**

Manifestantes pedem a prisão de Newton Cruz, governador de Pernambuco, acusado de ter ordenado a prisão de manifestantes em Recife.

**Em sua versão, executor acha que silenciou as buzinas**

Newton Cruz, governador de Pernambuco, afirmou em sua versão que não ordenou a prisão de manifestantes em Recife. Ele afirmou que a prisão foi feita por policiais militares que estavam patrulhando a cidade.

Newton Cruz afirmou que não ordenou a prisão de manifestantes em Recife. Ele afirmou que a prisão foi feita por policiais militares que estavam patrulhando a cidade.

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.17

FOLHA DE S. PAULO  
Quinta-feira, 26 de abril de 1984 — POLÍTICA — 18

### A marcha da decepção

## Rádio e TV proibidos de identificar os votantes

Só falamos sobre tempo e trânsito...  
PAULO MARIN



**Punida, TV Gazeta volta hoje ao ar**

Entrevista de Quêrcia, apenas pretexto

Censura aberta o cerco e não volta atrás nos vetos

Fundação Casper Líbero divulga nota de protesto

Determinações são seguidas a risca em todo Estado

Aumenta a confusão sobre os critérios das transmissões

Bomho explode na sede do Senado em Belo Horizonte

Para Mauro Salles, o ato é simbólico

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.18

FOLHA DE S. PAULO  
Quinta-feira, 26 de abril de 1984 — POLÍTICA — 19

### A marcha da decepção

## Milhares reúnem-se na Sé com atenção em Brasília

PLACAR DAS DIRETAS



**Na AI, o desencontro de informações gera tensão**

**Entusiasmo e apreensão na Secretaria da Cultura**

Mobilização teve início às 9 horas

A cidade vive ansiedade, na expectativa

No SIC, o "torreão" de Celso Eustáquio

Dificuldades não interrompem trabalho do comitê paulista

Jornal e abstinência rejeitados no norte

PUC faz vigília crítica proclamação

Na Câmara Municipal, votos simbólicos

Folha de S. Paulo, 26/04/1984, p.19

20 - POLÍTICA - Quinta-feira, 26 de abril de 1984

FOLHA DE S. PAULO

A marcha da decepção

# PM reprime com violência em Belo Horizonte

## Falta de notícias provoca apreensão em todo o País

Em Belo Horizonte, a Polícia Militar reprimiu com violência a marcha da decepção, realizada no domingo (24) em homenagem ao aniversário de 100 anos da República. A marcha, organizada por membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e outros grupos de esquerda, foi interrompida pela polícia militar, que usou gás lacrimogêneo e canhões de água para dispersar os manifestantes. A repressão ocorreu em várias ruas da cidade, incluindo a Avenida Afonso Pena e a Avenida Amazonas. Os manifestantes foram acusados de perturbar o trânsito e de cometer atos de violência. A polícia militar afirmou que a marcha foi organizada para causar danos materiais e perturbar a ordem pública. A falta de notícias sobre o ocorrido em Belo Horizonte provocou apreensão em todo o País, especialmente entre os membros do PCB e outros grupos de esquerda. A repressão em Belo Horizonte é considerada um sinal de endurecimento da ditadura militar.

**Atos de honrar os mortos em manifestações a Polícia Militar queprende a marcha de 1971, PMB e PT**

Atos de honrar os mortos em manifestações a Polícia Militar queprende a marcha de 1971, PMB e PT

### No Rio, placar acompanha a votação

Atos de honrar os mortos em manifestações a Polícia Militar queprende a marcha de 1971, PMB e PT

### "Rede da Democracia" mantém multidão informada na Cinelândia

Atos de honrar os mortos em manifestações a Polícia Militar queprende a marcha de 1971, PMB e PT

### Brizola distribui notas e promete pronunciamento

Atos de honrar os mortos em manifestações a Polícia Militar queprende a marcha de 1971, PMB e PT